ANNO XXX1X DEZEMBRO N. 463

EU SEI TUDO

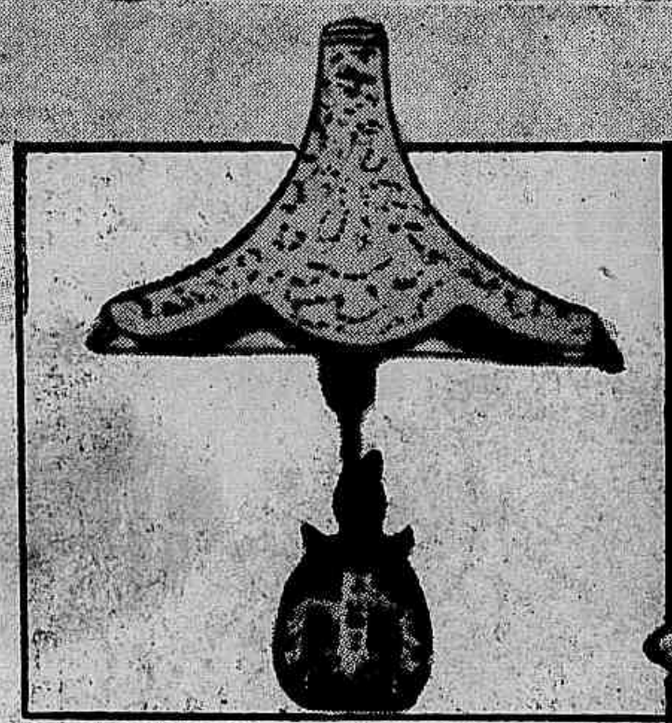
39 - N.º 7
MBRO - 1955

DORMIMOS A TÊRÇA PARTE DA NOSSA VIDA ★ AGORA, O AVIÃO ATÔMICO ★ MUITO CUIDADO ANTES DE ENTRAR N'AGUA ★ NADEI DO INFERNO

LOJAS DA PERFUMARIA MEYER

LOJA 1

Salão de Cabeleireiros, Perfumaria e Bijouteria.

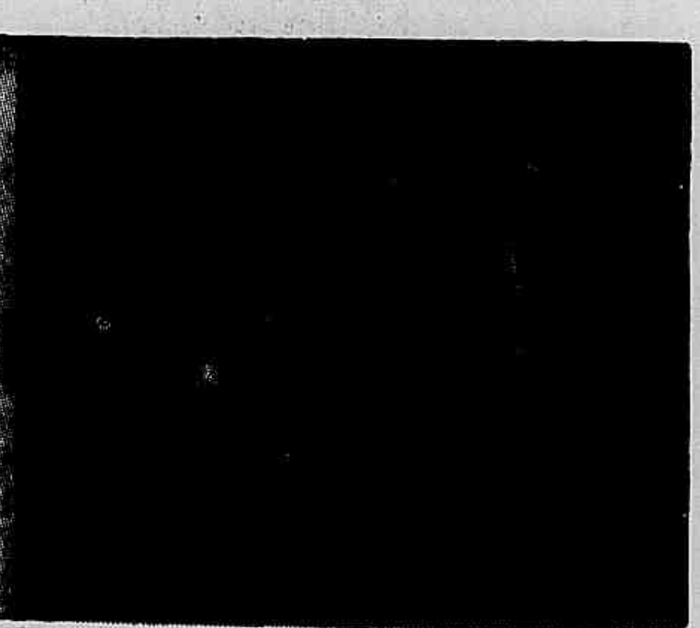


LOJA 2

Louças, Cristais, Porcelanas, Pratarias, Artigos para Natal, Abat-jours.

LOJA 3 — Sapataria

Sapatos para senhoras e crianças.



LOJA 4 — Chapelaria

Chapéus e artigos para esportes e calçados para homens.

LOJA 5 — Camisaria

Camisas, Gravatas, Pijamas, Meias, Lenços, Cintos, etc.

VIEIRAS DE CASTRO & CIA. LTDA.

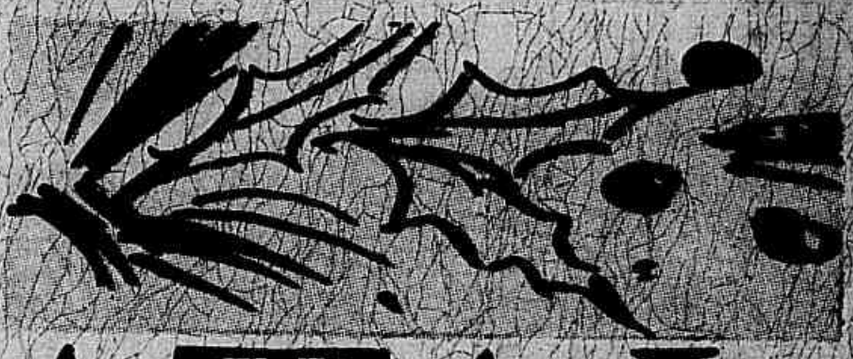
RUA ARQUIAS CORDEIRO, 275 a 279 e 285 a 293
MEYER — Tels. 29-0968 — — 29-1850 — 29-1479 — 29-1786

FÁBRICA de Bibelots MITAC - Perfumes MIMO - Tintas TIC-TAC
RUA DOIS DE MAIO, 534-A — Telefones: 29-0756

MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTIFICO, ARTISTICO HISTÓRICO E LITERARIO. FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Telegr.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550; Publicidade: L. S. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega. Em S. Paulo: Distribuição: Agência Polano, Rua João Bricola, 46 — Representantes em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Av. 9108, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil: Cr$ 10,00. Número atrasado: Cr$ 11,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 120,00, para o estrangeiro: Cr$ 150,00.

Um presente de NATAL



Conto de
HENNING
BERGER

O bonde parou, o condutor abriu a porta e dirigiu seu olhar indiferente para o passageiro que se encontrava sentado no canto esquerdo do fundo do veículo, enquanto dizia: É aqui que se desce para ir à rua Peupliers.

Um homem de alto porte, magro, de bigode ruivo, traços bem acentuados, e olhos protegidos por lunetas, levanta-se e salta do bonde. Hesita um instante, parado, a esquina, com um olhar distraído a seguir o veículo que se afastava.

A atitude de repentina hesitação marcava um notável contraste com qualquer coisa de decidido e de enérgico que havia no seu aspecto geral; parecia molestado por alguma coisa. Suas maneiras e suas roupas tinham um ar estrangeiro, e mesmo o seu caminhar denunciava a procedência alenígena. Um olhar experimentado teria reconhecido fàcilmente que o chapéu, os sapatos e tudo o que consigo levava eram de modêlo anglo-saxão. Acendeu um cigarro e começou a caminhar com lentidão na rua Peupliers.

Seus pensamentos não cessavam de fazer comentários em tôrno das circunstâncias desta viagem, longamente projetada no correr dos anos que havia passado na América, a trabalhar duramente a fim de obter a abastança definitiva. E eis que seu projeto se tinha realizado.

Com a carteira bem cheia de dinheiro, cruzara os mares, visitara muitas cidades

e vários países, para passar o Natal entre costumes tão familiares, pisando sôbre a terra fria de sua velha pátria em festas. Sentiu uma certa nostalgia por não ver mais a neve, pois só restavam algumas crostas endurecidas e acinzentadas ao pé dos arbustos do parque. Um degêlo inesperado e triste se processava; em certos

lugares a água escorria das goteiras como nos dias de chuva, e uma bruma opaca obstruía a visão do casario. Acabava de bater três horas e as vitrinas das casas comerciais já começavam a ficar iluminadas. O trânsito dos veículos era cada vez mais intenso e os pedestres se apressavam diante das grandes lojas. Os mensageiros dos correios, com seus casquetes escarlates e braços carregados de pacotes, iam e vinham em tôdas as direções. Os carregadores passavam de dois a dois, levando cestas de vinho, cujas garrafas com seus enfeites de papel de sêda amarelo e vermelho contribuíam para dar à rua um aspecto alegre. De uma mercearia onde os fregueses se comprimiam vinham até à rua agradáveis odores de frutas, de laranjas, e de uvas cuidadosamente guardadas em seralho de madeira.

E crianças, com olhares ávidos, permaneciam imóveis, com os narizinhos achatados contra o cristal das vitrinas.

Aqui e ali, nos apartamentos, as luzes começavam a brilhar, antes mesmo de iniciados os preparativos para a ceia familiar. Em muitas casas procedia-se a um ensaio geral da iluminação das **árvores de Natal**. Uma grande quantidade de pequenos clarões amarelos cintilando por trás das janelas acentuavam ainda mais a escuridão das ruas; em certos lugares a luz das vitrinas formando halos diante das lojas dava um ar misterioso e solene ao ambiente e fazia sonhar com a aproximação de alguma coisa sobrenatural.

O homem que avançava, sózinho e pensativo, pela rua Peupliers não podia esquivar-se às recordações da infância; o bom mingau de raiz de canela com açúcar, as përas, os figos e o odor significativo das velas na árvore simbólica, a cêra que servia para lacrar os pacotes de presentes e também a lembrança de rostos sorridentes e cheios de alegria e de esperança.

Sim. Ali estava, de volta, ao âmago mesmo da nostalgia conhecida; mas agora êle se havia transformado num **estranho**, que deveria buscar o seu caminho no meio da multidão que o ignorava completamente.

Havia prometido passar os dias de festas no campo, nos arredores da capital, em casa dos únicos parentes que ainda lhe restavam. E, às vêzes, parava de andar, precisamente para fazer renascer recordações de outrora e para contemplar a grande cidade que sua imaginação tantas vêzes havia evocado. Ao mesmo tempo devia cumprir alguns deveres, penosos alguns, sim, e que êle preferiria poder esquecer. Entretanto, o seu caráter não admitia esquivança; não se tratava da satisfação de um prazer seu, naquela circunstância. Quanto a um de seus compromissos, não tinha lá muita importância: prometera a si mesmo ir ao encontro de uma mulher, que o carregara no colo, uma ama eventual, agora casada, e bem casada mesmo, e que depois de alguns anos se instalara em Estocolmo. Na realidade, isto podia ser feito sem grandes aborrecimentos, apesar do relativo **esquecimento** e o decorrer dos longos anos. Havia comprado em New York um belo relógio de ouro: era um presente que não deixaria de proporcionar imenso prazer, e serviria muito bem para provar àquela que o acalentara outrora que êle soubera vencer

na vida. Estava, naquele momento, com a caixinha contendo êste presente de Natal, metida no bôlso do sobretudo; e, de um certo modo, o presente poderia evocar um pouco das recordações da infância e favorecer uma conversa com a mulher, a única relação que lhe restava daqueles tempos; já haviam passado vinte e cinco anos desde que a tinha visto pela última vez. Mas, antes de ir à casa dela, tinha de visitar uma família completamente desconhecida, a fim de fazer uma participação. Agora vislumbrara a casa, lá em baixo, bem no fim da rua Peupliers, nos confins de um bairro pobre.

Mas as participações — e principalmente as desta natureza — eram os fatos que mais o aborreciam; sentia verdadeiro horror por tudo que fôsse sentimentalismo banal. E durante a sua longa luta pela vida, seu espírito e suas maneiras se haviam tornado um tanto rudes. Por isso, diante das situações enternecedoras ficava perturbado, incapaz de falar e agir com segurança. Mas devia desincubir-se desta missão! Levar aos parentes o último adeus de um moribundo, de um infeliz rapaz que se entregara às misérias do alcoolismo e que havia chegado à última escala do rebaixamento humano. Verdadeira maçada! E já não havia mais salvação, a despeito das esperanças dos velhos pais. O rapaz tinha começado por estudar medicina, mas o pai, modesto empregado do **vestiário** de um restaurante ou coisa semelhante, não teve sequer a satisfação de ver o filho aprovado nos exames de veterinária, que havia tentado como medida extrema Sem energia, era incapaz de concretizar qualquer projeto, e só Deus sabe tudo o que tentou realizar! Como último recurso, os pais juntaram uma pequena quantia, a fim de mandar o filho para a América... Mas também isto de nada valeu, **pois já era tarde de mais!**

Na América bem que foram feitas muitas tentativas no sentido de ajudar Georges a se regenerar; êle próprio arranjara-lhe um emprêgo como vigia da garagem da "Sociedade" de transportes, onde poderia ter conseguido uma boa situação. Mas, ao receber o primeiro salário, Georges desapareceu e passou duas semanas embriagado. A partir de então entregou-se à miséria dos empregos ocasionais, andando à noite pelas tavernas à procura de quem lhe desse um gole de aguardente, ou passando seu tempo a enganar os emigrantes, a lhes cantar canções e a se curvar diante de todos para ganhar um trago! Pobre Georges! No fundo era um bom rapaz, mas completamente desprovido de caráter, fraco, moral e fisicamente, acabou por adoecer.

E tão logo compreendeu que os seus dias estavam contados, pediu ao conterrâneo que fôsse vê-lo, no hospital.

— É verdade que pretendes rever a velha Suécia?

— Sim, tenho essa intenção...

— Então, ficarei muito agradecido se procurares meu pai e minha mãe e lhes apresentares as minhas despedidas, dizendo

que em meus últimos instantes de vida sòmente nêles pensarei. Prometes? E não te esqueças de falar, principalmente, com minha mãe, que tem sofrido muito por minha causa... Ah! Como tenho sido imprestável! Há cinco anos que me arrasto por aqui e não escrevi para êles uma única linha! Mas nunca tive nada de bom para mandar dizer! Então, prometes dizer... à minha mãe...?

E começou a soluçar até que foi assaltado por um terrível acesso de tosse. Morreu na noite seguinte.

Agora, tratava-se de cumprir a promessa, aproveitando o dia de festas e a sua passagem pela capital. E já se encontrava diante da casa!

O homem caminhava a largos passos, sugando furiosamente seu cigarro. Na América, havia aprendido a ser decidido e frio na caça à fortuna; mas, neste meio mais poético, sentia-se desamparado! Esta missão o enchia de tristeza, porém não suportava a idéia de faltar ao compromisso. Se, ao menos, Georges ainda estivesse vivo! De certo que seria menos penoso... Mas, afinal, não havia motivos para hesitações, uma vez que êle prometera solenemente. Jogou fora o cigarro e entrou pela porta estreita. Era no terceiro andar que moravam; o homem subiu lentamente a escada. Parou durante alguns instantes, no segundo andar, e olhou através da janela que dava para o pátio; vários homens se agrupavam em redor de um caminhão, enquanto crianças, pobremente vestidas, corriam de um lado para outro. Subiu mais um andar e viu a placa com o nome do locatário, "E. Olson", e tocou a campainha. Uma mulher moça, pálida e magra, veio abrir a porta. Seu aspecto denunciava uma prolongada vigília.

— Acabo de chegar da América — começou êle...

A jovem ergueu os braços numa alegre surprêsa e correu para dentro. O homem ouviu quando ela disse, entre exclamações:

—Papai! Um homem que veio da América! Êle nos traz notícias de Georges!

O viajante entrou e fechou a porta. A obscuridão era completa na saleta de entrada e logo sentiu um desagradável odor de medicamentos. Seu embaraço aumentava e não sabia como dizer o que era preciso ser dito.

Uma porta se abriu e um homenzinho apareceu, aproximando-se do visitante com saudações forçadas e ligeiros sorrisos.

Era evidentemente o sr. Olson em pessoa, que imediatamente tomou a iniciativa de ajudar o visitante a desembaraçar-se do sobretudo, tomando-lhe o chapéu e falando em surdina, como se temesse ser ouvido no fundo do apartamento.

— Por favor, meu caro senhor, por favor! Desculpe-me por recebê-lo desta maneira, com roupa de dormir e êste roupão. Mas, afinal, Georges resolveu dar notícias... Ah, meu Deus! Entre, por favor... É que minha mulher está muito doente, gravemente doente; é uma miséria infinita, e creio que não vai durar muito tempo. E aqui tudo está em desordem... O senhor

compreende, minha filha é que faz tudo, a pobrezinha... Eu, eu tenho o meu trabalho, durante o dia, e o emprêgo no vestiário do teatro, à noite. Por isso o senhor não deve dar atenção a essas coisas, não é verdade?...

O estranho estava ainda mais embaraçado. Tudo o que podia apreender dêsse fluxo de palavras era que a mãe de Georges estava às portas da morte; como deveria fazer, agora, para cumprir a sua missão? "Tenho que prepará-los, pouco a pouco; medir tôdas as minhas palavras e, sobretudo, ser prudente" — disse consigo mesmo. Esperava, a qualquer momento, ser introduzido no quarto da moribunda, e não sabia o que fazer. Mas para sua grande satisfação soube que a doente estava em outro quarto, cujas portas estavam cuidadosamente fechadas.

O velho Olson não sabia como começar a fazer as perguntas e, sem dúvida alguma, esperava notícias pouco agradáveis. Finalmente, dirigiu-se a um velho aparador.

— Antes quero oferecer ao senhor um copo de champanha — disse ainda sorrindo. — É um produto de qualidade extra, de uma velha safra (e piscou o ôlho, amigàvelmente); foi presente de um amigo, de Johnson, o "maitre d'hotel" da côrte!

O viajante, temendo desagradar o bom homem, não recusou a bebida, como tinha sido a sua primeira intenção, e deixou-o encher dois copos. Depois de alguns instantes, a filha saiu do quarto contíguo, andando nas pontas dos pés.

— Por favor, senhor...

— Pierson!

— Por favor, sr. Pierson, bebàmos à sua saúde — repetiu o sr. Olson. — O senhor é médico?... O meu filho chegou a estudar medicina... Maria, como vai a mamãe?

— Dorme — respondeu a moça, que não cessava de olhar o visitante com seus grandes olhos brilhantes, e talvez doentios.

— Ah! Como ela ficará feliz quando despertar — disse o pai. — É mesmo estranho! Minha pobre mulher, depois que adoeceu, sempre afirmou que tornaríamos a receber notícias de Georges. "Tem confiança, Emílio! — dizia-me freqüentemente. — Georges acabará escrevendo!" E agora vai ter esta alegria... antes de morrer, coitadinha!

Então, a moça começou a soluçar. O sr. Pierson olhou fixamente o homem, tomado por um repentino desejo de ser transportado, repentinamente, para Wall Street ou para qualquer outro lugar, onde se perdesse em meio ao barulho ensurdecedor de uma multidão apressada. "Não há outra solução! Terei que inventar uma história; mentir afrontosamente, e depois escrever da América contando tôda a verdade" — pensava êle.

Esforçou-se por sorrir e respondeu:

— É preciso ter esperanças! Mas não sou médico; sou apenas um negociante. É verdade que Georges estêve doente durante muito tempo... Oh! Mas não se assuste, srta. Olson. Êle... êle agora está melhor!

Sim, sim, está fora de perigo... Completamente fora de perigo! É verdade que, no princípio, êle atravessou muitas dificuldades, e foi por isso que não escreveu durante os primeiros anos, por mêdo de lhes causar preocupações. Mas, enfim, está hoje

(Continua no fim da revista)

NADEI NO

(POR THOMAS MEDLICOTT, BASEADO

TODOS sabem o que fêz a "Fôrça Submarina de Demolição", da Marinha Norte-Americana, durante a última guerra; desempenhou um grande papel, realizou notáveis tarefas. Mas há uma missão, entre tôdas as que cumpriram êsses **homens-rãs**, por ocasião da guerra da Coréia, que merece ser narrada com detalhes.

Nessa operação, muitos homens foram perdidos. Encontravam-se no Mar do Japão quando a **UDT** (Fôrça Submarina de Demolição) foi transferida de uma tropa de transporte para outra unidade, que se achava ao sul da Coréia, no Mar Amarelo. A Fôrça era composta de apenas doze homens-rãs, mas era considerada como uma importante corporação, opinião que foi confirmada pela confiança que nela depositou a "Fôrça Anfíbia" da Marinha dos Estados Unidos, ao confiar-lhe uma delicada tarefa. Os próprios homens-rãs não sabiam, exatamente, qual seria a sua missão, mas podiam prever a sua importância e amplitude. E isto por causa do número de navios que se achavam ao largo; certamente, uma esquadra estava sustentando posições, conquistadas nas águas do norte, e a missão deveria ser a de abrir caminho, para facilitar a construção de alguma cabeça-de-ponte. E, assim era, na realidade. Antecipadamente, supunham que essa tarefa seria difícil e sangrenta. E não estavam errados,

INFERNO

NA NARRATIVA DE JOE BRENNAN)

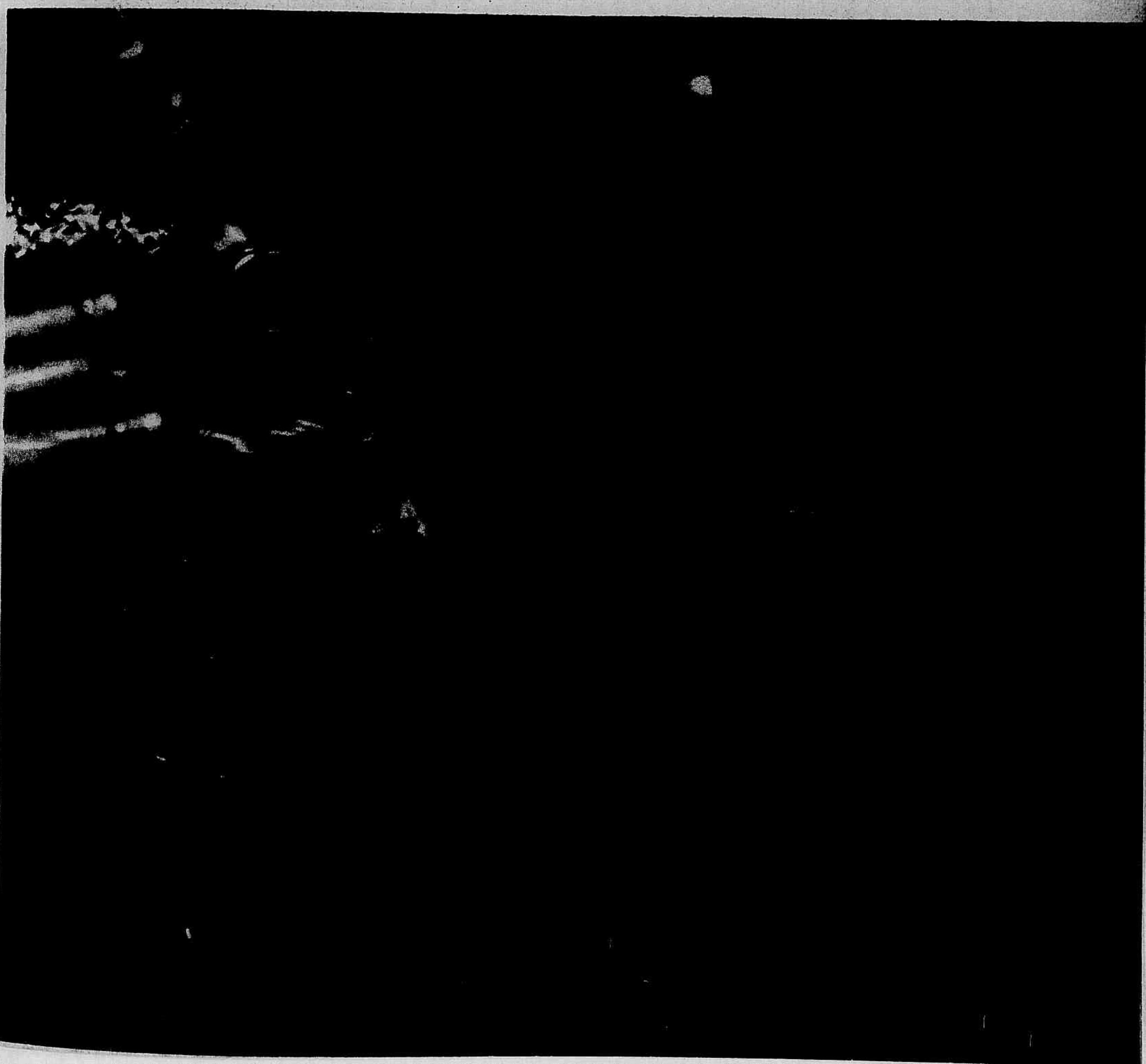
pois os fatos concretos excederam as previsões.

Para dar mais côr à nossa história, vamos passar a palavra a Joe Brennan, um dos executantes da missão:

— Atingimos as imediações da baía de Kangha e todos sentíamos a preocupação que se refletia no rosto do nosso oficial comandante. Um pouco ao norte do paralelo 36, um submarino norte-americano emergiu diante do navio, e a nossa unidade foi para êle transferida. Disseram que seríamos transportados para o ponto mais perigoso da frente coreana. Após algumas horas a bordo do submarino, o capitão nos reuniu e leu as ordens a cumprir. A nossa missão consistia de um cuidadoso reconhecimento das águas nas proximidades da ilha de Wolmi, acidente geográfico que dominava as praias de Inchon. O terceiro Batalhão de Fuzileiros Navais recebera ordens para invadir a ilha, simultâneamente com o bombardeio aero-naval de Inchon. O capitão estendeu um grande mapa sôbre a mesa e passou a nos dar explicações.

— Vai ser uma tarefa dificílima — disse êle. — Não tenho dúvidas sôbre isso!

E mostrou-nos, a seguir, várias fotografias de reconhecimento, nas quais aparecia a ilha e, por trás desta, o litoral, que se achava profusamente fortificado por canhões e metralhadoras dos vermelhos.



Equipados com nossos apetrechos de mergulho, vestidos com as roupas de borracha e tendo as garrafas de oxigênio colocadas às costas, começamos, então, a dirigir o barco rumo à praia.

O calvo e anguloso capitão continuou a nos fornecer mais detalhes.

— Tivemos sorte — prosseguiu êle — porque não foi registrado nenhum obstáculo visível, quer natural ou artificial, nas praias de desembarque. O objetivo proposto para a unidade é o de completar um estudo hidrográfico da praia frontal de Wolmi, registrando a ausência de obstáculos ou fazendo o levantamento das terras submarinas. É preciso, também, não esquecer de registrar os barrancos existentes nas proximidades da praia, pois êles geralmente servem de apoio às tropas anfíbias de desembarque.

Passamos a 1.000 jardas do litoral da ilha de Wolmi. Um leve ruído sôbre as águas, logo seguido de tilintar de instrumentos de metal causou apreensão a tôda a tripulação. Podia muito bem ser um "destroyer" de fabricação russa — o que certamente constituiria uma ameaça para a nossa missão. O capitão estabilizou o submarino e diminuiu a marcha das máquinas; então nós, que éramos seis, saímos por um dos flancos. Um barco de borracha nos servia de transporte. Longos e espessos véus de névoa eram arrebatados pelas brisas, obstruindo quase inteiramente a visão da praia.

Equipados com nossos apetrechos de mergulho, vestidos com roupas de borracha e levando três garrafas de oxigênio às costas, começamos a dirigir o barco rumo à praia. Eu e mais três outros homens empunhamos os remos.

Sob o comando do chefe Nordwall nos aproximamos da linha da praia. Nordwall fêz algumas advertências contra o emprêgo de lanternas perto da superfície. Com exceção do jovem Pete Lassman — um vigoroso remador, que deixamos no bote para guardá-lo e atender a qualquer dos mergulhadores que necessitasse de auxílio — todos nós submergimos, munidos com ardósias especiais para escrever mergulhado, lápis e lanternas. Seguimos a rota designada por Nordwall e, depois de certo tempo, começamos a nadar individualmente por baixo d'água, em busca das informações táticas.

Nadando através do canal, divisei a luz de uma das lanternas. Aproximei-me e verifiquei ser o próprio Nordwall, que estava examinando um enorme cano que descia da praia. O chefe fêz um gesto mandando que eu registrasse a posição da instalação. A seguir, anotei uma saliência, que indicava uma formação rochosa paralela à mesma. Nordwall nadou rumo à praia, enquanto eu permaneci junto do cano, sòmente para ver se descobria mais outros canos da mesma espécie, estendidos ao longo do litoral. Nada disso tinha sentido. Perguntei a mim mesmo se aquêles canos não teriam por finalidade fornecer abastecimento aos navios inimigos. Registrei todos êles em minha ardósia, anotando, pormenorizadamente, tudo o que se encontrava ligado aos mesmos. Consultei o meu relógio a prova d'água e verifiquei que os 45 minutos permitidos para o cumprimento da missão já tinham sido esgotados. Sem demora, subi à superfície e voltei ao barco de borracha.

Nordwall disse-me que recolhesse os dados e levantamentos feitos pelo resto dos homens e entregasse tudo a êle, imediatamente. Quando fui falar com Heflin, êle teve um forte sobressalto; estava com o

sistema nervoso abalado, parecendo amedrontado. Depois, sem diminuir o ritmo das remadas, Heflin perguntou a Nordwall:

— Que representam aquêles canos? Que calcula você que sejam?

Sentamo-nos à proa, Nordwall inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos. Suas narinas dilatavam um tanto selvagemente como se tentassem haurir a essência de qualquer coisa que existia no ar. Fiz-lhe entrega das ardósias no momento em que começava a dizer:

— Calculo que se...

O que senti, todos sentiram, simultâneamente. Um forte cheiro de gasolina invadia o ar. E, realmente, notamos, à luz da lua, pequenas manchas de óleo espalhadas na superfície da água, e que começavam a se unir, formando um enorme lençol. Não havia mais dúvida de que todo aquêle encanamento que havíamos visto, fôra ali instalado para fins militares.

Repentinamente, terríveis linguetas de fogo, de um fogo alaranjado, partiram da praia e, com a velocidade de um relâmpago, bombas incendiárias começaram a explodir sôbre o tapête de óleo estendido sôbre as águas. Tôda a área que ficava por trás de nós transformou-se numa imensa planície de fogo. As chamas corriam em tôdas as direções, chegando a rodear completamente o nosso barco. De repente, o ar rareou, e as bordas do nosso barco, ensopadas de gasolina, começaram a incendiar.

— Mergudhem na água! — gritou Nordwall.

Precipitadamente, todos nós ajustamos as máscaras. Nordwall, Hefler e Pete estavam na minha frente e vi as chamas lambendo suas roupas de borracha quando êles se chocaram contra a superfície ardente.

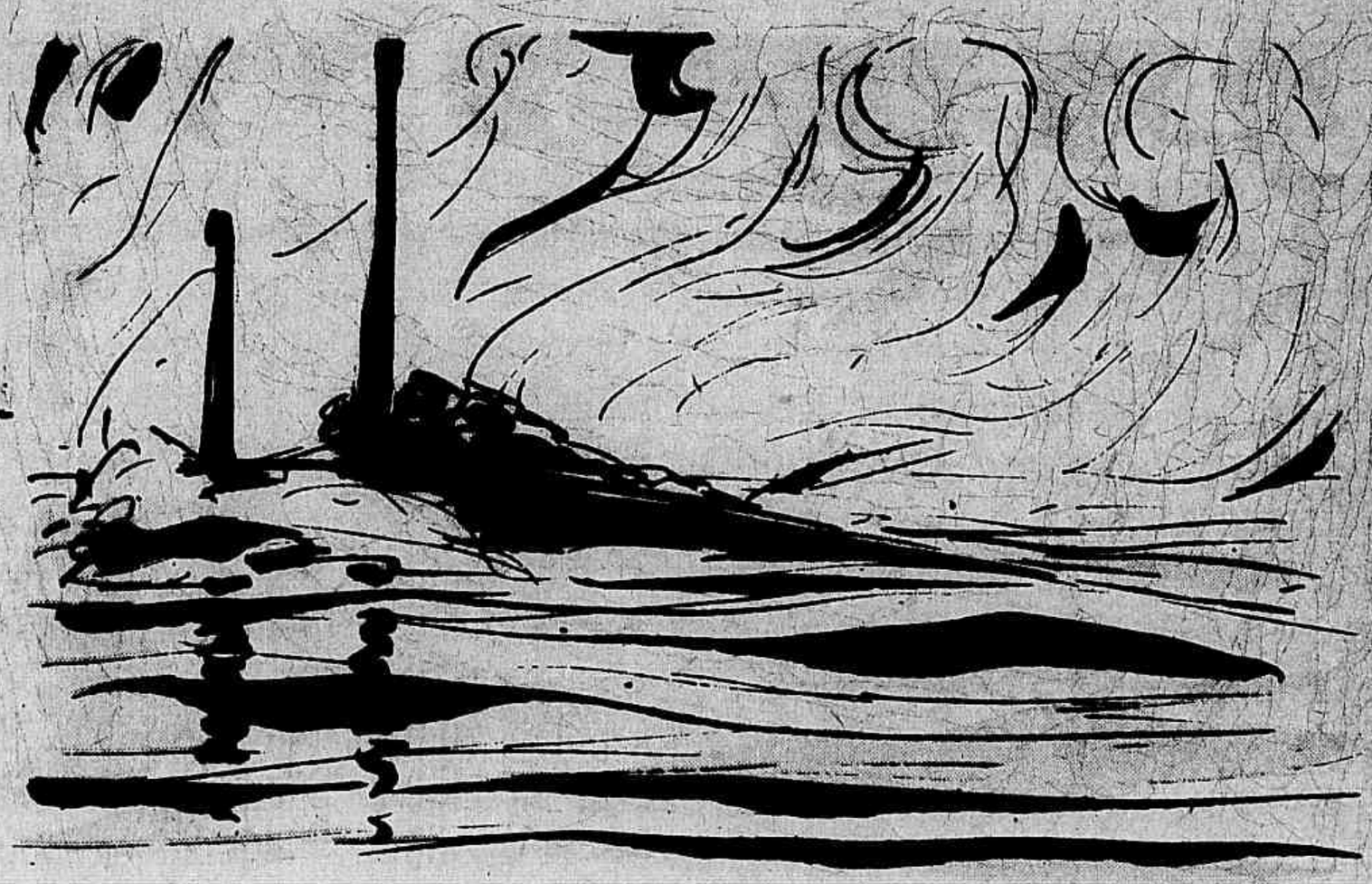
Nordwall ainda segurava as ardósias e parecia sentir dificuldades em ajustar completamente a máscara ao rosto. Foi, então, que compreendi que nos encontrávamos num verdadeiro inferno. Eu tinha a sensação de que havia saltado dentro do prato do voraz Gargantua. Não era possível voltar à tona; dêsse modo, tivemos que permanecer submergidos e continuar nadando, a fim de sairmos daquele terrível caldeirão.

Aquêle nado louco parecia não ter mais fim. Entretanto, foi com surprêsa que verifiquei estarmos fora da área ardente, e voltamos à superfície, esperando que não estivéssemos muito afastados do lugar combinado para que o submarino nos recolhesse.

Os fuzileiros da ilha de Wolmi abriam fogo incessantemente; as balas assobiavam sôbre nossa cabeça e guinchavam ao penetrar na água.

Seguiu-se uma colossal explosão em pleno mar, abalando uma enorme área e fazendo-me girar sôbre mim mesmo como se fôsse uma peça de fazenda dentro de uma máquina de lavar. Novamente voltei à superfície, onde a água silvava de maneira assustadora.

Ainda perturbado, compreendi que não havia outro remédio: era preciso fugir a todo custo à terrível agitação reinante na superfície. Recomecei a nadar para baixo e, empregando a lanterna automática, tentei divisar a terra firme do fundo. O jato de luz alcançou uma formação rochosa estratificada num ângulo de 45 graus abaixo de mim. Nadei em sua direção. Ao atingi-la, parei, e pude sentir o abalo das águas quando as enormes bombas detonavam sôbre a minha cabeça. Não vi nenhum dos



Quando aquêle nado louco parecia não ter mais fim foi que verifiquei já estarmos fora da área inundada e voltamos à superfície.

companheiros, mas esperei que tivessem encontrado um abrigo seguro.

Foi uma longa e angustiante espera. Voltei a consultar o relógio: eram, exatamente, 19 horas e 5 minutos. Segundo as ordens recebidas deveríamos estar a uma milha de distância da praia às 19,30, a fim de que o submarino nos recolhesse, quando retornasse à superfície.

Eu já estava exausto, mas continuava aguardando uma trégua. Verifiquei, com espanto e terror que o oxigênio restante nas garrafas não duraria mais de 10 minutos. E quando olhava para cima podia ver o horrível caldeirão, dançando freneticamente sôbre minha cabeça.

Já estava quase dando-me por perdido, quando fui surpreendido por uma aparição repentina. Um casco cinzento movia-se vagarosamente dentro do perímetro de ação da minha lanterna. A princípio custei a acreditar no que meus olhos viam. Era o submarino que, lentamente, movia-se sob as águas. Passava cegamente pela minha posição e eu criei uma alma nova quando vi o cano do periscópio, pois pensei imediatamente na possibilidade de agarrar-me a êle. A idéia era realmente louca, absurda, mas, sem maiores delongas, resolvi pô-la em prática.

A grande e polida embarcação seguia, vagarosamente, passando pela formação rochosa. Aproveitei a ocasião e comecei a nadar novamente, tentando alcançá-la. Já quase desesperado, atingi a parte média do submarino exatamente no momento em que o mesmo começava a aumentar a sua velocidade. Extremamente cansado, fiz um incalculável esfôrço para agarrar o cano do periscópio. E o consegui! Instantâneamente, abracei-me a êle quando a velocidade aumentava de maneira alarmante. O impacto da água era muito forte; eu tinha a impressão de que os meus braços estavam sendo arrancados do tronco. A situação ia ficando insuportável; senti um imenso desejo de gritar, bater, morder o cano do periscópio — enfim, fazer qualquer coisa para que os tripulantes soubessem que havia um homem agarrado à sua embarcação.

Mas ninguém me ouviria, certamente! Por outro lado, readquiri minhas esperanças, porque, de repente, o submarino saiu da área em que se alastrava o incêndio. E grande foi a minha alegria quando notei que o monstro de aço iniciava a sua ascensão, em busca da superfície.

Já era tempo! Oh! Deus do Céu! Já era tempo, pois as garrafas de oxigênio estavam agora vazias e eu começava a perder a capacidade de resistência.

Tão logo emergimos, retirei a máscara e enchi os pulmões de ar com tal ansiedade que permaneci, por algum tempo, num estado de semi-inconsciência. Fraco e ainda tonto, continuei agarrado à base do periscópio a contemplar a água que escorria da superestrutura do submarino. O meu conturbado cérebro não queria conceber a idéia de que o bombardeio havia cessado e de que estávamos afastados do mar de fogo. E, muitas e muitas vêzes, perguntei a mim mesmo porque diabos o submarino não abria a sua porta e não me engolia...

Finalmente isso aconteceu. Senti que vários barcos me agarravam e conduziam para baixo. E enquanto o enfermeiro de bordo cuidava de mim, gradualmente eu ia percebendo a conversa dos tripulantes; segundo diziam, haviam subido à superfície para localizar e recolher os sobreviventes da "Fôrça Submarina de Demolição".

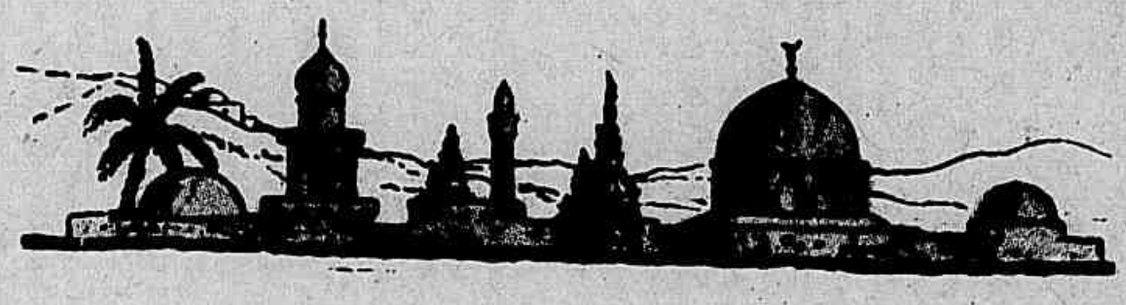
SÒMENTE Nordwall foi encontrado; sofrera terrível abalo e encontrava-se em estado grave, deitando sangue pelo nariz e pelos ouvidos.

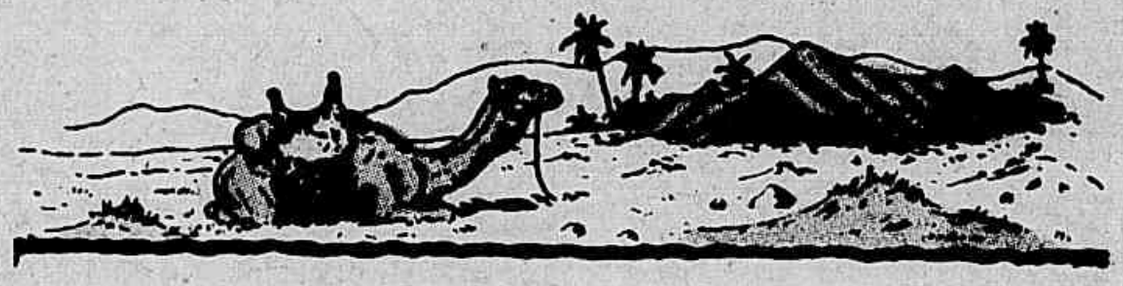
Os estudos e levantamentos realizados pelos nadadores contribuíram para reforçar a teoria de que os **homens-rãs** representam uma grande fôrça tática. Todos tinham agido como verdadeiros heróis. Porém, o mais importante de tudo foi que Nordwall ainda estava com os dados e apontamentos amarrados ao seu cinturão!

Mais tarde, baseado nessas pesquisas hidrográficas, o desembarque foi levado a efeito com pleno sucesso. Tal invasão foi, aliás, um dos maiores lances estratégicos de tôda a guerra da Coréia.

UMA NOITE NA JUDÉIA

Conto de **ALICE BUCHAN**





AS chamas lambiam a beira do candieiro de louça, sôbre a mesa; o vento renitente levantava, de quando em quando, as bordas das esteiras que cobriam o piso. Septimus saiu e falou com os escravos sôbre a necessidade de conservar a porta de fora sempre fechada. Os escravos se amontoavam em tôrno do forno de tijolo, onde os morrões ardiam, procurando fugir ao frio cortante da noite. A neve caía lentamente, deixando ver as listras brancas dos seus flocos cadentes através da escuridão. Não era uma treva impenetrável; embora a lua não estivesse visível, algumas veladas lâmpadas celestes espargiam uma iluminação difusa, que não era tão brilhante como a luminosidade dos grandes flocos brancos, que flutuavam vagarosamente pelo espaço. Septimus sentia frio e praguejava, enquanto retornava à sala-de-estar. Agora estava medindo mais vinho, segurando o candieiro com uma das mãos. Septimus entrou, deixando cair pesadamente as cortinas de couro de novilho. E, todo encolhido de frio, perguntou:

— A Judéia é sempre tão fria assim?

Septimus apanhou um copo de vinho e o aqueceu entre as mãos, sem responder.

— Nnunca em minha vida me vi em situação tão vexatória — prosseguiu Septimus. — Talvez seja porque êste é o meu primeiro inverno... Mas, quero dizer-te, agora, que não ficarei aqui por muito tempo! Devo ser transferido para Jerusalém, na primavera. E ainda que Jerusalém não seja tão agradável quanto Roma, é muito mais interessante do que estas insípidas colinas. É esta invariabilidade de vida que me está matando! O fato de nada fazer além de passear pela vila, que, em última análise, não passa de um lugarejo monótono e cheio de lama, torna-me aborrecido. Ademais, reconheço que sou moço e ativo, e por isso não devo perder meu tempo jogando dados com os meus soldados ou amedrontando, em nome de César, a essa população passiva, ou conversando sôbre lindas mulheres...

Agorax sorriu misteriosamente.

— Falando sôbre mulheres? — perguntou.

— A verdade é que há mais de cinco meses não vejo uma mulher bonita — queixou-se o outro. — E, positivamente, não gosto das moças judias: têm olhos de vitela, pés grandes demais, e nunca falam sôbre si mesmas. Oh, Agorax! Você se recorda da Quartilla?

Agorax inclinou um pouco o seu copo, a fim de derramar a bôrra do vinho.

— Recordo-me perfeitamente — falou, com lentidão. — Ela era — e ainda é — extraordinàriamente bela. E deixou-me, de um certo modo, transtornado...

Agorax fêz uma pausa e tornou-se reminiscente.

— Mas não a julgo tão bela quanto Cláudia! Falta-lhe vivacidade e animação. É certo que a considero tão bela quanto Valéria e mais atraente do que Cynthia; porém, nem possui o sorriso de Valéria, nem o espírito de Cynthia.

— A última vez em que a vi foi em Roma — falou Septimus. — Era pleno verão. Ela ia saindo de casa, belamente vestida com uma túnica franzida e da mesma côr daquelas flores de açafrão que crescem à margem da Via Apia. E com que graça ela própria agitava o pequeno leque de penas de pavão! Mesmo no meio destas colinas brumosas, o fato de mencionar o seu nome traz-me a sensação de que estou haurindo um perfume exótico... Bem sei que ela não se interessava por mim; contudo...

Septimus parou de falar e ficou a amassar entre os dedos as borlas de lã do manto que lhe caía dos ombros. O vento penetrava, cruel, através das goteiras do telhado. E todo o teto se achava semi-recoberto pelos ramos entrelaçados dos zimbros que cresciam em tôrno, e sôbre os quais a neve se amontoava. Septimus foi lançar mais lenha na lareira. A madeira estalou, como se protestasse, e produziu uma chama azulada. Agorax olhou com desagrado para a garrafa vazia, e depois de algum tempo, falou:

— Meu amigo, pelo menos você tem a felicidade de jamais conhecê-la fora do âmbito dos sonhos... E creio que isto é uma das melhores coisas que podemos almejar na vida. O problema é não nos desiludirmos do objeto do nosso amor!

— Oh, eu não tenho ilusões a perder — disse amargamente o jovem centurião. — Não espero que a intervenção dos deuses me favoreçam; e nem espero ser amado, exatamente por causa da fealdade do meu rosto. E ficaria surpreendido ao saber que os meus subordinados gostam de mim ou que os meus amigos sentem prazer em estar comigo. A verdade é que os deuses não recompensam aquêles que vivem num deserto. Quem quiser conseguir alguma coisa, que se esforce por si mesmo!

Agorax puxou o seu banco para perto da lareira e sentou-se com os pés no meio das cinzas. Em Roma, êle era um alto funcionário do govêrno, muito bem remunerado, proprietário de uma confortabilíssima vila, em plena Via Média. Relembrava a boa vida que ali levava, enquanto um ar gelado penetrava no quarto fumarento e picava-lhe o gordo corpo, opulentamente abrigado com peles de cordeiro.

— Nem a estupidez dos habitantes desta vila lhe dá bastante ocupação para que esqueça a solidão em que vive? — perguntou.

Septimus balançou a cabeça tristemente:

— Dificilmente! Passo péssimos momentos, fechado neste quarto, sem outra companhia que a dos meus próprios pensamentos. Sou um centurião e pertenço a uma boa família romana; tenho saúde e dinheiro, mas, muitas vêzes, pergunto-me por que continuo a viver. Chego, mesmo, a invejar os camponeses tão estúpidos que só desejam a rotina da vida cotidiana. Nada mais! Mas não pense mal de mim; não ando atrás de manjares do céu. Gosto da ação e da vida rústica do campo — e não de andar todo perfumado e a procura de mulheres e de poetas, como o faz grande parte da mocidade romana. Assalta-me o sentimento de que a vida desliza por entre os dedos, provocando uma sensação de carência. A ronda diária; depois, palavras ásperas, fanfarronadas e uma brutalidade sem sentido. Sinto-me verdadeiramente envergonhado por amedrontar um punhado de judeus miseráveis. Envergonhado por andar exibindo a minha armadura, fazendo injustiça a êsses pobres homens, que não podem nem consigo mesmos. E isto só para mostrar a êles que Roma é realmente a senhora do mundo.

— Você nega a supremacia de Roma? — perguntou Agorax, baixando a voz reverentemente.

— Claro que não — replicou Septimus. — Mas, muitas vêzes, pergunto a mim mesmo: Quem é César? Apenas um homem como eu, como você, vulnerável, mutável e humano...

— Porém, sempre existirão governantes! — disse Agorax, com ar sentencioso. — Da mesma maneira que você, também deploro o sistema que impõe restrições à liberdade individual. Ainda há pouco passei por uma companhia de soldados que levava um homem para as muralhas da cidade, a fim de sofrer execução — o crime era desobediência à autoridade, e tinha sido sentenciado à crucificação! Morte lenta e abjeta... E por que razão? Pelo simples fato de se recusar a ajoelhar-se à passagem de César. Como vemos, é nos alicerces da tirania que repousa a estrutura do Império.

— Eu sou um dos bons servos de César e êle, por sua vez, é o meu grande e venerável senhor — disse Septimus. — Mas, muitas vêzes, indago a mim mesmo se um dia não haverá de aparecer um ser superior a êle. Os judeus aguardam a vinda de um rei. E todos ficam ansiosos. Porém, a esperança é uma coisa inerente à natureza humana; é a substituição imaginária de um mal presente por um bem futuro.

— Se é que você admite o mal... — acrescentou Agorax.

Agorax media atentamente mais vinho, sustentando o copo à altura da lâmpada. Quando Septimus entrou, fechando com cautela a pesada cortina, êle levantou a cabeça, com ar de susto.

— Esta palestra está assumindo um aspecto conspiratório — disse Septimus, levantando-se. — Deixe-me ver se os acampamentos dos soldados estão em ordem e se ainda continua nevando. — Agorax moveu-se também

— Eu irei com você — disse êle.

— Você deve pensar que não passo de um sentimentalista — falou Septimus. — E foi tal pensamento que levou Quartilla a abandonar-me.

Os dois pararam no meio da escuridão, enquanto o forte vento mordia-lhes o rosto. Agorax encolheu os braços sob as dobras do seu manto. Havia cessado de nevar, e a neve caída esparzia luminosidade através da escuridão. E quando tentavam falar, o frio contraía-lhes a garganta, sufocando as palavras. Suas pesadas passadas esmagavam os blocos de neve da estrada, e a espada de Septimus rangia ao balanço do seu corpo em movimento. Mesmo em plena escuridão, Agorax pôde sentir que seu amigo se retirava no isolamento da sua constante introspecção.

As colinas, embuçadas no revestimento branco da neve, os envolviam completamente; e lá em baixo havia um aglomerado de cabanas, que Agorax logo identificou como a cidade de Belém. Então extremamente cansado, recostou-se a um zimbro à margem da estrada.

— Não posso caminhar mais nestas condições — disse êle. — Vá fazer a sua ronda que eu ficarei esperando aqui mesmo. E se não quiser encontrar-me morto por congelamento, volte logo.

— Neste caso é melhor que você volte para casa — disse Septimus sorrindo. — Você não foi feito para isto! Pois eu gosto muito do frio. Contudo, prometo estar de volta antes de que você conte até duzentos.

E mergulhou na escuridão. Agorax procurava controlar os maxilares que tremiam demais. Entretanto, seus olhos já estavam acostumados com a escuridão. E a confissão de Septimus havia despertado em seu espírito uma vaga inquietação. Era uma coisa má para um homem o fato de ser deixado completamente entregue aos seus próprios pensamentos; e achava justo que fizesse fôrça, em Roma, a fim de conseguir a transferência do jovem soldado para Jerusalém. O rapaz devia levar uma vida melhor, porquanto era inteligente e leal. E, além disso, tinha muita pena de Quartilla...

No auge dessas reflexões, desviou o olhar dos galhos do zimbro balançados pelo vento e o dirigiu para Belém. Uma fôrça misteriosa atraiu-lhe a vista, que dançou de cima para baixo, seguindo um brilhante jato de luz proveniente de uma grande estrêla, que, no alto do céu, brilhava como um diamante. Tão grande e tão brilhante era a estrêla que, por alguns momentos, Agorax duvidou da realidade de tal visão. Mergulhado nessa contemplação, retirou a mão de sob o manto para afastar os ramos do zimbro que obstruíam-lhe a visão. E a estrêla persistia, fixa, no céu, tão grande e tão próxima que tôdas as suas cinco pontas eram visíveis. Estava circundada por um nimbo, assemelhando-se à lua nas noites chuvosas. Aquela luz alvíssima clareou todo o céu e invadiu os mais fundos recantos dos vales. Nos campos, onde os pastôres vigiavam os seus rebanhos, via-se a luz amarela de suas lanternas no meio da neve. As ovelhas, deitadas sôbre palhas e folhagens moviam-se suavemente. Os pastôres permaneciam em absoluto silêncio, entorpecidos e sonolentos devido ao frio e ao avançado da hora. Um cordeiro recém-nascido, apavorado com o frio do mundo no qual agora se encontrava, emitiu um balido de protesto. E a estrêla, postada para os lados do oriente, brilhava firmemente; parecia querer envolver o mundo inteiro com a intensidade de sua luminescência.

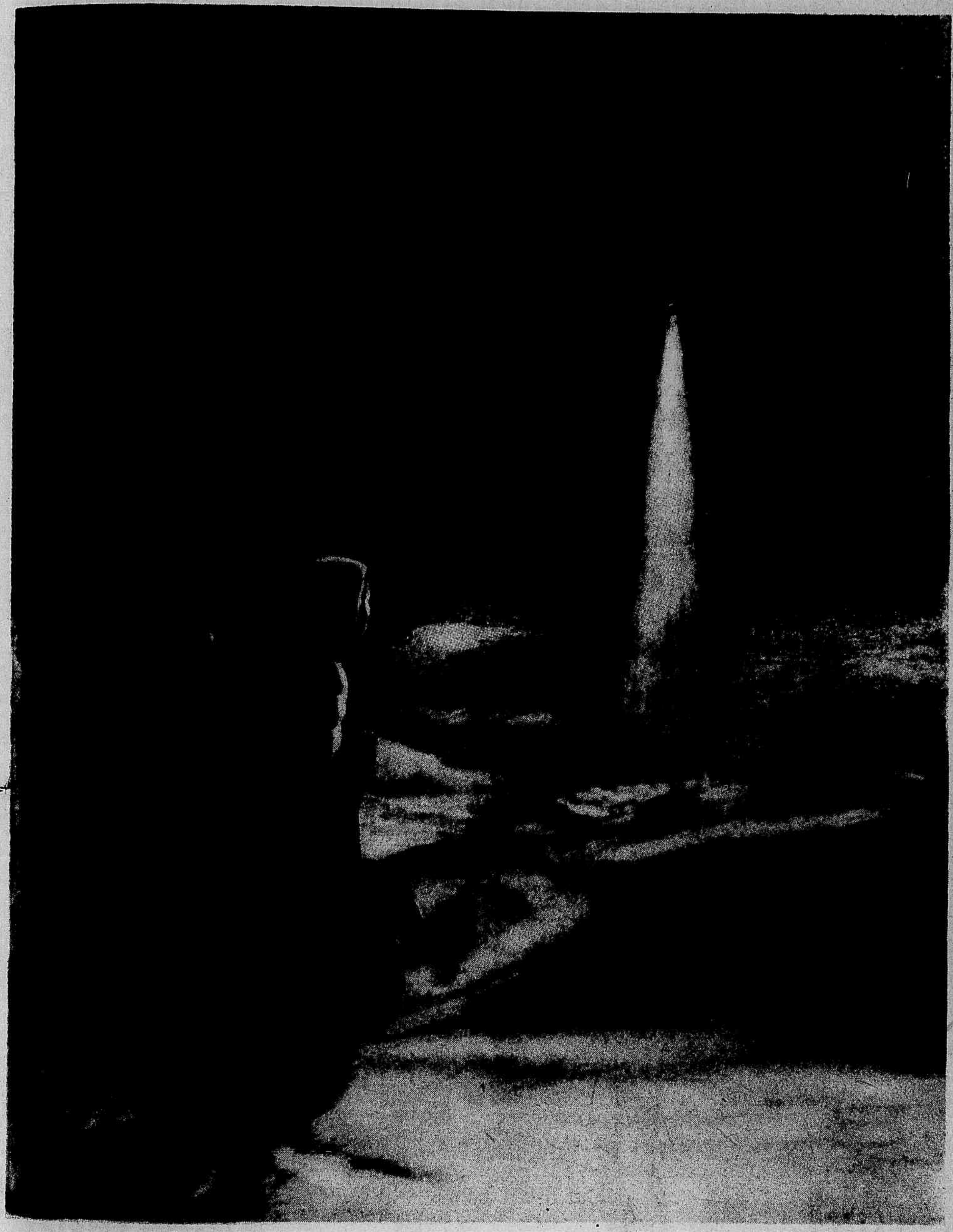
Do alto da colina, o romano Agorax, com o corpo recostado à árvore, contemplava o espetáculo e esquecia-se de mover os gelados pés. De repente, houve um tumulto entre os pastôre se a luz de uma lanterna brilhou ao longe. O cordeiro recém-nascido voltou a balir.

Agorax deixou de olhar para o céu estrelado.

— É um fenômeno muito curioso — murmurou.

O ar estava tão pesado que nem sequer podia ouvir o som das suas próprias palavras.

A neve havia começado a cair novamente, com seus luminosos flocos flutuantes a lhe baterem de leve no rosto, quando êle retornou trôpegamente para a casa do centurião, onde ardia a lareira. Agorax se aproximou do fogo e ordenou ao escravo que lhe trouxesse mais vinho. E quando ouviu os passos do seu hospedeiro na soleira, já se achava bastante aquecido e reanimado.



Alguma coisa brilhou intensamente muito além e muito alto, derramando luz sôbre a Terra. Uma grande estrêla brilhava no infinito, como se fôra uma jóia de incomparável beleza...

O rosto de Septimus estava corado por causa do frio. Êle entrou limpando a neve que lhe caíra sôbre os ombros, batendo com os pés gelados no chão, e assobiando.

— Que noite! — disse Agorax, com eloqüente desgôsto na voz e nos modos.

— Eu devo ter dissipado as minhas perturbações — falou Septimus. — O mundo

Descia a escadaria, encaminhando-se para a sua "liteira". Vestia túnica ampla e longa e tinha na mão um leque de penas de pavão...

está tão silencioso quanto um cemitério. E não há uma só luz em tôda a cidade. Nada é visível — exceto uma enorme estrêla que brilha acima do tôpo da colina.

— Na verdade, observei isto também — disse Agorax. — Tem um brilho extraordinário!

Porém, está mais frio do que antes — continuou Septimus. — A neve cai agora com mais intensidade. Mais um copo de vinho e estaremos prontos para ir dormir. Numa noite como esta sòmente a cama é aconselhável.

Cruzou os braços e aproximou-se da lareira.

— Sinto uma profunda piedade por êsses pobres desgraçados que não têm onde abrigar o corpo e são forçados a ficar ao relento, expostos a uma temperatura tão terrível! Tôdas as casas de Belém, esta noite, estão cheias de judeus, que vieram de suas aldeias para pagar impostos a Augusto. É uma coisa dolorosa — aquela multidão de esfarrapados, amontoados nos pátios...

— Será possível alugar uma carruagem para levar-me a Jerusalém, amanhã? — perguntou Agorax.

— Claro que sim; providenciarei uma escolta para você. Essas estradas são perigosas. O meu desejo era que você pudesse ficar. Mas espero deixar isto lá pela primavera. Estou louco para rever Roma! Quando me lembro do perfume da atmosfera romana, do barulho e da animação das ruas! As verberações do sol contra as ruas pavimentadas, o marulho das fontes, e as sombras das colunatas! Tôdas essas recordações deixam-me nostálgico. A minha maior ambição é possuir uma branca mansão com uma piscina, onde passar a velhice — disse êle, sorrindo. — Então, já estarei rico e contente, e longe dos sonhos da juventude.

— A verdade é que jamais estaremos inteiramente livres dos sonhos e dos seus impactos com a realidade da vida cotidiana! — disse Agorax, movendo a cabeça com ar desanimado.

Septimus contemplou medidativo o seu copo de vinho.

— Sim. Talvez você tenha razão. Nunca estamos contentes com o mundo. O homem vive sempre em busca do inatin-

gível. Mesmo êsses judeus esfarrapados acreditam numa era de completa felicidade. É o que êles chamam "a vinda do Messias". Os judeus também!

E riu prolongadamente.

Houve um lapso de silêncio, enquanto os dois bebiam o vinho e o calor da lareira derretia as partículas de neve que se haviam apegado às suas roupas.

Agorax mexeu-se na cadeira.

— E aquela estrêla continua... — disse, sonolento.

— É o frio que torna as estrêlas brilhantes demais. E, de certo, existem muitas, espalhadas por êsse espaço imenso! — disse Septimus. — Mas, levante-se; você está a ponto de cair de sono antes mesmo de ir para a cama. Vamos!

Septimus se ergueu, espreguiçando-se e bocejando.

— Você não compreende — murmurou Agorax pensativo. — Deve haver algo relacionado com aquela estrêla. O modo como se acha suspensa, e exatamente sôbre a cidade, como se estivesse apontando...

— Você está imaginando coisas — disse Septimus. — É uma estrêla como outra qualquer. Nada mais.

De um certo modo, o tom bondoso e afável da sua voz irritou Agorax.

— Quando eu me encontrava no tôpo da colina — disse êste — aquêle brilho pareceu-me... — passou a mão pela fronte. — Bem, talvez você tenha razão — concluiu tristemente, afundando-se na cadeira.

— O frio invadiu-lhe a cabeça e misturou-se ao vinho que você já bebeu! — disse Septimus bem humorado. — Dê-me o braço.

Quando Agorax, embora protestando, foi levado para a cama, Septimus caminhou até à porta, a fim de olhar a estrêla pela última vez antes de ir deitar-se.

A seus pés tôda a região se encontrava banhada por uma luz muito branca e brilhante, e a neve cintilava como se fôsse um lençol de prata. Firme, no céu, um pouco acima das colinas, a estrêla continuava a brilhar, ainda mais tranqüila e graciosa.

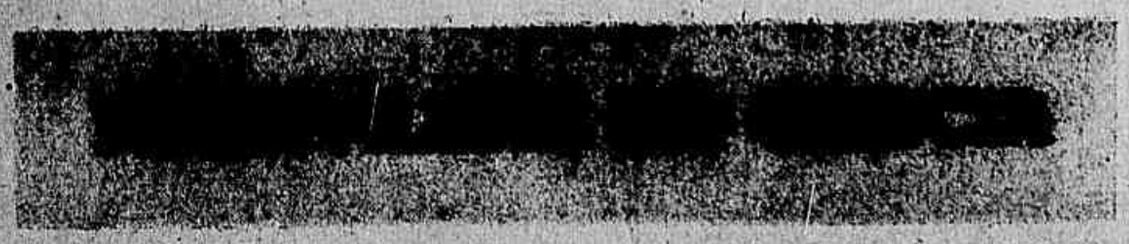
Septimus respirou profundamente. Pensamentos, nascidos da sua recente palestra com Agorax, formavam-se e dissolviam-se novamente em sua mente, como se fôssem sombras diante de espelhos: Roma, Quartilla, o sol a penetrar através da colunata, as perfumadas flores ao longo da Via Apia...

O frio fazia-o tremer; porém, nada se comparava ao desgôsto de ter de viver por mais tempo naquele lugar. Logo mais, todos os rotineiros deveres de um novo dia, teriam de ser cumpridos!

Com um terrível esfôrço, recusou-se a pensar nos saudosos acontecimentos que afluíam dos mais recônditos recessos da memória para enfrentar os fatos reais. E quando já fechava a porta de fora, ocorreu-lhe que devia ir falar com o proprietário do hotel de Belém, acêrca da mudança do telhado dos seus estábulos, pois, até o presente, não passavam de palhoças cobertas com galhos secos, que não evitavam a água da chuva — e aquilo era prejudicial aos animais em invernos como o de agora...

VENCEDORA!

DEBBIE McCan, de 4 anos, apontada como a mais parecida com a garotinha de um desenho publicitário, anunciando as elevadas qualidades de uma farinha alimentícia. Ganhou um relógio de ouro, numerosos brinquedos e as passagens para uma viagem de ida e volta à Europa, com seus pais.



A MORTE DO ABSOLUTO

A UNIDADE DO TEMPO E DO ESPAÇO, DO ÁTOMO E DAS GALÁXIAS

Por DE MATTOS PINTO

EINSTEIN morreu justamente quando a humanidade pensante, científica e filosófica festeja o cinqüentenário da Teoria da Relatividade, cujo advento revelou uma das inspirações mais geniais do século XX e de todos os tempos, desde a era de Aristóteles à época de Francis Bacon, com repercussão universal sôbre a maneira de interpretar a Natureza. Há meio século, Albert Einstein desdobrava e remodelava fórmulas matemáticas para solucionar a dualidade entre as leis do electromagnetismo e as leis da gravitação, procurando ainda unificar o tempo e o espaço, a energia e a massa, o átomo e as galáxias. O mundo moderno não se especializa ùnicamente pelas suas reformas no domínio dos sistemas econômicos e da sociedade, sobressai-se ainda pelo seu novo sentido de analisar a ciência e a verdade científica.

A sabedoria marcha sôbre transformações mais rápidas e mais extensas do que as leis sociais e os grupos monetários, sujeitos ao jôgo dos interêsses, que restringem o ciclo das mudanças naturais. Nessas últimas décadas, enquanto os povos se guerreavam e as monarquias tombavam, o espírito científico transpôs enorme e inédita revolução mental, a mais admirável que o pensamento filosófico presenciou nesses últimos séculos. Os conhecimentos clássicos e hereditários, que as gerações acolhiam e transmitiam confiantes ao futuro, convictas da infalibilidade dos antigos, ficaram de tal maneira confundidos, que a inteligência se vê coagida a procurar a sua atitude no problema do Universo.

O espírito humano oscila na mais inquietante das dúvidas, abalado nos alicerces da verdade matemática. O cientista de hoje desconhece a certeza absoluta e a cultura total, que o filósofo grego tentava atingir e jamais poderá ser entrevista porque tôda sabedoria apresenta um sentido relativo. Apesar dos numerosos intérpretes que se precipitaram sôfregos sôbre a sua descoberta, o criador da Teoria da Relatividade recebe aplausos de todos os sábios e morre sob a unânime admiração dos seus contemporâneos. Basta referir como característico exemplo o episódio transcorrido na Inglaterra. Regressando de triunfal viagem aos Estados Unidos, Einstein saltou em Londres para realizar uma conferência no King College, onde físicos e matemáticos ilustres se reuniram para ouvi-lo. O estadista e filósofo britânico lord Richard Burdon Haldane, reitor da Universidade de Edinburgo, falou de Einstein proclamando que apresentava o "Newton do século XX, o homem que operou, na história do pensamento humano, uma revolução mais profunda do que Copernico e Galileu e do que o próprio Newton". Interrogam os céticos por que êsse rumor e êsse espanto, quando tudo continua aparentemente como outrora, sob as mesmas aparentes leis. Replicam os doutrinadores do relativismo que os conhecimentos clássicos viviam bem catalogados quando Albert Einstein refez tudo quanto se havia coordenado, alterando a imutável rotina dos postulados. Desmontou os conceitos clássicos e fundiu uma teoria penetrante e universal como nenhuma outra.

DEMOLIÇAO DOS POSTULADOS CLASSICOS

Não devemos esquecer nessa hora, as maravilhosas intuições de Henri Poincaré sôbre o espaço e o tempo, sôbre a conquista das leis pela ciência, que precederam o desfecho da Teoria da Relatividade.

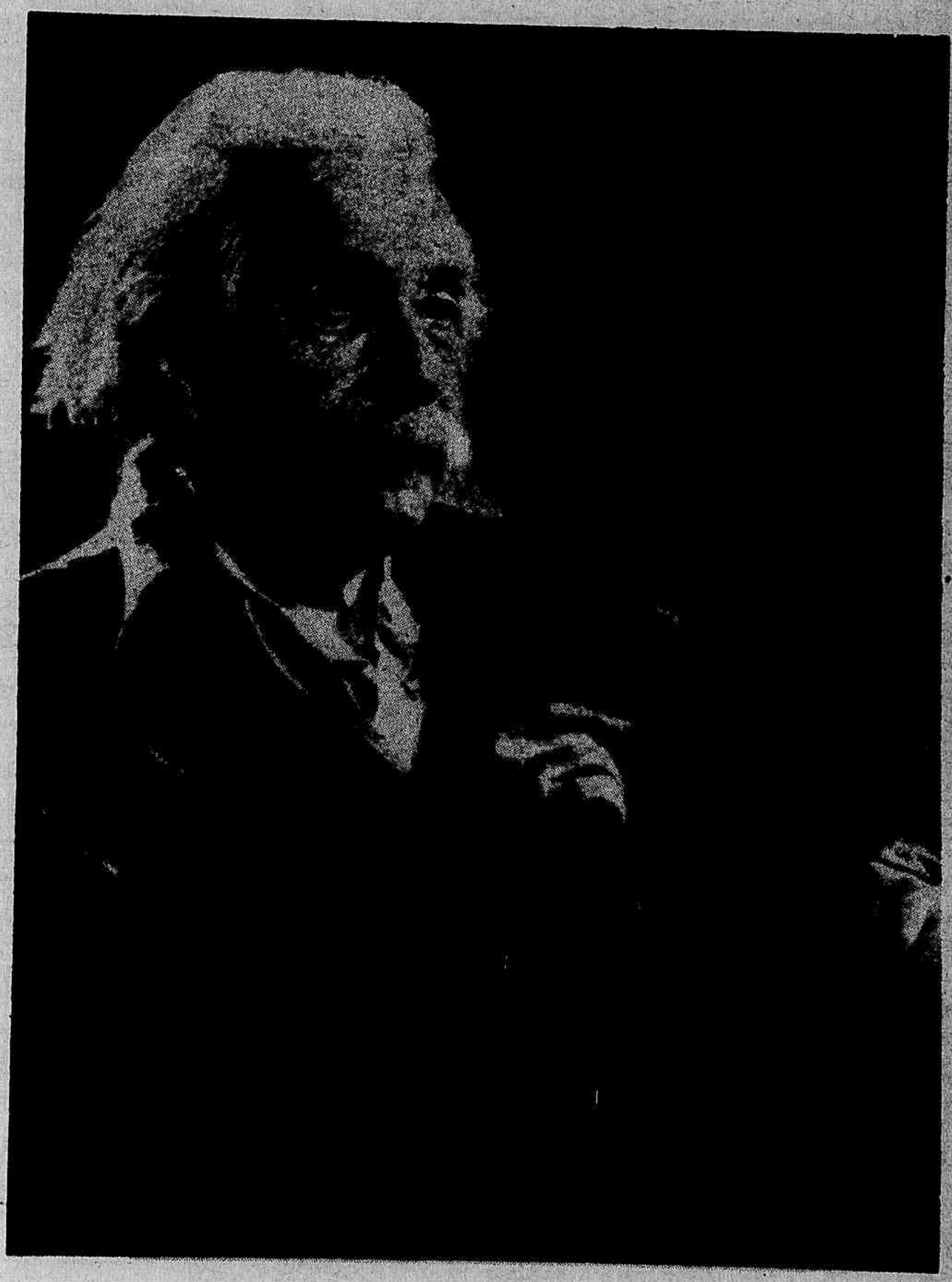
E não podemos deixar de lado a sua dúvida filosófica sôbre a realidade percebida pelos sentidos, que depende da estrutura do organismo e da composição química das células.

Henri Poincaré proclamou abertamente, que não dispomos de nenhuma intuição direta da igualdade de dois intervalos do tempo. E discutia sôbre o sentido da simultaneidade para dois acontecimentos psicológicos, que transcorrem em duas consciências diferentes. E falava na impenetrabilidade dos mundos, que representamos para figurar o Universo. Os nossos sentidos refletem aparências relativas porque as impressões sensitivas dependem da estrutura dos órgãos e como as faculdades do corpo humano se formam de certa maneira, tudo quanto percebemos se encontra predeterminado pelo seu feitio molecular.

As noções estabelecidas sôbre a côr e as dimensões dos corpos impõem-se como indiscutíveis verdades em virtude da herança das sensações, imposta pelo hábito fisiológico ao cérebro. Realmente, se qualquer criatura dotada de razão, memória, lógica e raciocínio, mas estruturada de modo diverso viesse habitar o globo terrestre e colhesse impressões comuns à nossa personalidade, a sua noção do Universo viria ser muito dissemelhante da noção habitual do homem.

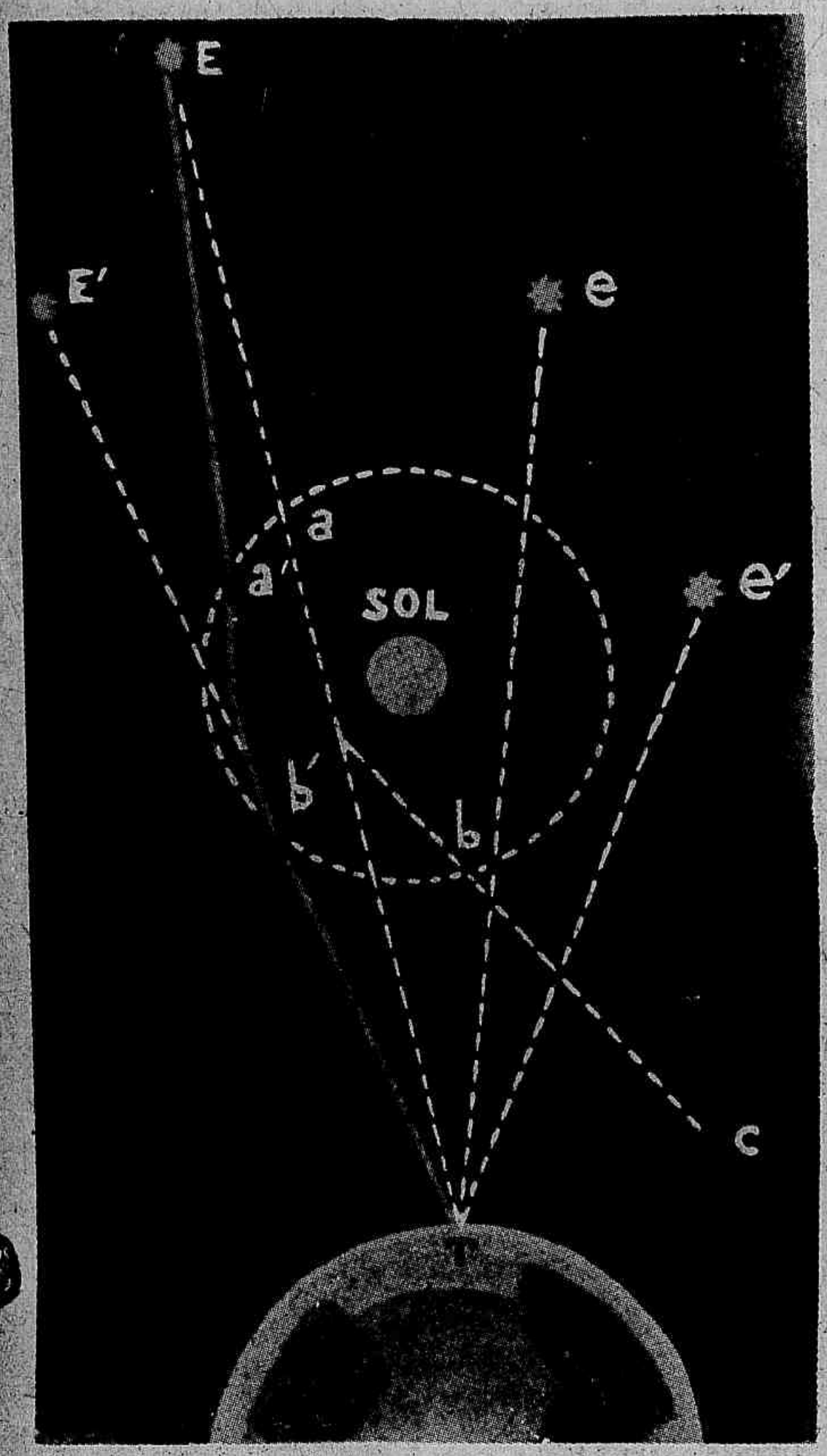
Moch expressou acertadamente êsse fato, advertindo que não existem dois homens idênticos, nem mesmo um só homem cujos órgãos sensoriais da direita e da esquerda possam ser considerados idênticos. Daí a diversidade dos julgamentos, a polimorfia dos critérios artísticos, a riqueza dos sistemas filosóficos. Baseado nesse critério, Emile Javal se divertia em diagnosticar os males visuais dos pintores pelos quadros que os mesmos pintavam. O Universo sentido e contemplado pelos sentidos vale como o mundo, que nos transmite a estrutura das nossas células sensoriais e assim projeta o mais subjetivo, o mais ilusório dos Universos, um mundo diferindo de indivíduo para indivíduo.

Albert Einstein vai mais longe e prova, por fórmulas matemáticas, que a extensão e a massa dos corpos, o espaço e o tempo, expressam conceitos simplesmente



O físico-matemático Albert Einstein morreu justamente no ano em que a humanidade comemora o cinqüentenário da Teoria da Relatividade, que revolucionou a Concepção do Universo. Pela sua inspiração genial, Albert Einstein evoca as figuras simbólicas de Pitágoras e Hiparco, Demócrito e Aristóteles, Copernico e Galileu, Kepler e Newton. As descobertas einstenianas viverão eternamente na memória do gênero humano.

relativos. Tudo depende do estado de movimento do observador com relação ao objeto que pesa e mede. Essa nova con-



Na Teoria da Relatividade, Albert Einstein provou que o campo magnético dos grandes astros desvia a trajetória das ondas luminosas. Penetrando no campo de atração do Sol, o raio de luz das estrêlas sofre a influência da massa solar. A Teoria da Relatividade revelou que a luz pesa e êsse fenômeno vem sendo observado durante os eclipses totais do Sol. A velocidade da luz constitui um fenômeno básico na teoria einsteniana, hoje em dia triunfante.

cepção da massa e das dimensões dos corpos modifica, violentamente, todos os princípios fundamentais da mecânica clássica de Galileu e de Newton, onde a ciência do século XIX se apoiava para interpretar os fenômenos da Natureza. O tempo absoluto se escoava uniforme, imutável como um rio eterno e o espaço equivalia a vasto receptáculo vazio. O tempo e o espaço subsistiam sempre, mesmo fora dos acontecimentos e dos corpos. Muito antes de Einstein e de Minkowski, os físicos e os filósofos haviam percebido o exagêro do axioma newtoniano e Ernest Mach notara, com razão, que Isaac Newton enunciara conceitos superando os fatos reais da Natureza. Existiria o tempo se todos os corpos se conservassem em repouso e não executassem nenhum movimento? Poderíamos decompor geomètricamente o espaço se não houvessem corpos para medir? Para Isaac Newton nenhuma dúvida prevalecia, pois o tempo e o espaço constituem princípios fundamentais absolutos.

Estabelecendo, ao inverso da mecânica newtoniana, o caráter ilusório do repouso e do movimento, Albert Einstein afirma que o tempo se escoa diferentemente e que as distâncias espaciais divergem em razão do movimento que arrasta o físico, provocando variações matemáticas no tempo e no espaço que observa. Nenhum físico pode demonstrar a existência do movimento absoluto e se existe fica reduzido a um fenômeno destituído de significação real para nós, completamente inverificável. Tomemos o exemplo proferido por Thirring, um barco construído com a maior perfeição, onde os maquinismos não transmitem o abalo e o atrito, onde tudo flui sereno executando o movimento uniforme e retilíneo. Poderia verificar o físico, o deslocamento do seu barco sem olhar o mundo exterior, sem examinar a corrida das vagas espumantes? Concluiria lògo pela impossibilidade de determinar o movimento absoluto e quando asseveramos que o barco se desloca, o movimento contém um sentido relativo, pois se move com relação à água que singra, ou com o litoral que se afasta. Fato análogo sucede com a translação da Terra, descrevendo a sua órbita sideral em volta do Sol e cuja realidade ficaria inobservável sem o estudo astronômico da posição das estrêlas e das constelações.

Assim, a translação da Terra possui um valor científico relativo como todos os movimentos planetários. Para o matemático Henri Poincaré o problema qualitativo da simultaneidade reconduz o filósofo ao

problema quantitativo da medida do tempo. O mérito da teoria einsteiniana reside na descoberta de outras aparências dos fenô-

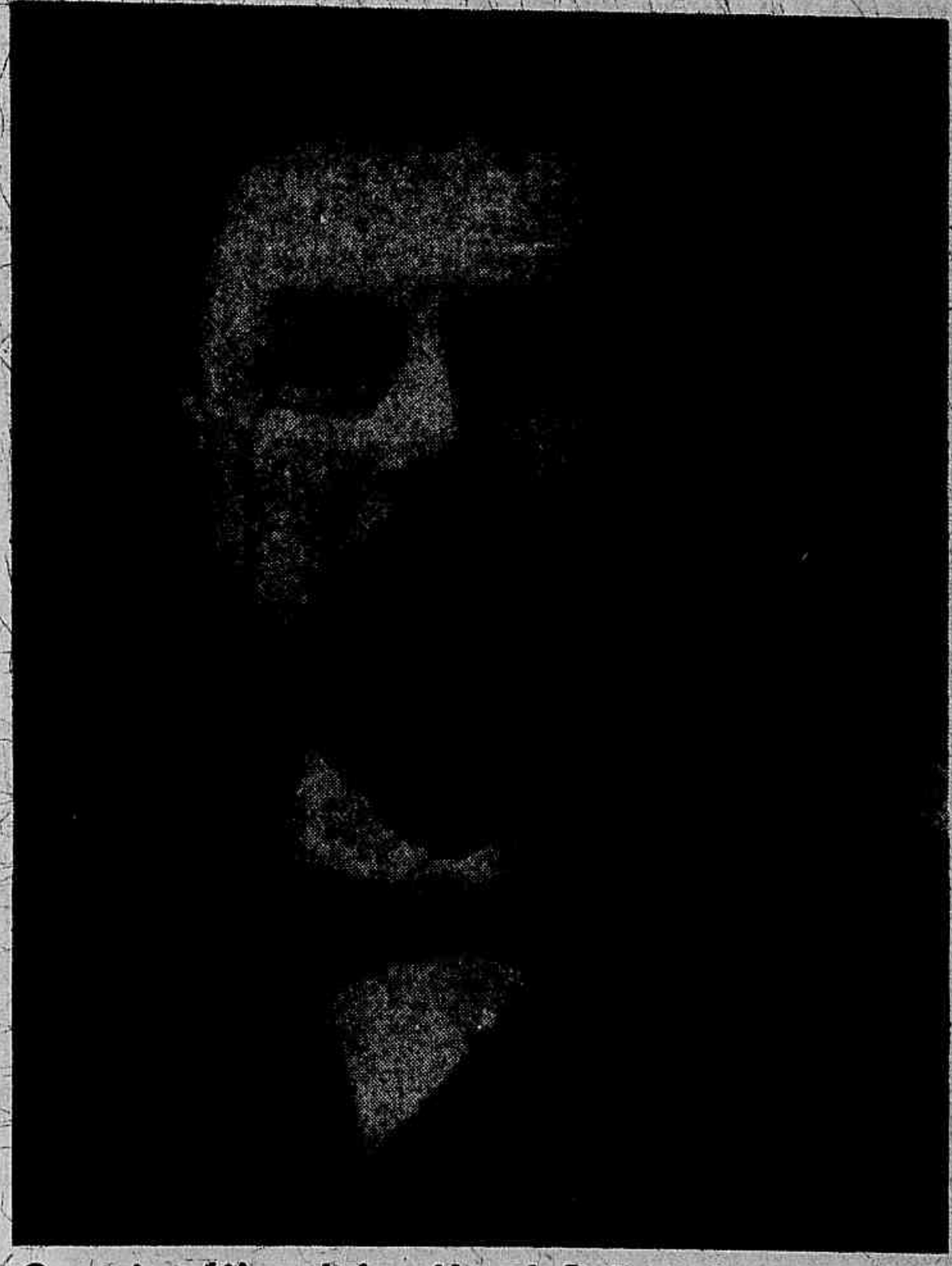
Isaac Newton revolucionou a astronomia ampliando a obra de Copernico e de Kepler. No século XX, o genial matemático Albert Einstein amplia as descobertas newtonianas, revelando nova concepção do Universo. Newton e Einstein perdurarão sôbre a passagem dos séculos como dois gênios que dominaram o infinito.

menos, consiste em revelar a fragilidade do conhecimento absoluto.

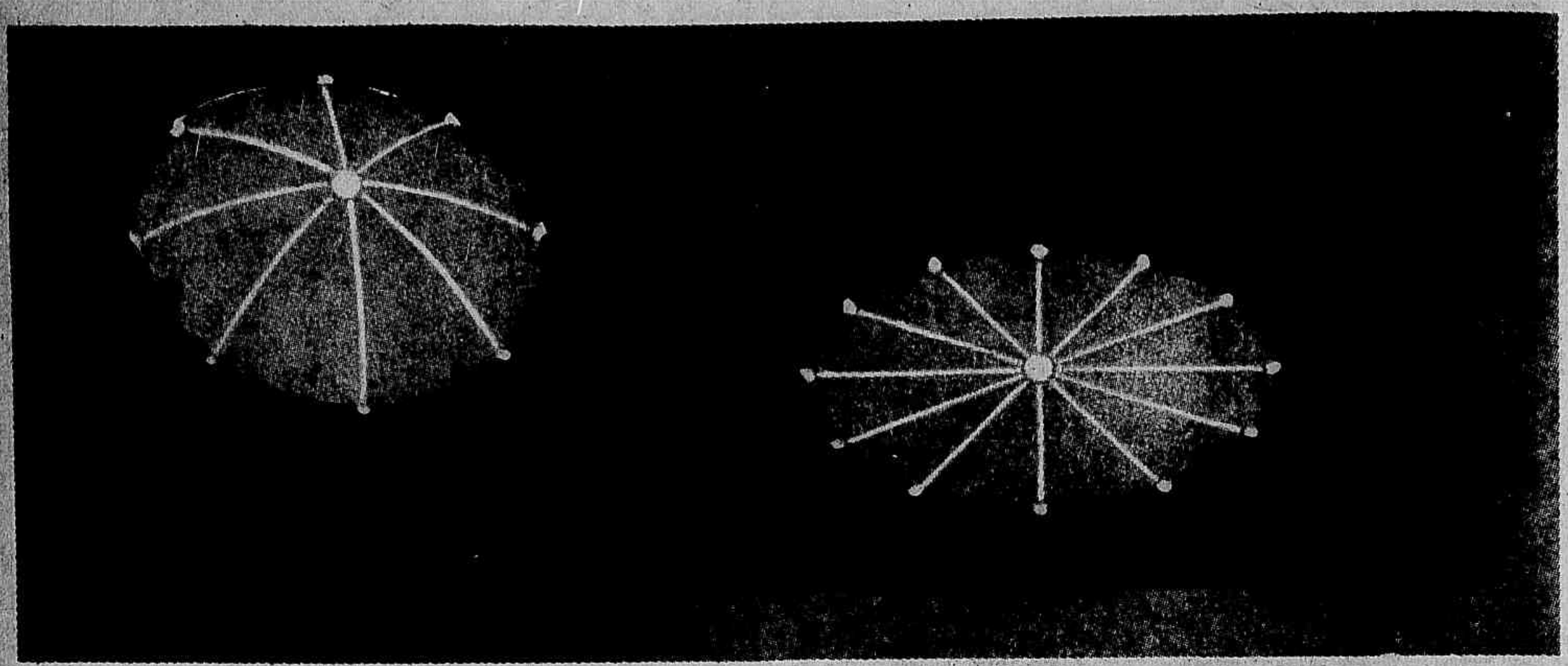
OS TEMPOS APARENTES DO UNIVERSO

A relatividade dos acontecimentos impõe uma maneira bem original de fixar a verdade das coisas sob o domínio da exatidão científica. Quando declaramos que dois terremotos destruiriam no mesmo instante duas cidades, uma no continente asiático e outra no continente europeu, qual o verdadeiro sentido do fato enunciado? Veremos que o sentido nada possui de absoluto e que há uma significação tôda relativa. Para simplificar a exposição, imaginemos uma locomotiva que se desloca em linha reta, indo de Berlim a Hamburgo. Chamemos a "M" o ponto central da estrada e suponhamos, ainda, que dois acontecimentos ocorrem simultâneos em Berlim e Hamburgo, que dois sinais luminosos transmitem o fato ao ponto central "M" da estrada de ferro. Na locomotiva viaja um físico que observa tudo quanto sucede, ao passo que em estado de repouso, no ponto "M", há outro físico tomando nota. A definição da simultaneidade continua a mesma, tanto com referência à via-férrea como relativamente à locomotiva. Entrementes, um terceiro filósofo, que não se acha no ponto "M", nem na locomotiva, estabelece o problema de saber se dois fatos simultâneos com relação à via-férrea devem ser considerados também simultâneos com relação à locomotiva.

Albert Einstein contesta negativamente na sua Teoria da Relatividade. Se o físico coloçado na locomotiva se detivesse em "M", ponto central da estrada de ferro, os dois raios luminosos transmitidos das duas cidades se cruzariam sôbre o ponto central "M" e os dois fatos transcorreriam simultâ-



O matemático Jules Henri Poincaré, cuja obra filosófica trouxe maravilhosas intuições sôbre a concepção do Espaço e do Tempo, onde se nota uma nova maneira de pensar avançando sôbre as idéias clássicas. Como Einstein, dedicou-se à matemática e à astronomia, podendo ser considerado um precursor da Teoria da Relatividade, pela análise matemática e filosófica do Tempo.



ESPAÇO PLANO E ESPAÇO COM CURVATURA. Os pontos brancos representam a visibilidade das galáxias nos dois tipos de espaço. Na Teoria da Relatividade, — Albert Einstein prova que o campo gravitatório dos astros produz a curvatura do espaço na sua vizinhança e que devido a essa mesma curvatura do espaço, os planêtas descrevem órbitas elípticas.

neos para ambos os físicos. Porém, o observador da locomotiva se desloca na estrada, vai ao encontro do raio luminoso vindo de Berlim e foge do raio luminoso partido de Hamburgo.

Em movimento, o físico da locomotiva verá o sinal luminoso de Berlim mais cedo e naturalmente proclamará que o acontecimento de Berlim ocorreu em tempo anterior. Por isso, a teoria einsteiniana sustenta que dois acontecimentos simultâneos com relação à via-férrea, não podem ser dados como simultâneos com relação à locomotiva. Eis a relatividade da simultaneidade, uma das conseqüências mais originais do novo método de pensar.

A mecânica clássica de Galileu e a matemática de Newton, admitiam, antes da concepção de Einstein, a realidade do tempo absoluto. Refutando a multiplicidade dos pontos de referência no sistema de Einstein, cuja sutileza escandaliza o bom-senso, Henri Bergson desenvolve uma série de comentários críticos. Procura evidenciar que não sòmente os tempos múltiplos evocados pela Teoria da Relatividade não rompem a unidade do tempo real, mas implicam na permanência do mesmo. Como expõe o filósofo Henri Bergson, no interior do sistema mecânico, o observador possui a consciência da distinção e da identidade dêsses diversos tempos, vê o tempo psicológico e com êsse tempo se confundindo os tempos matemáticos do relativista. Dêsse modo, o equilíbrio da sabedoria clássica se dilui na dúvida, pois se a matemática einsteiniana pode determinar vários tempos para o mesmo fenômeno, ocorrido no mesmo momento, a variedade dos tempos múltiplos aparece tão artificial como o tempo psicológico, cujo único valor consiste em ser estruturado na alma do observador.

Um dos passatempos favoritos de Einstein era o violino, que tocava com singular maestria, bem assim como o piano.

Além disso, na Teoria da Relatividade, a extensão do corpo depende da velocidade do mesmo. Tomemos como hipótese um trem que se move com a velocidade de cento e oito quilômetros por hora, vencendo trinta metros por segundo e com a extensão de cento e cin-

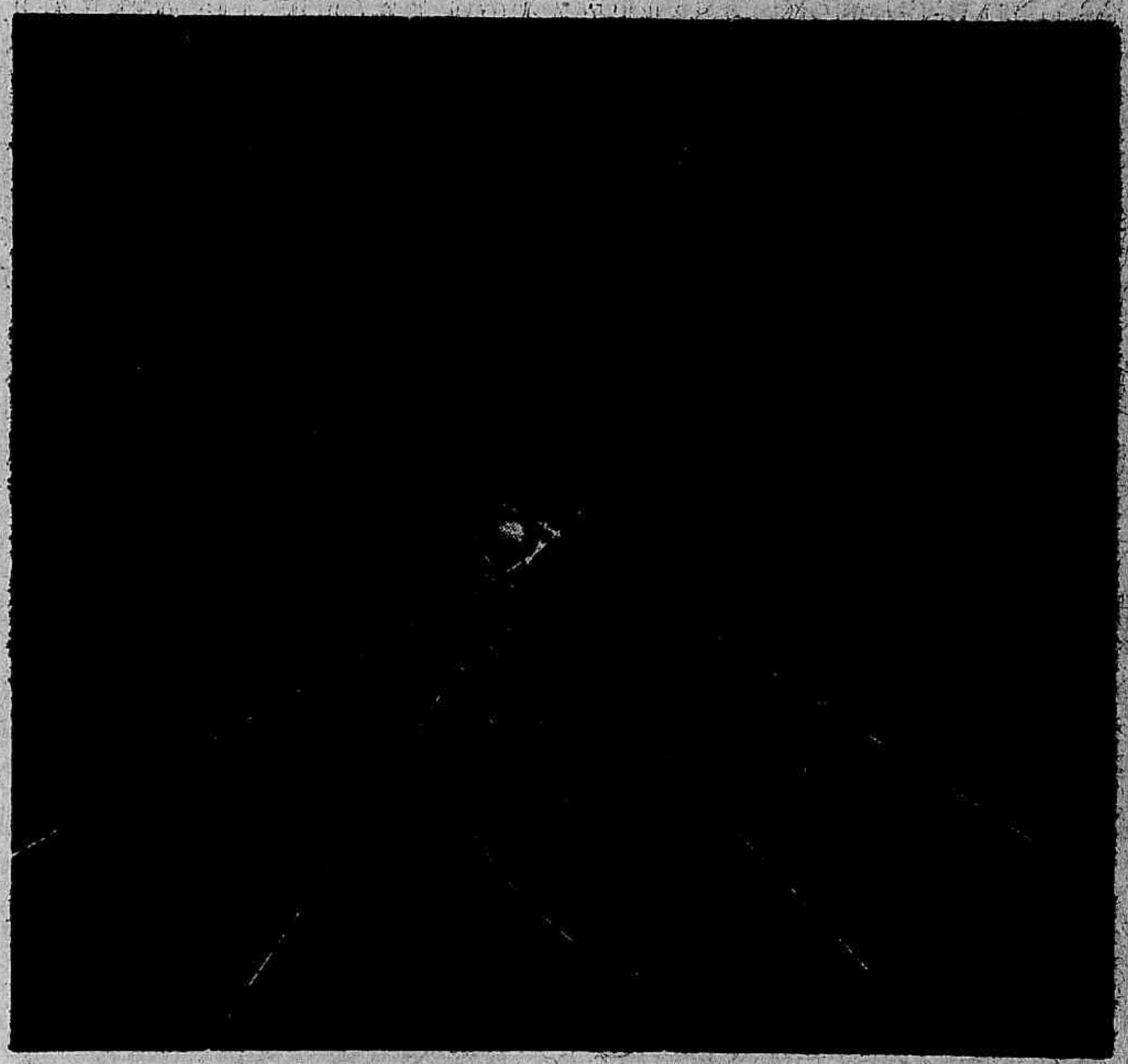
qüenta metros. Tôdas as medidas do espaço e do tempo ficam alteradas pela velocidade, resultando que o trem não mede cento e cinqüenta metros para o físico colocado em estado de repouso na margem da linha. O seu comprimento diminui de uma fração de milímetro, que aumentará com o movimento até se esvair aos olhos do espectador imóvel. Com a velocidade da luz, trezentos mil quilômetros por segundo, as dimensões do trem ficariam reduzidas a zero.

A DESCOBERTA DA RELATIVIDADE DA SABEDORIA

Não obstante a filosofia científica de Albert Einstein concebendo os tempos múltiplos e os movimentos relativos, as leis gerais do Universo subsistem independentes do estado de movimento, ou do aparente repouso dos sistemas de referência. A matemática einsteiniana baniu o conhecimento absoluto do Universo, que os especuladores clássicos supunham capturar algum dia.

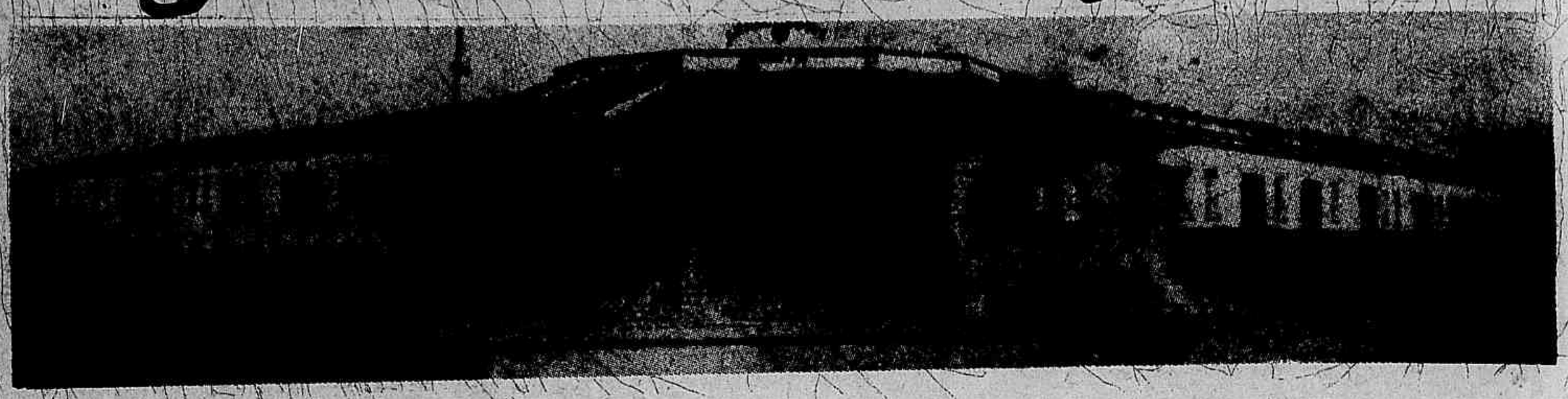
No entanto, as suas bases cientificas mereceram uma refutação do filósofo Henri Bergson, que se recusou a se submeter ao relativismo dos acontecimentos, opondo ao tempo matemático a duração psicológica. Como hipótese verificável, determinemos 3 faróis e os iluminemos ao mesmo tempo. O fenômeno luminoso deveria ser simultâneo no tempo, simultâneo no sentido absoluto e assim se passava na mecânica de Galileu e de Newton. Porém, como todo fenômeno para ser verificado pela ciência exige um observador qualquer, que delimite a sua duração no tempo e a sua extensão no espaço, devemos admitir forçosamente, que o observador se encontra em repouso ou em movimento. Em repouso, o fenômeno luminoso se passaria de certa maneira e em movimento de outra maneira, variando as medidas matemáticas. Se os três faróis se transformam por hipótese em três astros com órbitas e velocidades diversas, o mesmo fenômeno simultâneo para Galileu e para Newton, no ponto de vista do tempo absoluto, deixa de ser na filosofia matemática de Albert Einstein, onde a simultaneidade depende do estado de movimento do observador. Prevalece-se Einstein da insuficiência técnica da ciência e de um vício clássico do pensamento, para criar a teoria que mais repercussão deflagrou no século vinte. Alguns einsteinianos insistem em exagerar as conseqüências filosóficas da relatividade do conhecimento, asseverando que a teoria do matemático alemão e naturalizado norte-americano representa de

(Continua no fim da revista)



Albert Einstein solucionou com a Teoria da Relatividade o mistério das irregularidades da órbita do Planêta Mercúrio, inexplicáveis pela mecânica newtoniana. Em cada translação em volta do Sol, o Planêta Mercúrio se desloca excêntricamente, irregularidade essa causada pelo campo de gravitação do Sol. Na foto, as órbitas elípticas representam os desvios do movimento de translação de Mercúrio, sob a atração solar. As linhas retas com desvios na vizinhança do Sol, figuram os raios luminosos das estrêlas atraídos pelo Sol, outra descoberta da Teoria da Relatividade.

Grande Hotel Prata



Vista geral do Grande Hotel Prata.

A grande e elegante sala de jantar, belamente arranjada e iluminada.

O confortável salão de estar, comunicando-se com a sala de jantar.

Águas da Prata

A «Vichy brasileira»

Soberana nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DA PRATA, oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Chapadão", "Fonte Vilela", "Fonte Paiol", etc.

GOZE AS SUAS FÉRIAS E ADQUIRA SAÚDE NESTA MARAVILHOSA ESTANCIA

•

GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece-lhe todos os requisitos modernos, com alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

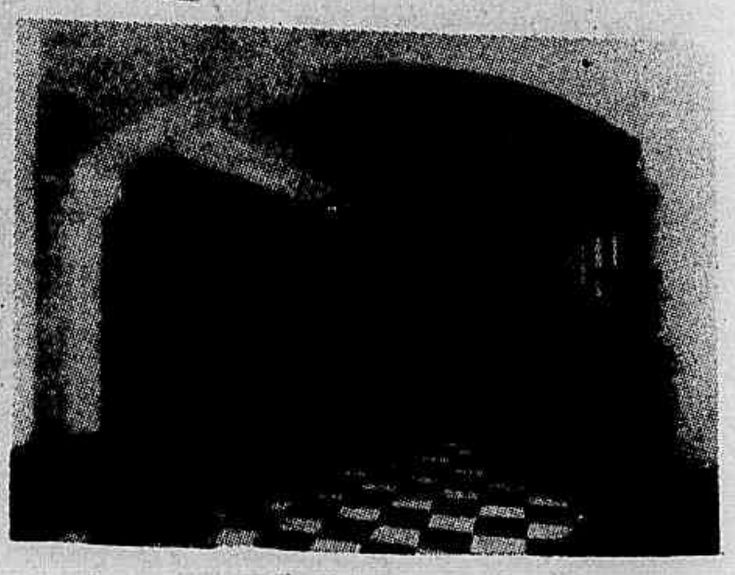
Diária para solteiro desde Cr$ 190,00
Diária para casal desde... Cr$ 350,00

descontos especiais durante os meses de maio a dezembro.
Reservas de aposentos: «Emp. Exprinter» ou diretamente com o hotel, telefones 20, 29 e 4 — Aguas da Prata, Estado de São Paulo.

AGUAS DA PRATA é servida pelos excelentes ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Panair, Loid Nacional e Estrada de Ferro da Mogiana.

O moderno cinema, com bela projeção e confortáveis cadeiras estofadas.

Magnífica vista do salão de repouso, aparelhado com cadeiras para descanso.



Aspecto do agradável recinto próprio para jogos e outros divertimentos.

OS NOSSOS RAPIDÍSSIMOS AVIÕES A JATO SÃO MA... ROSOS DO QUE CARACÓIS, QUANDO COMPARA...

A ASSOM... VELOCIDADE DA LUZ!

UM avião experimental da marinha dos Estados Unidos pôde atingir a velocidade de 2.413 quilômetros horários.

Foi o que recentemente anunciaram as manchetes dos jornais — e todos nós ficamos verdadeiramente admirados com a nova conquista. No entanto, a velocidade dêsse novo aparelho nos pareceria menos sensacional se o repórter tivesse tido a lembrança de compará-la com a velocidade da luz. Deveria ter escrito:

"Um avião da marinha norte-americana atinge 22 milionésimos da velocidade da luz!"

Porque a verdade é que 2.413 quilômetros por hora representam 0,000022 da velocidade da luz.

É certo que podemos dizer — colocados **numa perspectiva diametralmente oposta à do repórter — que algum dia o homem será capaz de viajar à velocidade da luz.**

O desenvolvimento da ciência, durante o século passado, demonstra que nada disso é impossível. Além do mais, a esta altura, os escritórios para registros de patentes estão prestes a fechar as portas porquanto quase tudo tem sido inventado, e os professôres de algumas universidades sentem que a física precisa apenas de um pequeno polimento para tornar-se uma ciência completa.

E a verdade é que, se descobrirmos uma maneira de alcançar a velocidade da luz, estaremos determinando o aparecimento de uma série de acontecimentos estranhos. Suponhamos, por exemplo, que um foguete de um pouco mais de trinta metros de comprimento atinja a velocidade de 258.549 quilômetros por segundo (que representa 87 por cento de 300.000 quilômetros por segundo, que é a velocidade da luz.) Naturalmente, se o nosso repórter, juntamente com nosso fotógrafo fôssem fazer a cobertura jornalística dêsse acontecimento, encontrariam muita dificuldade para tirar fotografias. Em primeiro lugar, apesar das suas proporções, um navio viajando a essa velocidade não seria visível ao olho humano! E mesmo que estivessem munidos de câmaras especialmente preparadas, teriam muita dificuldade em explicar ao [illegible] como tomaram a fotografia de um navio de 150 metros [illegible] na realidade [illegible] de 300 metros.

De acôrdo com a teoria da relatividade, a foto seria tomada com tal redução em razão da diminuição da dimensão para todos os objetos que se deslocam a grandes velocidades. 258.549 quilômetros por segundo é a velocidade na qual um objeto pareceria ter exatamente... **a metade do seu comprimento normal**, embora suas dimensões, na realidade "continuem reais".

Na verdade, esta idéia de "continuar real" não é tão simples como pode parecer. Para os tripulantes e passageiros, o movimento do navio é estável. Êles nada sentem quando tocam com a mão em seus aparelhos de contrôle. E isto se explica, naturalmente, pelo fato de que também êles se deslocam com o navio. E, querendo, poderão apanhar uma longa fita métrica e tomar o comprimento exato do navio. A medida encontrada será de 300 metros, isto é, a mesma dimensão que seria verificada caso o navio estivesse parado.

Ora, se o navio encurtasse, ao atingir sua alta velocidade, a mesma coisa aconteceria com a fita métrica, que diminuiria na mesma proporção, de modo que o navio sempre teria as mesmas dimensões com relação àqueles que nêle viajam!

Então, o nosso repórter e o seu fotógrafo descobririam que a única maneira de tornar as coisas **exatas** e livres de erros, consistiria no fato de ambos viajarem com o navio

ou dentro dêle. Se assim fizessem, e tomassem fotografias de um foguete no momento em que o mesmo passasse por cima de uma cidade, o editor teria novas dores de cabeça. Desta vez, os edifícios, que são perfeitamente quadrados, apareceriam na fotografia, como retângulos, cuja largura seria duas vêzes maior do que a altura!

Por quê?

É muito simples a resposta: a máquina fotográfica, do mesmo modo que os homens que se encontram no navio, **sente** que a embarcação se desloca em movimento estável ou uniforme; portanto, a terra e suas cidades **devem**, forçosamente, **estar a uma velocidade de 258.549 km por segundo!**

Explicando a história do navio, o repórter e o fotógrafo terão algo mais a explanar. Suponhamos que o editor exija que façam uma viagem de duas semanas dentro de um foguete. Ninguém duvida de que ambos usariam os seus relógios para marcar as horas e, depois de passado um dia, certamente assinalariam no calendário. Ao fim de uma semana de viagem, pediriam ao capitão que os levasse de volta.

Bastante seguros de si mesmos, êles retornam com a velocfidade com que partiram, perfazendo o tempo integral de duas semanas de viagem; a seguir, e com absoluta exatidão, chegam ao escritório do editor.

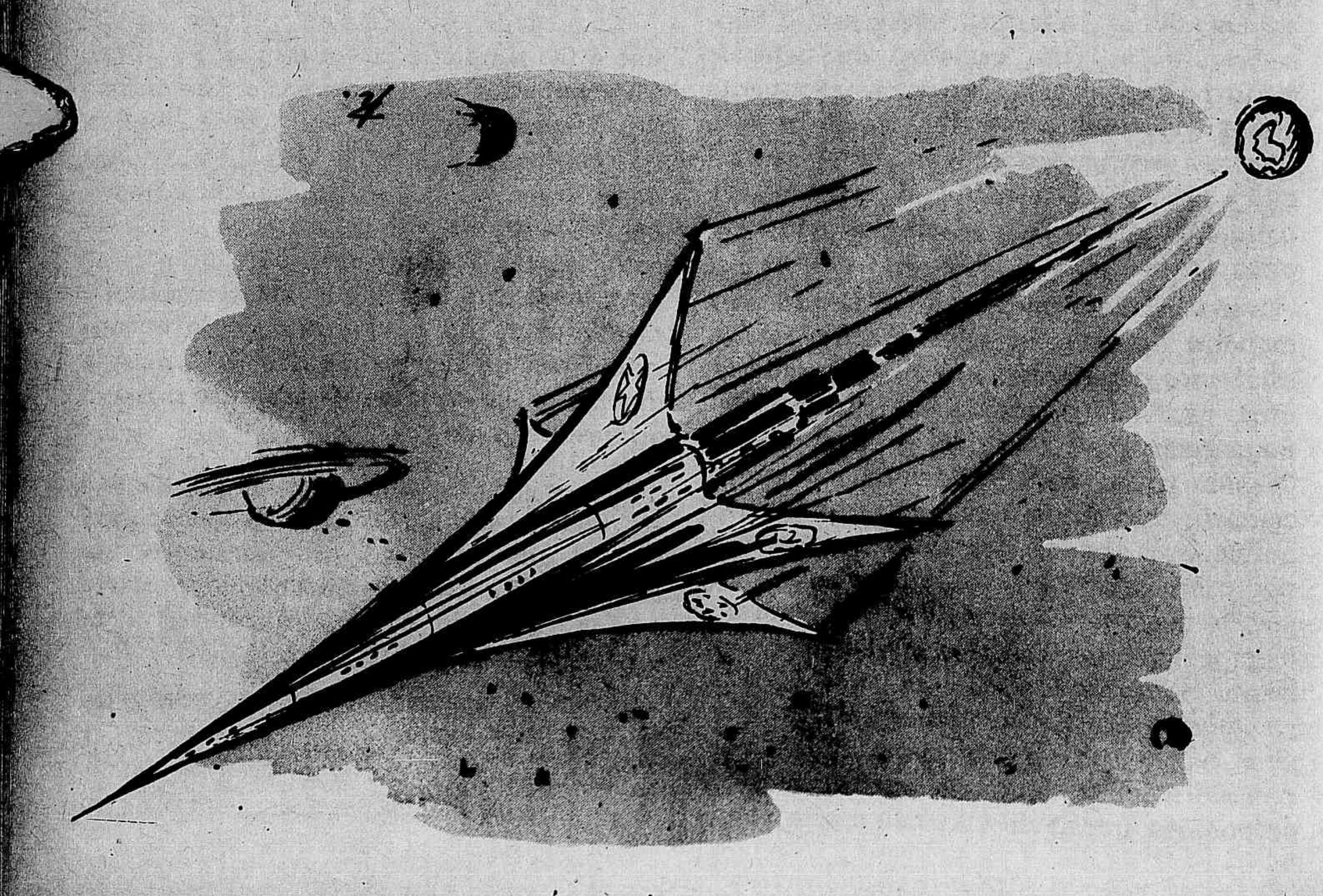
— Mas, afinal, onde estiveram vocês? — pergunta o editor.

— O senhor disse que fizéssemos uma viagem de duas semanas num foguete, e...

— Isto! — grita o exasperado redator. — É exatamente o que eu quero dizer. Há quatro semanas vocês partiram para uma viagem de duas semanas apenas, e...

Como sempre, é a velocidade de 258.549 quilômetros por segundo que provoca tôda a confusão! Em qualquer circunstância, um aparelho viajando com igual velocidade atinge apenas a metade da média que poderia manter, caso se deslocasse em movimento **estável**. Isto se aplica não sòmente aos relógios, como a tudo mais que se encontre no navio, inclusive aos próprios sêres humanos. Dêsse modo, o repórter e seu amigo, que perderam alguns anos de suas vidas em entrevistas com o editor, estão, agora, duas semanas mais jovens com relação ao seu chefe.

Durante a viagem, é claro, tiraram algumas fotografias. Desta vez, já tendo



aprendido as duas lições anteriores, sentam-se cada um com um lápis e um papel a fim de tentar vencer as dificuldades. Desde que pretendam tomar um "close-up" do planêta Marte, procuram saber, primeiro, qual a máquina fotográfica que usarão.

Felizmente possuem excelentes "flashes" eletrônicos. O fotógrafo sugere que, a fim de sincronizar o "flash" com a câmara, devem calcular o momento propício para disparar o "flash" e quanto tempo deve ficar aberto o obturador, de modo que a luz refletida penetre no obturador aberto.

— Muito bem... — diz o fotógrafo. — Estamos viajando a 258.549 quilômetros por segundo, enquanto a velocidade da luz é de 300.000. Assim, a luz que partir dêste aparelho, dirigir-se-á para Marte com a soma dessas duas velocidades, ou seja, percorrendo 558.549 quilômetros por segundo. Se dispararmos o "flash" a 393.686 quilômetros de distância, e esperarmos durante o espaço de um segundo, a luz do "flash" percorrerá 558.549 quilômetros, baterá na superfície de Marte e retornará para nos encontrar a 149.637 quilômetros de distância do mesmo planêta. Durante êste segundo, teremos viajado 258.549 quilômetros e estaremos lá para captá-la!

Foi êsse o esquema que êles utilizaram, contudo, não conseguiram tomar as fografias! E isto porque os seus cálculos matemáticos estariam corretos se aplicados a quantidades ordinárias, **mas a luz não é uma quantidade ordinária!**

A luz tem uma velocidade de 300.000 quilômetros por segundo, fato que fala por si mesmo. Não importa qual seja a velocidade da **fonte de luz**, ou a que velocidade **viaje o observador**... Ambos vêem o mesmo jato de luz movendo-se com idêntica velocidade.

A **Teoria da Relatividade** tem apenas cinqüenta anos de existência, e as suas conseqüências já estão começando a ser sentidas. Considerando o tempo levado para que a velha **Teoria Newtoniana** sofresse o seu impacto, podemos afirmar que sòmente durante o próximo século, a **Relatividade** terá todo o seu vasto potencial. Nessa época, os repórteres estarão muito mais capacitados para a luta do que os nossos hipotéticos heróis.

FA DOS FILMES DE "MOCINHO"

REG Western, de 14 anos, residente em Melbourne, Austrália, voltou uma bela tarde para casa com o cabelo cortado à la "mohicano", inspirando-se nos indios que tinha visto num filme de aventuras do Velho Oeste. A mãe, como se vê, quase desmaiou de surprêsa da mesma forma que o diretor da escola pública a que Reg pertence. Mas o garôto ficou muito satisfeito!

★

A HORA DO SONO

WILLIAM MENGELBERG, destacado diretor de orquestra holandês, encontrou uma tarde um dos seus músicos. Vendo-o bem vestido, mesmo elegantíssimo, Mengelberg disse:

— Pelo que vejo os negócios vão indo bem, não é verdade?

— Oh, sim! — respondeu o músico. — Além de tocar na sua orquestra, faço parte de um quarteto, dou lições particulares e tenho contrato com uma estação de rádio...

— Sério? — exclamou o diretor, encantado com o que ouvia. — E quando dorme? — concluiu, sinceramente interessado.

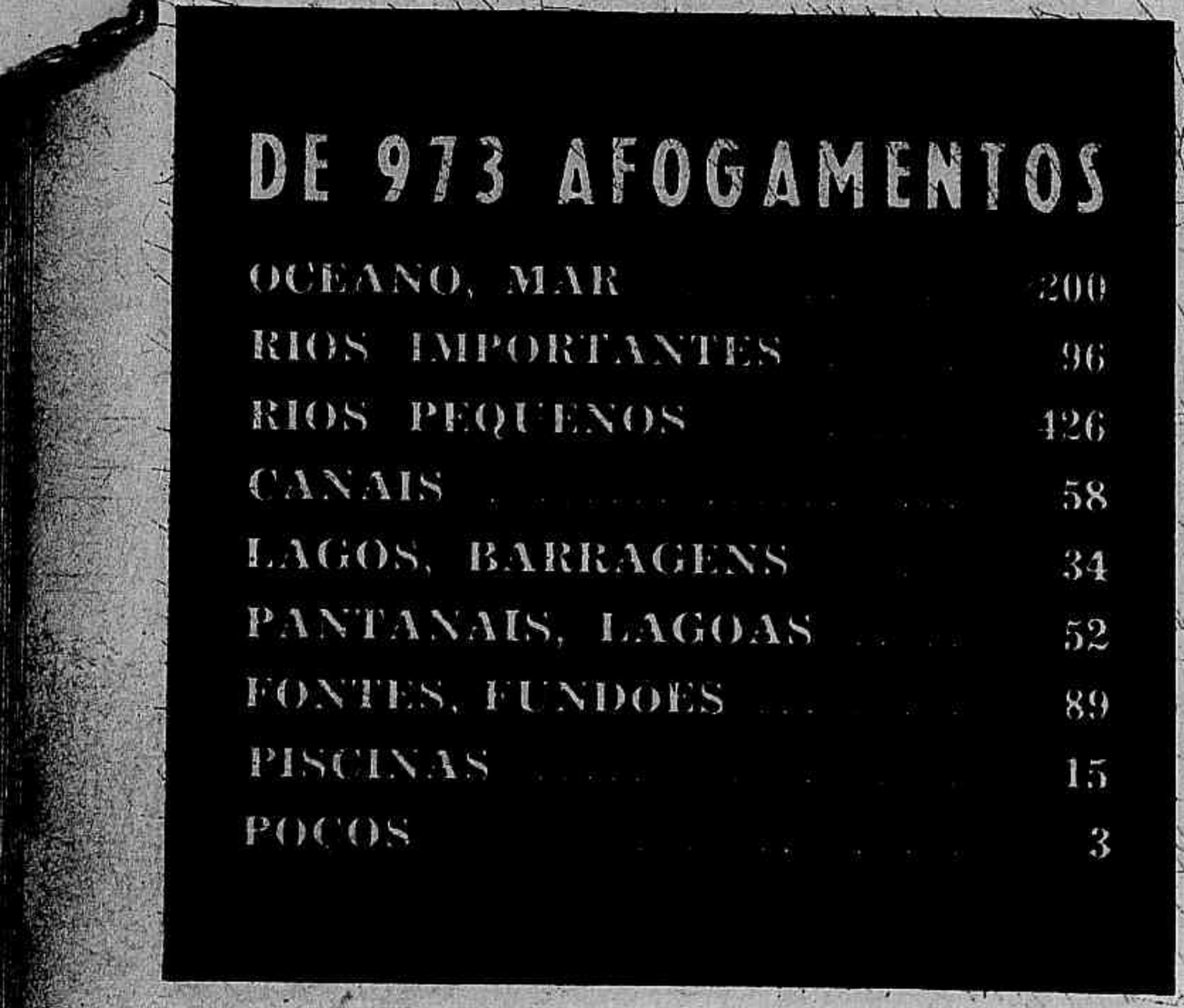
— Durante os ensaios! — respondeu o músico.

LEIA ÊSTE ARTIGO ANTES DE

OS AFOGAMENTOS NÃO SÃO DEVIDOS À CONGESTÃO, MAS À UMA SENSIBILIDADE PARTICULAR À ÁGUA FRIA.

DE acôrdo com recentes estatísticas cêrca de 5.000 pessoas se afogaram, no Brasil, em 1954, e a voga crescente dos banhos de mar, de rio e de piscina, provoca um aumento incessante — e alarmante — do número dêsses acidentes.

Qual a causa principal dêsses fatos dolorosos? Entre o público, aponta-se, geralmente, uma pseuda "congestão". Entretanto, as conclusões de recentes trabalhos científicos transtornaram essa versão. De fato, a quase totalidade das vítimas se afoga porque o indivíduo se tornou "alérgico" á água fria. Qualquer nadador, mesmo o mais vigoroso e bem treinado, pode tornar-se, de um momento para outro, anormalmente sensível à água fria; essa "sensibilização", que a medicina chama de "alergia" provoca a paralisia em poucos segundos, podendo, às vêzes, afundar o nadador irremediàvelmente.



OS BANHOS DE RIO são os que mais vidas ceifam anualmente, segundo revela uma estatística organizada no ano de 1950 pelo D.N.S.P.

COMO OS MELHORES NADADORES SE AFOGAM — "Depois de um banho coletivo dos alunos adultos, na piscina do colégio, um dêles, de vinte anos, já fora d'água torna a mergulhar, ao sinal de retôrno ao vestiário, a fim de evitar fazer a pé a volta da piscina. Mergulha... e permanece no fundo da piscina. Retirado por seus companheiros é deitado no bordo da piscina em estado de morte aparente. Sua reanimação é obtida ao fim de quarenta e cinco minutos."

Esta observação — e centenas de outras mais — foram citadas durante o último Congresso Médico da Federação Francesa de Salvamento, que reuniu em Alger os representantes de vinte e duas nações. Extraídos dos "dossiers" de vários médicos, êsses casos salientam o perigo da "alergia repentina à água fria". Mostram, acima de tudo, que a gama dêsses acidentes é muito variada. O banhista pode, muitas vêzes, não perder os sentidos, desde que seja instantâneamente retirado da água; fica simplesmente em estado de "estupor", de "inibição psico-motora", que o imobiliza, impedindo também mque raciocine ou fale.

Uma informação fornecida pelo próprio interessado, um médico, bem o demonstra: "Estando em jejum, banhava-me num rio. Sentia-me bem disposto e tinha a companhia de um colega, excelente nadador, com o qual já nadara nos dias precedentes, nas mesmas condições. Bruscamente, quando nadava na superfície, e sem ter sentido o mais ligeiro mal estar, mergulhei até o fundo da água tendo à minha frente um grande rochedo. Meu camarada mergulhou à minha procura e salvou-me com um brusco empurrão sob os braços. Tornei a subir para a superfície, sem sentir, depois, qualquer mal estar."

Em outras ocasiões a alergia se manifesta, felizmente, de maneira mais tardia, dando ao banhista tempo para retornar à

ENTRAR N'ÁGUA

terra firme com seus próprios recursos. E para o caso temos o exemplo do que ocorreu com outro médico, dr. Werhoogen, de Bruxelas: "Médico dado aos esportes, nadador emérito, com quarenta e seis anos de idade e saúde excelente. Ao banhar-se num lago de montanha, nota que sua pele se torna escarlate e coberta de urticária. Apesar disso, continua a nadar com a melhor disposição. Eis què começa a sentir dores intensas sôbre a pele e o abdome. Saindo da água, tomba em estado de completa prostração. Arrepios repetidos, durante meia-hora, lividez, pulso lento, completam o quadro médico."

OS OITO "SINAIS DE ALARMA" DA ALERGIA — Muitos leitores têm indagado, diante da variedade e da freqüência dessas "sensibilizações à água fria", se é possível prevê-las.

Algumas vêzes, a alergia é anunciada por "sinais de alarma" característicos. Até hoje são conhecidos oito. O tenente-coronel-médico, da École Nationale d'Entraînement Physique Militaire, de Antibes, França, e grande especialista dessas pesquisas, organizou o seguinte quadro:

1 — Erupções sôbre a pele, logo após a saída d'água;

2 — Comichões locais ou generalizadas;

PROBABILIDADES DE REANIMAÇÃO DE UM AFOGADO PELA RESPIRAÇÃO ARTIFICIAL

SUBMERSÃO 1 MINUTO = 95%	SUBMERSÃO 5 MINUTOS = 25%
" 2 " = 90%	" 6 " = 1%
" 3 " = 75%	" 8 " = 0,50%
" 4 " = 50%	" 12 " = 0%

DEPOIS DE 12 minutos de submersão total e de síncope, o afogado não tem mais qualquer probabilidade de voltar a si. Suas funções cerebrais estão lesionadas por falta de circulação sanguínea.

3 — Dores da pele ou do ventre;

4 — Câibras, dores dos músculos e das articulações;

5 — Enxaquecas, dores na nuca, vertigens;

6 — Sensações anormais de frio ou fadiga;

7 — Vista anuviada ou "véu negro" diante dos olhos;

8 — Síncope pouco depois da saída do banho.

Se um banhista sente um ou vários dêsses distúrbios, as recentes descobertas médicas aconselham (mesmo impõem) que saia d'água e tome, nos dias consecutivos, grandes precauções ao banhar-se. Infelizmente, nem sempre é possível perceber a tempo uma alergia nascente por êsses sinais de alarma. O acidente pode acontecer sem que nada o anuncie, provocando o afogamento.

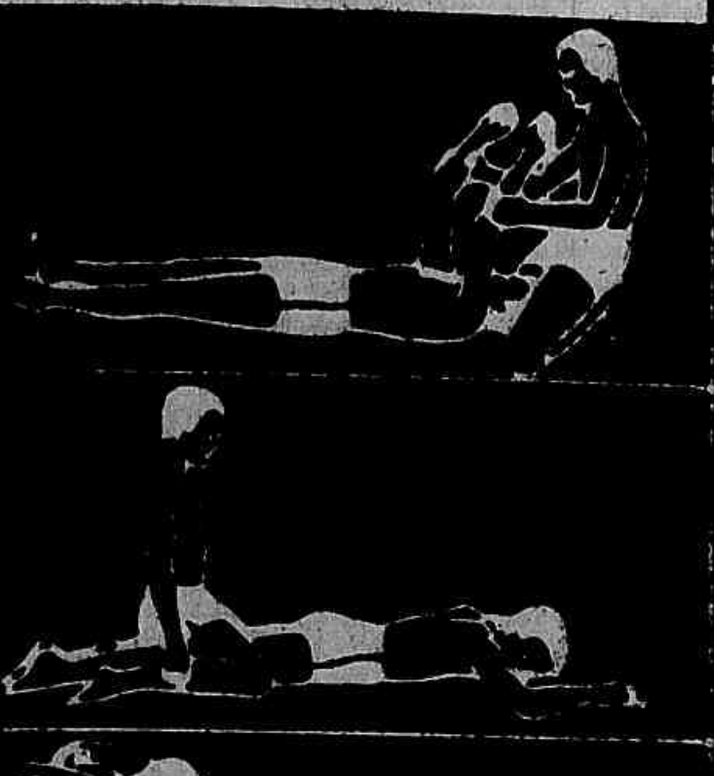
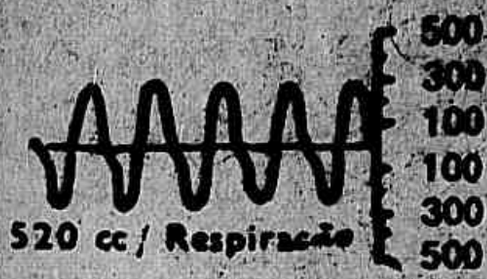
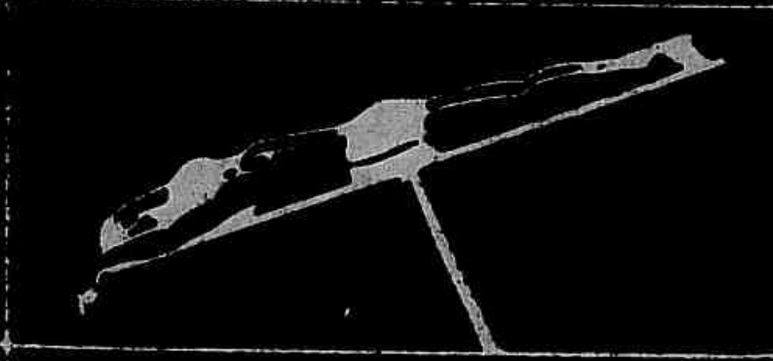
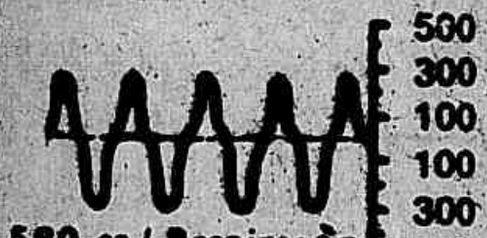
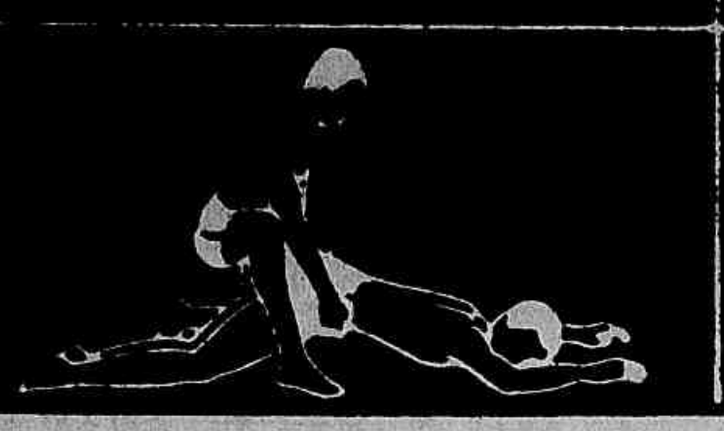
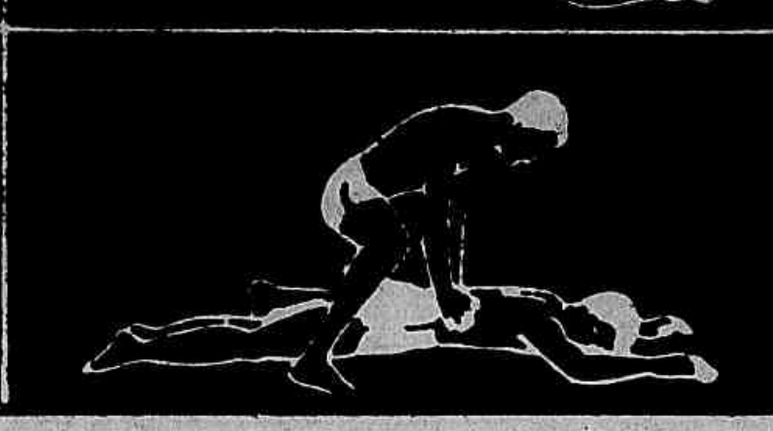
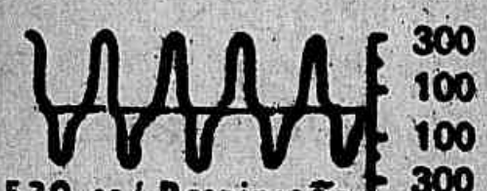
UM RESFRIAMENTO 25 VÈZES MAIS FORTE — Segundo os médicos, a temperatura de 18º seria o ponto crítico a partir do qual a água fria é temível. Em geral, êsse ponto-limite é encontrado nos locais onde ocorrem êsses afogamentos inexplicáveis.

Os regulamentos oficiais das competições de natação e de water-polo, fixam a temperatura mínima da água em 14º. Nas piscinas da Europa, a água oscila entre 18º e 20º. Sobe — excepcionalmente — a 28º em certas piscinas termais. Mesmo durante o verão a temperatura de inúmeros rios, mares, lagos, etc., é inferior a 18º em países da Europa Central (excetuada, é claro, a região montanhosa, onde a temperatura é sempre mais baixa). Na região Mediterrânea a temperatura chega a equilibrar com a de nossas piscinas e rios, na superfície, durante o mês de agôsto, que é o mais quente da Europa.

Quando o banhista mergulha, para praticar o nado submarino, a temperatura desce ainda mais. A dez metros de profundidade, no Mediterrâneo, no verão, atinge apenas a uma dúzia de graus. Cálculos mais profundos mediram o desperdício de calor, sofrido pelo corpo humano na água. Estabeleceram que um banhista se resfria 25 vêzes mais na água que no ar, em **temperaturas iguais**. No correr de um mergulho submarino, êsse resfriamento se torna 150 vêzes mais forte que no ar sempre em temperaturas iguais.

Não há, portanto, nenhuma comparação possível entre o choque produzido pelo ar frio, no inverno, por exemplo, e o de um banho frio, de imersão ou de chuveiro.

O TRAUMATISMO DA ÁGUA FRIA — Como reage o organismo a êsse choque intenso? Quando um banhista entra na água, sua respiração se torna um pouco arquejante e sua pele empalidece. Diante dessa agressão do frio, os capilares sanguíneos das extremidades do corpo se contraem, e uma enorme massa de sangue reflui para as partes internas. Em seguida, o equilíbrio se restabelece por si só, normalmente. Adaptado a êsse novo meio o organismo contra-ataca com uma "reação" circulatório que dá ao indivíduo a sensação

	INSPIRAÇÃO	EXPIRAÇÃO	GRAF. RESP.
SILVESTER (1858)			 520 cc / Respiração
SCHAFER (1903)			185 cc / Respiração
EVE (1932)			225 cc / Respiração
HOLGER (1932) NIELSEN			 580 cc / Respiração
SCHAFER-NIEL-SEN-DRINKER (1935)			575 cc / Respiração
EMERSON (1948)			270 cc / Respiração
SCHAFER-EMER-SON-IVY (1948)			 530 cc / Respiração

SETE MÉTODOS PARA REANIMAR UMA VÍTIMA

SÃO conhecidos sete métodos de respiração artificial manual, que proporcionam ao afogado uma ventilação pulmonar variável (inscrita na coluna da direita) e são mais ou menos fáceis de praticar. Os desenhos do quadro acima chegam para explicá-los. O método de Eva é oficial na Royal Navy inglêsa; o de Nielsen foi adotado nos Estados Unidos. Na França é praticado o método Schaffer, embora os especialistas considerem que não é bastante eficaz. Pretendem, agora, substitui-lo pelo de Nielsen. Nas manobras do método Schaffer, o salvador se coloca de joelhos por trás da vítima, como indicam as figuras da segunda linha, colocando as mãos sôbre os rins do paciente. Depois pesa sôbre os rins com todo o próprio pêso durante dois segundos, antes de voltar a sentar-se sôbre os próprios calcanhares.

O ritmo das expirações e das inspirações deve ser de aproximadamente quatorze vêzes por minuto.

Êsse método tem a grande vantagem de não ser fatigante; a de Emerson, mais eficaz, é extenuante para o salvador.

INFLUÊNCIA DA DIGESTÃO SÔBRE OS AFOGAMENTOS

AFOGAMENTOS MENOS DE 1 HORA DEPOIS DA REFEIÇÃO:	86
" " " " 2 " " " " " :	153
" " " " 3 " " " " " :	153
MAIS DE 3 HORAS DEPOIS OU SEM TEMPO INFORMADO :	449

PODEMOS TOMAR BANHO DEPOIS DA REFEIÇÃO? — Os especialistas tentaram esclarecer a questão, examinando 795 casos e obtiveram êste resultado. Do total, 346 vítimas se haviam afogado menos de 3 horas depois da refeição (43%)). Deve-se, pois, evitar o banho durante a digestão.

de calor. Nesse caso, os benefícios do banho de imersão e de chuveiro, frio, são importantes. Os reflexos nervosos são avivados e da mesma forma o apetite, tornando-se o sono melhor; ao mesmo tempo, a digestão e as trocas de líquidos contidos nas células ficam facilitados, de tal forma que uma cura dêsses banhos frios emagrece os obesos e engorda os magros.

Infelizmente, a "reação" do corpo na água fria nem sempre é perfeita. Na criança de menos de dezesseis anos, notadamente, o sistema de regulação térmica, ainda inacabado, é imperfeito. É comum ver-se um jovem banhista sair da água não aquecido, pálido e batendo os dentes; a idade os torna alérgicos à água fria. Entre os indivíduos de mais de cinqüenta anos, outro perigo ameaça: o afluxo brutal de sangue ao coração e às artérias cerebrais pode provocar a rutura de um vaso tornado mais frágil pela idade.

O leitor também é alérgico à água fria?

O dr. Radvan, de Bucarest, relata, numa observação excepcional, suas experiências com um jovem voluntário de vinte e dois anos, particularmente **alérgico** à água fria.

Quando colocava êsse paciente sob uma ducha fria a 18º, durante dois minutos, seu pulso passava de 70 a 146, sua tensão caía de 13-7,5 a 9-8, e sua pele se cobria de urticária, enquanto o paciente caía logo a seguir em estado de prostração. Quando a alergia ao frio é assim tão caracterizada, é fácil perceber e proibir os banhos perigosos. Alguns médicos recorrem a um teste, que todos podem realizar sòzinhos: coloca-se sôbre a pele da face anterior do antebraço um pedaço de gêlo ou uma compressa embebida em éter. Neste último caso, é preciso molhar seguidamente a compressa, dado que o éter evapora ràpidamente. Dois minutos de aplicação é suficiente; a pessoa alérgica apresenta, um quarto de hora mais tarde, sôbre o braço, uma erupção de urticária, que prova a sua sensibilidade.

O problema seria simples, caso a alergia ao frio fôsse sempre tão radical. Mas tal não acontece; a maior parte do tempo, o fenômeno é intermitente. Dessa forma, muitas das pessoas que comem crustáceos, peixes ou morangos, sem sentir qualquer mal estar, um belo dia, sem que se saiba por que, qualquer dêsses alimentos lhe dará

(Continua no fim da revista)

ESTATÍSTICA RELATIVA A 131 AFOGAMENTOS MORTAIS:

MENOS DE 16 ANOS	104
DE 17 A 50 ANOS	7
MAIS DE 50 ANOS	20

OS ADOLESCENTES parecem estar mais predispostos aos afogamentos; talvez porque seu sistema termo-regulador, ainda imperfeito, os torna mais vulneráveis ao frio que os outros.

O MISTÉRIO DAS ESFERAS VERMELHAS

Romance de ***JOHN WYNDHAM***

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

O "Guinevere", transatlântico de luxo, cruzava as quietas águas diante dos Açores, sob um luar maravilhoso quando um casal, que nêle viajava, observa a queda no mar, de várias esferas vermelhas, que ao tocar a água dispendem vapor, ficando a água a ferver durante alguns minutos. O mesmo fato é observado em outros trechos oceânicos por passageiros de outros navios e aviões e o Almirantado decide fazer descer observadores, em um batiscópio, ao fundo das águas, a fim de procurar resolver o mistério.

Ainda não havíamos perdido de todo a visão da terra quando nos defrontamos com um grande objeto metálico, esférico, tendo aproximadamente dez pés de diâmetro; era dotado de janelas circulares e, na parte superior, havia um considerável alargamento, formando um bôjo.

— Êsse aparelho — disse o comandante que, despercebidamente, se encontrava por trás de nós — é o que chamamos de Batiscópio. Tem a capacidade para suportar duas tonaladas de pressão, podendo mergulhar cêrca de 9.000 pés(*). Porém, por motivo de segurança, não pretendemos fazê-lo descer além dos 7.200 pés. É esta, pois, a ocasião para batermos os "records" do dr. Beebe, e mesmo de Barton, que já desceram a grandes profundidades.

Enquanto o comandante falava, eu era levado a imaginar-me fazendo aquela perigosa descida. A seguir, perguntei ao comandante qual seria a profundidade da região escolhida para a incursão. Respondeu-me que se aproximava de trinta mil pés, e que geogràficamente se situava entre Cuba e Jamaica.

E continuou a falar, com ênfase de pregador.

— Batiscópio é o único instrumento que podemos utilizar para uma direta observação visual. Contudo... — fêz uma pausa e levantou a lona que cobria uma outra espera, menor.

— Eis aqui um novo aparelho — acrescentou êle — que talvez nos permita atingir profundidades duas vêzes maiores. É inteiramente automático, e equipado com cinco câmaras televisoras; quatro delas cobrem uma imensa área horizontal, enquanto a quinta dirige-se em sentido vertical.

★

Três dias depois de chegarmos à área indicada, já havíamos realizado os testes e os ajustamentos necessários; a descida foi então anunciada para a manhã do quarto dia.

Antes de romper a aurora, os dois técnicos navais, destinados à experiência inicial, se aprestavam para entrar no aparelho. Após as despedidas, que todos se esforçaram para ser alegre, fecharam sôbre si as portinholas circulares. A seguir, o Batiscópio foi vagarosamente elevado, por meio de um guindaste, e permaneceu suspenso por algum tempo.

— Podem baixar! — gritou uma voz pelo alto-falante.

Pouco a pouco o Batiscópio foi descendo até desaperecer completamente nas águas. A descida pareceu ter sido longa, enquanto no navio notava-se uma geral preocupação. Passado algum tempo, o comandante perguntou:

— Tudo em ordem, aí em baixo?

Ao que duas vozes responderam, simultâneamente:

— Sim, senhor, tudo em ordem!

O comandante estava absolutamente atento, com o olhar pregado na tela do aparelho televisor.

— Atingiram meia-milha, hein? — disse o comandante.

E uma voz, lá de baixo, contou:

— Quatrocentos e trinta e oito... Quatrocentos e trinta e nove... Pronto! Meia-milha, agora, senhor.

(*) Aproximadamente 2.700 metros.

De repente a tela ficou totalmente obscurecida, pois um incalculável cardume de peixes envolvia agora o aparelho; nesse instante, uma voz, lá do fundo, queixou-se que ao pôr a câmara numa das janelas, um enorme peixe obstruíra-lhe a visão.

— Três mil pés! Vocês já superaram Beebe! — disse o comandante cheio de entusiasmo.

— Adeus, mr. Beebe! — disse a voz, lá do fundo, em tom de gracejo. E logo acrescentou:

— A vida aqui é mais intensa. Que beleza de peixe! Será que vocês não podem ver... daí de cima? Agora há qualquer coisa de descomunal, muito próximo. Talvez seja uma lula gigante, ou então uma monstruosa baleia. Vamos mudar de direção.

Em dado momento o comandante anunciou:

— Vocês agora bateram o "record" de Barton! Tudo continua normal?

— Estamos indo às mil maravilhas, senhor!

— Quase uma milha de profundidade! — observou o comandante, com voz trêmula de surprêsa.

— Tudo morto! — gritou a voz no alto-falante. — É um mundo negro e sem vida; nada aqui se movimenta. Ah! Mas agora começo a ver algo... Novamente lulas e... peixes luminosos e outras coisas **das quais nunca ouvi falar**...

E continuou a falar, enquanto na câmara televisora apareciam imagens de verdadeiros monstros que lá por baixo se moviam.

— Parem! — disse, de repente, o comandante. — Já atingiram o limite máximo de sete mil e duzentos pés!

E avisou aos rapazes do Batiscópio que a descida havia terminado.

— Ah! — gritou uma voz debaixo, vinda do colossal abismo. — Afinal, que diabo viemos fazer aqui?

O comandante pareceu perceber uma profunda decepção nessas palavras pronunciadas de maneira tão fria. Se é que êle aguardava um resultado positivo, isto não posso dizer. O fato é que as supostas áreas de concentração deviam estar a profundidades muito maiores do que imaginamos, pois o ecograma mostrava que o fundo se achava a mais de três milhas de onde os dois homens flutuavam.

— Preparem-se para vir à tona — falou o comandante, após alguma reflexão. — Estão prontos?

— Tudo bem, senhor!

Então, houve um prolongado silêncio. Mas, ao cabo de alguns minutos, a voz tornou a falar:

— Esperem. Se não me engano, há algo de anormal aqui por perto. Qualquer coisa de descomunal, cujos contornos ainda não consegui divisar. Será alguma baleia, perdida por estas profundezas?

Pela televisão sòmente podíamos perceber uma infinidade de raios luminosos como se fôssem pequenos organismos fosforescentes. Diante de tal confusão era inteiramente impossível formular um prognóstico.

— Parece que agora estamos cercados! — disse a voz. — E eis que o Batiscópio gira, naturalmente propulsionado pela circunvolução que há em seu redor. Porém, de uma coisa tenho certeza: **não é baleia**!

No próprio momento em que a tela clareou um pouco, começamos a distinguir a sua forma oval.

— E agora aparece um outro! — continuou a voz. — Ainda mais monstruoso, assemelhando-se a uma tartaruga gigante. Está muito próximo do Batiscópio. Quase tocando-o. Entretanto, já não o vejo; creio que perdi de vista. Mas talvez...

E a voz foi bruscamente interrompida. Simultâneamente, a televisão captou um forte clarão. Enquanto que, fora, o som do cabo aumentava de intensidade. Instintivamente olhamos uns para os outros, num mortal e frio silêncio, quando a mão trêmula de Phyllis apertou a minha.

Já era tempo de se ter puxado mais de uma milha do pesado cabo. Depois de uma demora que, naquele momento, me pareceu sem fim, emergiu da água a extremidade que todos julgavam estivesse desfiada como a ponta de um pincel.

Mas, para nosso espanto, tanto o cabo de tração, como o de comunicação estavam derretidos e fundidos, um no outro. E compreendemos que a primeira tentativa para desvendar aquelas misteriosas coisas estava irremediàvelmente perdido!

A noite caiu lenta e sombria. O comandante, depois de ler um trecho do livro sagrado, mandou que fôssem feitos três disparos, em homenagem às vítimas da audaciosa jornada. No dia seguinte, fomos todos convocados para uma reunião. O rosto do comandante aparentava cansaço e desânimo; não obstante, falou incisiva e firmemente:

— A verdade é que tenho ordens para continuar, de qualquer maneira, as investigações. Desta vez utilizaremos o nosso instrumento automático. As instruções frisam conclusivamente que a descida deve ser efetuada sôbre o mesmo local em que se encontrava o Batiscópio sinistrado.

E novamente estávamos ali para assistir a uma segunda incursão através da indevassável massa oceânica. Sucessivamente ia o alto-falante dizendo:

— Uma milha... Milha e meia... Duas... Duas e meia...

Sùbitamente, apareceu na tela um grande corpo ovalado, sempre e sempre rodeando o instrumento; porém, passados quatro ou cinco minutos a tela enbranqueceu...

Era o fim...

★

De volta à Inglaterra, encontramos o capitão Winters, no Almirantado.

— O que mais me intriga — disse êle — é a fusão dos cabos de aço! Definitivamente, a imaginação recusa conceber que existe alguém capaz de romper, tão fàcilmente, um cabo de semelhante resistência, a não ser que utilize uma chama de oxi-acetileno!

— Capitão Winters — diga-me, honestamente, qual é a sua opinião sôbre tudo isso — pediu Phyllis.

— Mrs. Watson; com tôda sinceridade, afirmo-lhe que nem eu nem outro qualquer pode formar uma opinião sôbre o que quase nada conhece.

SEGUNDA PARTE

Não ocultava o capitão Winters sua perplexidade em face do estranho e inexplicável fenômeno de se terem fundido os cabos de aço de duas câmaras de profundidade oceânica, uma delas com tôda a sua tripulação. Seis dias depois a B.B.C. anunciava que uma expedição naval americana também perdera um dêsses aparelhos, com dois homens no seu interior, nas mesmas condições.

O público, em geral, não viu nenhuma conexão entre essas catástrofes no fundo do mar, e as **bolas de fogo** anteriormente vistas a descer, espantosamente, no oceano, em terrível velocidade. Mas, se para nós, o caso era encarado apenas para divagações teóricas, a marinha dos Estados Unidos não via assim o problema. E mandaram uma segunda expedição ao mesmo local. Julguei que iam perder novamente seu aparelho de mergulho; mas não imaginei que perdessem também o seu navio!

Um comentarista radiofônico norte-americano, que descreveu a história, pôs a minha mulher Phyllis e a mim, mais tarde, a par do fato. Disse êle:

— Nunca se vira coisa igual, nem se poderia desejar ver! Usávamos instrumento automático de maior aperfeiçoamento do que o perdido. O plano era o de fazer mergulhar aquêle e, se voltasse em paz, então, faríamos descer um outro guarnecido da tripulação competente. Desenrolamos cabos regulando umas duzentas jardas, do nosso navio de pesquisas, mas tínhamos um outro cabo sòmente para a televisão. Observávamos, assim, o aparelho **de todos**

★

— Não. Aqui não é o "Restaurante Para Todos"... Mas bem que podia ter êsse nome!

os lados! Ao atingir mais de duas milhas e meia, então alguém gritou:

"Voltei a cabeça e olhei para o lado de onde vinha o grito, no próprio navio da expedição. Um momento antes estava êle na maior calma. Não sei que espécie de trovoadas se registra aqui, mas o que se passava era como trovoadas com relâmpagos que ofuscavam por todos os lados. E o navio da expedição estava em meio dessa pavorosa tempestade e podíamos ouvir o estalar da sua estrutura. Desgraçadamente e como já temíamos, não pôde êle resistir senão mais uns segundos, começando a fazer água e a afundar. Cada um de nós tratou de atingir o convés, o que foi feito em fração de segundos. Depois, a tudo isso, sucedeu o domínio das águas repostas na sua tranqüilidade."

Durante uma pausa algo longa, Phyllis encheu outra xícara de café.

— E qual foi a causa, então? — perguntou ela.

Êle encolheu os ombros:

— Não estou fazendo conjecturas — afirmou. Depois, baixando a voz: — Vendo que vocês também foram testemunhas de coisas assim, embora sem fazer estardalhaços, êles acabam de coligir mais provas para analisar os fatos.

— Onde? — perguntamos simultâneamente.

— Uma, ao largo das ilhas Aleutas, em certo local, que não foi revelado; a outra em zona de grande fundo nas costas da Guatemala.

Deteve-se, pensativo. Depois perguntou:

— E a sua gente? Que está fazendo?

— Não sabemos — foi a nossa resposta honesta.

— Sempre sem pressa, o seu povo... — disse êle, meneando a cabeça, com ares de suave censura.

E não se falou mais no assunto.

Durante algumas semanas seguintes, mantivemos os nossos ouvidos bem abertos, esperando novidades em tôrno desta ou daquela investigação; mas só viemos a saber de algo quando, mais tarde, o nosso comentarista radiofônico passou por Londres.

— As pesquisas na Guatemala não deram resultado — disse êle. — O navio ao sul das Aleutas estava transmitindo pelo rádio, enquanto o mergulho no fundo do oceano ia em progresso. De repente, porém, cortaram as irradiações, parecendo que algo de mau ocorrera.

O caso das misteriosas **bolas de fogo** caiu no desinterêsse público e mais ninguém se mostrou atraído pelo fato. Nós mesmos nos desinteressamos. Outros assuntos nos ocupavam a atenção, como, por exemplo, o nascimento do nosso primogênito, William, e sua morte dezoito meses depois. Para ajudar Phyllis a esquecer tanta dor, programei uma série de reportagens pelo mundo e por tempo indeterminado.

Ao regressarmos à casa dispúnhamos de material de muita oportunidade e de real valor jornalístico e que teríamos de ordenar e refazer para nosso maior prestígio.

Quase imediatamente à nossa chegada, perdiam os americanos um cruzador ao largo das Marianas. A notícia era vaga, sem maiores detalhes, **mas havia qualquer coisa de importante na mesma**. Phyllis apanhou um atlas e se pôs a estudar a posição daquelas ilhas.

— Há bastante profundidade em tôrno delas — falou minha mulher.

Não tínhamos outros informes além da nota oficial e lacônica:

"O cruzador "Keweenaw", navegando em tempo claro e mar sereno, afundou. Vinte sobreviventes foram salvos; foi aberto inquérito."

É possível que tenha havido algum resultado; mas nunca mais ouvi falar a êsse respeito. O acidente foi, de alguma forma, absorvido pelo **inexplicável naufrágio de um navio russo que navegava em missão jamais esclarecida**. Uma meia dúzia de navios, ocupados ou não em pesquisas marítimas também desapareceram antes de que os norte-americanos evacuassem as Filipinas. Nesse ínterim, perderam êles um destróier e, **com isso, a paciência**.

★

A ingênua explicação de que a pouca profundidade das águas de Bikini não permitiria uma série de experiências atômicas e que, por isso, o local dos testes seria transferido para uma mil milhas para o oeste, talvez tenha "distraído" uma parte do público, mas nos meios jornalísticos e

radiofônicos o assunto provocou renhida discussão.

Phyllis e eu estávamos agora bem contentes. O assunto que tanto nos empolgara, voltava à berlinda! Tomamos um avião e, alguns dias depois, fazíamos parte da expedição de alguns navios que se situaram em posição estratégica no ponto em que naufragara o "Keweenaw", próximo às Marianas.

Assim, realmente, foi feito, e a todos nós foi permitido ver a aparelhagem que poderia suportar a pressão das águas até à profundidade de cinco milhas, se necessário!

Tratava-se de uma espécie de jangada ou balsa servindo de base a uma cúpula metálica semi-esférica contendo uma bomba, sendo-nos esclarecido que aquilo era a mais vulgar forma de bombas atômicas, mas com aquela couraça metálica, a fim de resistir a grande pressão.

Aos primeiros sinais do amanhecer do teste, um rebocador puxou a jangada, levando-a para além da linha do horizonte. Desde então passamos a observar, por meio de câmaras de televisão, montadas em barcos especiais. Por êste meio vimos o rebocador impelir a jangada a tôda velocidade, colocando-a exatamente no local em que afundara o "Keweenaw". Seguiu-se uma pausa de cêrca de três horas, com a jangada imóvel no mostrador da televisão. Então soou uma voz por meio dos alto-falantes:

— Três... dois... um.. Agora!

A essa última palavra, subiu aos ares um foguete, deixando a jangada num rastro de fumaça vermelha.

E a mesma voz do alto-falante:

— Largar a bomba!

Ansiosamente esperamos.

Vimos, então, surpreendente espetáculo. Sùbitamente, a plácida superfície do oceano arrojou das profundezas das águas enorme borbulho branco, irrompendo em convulsões, a ferver, a uma considerável altura. Grande trepidação passou pelo nosso navio. Já uma nuvem estava acima do nosso horizonte; à proporção que se alargava, subia ainda mais tomando formas estranhas, grotescas e monstruosas na invasão do céu. Sòmente, então, foi que chegou aos nossos ouvidos o surdo estrondo da explosão tremenda.

Naquela noite, Phyllis e eu tomamos parte num jantar em companhia de Mallarby, do **Tiddings**, e de Bennell, do **Senate**. Foi Bennell quem falou a respeito de Bocker. O nome de Alastair Bocker não era, sem dúvida, inteiramente desconhecido de nós. Tratava-se de eminente geógrafo, cuja assinatura, como de uso, era seguida de várias iniciais. Contudo as informações que nos deram a seu respeito eram realmente novas. Dentre elas, a seguinte:

Havia um ano, mais ou menos, tinha Bocker apresentado ao Almirantado, em Londres, um memorando.

Nesse documento sustentava êle que a fusão, por eletricidade, de cabos de certos navios, devia ser encarada como **"evidência incontestável de inteligência atuante em certas partes profundas do oceano"**! Nação nenhuma seria capaz de construir mecanismos que operassem em tais profundezas, nem qualquer uma estaria com o propósito de fazer tal coisa. Desta maneira essa **inteligência**, estranha ao nosso mundo, deveria vir **de outra parte**. Além disso, essa **coisa** estaria protegida em algum corpo que a tornava capaz de suportar pressão de duas toneladas por polegada quadrada, ou mesmo o dôbro disso!

E em que parte da Terra poderia um corpo desenvolver-se sob tal pressão?

Claro que em parte nenhuma.

O que fôsse, deveria ter-se desenvolvido em algum grande planêta onde a pressão

★

— Será que vai sobrar algum para mim?

é normalmente muito pesada. Se tal se desse, realmente, como **atravessaram o** espaço e chegaram até aqui?

Chamou então Bocker a atenção para as **bolas de fogo**, que, em alguns anos passados tanta celeuma provocaram e que foram vistas em certos lugares. Não tinham sido vistas a descer senão no mar, **nos locais de maior profundidade**. Além disso, algumas delas, quando atingidas por projéteis, explodiram com tal violência, que faz supor tenham retido até então o mais elevado grau de pressão.

Em face de tudo isto, Bocker deduziu que estávamos sob o desenrolar de planos forjados por espécies interplanetárias, com o propósito de invadir a Terra. Se lhe fôsse perguntado de onde poderiam provir êsses agentes, êle apontaria Júpiter como sendo o planêta onde as condições de pressão mais poderiam isso permitir. E advogou, sinceramente, a mais simpática aproximação com os novos inquilinos das profundezas dos nossos mares, **para que viéssemos a permutar com êles conhecimentos científicos,** usando-se o têrmo no seu mais humano sentido.

O ponto de vista expressado pelo eminente geógrafo, não foi registrado pùblicamente. Sabe-se, contudo, que Bocker forneceu o memorando ao editor de "The Didings", como uma especial consideração; mas o jornalista declarou:

— Nosso jornal vem mantendo sua existência por mais de um século, sem publicar uma só **história em quadrinhos**; e eu não vejo nenhuma razão para quebrar essa tradição, agora!

Subseqüentemente, apareceu o memorando na secretaria de dois outros editôres; mas logo deixou de circular, ficando conhecido apenas "por ouvir dizer" e dentro de pequeno círculo.

Consideramos longamente o assunto. Se a teoria de Bocker fôsse verdadeira ou não, de qualquer jeito perderia sua finalidade. Aquela bomba poderosa que tínhamos feito explodir, de modo nenhum poderia ser tomada como "mensagem de amizade e simpatia" ou como "base de aproximação" que êle agora advogava.

Phyllis disse:

— Será, realmente, tarde? Só mandamos uma bomba! Se não fizemos explodir mais alguma poderiam êles considerar o caso como um desastre, um acidente, uma erupção, ou coisa semelhante.

Mallarby moveu a cabeça:

— Foi apenas uma, de fato... e queira Deus não tenha sido muito tarde. Já pensaram vocês como poderíamos tolerar uma inteligência rival a mandar aqui na Terra, não importa em que lugar? É que não podemos tolerar e, em certos pontos de vista, até mesmo gente de nossa própria espécie!

E com decisão, meneando a cabeça:

— Não; não. Que essa idéia de fraternização de Bocker não venha á tornar-se em sarna para nos coçarmos!

★

Se alguma **chance** pudéssemos ter, dar-se-ia ela quando de nosso regresso à Inglaterra. A Marinha Real, como deferência ao seu povo, também fêz explodir uma bomba nos arcanos do mar. O espetáculo foi notável, não há dúvida; mas o único resultado obtido foi que as praias das Ilhas Sandwich, do Sul, foram invadidas, literalmente, por peixes mortos e a morrer, durante semanas e semanas, com insuportável fétido, que chegava às nuvens.

Outras bombas subseqüentes foram lançadas. Uma delas em **Cocos-Keeling Basin**, e uma outra em **Prince Edward Deep**.

Mas sem nenhum resultado.

Phyllis pensou em convidar o capitão Winters para jantar. Era preciso descobrir um meio de fazer o Almirantado dizer algo. E eu expedi um rádio, por minha conta e urgente. Obtivemos, então, cautelosas notícias da parte de Winters.

— Duas das bombas que foram arremessadas, não explodiram. Isso causou aflição, Como sabemos, o meio de fazê-las funcionar é por pressão a uma determinada profundidade, tudo simples, mas com precisão absoluta!

— E se nunca chegasse ao ponto necessário da zona de pressão? Não seria preciso fazê-la subir ou colhê-la em algum lugar, no trajeto de seu caminho submarino? — indaguei.

Phyllis fêz sinal afirmativo com a cabeça, prosseguindo:

— Sòmente isto corresponde a muita preocupação. Porém, o que atormenta ainda mais é haver-se desgarrado uma aparelhagem secundária independente, e que trabalha com relógio de tempo, justamente para casos dêsses, quando a bomba pode ter acostado a uma montanha submarina ou a qualquer outro ponto do fundo do mar.

— E daí? — perguntei, enquanto lia ela os informes.

— Três navios de reparos em cabos submarinos desapareceram inexplicàvelmente. Um dêles, segundo mensagem pelo rádio, foi cortado ao meio. Não houve sobreviventes.

— E que mais? — insisti, nervosamente.

Então, minha mulher encerrou a palestra com esta novidade:

— Isto me facultou uma apresentação para o dr. Matet, o oceanógrafo.

★

Alguns dias depois, Phyllis foi falar com o famoso oceanógrafo. Era um homem de alta estatura, farta cabeleira já grisalha a cair-lhe sôbre a fronte morena e em tufos sôbre as orelhas, dando-lhe aspecto ainda mais acentuado de fortaleza física.

Seus olhos brilhantes dominavam vam o nariz pronunciadamente romano. E como se tôda essa compleição robusta lhe pesasse, era êle um tanto curvado.

Depois de tornar claro que "as informações que podia fornecer 'eram originárias de material de pouco volume", foi diretamente ao assunto.

Havia já um ano começaram os cientistas a notar colaboração anormal em certas correntes marítimas. A primeira vez que notaram isso foi nas águas do Kur Siwo, no norte do Pacífico, numa desusada turbação correndo para o nordeste, tornando-se menos discernível ao ampliar-se, gradualmente, ao longo de corrente de vento do oeste, até ficar imperceptível a vista menos penetrante.

— A que o senhor atribui essa estranha coloração?

— Principalmente à "emanação radiolariana", mas com apreciável percentagem de "emanação diatomácea".

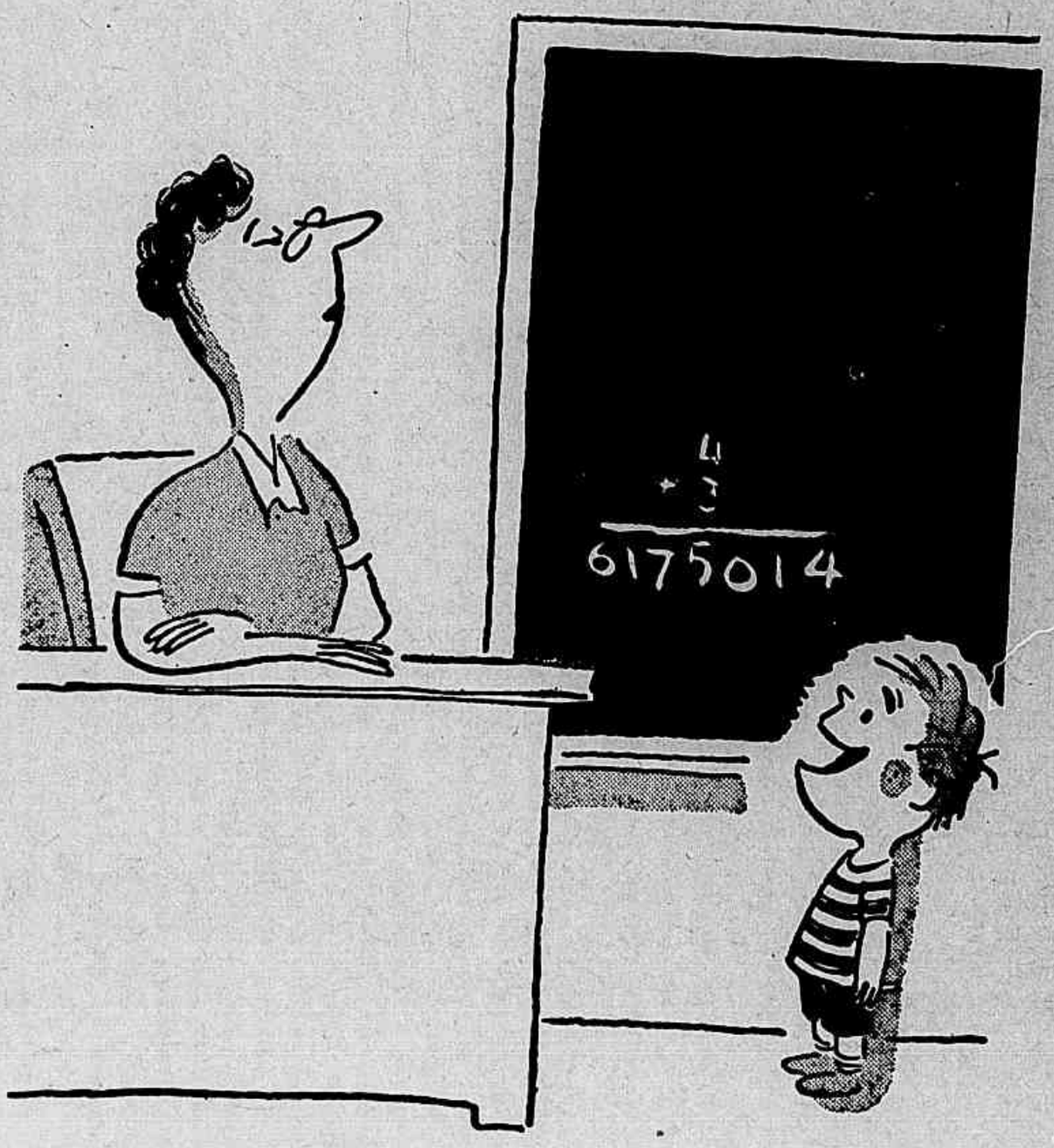
a — Sensacional! — disse Phyllis, impressionada. — Mas... Que poderia produzir tal alteração na côr das águas do mar?

— Ah! — exclamou o dr. Matet, sorrindo. — Aí é que está a questão! Uma perturbação dessa natureza e em tão notável escala, mesmo em amostras colhidas no outro lado do oceano, nas costas da Califórnia, por exemplo, ainda apresentava fortes doses daquelas duas emanações. Algumas mudanças de migração de peixes foram também observadas; mas, naturalmente, o mais interessante do caso, para nós, é saber **por que** isto aconteceu. Que teria sucedido para que houvesse um responsável com tamanha fôrça para mandar à superfície sedimentos de tão grandes profundidades e em tais quantidades?

Phyllis ouvia-o atentamente, enquanto êle supunha que o fenômeno se explicaria, talvez com a notícia, próxima, de grandes desmoronamentos submarinos causados por grandes terremotos. Essa, na sua opinião a possível razão.

Mas surgiram, ao largo das costas da Guatemala, inexplicáveis sedimentos do fundo do mar, bem como iguais manifestações do outro lado do istmo, na **Corrente do**

★



— Mas que ficou um número bonito, lá isso ficou, não é mesmo?

Mosquito. Uma outra composição terrosa das águas equatoriais do médio Atlântico também foi observada, e as mais recentes informações se referiam ao aparecimento de **emanações** na **Corrente Oeste Australiana**.

A essa altura, Phyllis perguntou:

— E êsses fenômenos já registrados, ainda estão sendo observados?

— Alguns ainda estão vindo à tona — respondeu êle, fitando a interlocutora. — Depois, com especial acento de sinceridade, prosseguiu:

— Para ser honesto responderei dizendo: **só Deus sabe o que significa tudo isto**!

Quando Phyllis terminou, eu disse, emocionado:

— Bocker precisa conhecer essas coisas! Vamos entrevistá-lo.

Assim o fizemos meia hora mais tarde e êle, de certo, já tinha seu ponto de vista sôbre o fato, pòrque foi logo dizendo:

— Bem, vocês conhecem perfeitamente a minha teoria sôbre a origem das **inteligências** que atuam na profundeza das águas. Vamos ligá-la à presente situação. Estão elas, essas **inteligências**, na condição atual de **pioneiros**, de **colonizadores**! Uma vez que chegaram a salvo, estão procurando firmar-se e trabalhar, explorando o novo mundo conquistado.

— Mas, firmar-se como?... E fazendo o quê? — perguntei.

Êle encolheu os ombros. E continuou:

— A julgar pela forma por que os recebemos, é evidente que estejam tratando de pôr-se em condições de se defenderem contra nossa hostilidade. Por isto é presumível que precisem de metais. Em alguma região das profundezas de Mindanao, bem como nos abismos submarinos do suleste da baía de **Cocos-Keeling**, vocês encontrariam, se lá pudessem chegar, explorações minerais em grande progresso, no momento...

— Mas, trabalhando em mineração de metais... em tais condições? — perguntei perplexo. — Isto é absurdo!

Êle, porém, sorriu e moveu a cabeça negativamente, antes de dizer:

— Como podemos imaginar a que grau de perfeição técnica chegaram essas **inteligências**? Nós mesmos possuimos grande quantidade de técnicos que podem fazer coisas julgadas impossíveis numa pressão atmosférica de quinze libras por polegada quadrada. Há uma infinidade de coisas que também nós podemos fazer sob a água!

— Mas, sob pressão de toneladas e, ainda mais, em permanente escuridão, e...

Um discreto puxão de Phyllis me fêz compreender que devia parar com as minhas dúvidas, e, obediente, não prossegui.

— Dr. Bocker — disse ela — o senhor citou duas particulares profundidades. Por que assim?

— Não sei se outras poderiam conter minas; mas, suponho, pela localização daquelas, que êles têm outro objetivo em mira. Comunicação, por exemplo, penso eu.

Estendeu-se o dr. Bocker em considerações sôbre orografia submarina, sua composição, os desfiladeiros e gargantas das grandes montanhas submersas do Atlântico e as flutuações de coloração estranha em certas áreas do mar, chegando à conclusão de que isso só poderia proceder de atividades conscientes no fundo do oceano, onde sêres desconhecidos estão aplicando, ali, nas profundidades marítimas, os processos de deslocação de rochas como nós o fazemos à superfície do solo.

Depois dessa digressão houve um longo silêncio. Coube a Phyllis quebrá-lo:

— E quanto aos outros dois principais pontos, nas Caraíbas e oeste da Guatemala?

O sábio nos ofereceu cigarros e acendeu o dêle.

— Bem, isto agora é perfeitamente explicável — disse, recostando-se cômodamente ao espaldar da cadeira. — Explicável... embora possa escandalizá-los. Assim como nós conseguimos unir os dois oceanos pelo Canal do Panamá, êles, os nossos misteriosos e ainda desconhecidos invasores, realizaram essa ligação submarinamente, unindo os abismos por meio de túneis.

Antes de nos retirarmos deu-nos êle outras razões para pensarmos sôbre o problema.

— Já que vocês estão acompanhando o assunto desde o comêço, já ouviram falar, provàvelmente, de duas bombas atômicas que falharam na explosão, não é verdade?

Respondemos-lhe afirmativamente.

(Continua no próximo número)

AGORA, JÁ FIZERAM

O PRIMEIRO AVIÃO ATÔMICO

NO mês de fevereiro último, poucos dias depois de haver o gigantesco submarino atômico "Nautilus", efetuado seu primeiro e sensacional mergulho em alto mar (várias dezenas de milhões de dólares arriscando-se a ficar para sempre no abismo submarino!), o gen. Nathan F. Twining, chefe do Estado-Maior do Exército do Ar dos Estados Unidos, anunciou ao mundo que a aviação norte-americana estava trabalhando febrilmente no sentido de construir um avião atômico, capaz de atingir qualquer ponto do Globo sem necessitar de reabastecimento.

Essa notícia causou, como era natural, a maior ansiedade nos meios técnicos e também na política internacional, forçando entrevistas e movimentando a reportagem.

Mas não era nenhuma fantasia do chefe do E. M. do Exército do Ar, nem muito menos uma **boutade** muito aceitável num momento de entusiasmo patriótico, quando o gigantesco submarino, o primeiro do seu tipo, testemunhava a eficiência dos engenheiros norte-americanos e reafirmava o poderio da Armada dos Estados Unidos. De fato, tal notícia recebeu de imediato várias confirmações oficiais e, mais recentemente, a do sr. Strauss, presidente da

• A uma velocidade de 1.250 KM/H, o avião atômico poderá atingir, sem escala, qualquer ponto

Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos.

No mês de maio último, o sr. John Jay Hopkins, presidente da "General Dynamics Corporation", foi mais além, não receiando afirmar que "os nossos contemporâneos que consigam viver alguns anos mais poderão viajar em aviões atômicos, que atravessarão o Atlântico em 30 minutos".

Essa declaração extraordinária emana de um dos homens mais autorizados do momento. A "General Dynamics Corporation" é, na realidade, a "irmã", no domínio aeronáutico, da "Electric Boat Company", construiu o "Nautilus". As duas associadas foram fundadas ao mesmo tempo, tão logo os técnicos entreviram a possibilidade de propulsar veículos ou engenhos utilizando a energia nuclear.

Era muito natural que se lembrassem, antes de tudo, de empregar a energia nova e todo-poderosa no submarino e no avião. Ao submarino, de fato, ela permitiria navegar quase indefinidamente mergulhado, pôsto que o combustível nuclear não consome ar ou oxigênio para engendrar calor, como o fazem os combustíveis ou carburantes clássicos. O avião poderá manter-se no ar durante tempo muito longo, sem necessitar de reabastecimento e assim asse-

do Globo. Sua fuselagem muito alongada destina-se a afastar a equipagem do reator nuclear.

gurar a vigilância de grandes extensões oceânicas, na caça aos submarinos ou o bombardeio intercontinental. Quanto ao domínio civil, poderá efetuar longuíssimos vôos a grande velocidade e sem escala, como, por exemplo, Londres — Cabo, New York — Pólo Sul ou Rio — Tóquio.

50 TONELADAS DE BLINDAGEM — O problema do avião atômico é, entretanto, muito mais difícil de resolver que o do submarino. Se o reator, nuclear consome apenas massas irrisórias de substância fissil, é, em compensação, muito pesado, em razão das capas com as quais tem que ser revestido, para deter as radiações mortais: os raios gama e neutrons. E o pêso é um inimigo muito mais temível no ar que sob a água. Cada quilograma de blindagem necessitará de um quilograma suplementar do avião para o carregar.

Os primeiros estudos conduziam, dessa forma, a aviões com tonelagem de 250 a 500 toneladas, no mínimo, e as estimativas não haviam, quase, mudado até meados do último ano. A partir de então, as incessantes pesquisas realizadas com a finalidade de tornar mais leves as couraças protetoras, permitiram reduzir a tonelagem mínima do avião atômico a uma cen-

tena de toneladas, na qual a blindagem entra com aproximadamente 50 toneladas!

A solução não se resume à adoção de materiais novos, mais opacos que o chumbo às radiações, mas no fracionamento dessas couraças judiciosamente dispostas em redor do reator. O princípio da couraça aliviada consiste em salientar que o avião e sua equipagem, não exigem (um e outra) o mesmo grau de proteção contra as radiações do reator. O avião deve ser protegido do calor e dos neutrons, mas pode suportar uma certa irradiação pelos raios gama. Ao contrário, a equipagem deve ser protegida, tanto quanto possível contra tôdas as radiações.

Um primeiro sistema de couraças cerca, portanto, o reator. É feita de chumbo, que detém os raios gama, e de água (ou de uma substância de hidrogênio) para deter os neutrons. Os passageiros ficam colocados o mais longe possível dessa primeira blindagem.

Assim, os neutrons são detidos por uma grande espessura de ar e a fração de radiação gama que atinge os passageiros diminui ràpidamente. Na proximidade dos passageiros, uma última couraça reduz as irradiações a uma intensidade não perigosa, embora não as anule completamente.

O projeto detalhado do avião atômico norte-americano é, evidentemente, um segrêdo. Mas diversos detalhes, assim como os conhecimentos científicos já adquiridos, permitem dar do mesmo uma idéia bastante aproximada. Por isso "Life" encarregou dois peritos, Lyle Berst, da Universidade de New York, especialista em questões nucleares, e Frederick Teichmann, da "Guggenheim School os Aeronautics", de figurar as grandes linhas possíveis do projeto. Do mesmo, data vênia, publicamos as partes mais interessantes.

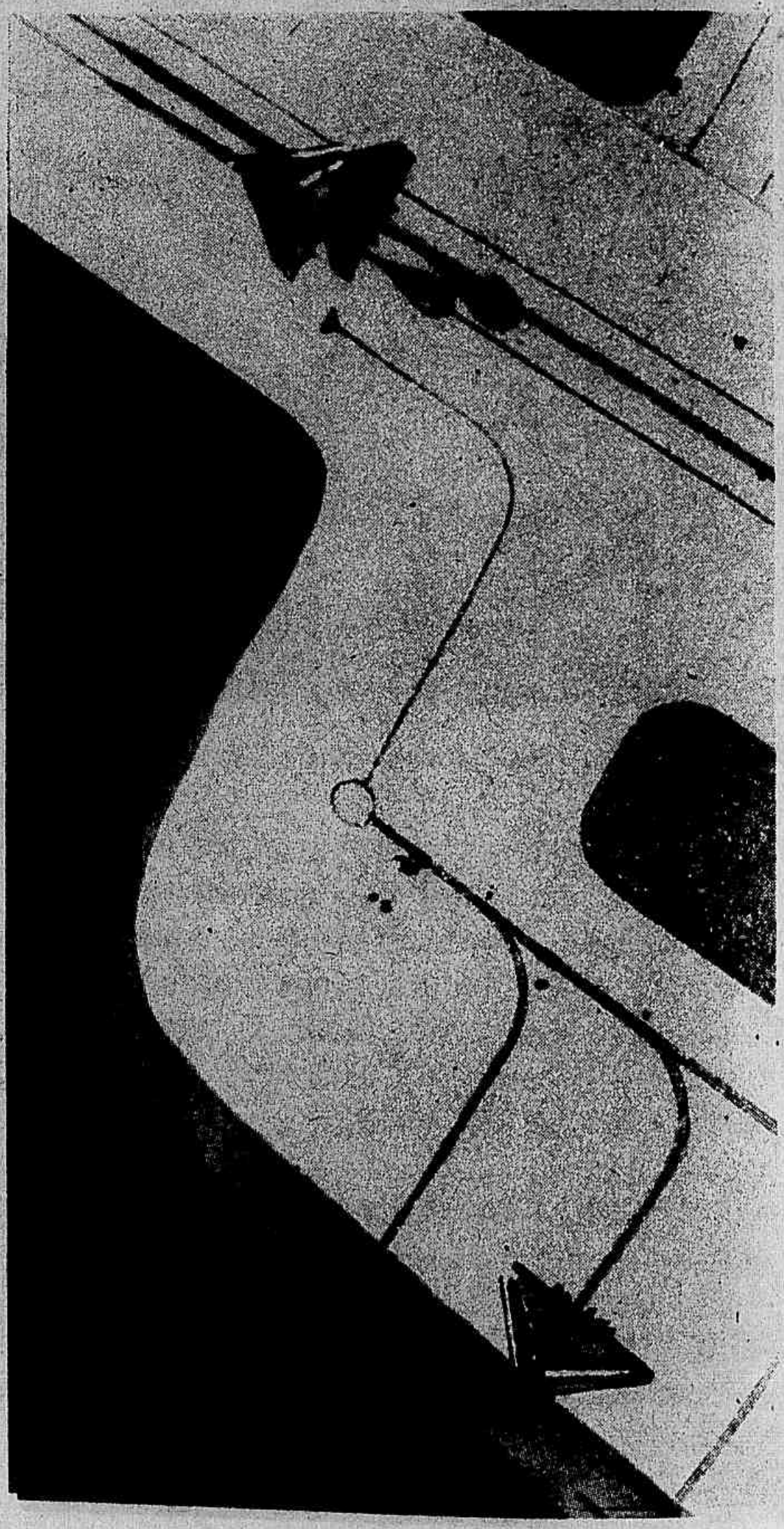
AQUECIMENTO DO AR POR METAL EM FUSÃO — O avião atômico tem uma fuselagem muito alongada (cêrca de trinta metros hão de separar o reator da cabine de pilotagem). Os três passageiros ficarão na parte da frente e o reator na ré. Há de ser, forçosamente, um aparelho a reação, pôsto que deverá ter performances muito elevadas. O calor fornecido pelo reator é passado a um transformador que fará o papel

O AVIÃO ATÔMICO

O "HANGAR" DO AVIÃO ATÔMICO

UM LABORATÓRIO ATÔMICO

Isolados sob uma espêsa camada de cimento, os hangares serão divididos em duas partes. A primeira metade permitirá o acesso da equipagem à parte anterior da fuselagem. Só com grandes precauções será possível penetrar na segunda, com os homens abrigados por escudos de chumbo. Mesmo assim, só depois que os reatores, extraídos do avião, tenham sido mergulhados num poço. Abaixo, um aparelho é representado no seu hangar. A entrada é repulsiva e uma fenda, que dá passagem ùnicamente à fuselagem, para eliminar os efeitos perigosos das radiações. Ao lado, como será feita a aterragem, a grande velocidade, sendo o avião freado por pára-quedas abertos na cauda. Vagões telecomandados levarão os aviões para o hangar subterrâneo.



1 — Couraça de cimento.
2 — Trilho elétrico.
3 — Imersão do reator.
4 — Câmara de Televisão.
5 — Câmara de ionização.
6 — Reator nuclear.
7 — Ligação para os turbo-reatores.
8 — Canalização para o metal líquido.
9 — Compartimento do Reator.
10 — Painel para fechar.
11 — Ponte rolante.
12 — Periscópio.
13 — Antena de televisão.
14 — Escotilha.
15 — Janela de vidro com chumbo e óleo.
16 — Instrumentos para medir a radiação.
17 — Sala de comando.
18 — Pôsto de contrôle por televisão.
19 — Proteção da equipagem.
20 — Túnel de acesso.
21 — Acionador dos turbo-reatores.
22 — Camionetes sôbre trilhos.
23 — Pôsto de observação blindado.
24 — Couraças móveis.
25 — Reator imerso.

OS MOTORES do avião atômico serão turbo-geradores (1 e 2) cuja câmara de combustão será substituída por um transformador de calor (3). O ar aspirado na frente será comprimido (compressor:4), depois aquecido a 650º ao contacto com o transformador. Distender-se-á, a seguir através da turbina (5) levando o compressor e será ejetado a grande velocidade por uma canalização (6). O reator nuclear (7), controlado por meio de cabos (8), absorvendo mais ou menos electrons, cederá seu calor a uma circulação de metal líquido, que o transportará ao transformador. Poderá ser acionado e cortado automàticamente e retirado do avião, a fim de ser recarregado. Em redor do reator, uma blindagem (9) opaca às radiações é constituída por camadas concêntricas de chumbo e de um produto hidrogenizado. Em (10) e (11), bomba e turbina a vapor, que asseguram a circulação do metal líquido entre o transformador e o reator nuclear.

de câmara de combustão de um reator clássico. Para efetuar essa transformação de calor, é possível prever a circulação do ar dos motores no reator nuclear, por meio de canalizações apropriadas. Mas êsse ar, submetido a um fluxo intenso de neutrons, tornar-se-á radioativo. Os autores preferiram recorrer a um modo de aquecimento indireto. Um líquido (metal em fusão) circula entre o reator e o transformador de calor, graças a uma bomba que funciona por intermédio de uma turbina a vapor. Para reduzir o comprimento das canalizações e a massa líquida servindo para o transporte do calor, os motores foram agrupados o mais perto possível do reator nuclear.

Este, situado na fuselagem, entre os dois turbo-reatores, é cercado de uma couraça muito espêssa, formada de sucessivas camadas concêntricas de chumbo e de água.

A maior massa do aparelho está concentrada na ré; é nela, portanto, que serão inseridas as asas. Sua forma em delta convém perfeitamente a êsse tipo de aparelho, com fuselagem desmesuradamente estendida para a frente, como o pescoço de um pato selvagem.

A asa é de uma superfície muito fraca para o pêso que transporta e o aparelho pesa tanto na decolagem quanto na aterrissagem. Será preciso, pois, reforçar o trem de pouso e alongar as pistas de vôo. Por essa razão, certos engenheiros pensam realizar, primeiro, um hidro-avião, que poderia (outra vantagem) fazer suas experiências acima das vastas extensões de água desertas.

A EQUIPAGEM REALIZARIA UMA Só MISSÃO — Resta, evidentemente, indicar a noção de dose não perigosa das radiações, por-

(Continua no fim da revista)

O MODERNO SVENGALI

(EPISÓDIO REAL)

SE o estranho talento de Bjoern Nielsen tivesse sido revelado mais cedo, certamente todos os grandes mestres da trapaça teriam sentido inveja. Pois Nielsen desenvolveu um método de ação que se aproximava do fantástico. Podia arquitetar um crime, marcar a data para a sua execução, e aguardar o resultado sentado — sem correr qualquer risco pessoal. Que mais poderia querer semelhante **Mestre do Crime**?... No devido tempo teve êle a resposta...

Foi no mês de junho de 1954, que um tal Palle Hardrup foi levado à barra do tribunal, em Copenhague, na Dinamarca, sob a acusação de haver assassinado dois guardas de um banco, durante uma tentativa de assalto. A defesa de Hardrup, do ponto de vista legal, foi péssima.

— Sim, cometi o crime — admitiu êle prontamente. — Porém, não sou culpado!

Tão contraditória confissão requeria maiores explanações. E Hardrup, calmamente, prontificou-se a dá-las, fato que só veio aumentar a confusão.

— Foi uma voz do outro mundo — explicou êle. — O meu **espírito protetor** foi que me levou a cometer tal ação. Fui inteiramente dominado e impelido a agir segundo a vontade dêle.

Mesmo para os melancólicos dinamarqueses, que são geralmente os mais versados em histórias de fantasmas, desde as famosas tradições do Hamlet e das medonhas aparições no antigo castelo de Elsinore, essa alegação não podia ser aceita sem dificuldade. Os crimes espectrais da antiga literatura eram uma coisa — e trazer essas mesmas sobrenaturais atividades ectoplásmicas para um tribunal moderno, em pleno ano de 1954, era outra, muito diversa. É mesmo possível que em qualquer outro tribunal de qualquer outra cidade do mundo, a fantástica defesa de Hardrup tivesse sido tomada como uma débil tentativa para alterar a decisão dos jurados.

Aconteceu que o juiz Holm, presidente do júri, não viu naquilo mais que um fato curioso, mas de rotina em meio a tantos outros casos estranhos.

E havia mesmo uma infinidade de fatos contraditórios acêrca da personalidade de Hardrup. Era homem esguio, tinha voz suave e maneiras afáveis. Mas, de acôrdo com os registros oficiais, Hardrup havia

realizado uma perigosa fuga da prisão, alguns anos atrás, quando cumpria uma sentença pelo crime de colaboracionismo com as tropas nazistas de ocupação. Em 1950, tinha assaltado um banco, sózinho, conseguindo roubar 7.000 dólares. E em março de 1954, havia tentado — também sòzinho — um outro espetacular assalto. Nesta última aventura não tivera sorte, acabando por matar os dois guardas do banco.

Os que tiveram a oportunidade de presenciar ambos os seus feitos observaram a sua calma absoluta, o seu sangue-frio e perfeito equilíbrio nervoso. Entretanto, outros, que diziam conhecê-lo desde muito tempo, asseveravam que êle ficava perturbado e amedrontado ao perpretar seus crimes.

Segundo êsses observadores, Hardrup era hesitante e tímido, totalmente despido de fibra e de coragem.

Qual seria, pois, a devida resposta para a decifração dessa personalidade que muito se assemelhava à de Jekill e Hyde (O Médico e o Monstro)?

De acôrdo com Hardrup tudo era muito simples.

— "Quando o meu **espírito protetor** fala comigo fico sendo outro homem!" — confessou.

— E quando é que êsse espírito conversa com você? — perguntou o promotor.

Hardrup respondeu que o espírito só lhe falava eventualmente. Entrava **em contacto** com êle através de um amigo, o **medium** Bjoern Nielsen.

Nielsen, segundo explicou o acusado, "vivia em constante ligação com o espírito-protetor de Hardrup". E foi através dessa estreita aproximação que o espírito lhe ordenara que assaltasse o banco e de lá retirasse dinheiro... para Nielsen!

Hardrup concluiu dizendo que se achava muito feliz por haver obedecido às ordens do seu mentor.

Logo as autoridades começaram a fazer investigações a respeito do citado Bjoern Nielsen. E não levaram muito tempo para descobrir que também Nielsen havia sido prêso por colaboração com os nazistas — **na mesma época e na mesma prisão que Hardrup**.

Depois, chegaram à conclusão de que Nielsen sempre estivera treinando para tornar-se um hipnotizador. Durante o seu período de prisão, com Hardrup, interessara-se pelo hipnotismo, utilizando o amigo como seu **paciente**. Finalmente, **entrara em contacto** com o "espírito protetor" de Hardrup, **o espírito cuja voz** — falando através de Nielsen — **transformava Hardrup numa outra personalidade!**

Nielsen foi levado ao tribunal. Sua aparência física era exatamente o oposto da de Hardrup. Bem estruturado, ombos amplos, olhos profundos e penetrantes. Começou negando incisivamente as acusações de Hardrup, admitindo apenas que ambos haviam mantido, por certo tempo, **algum interêsse pelo hipnotismo**...

Muito antes de Hardrup ser sentenciado por homicídio e arrombamento, a côrte mandou que se procedesse a um minucioso estudo a respeito do processo hipnótico e da amplitude de ação da sugestão post-hipnótica como capaz de dirigir as atividades de uma pessoa fàcilmente impressionável. Nielsen, acusado pelo crime que Hardrup admitia ter sido praticado por suas próprias mãos, mas sem dolo ou vontade consciente, baseou sua defesa no hipnotismo. E insistiu na sua afirmação de que Hardrup podia muito bem ter praticado o crime sob influência hipnótica, como resultado de haver sido o mesmo hipnotizado muitas vêzes pelos psiquiatras da polícia.

Então surgiu o paradoxo final no julgamento que por muito tempo estêve suspenso, à espera de melhores provas, de **fatos concretos**. O promotor concentrou tôdas as suas energias no sentido de apoiar a defesa de Hardrup, argumentando que êste não passara de **um mero instrumento nas mãos criminosas de um hipnotizador**, e deteve-se por muito tempo no seu empenho de provar a capacidade diabólica de Nielsen, a quem chamou de "O Moderno Svengali".

O júri, composto de doze sóbrios dinamarqueses, ouviu com profunda atenção ao extraordinário e quase sobrenatural testemunho.

Mais tarde, êsse mesmo júri exprimiu o seu veredito, que veio abrir um precedente na história da criminalidade.

Palle Hardrup, o homem que sem dúvida cometeu os crimes que lhe eram imputados, foi enviado para um hospital de psicopatas, a fim de submeter-se a um adequado tratamento.

Bjoern Nielsen, o **espírito superior**, que desenvolveu um comprovado método para a pràtica de crimes de caráter lucrativo, foi declarado culpado de incitar Hardrup ao roubo e ao homicídio "mediante a utilização da hipnose e de outros meios ilícitos", e por isso sofreu a pena máxima que a lei dinamarquesa permite — prisão pelo resto da vida.

Esta condenação proporcionou a Nielsen — o Svengali do século vinte — um grande lapso de tempo para mais ainda aperfeiçoar sua arte demoníaca, utilizando os guardas da prisão como cobaias.

★ ★

TUDO SE EXPLICA

O SAL É REALMENTE NECESSARIO À NOSSA ALIMENTAÇÃO? — Para conservar a vida, os fluidos do corpo devem conter aproximadamente um por cento de sal. E para manter esta porcentagem é preciso colocar sal na maioria dos regimes alimentícios, porque, diàriamente, eliminamos boa parte dêle através da urina e da transpiração; o sal que se encontra em estado natural na nossa alimentação, não é suficiente para compensar essa perda. Alguns experimentadores britânicos que passaram onze dias sem ingerir sal, sentiram esgotamento, palpitações, perda da capacidade gustativa e até do conhecimento. Certos beduínos do sul da Arábia não põem sal na sua alimentação. É que se alimentam de leite e carne assada, que contêm sais naturais. Mas aquêles que se alimentam de cereais, vegetais e carne cozida, necessitam irremediàvelmente do sal.

POR QUE AS RAÇAS BRANCAS SÃO CHAMADA "CAUCASICAS"? — Êste têrmo foi usado pela primeira vez **com êste sentido** em 1795, por Johann Friedrich Blumenbach, o fundador da moderna antropologia. Dividiu êle as espécies humanas em cinco tipos principais, e deu-lhes as seguintes denominações: caucásico (branco);); mongólico (amarelo; etíope (negro); americano (pele vermelha); e malaio (azeitonado). O emprêgo do têrmo caucásico não se fundamentou na idéia de que a raça branca proveio do Cáucaso, mas pelo fato de ter sido na Geórgia que foi encontrado o crânio que o aludido cientista considerava como sendo **o crânio típico do "homem branco"**.

QUAIS AS CAUSAS QUE DETERMINAM O APARECIMENTO DOS "GEISERS"? — As fontes de água quente são comuns nas regiões vulcânicas, e transformam-se em "geisers" **quando o calor das rochas que ficam debaixo das mesmas é suficiente para converter a acumulação subterrânea da água em vapor.**

Isto requer uma temperatura muito mais elevada do que o ponto de ebulição na superfície; isto por que a pressão da água mais fria, nas camadas superiores, vai de encontro à pressão do vapor.

Quando tal temperatura é atingida, parte da água subterrânea se converte repentinamente em vapor, e a sua expansão projeta a água que se encontra por cima. A redução da pressão dessa água permite que se forme mais vapor. Então, gradualmente, chega mais água fria, a erupção diminui, e todo o ciclo recomeça.

A NAVEGAÇÃO COMERCIAL BRASILEIRA

PARA os 7.500 quilômetros da costa brasileira, há trezentos e cinqüenta navios de cabotagem, de tipos diversos pertencentes a cento e quinze entidades diferentes. Dos trezentos e cinqüenta, cento e sessenta e cinco navios têm mais de vinte anos, idade limite para o tráfego econômico; noventa navios ainda queimam carvão. O Lóide Brasileiro, a Companhia Nacional de Navegação Costeira e a Companhia Comércio e Navegação têm mais de quarenta e três anos de serviço. Há dez anos que não se incorpora uma unidade nova à nossa frota de cabotagem.

O Brasil precisa, com urgência, para sua cabotagem, de trinta e três navios: doze tipo "Rio"; quatorze de 4.200 toneladas; quatro de 200 toneladas e três de passageiros com capacidade, cada um, de transportar 500 passageiros, pelo preço total de 42.000.000 de dólares. A arrecadação total relativa ao transporte costeiro atinge a um bilhão de cruzeiros por ano para um movimento por ordem de quatro e meio milhões d etoneladas, do que resulta um custo unitário médio de vinte cenavos por quilograma.

— Oba! Encontrei um "Manual do Perfeito Prestidigitador", com o qual poderemos ter peixes, coelhos e tudo quanto fôr gostoso de comer!

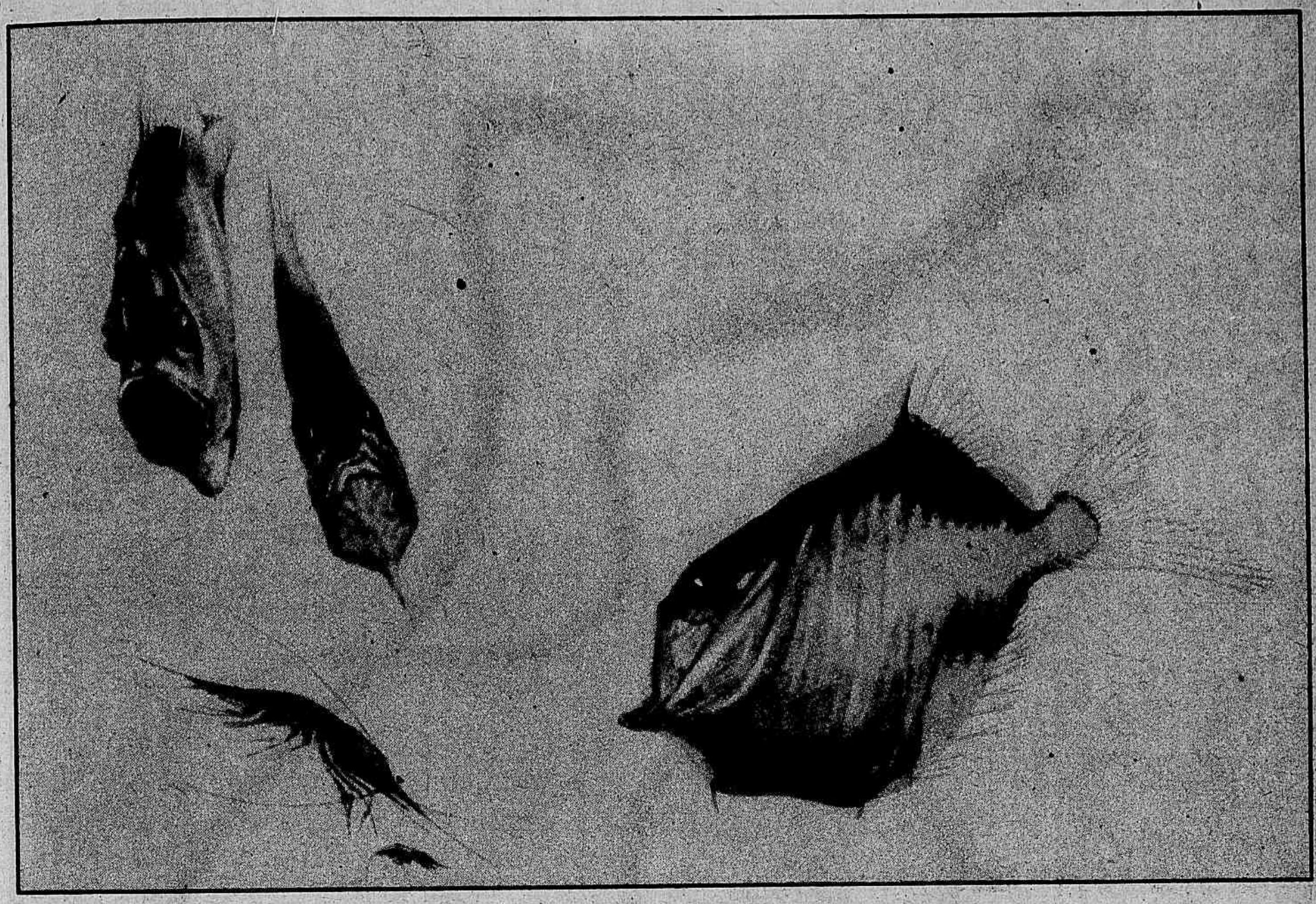
Comércio e Navegação transportam mais da metade das cargas. Mas, da frota do Lóide, setenta por cento dos barcos têm mais de 30 anos e trinta por cento mais de quarenta. O Lóide Brasileiro tem doze cargueiros modernos, tipo "Rio", e quatro da classe "Canadense", que são modernos.

Os navios da Costeira, excetuados seis, têm mais de trinta e oito anos e os da

O município de Itabira, no Estado de Minas Gerais, é o maior produtor isolado de divisas em todo o Brasil. De 1942 a 1947 foram exportadas 7.700.000 toneladas extraídas de duas minas, tendo produzido 2.000 milhões de cruzeiros. Para cada tonelada de minério exportado, o município recebe 28 centavos. Contudo, essa localidade tem apresentado contínuos progressos. Sua estação ferroviária é a terceira do Brasil quanto à arrecadação.

O nutricionista brasileiro Silva Melo chegou a uma conclusão um tanto paradoxal neste mundo que pretende trilhar os caminhos da experimentação científica, especialmente no que se refere à alimentação. "Que ciência é essa — diz Silva Melo — quando, com os alimentos que nos recomenda, conseguimos arruinar completamente nosso organismo, a ponto de não mais serem encontradas dentaduras perfeitas nos habitantes dos países civilizados?"

EM Goiás foi inaugurada a usina elétrica de Rochedo, com um gerador de 5.000 kw da General Electric, com o qual se resolve um dos problemas fundamentais do Estado.



UM DIAFANO PEIXE "MACHADINHA" COM SUAS CRIAS — Robustos e bem formados, êsses peixes (Sternoptyx diaphana), tirou o seu nome do fato de parte do seu corpo ser tão fina que os ossos podem ser vistos e porque suas crias têm o aspecto da lâmina de um machado.

ESTRANHAS FORMAS DE VIDA

OS PEIXES DAS GRANDES PROFUNDIDADES OCEANICAS

É possível descrever em linguagem simples os maiores mistérios e os mais encantadores lugares ou os fatos mais surpreendentes, essa facilidade de narração desaparece quando se trata de relatar o que existe nos abismos oceânicos e na profundeza dos mares.

E depois de tudo haver narrado relativamente a êsse mundo onde é proibida a vida humana, o que se tenha dito há de ser muito pouco, dado que só recentemente os cientistas começaram a sondar realmente o grande fundo oceânico com instrumentos mais precisos.

E para que se tenha uma idéia melhor dessas dificuldades de explorar o fundo oceânico, diremos que o navio que navega sôbre a superfície do oceano está na mesma situação do habitante de outro planêta voando em alguma estranha máquina a umas duas milhas acima de nossas cidades, mas tendo entre êles e nós uma sólida barreira de neblina espêssa. E devemos salientar que se dessa máquina de outro planêta lançassem um cabo tendo na extremidade um aparelho captador, o que apanhasse, em material diverso, duas milhas abaixo, não serviria para esclarecer o visitante interplanetário a respeito da nossa vida humana e dos nossos hábitos — exatamente como aquilo que hoje colhemos em suas rêdes especiais bem pouco nos revelam do real pléxus de vida no fundo dos abismos oceânicos.

EXPLORANDO DE 500 A 1.500 METROS ABAIXO DO NíVEL DO MAR — Na verdade não há outro trabalho científico

UM QUINTETO DE SERPENTES-DRAGÕES — Idiacanthus fasciola é o seu nome mais próprio, embora menos descritivo. Durante seu desenvolvimento a sua iluminação vai passando da cabeça para a cauda. Os jovens espécimes têm enorme cabeça luminosa, enquanto os adultos são possuidores de luz apenas na cauda.

que dependa mais da sorte do que êsse que se volta para a captura de peixes das grandes profundidades.

Embora os trabalhos oceanográficos já somem sessenta anos de ininterruptos esforços, desde a clássica expedição do "Challenger", sòmente minúsculos animais puderam ser apanhados. Os peixes dos grandes abismos verdadeiramente de grandes proporções foram, todos, encontrados mortos, quando flutuando na superfície. Para os demais, apenas as formas menores e podendo nadar com pouca velocidade puderam ser capturadas pelas rêdes lançadas nas grandes profundidades e que elas próprias só podem ser arrastadas vagarosamente não ultrapassando uma velocidade de dois nós.

O dr. William Beebe, oceanógrafo dos mais notáveis e ao qual devemos os maiores progressos nesse campo de ciência e pesquisa, após o seu famoso cruzeiro no "Arcturus", que rendeu novos e preciosos

elementos para os laboratórios, começou a planejar um método mais econômico para os trabalhos de oceanografia e certo dia alugou um rebocador no cais de New York, viajou tôda a noite e ao amanhecer estava na garganta do Hudson, com quase dois quilômetros de água sob o casco da embarcação. A seguir, deitou um cabo de 1.600 metros de comprimento, prendendo nêle seis grandes rêdes captadoras em forma de cones, espalhadas de 800 até 1.600 metros, tratando de rebocá-las pela extensão de 5 milhas. Conseguiu pescar boa quantidade de animais, porém a maioria escapuliu, quando as rêdes foram içadas.

PEIXES DRAGÕES, COM DENTES DE SABRE, ATACANDO A PRESA — Êsse peixe luminoso (Chauliodus sloanei) estão bem preparados para a vida, com dentes longos como sabres, excelentes olhos, luzes brilhantes e variadas, natatórias robustas e como agulhas e bom comprimento. Se medissem 3 metros e meio em vez de 35 centímetros, seriam verdadeiros dragões.

Tratou, então, de repetir a operação ao largo da Bermuda, onde a ilha de Nonsuch oferecia uma excelente rampa submarina, que facilitaria o arrastão, apesar da grande quantidade de sargaços ali existente. Recolhidas as rêdes, muitas das criaturas apanhadas (peixes e crustáceos) continuavam

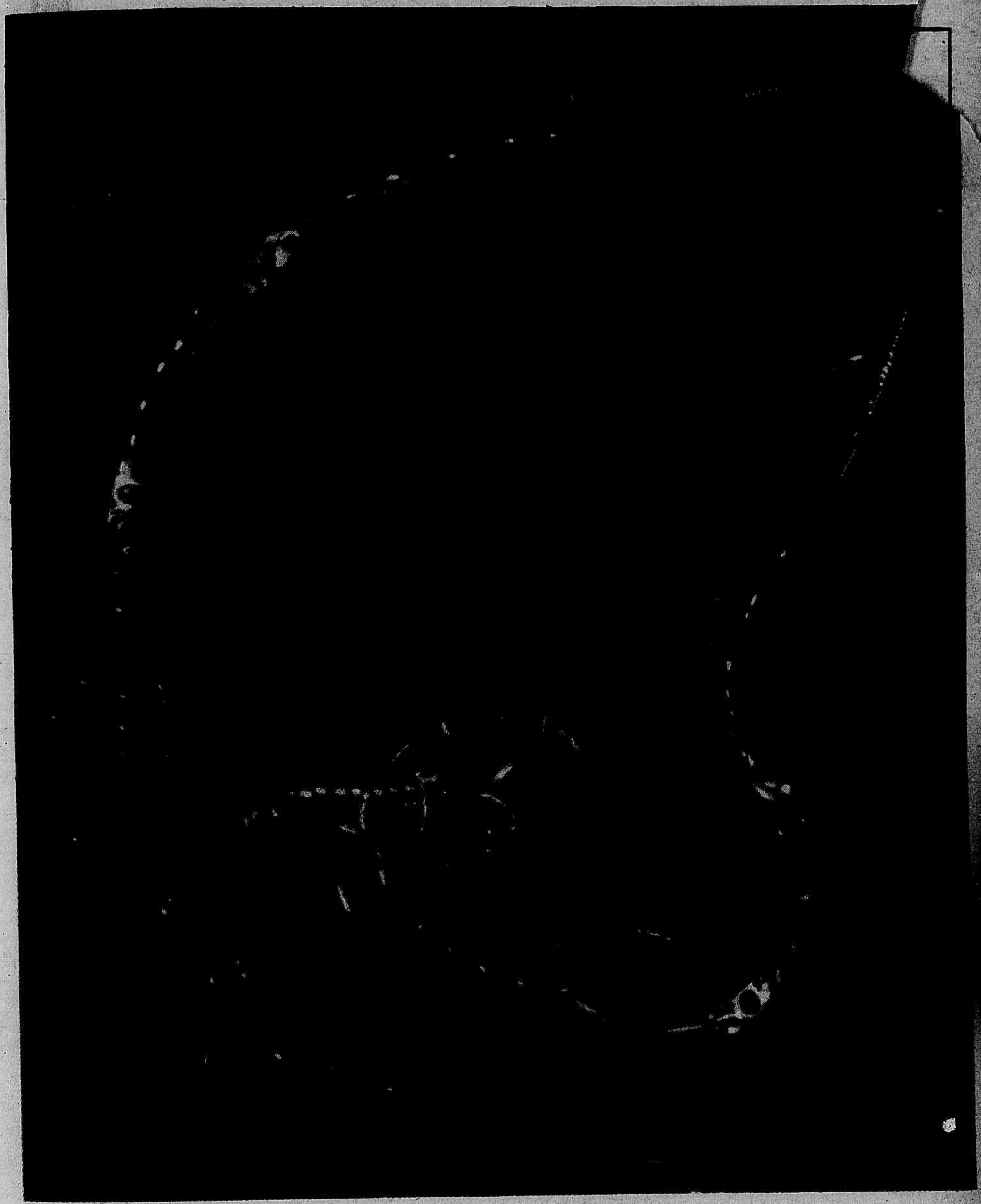
VERDADEIRAS LANTERNAS MULTICORES — Êstes peixes abissais (Diaphus Macrophus) comem pequeninos camarões, que são atraídos por seus numerosos faroletes laterais e multicoloridos. Andam em grupos numerosíssimos e atacam todos os demais peixes.

— surpreendentemente — vivas, sendo imediatamente imergidas em água gelada, a que estavam habituadas em seu "habitat" abissal. E, sem perda de tempo, trabalhando

noite a dentro, os cientistas começaram a estudar e a procurar compreender os corpos e fantásticos apêndices e estranhos órgãos sensoriais, a fim de estabelecer relações entre os exemplares dêsse novo e estranho mundo.

É extremamente difícil representar as condições ambientes a cêrca de dois mil quilômetros da superfície. A escuridão é ali tão intensa e absoluta que comparada com a nossa noite mais negra, em plena meia-noite, que é a hora mais escura da terra, esta tem ainda muita claridade. E não podemos chamar essa escuridão de noite, porque durante mais de mil milhões de anos, desde que começaram a existir oceanos, ali jamais houve qualquer precedente ou sucessivo dia. Os habitantes atingiram, todos, essa incrível região por um dêstes dois meios: acompanhando a descida lenta do solo de continentes ou ilhas, seguindo-os pouco a pouco na inexorável queda para os fundos imensos, acostumando-se pouco a pouco com o gradual aumento de pressão, de escuridão e de

OS BELOS DRAGÕES DE PELE VERDE LUMINOSA — Êsse belo espécime dos grandes fundos (lamprotoxus flagellibarba) tem um pontilhado de luz dourada em cada flanco e sua barbelha alcança comprimento quatro vêzes superior ao do próprio peixe.



OS MEDONHOS "LAÇOS DA MORTE" DA LULA ABISSAL — Essas lulas dos negros abismos submarinos, aproximam-se das suas vítimas, como coisa inerte e, repentinamente, lançam seus tentáculos irresistíveis, que as imobilizam, antes de arrastá-las para a bôca sugadora.

frio ou simplesmente foram mergulhados, vagarosamente, palmo a palmo, desde a superfície, através do mar que lhes ficava aberto por baixo. E se compararmos um peixe da superfície ou de um aquário com outro, apanhado a quase dois mil metros de profundidade não distinguiremos qualquer adaptação visível à baixíssima temperatura, porque o peixe é animal de sangue frio e seu corpo assume com facilidade a

peratura do meio ambiente. Também unde pressão não exige grandes modifi- es visíveis de forma ou de tecido.

BRILHANTES PARENTES DOS QUE NADAM À SUPERFÍCIE — Camarões e lagostins, belamente coloridos, enfeitam com sua luminosidade multicor a eterna noite dos grandes fundos submarinos. Comem, criam, lutam... mas principalmente são comidos.

PEIXES QUE CARREGAM LANTERNAS E FAROLETES — A escuridão, no entanto, realizou verdadeiras mágicas e a êsse respeito as criaturas que vivem nessas profundidades tiveram que escolher entre dois recursos para vencer as eternas trevas: ser um supersensitivo e desenvolver longos tentáculos, cujos capilares formados de material da maior sensibilidade acusa todos os obstáculos por meio de ondas semelhantes às do radar.

Para êstes os olhos se reduziram, o nervo ótico se reduziu a quase nada, havendo casos em que os olhos foram tragados pelos tecidos, ficando totalmente cobertos pela pele. Também poderão transformar-se em "vagalumes" ou "lanterneiros". E com relação a êste, nossa ignorância a respeito do método e da seqüência como do atual estímulo de evolução pode ser considerada completa. Mas a verdade é que para êsses peixes que estariam condenados a tatear eternamente, a Natureza veio em socorro, dando-lhes iluminação própria.

Alguns têm grandes manchas luminosas no ventre ou no dorso, com as quais atraem as suas prêsas habituais ou os de sua espécie, que com êle se agrupam. Estranhos desenhos coloridos surgem nos flancos de outras espécies, que assim possìvelmente heliografam, através das águas negras, mensagens de amizade aos parentes. Há outros, porém, mais complicados e aparatosos, que parecem munidos de caniços de pescador, com lanternas "armadilhas" na extremidade, onde também estão verdadeiros anzóis de forma quase igual ao que usamos em nossas pachorrentas pescarias.

A VIDA DIVIDIDA EM ZONAS DE CÔRES — Quer seja cego ou tenha olhos telescópicos de grande poder, os organismos de tôdas as classes, vivendo no abismo oceânico, são profundamente afetados pela mudança de luz com relação à côr.

Na superfície, muitos peixes e outras criaturas são dominadoramente azul ultramarino, perolados de branco, harmonizando com as côres do mar livre.

Descendo, vamos encontrar uma zona mais ou menos definida de sêres transparentes; a seguir, uma transição com uma

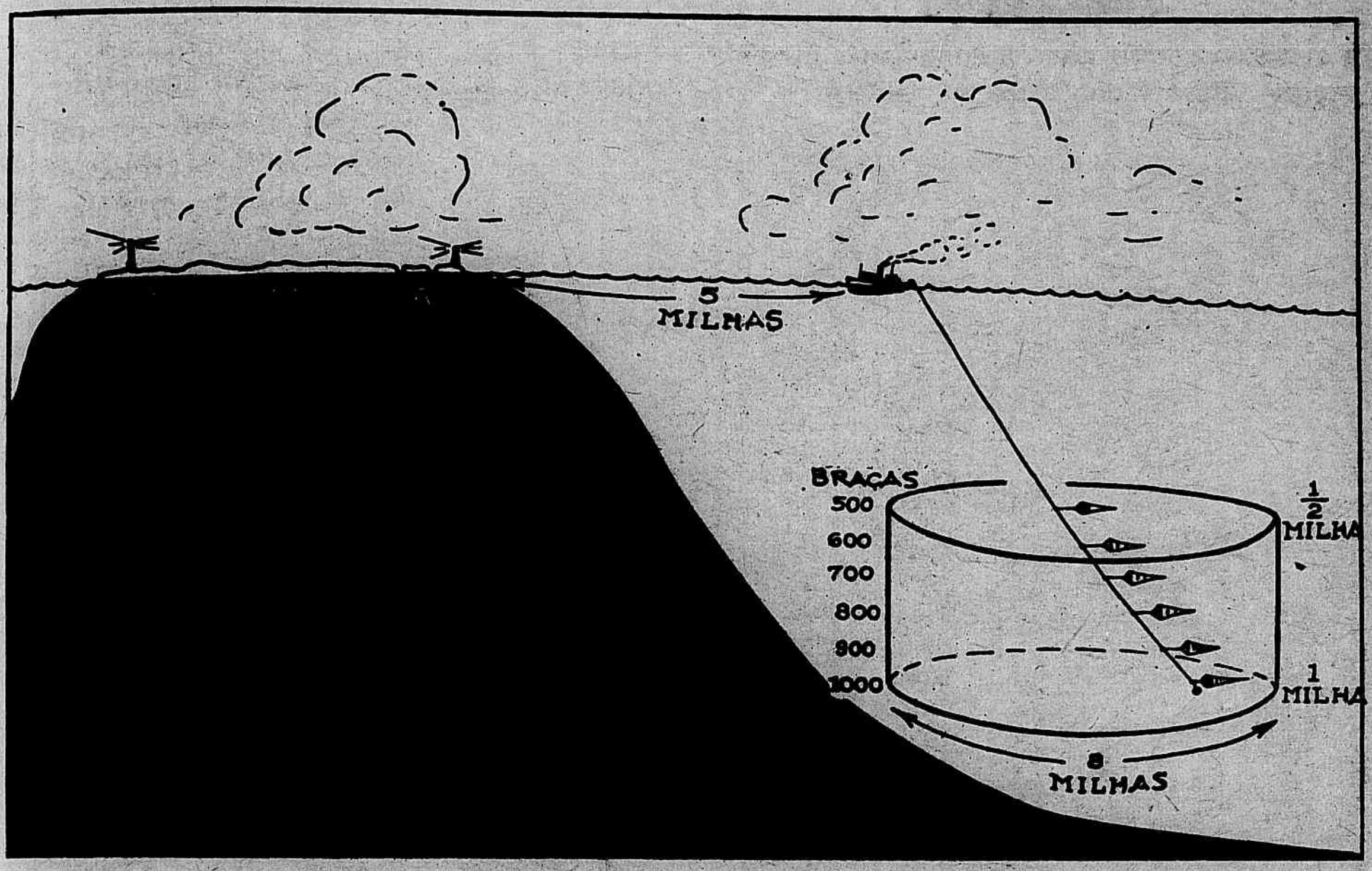
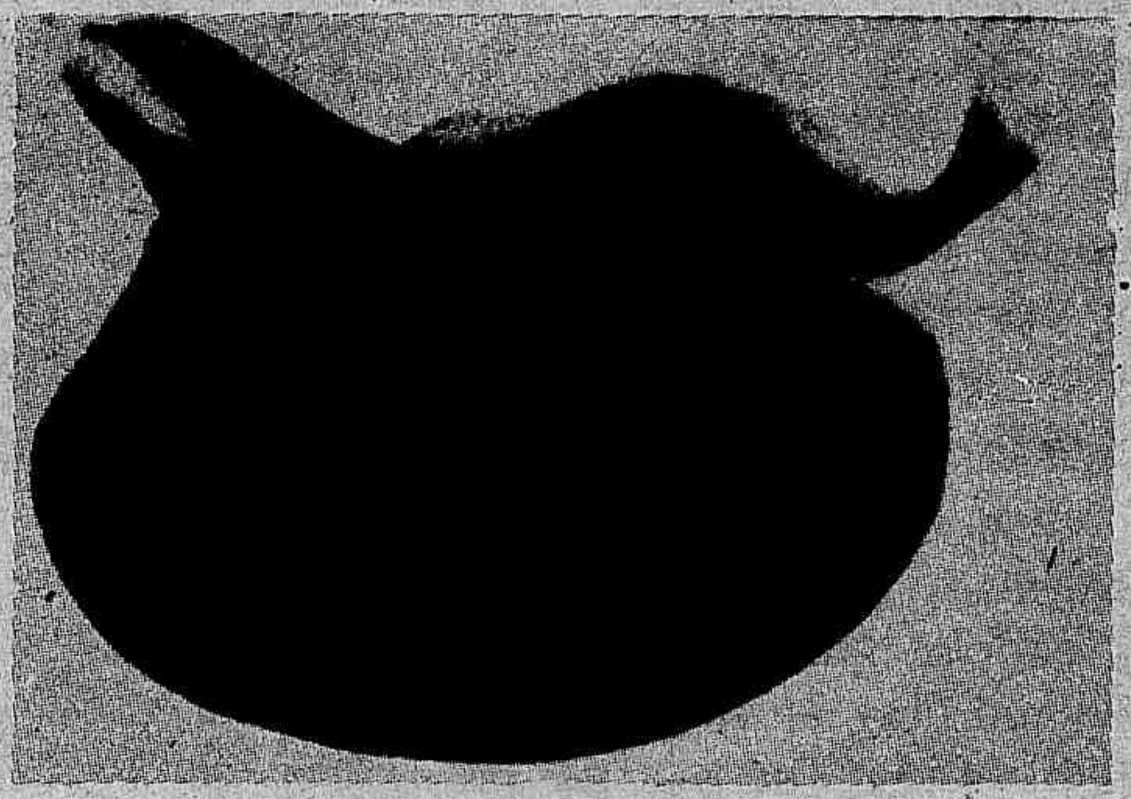


Diagrama do fundo oceânico, ao longo da ilha Monsudi, mostrando como o rebocador "Gladisfen" arrastou 6 rêdes através de área representada por cilindro imagnário, com oito milhas de diâmetro.

zona prateada ou "crepuscular", onde as criaturas já são apenas semitransparentes, mais para prateadas, parcialmente coloridas. Finalmente, de 900 metros em diante, sempre para baixo, é a zona escarlate-chama e a zona preta, com quase todos os crustáceos vermelhos e a maioria dos peixes de um negro impressionante.

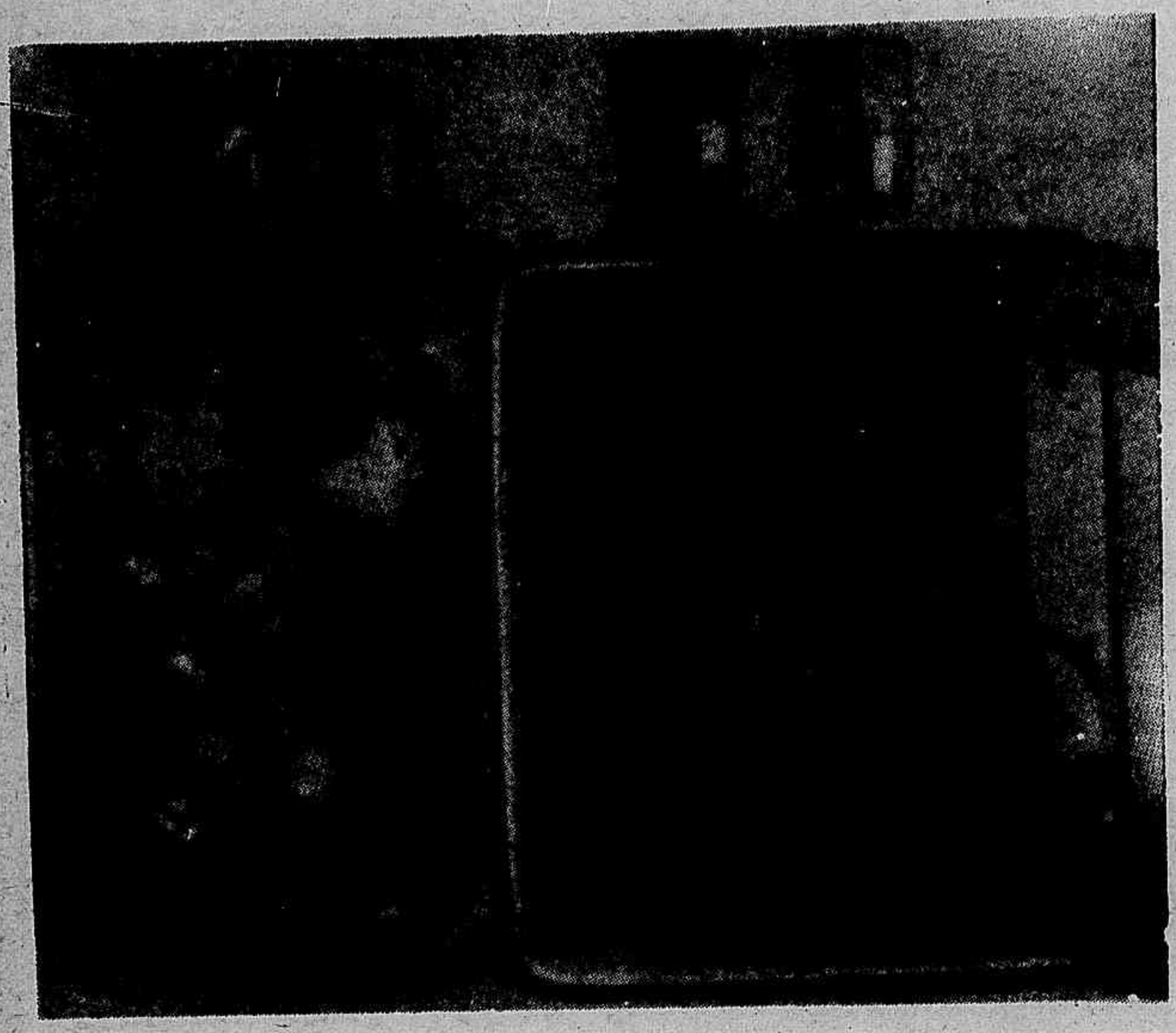
A partir dessa zona os peixes e outras esfaimadas criaturas só podem contar com diátomos ou outros alimentos vegetais. Mais um pouco além a vida pode ser resumida nestas duas frases: Eu como e eu sou comido. E e a êsse respeito as trevas são importante ajuda para o nosso estudo dedutivo. O alimento não é coisa fácil de ser encontrada na escuridão. Isto porque não é fácil encontrar alimento em plena escuridão e por isso mesmo, quando êle afinal aperece, o tamanho não constitui vantagem insuperável, podendo um animal de maiores proporções ser derrotado e até mesmo comido, inteirinho, por outro, muito menor. De fato, a maioria dêsses estranhos animais dos abismos submarinos têm maxilares deslocáveis e estômagos elásticos, podendo chegar a mais de três vêzes o tamanho total do seu proprietário. Nessas condições, as espécies alongadas podem apresentar-se quase como uma bola. Os cientistas têm retirado dêsses estômagos espécimes intectos de outros peixes, três e quatro vêzes maiores do que as dimensões totais do seu devorador.

Talvez o fato mais curioso da vida nessa área explorada é o da **vida suspensa**, seus habitantes jamais procurando descer para



Um peixe do abismo oceânico (Chiasmodon Niger) come outro (Omosudius) que mede o seu triplo. A bôca é capaz de total deslocamento, o que permite a passagem de grandes prêsas.

o fundo ou subir para a superfície, vivendo assim sem meios de encontrar larvas



O RESULTADO DE UMA "PESCARIA" A 1.000 BRAÇAS DE PROFUNDIDADE — Peixes com bôcas desmesuradas, dragões fantásticos, sêres gelatinosos e uma infinidade de animais microscópicos são visíveis na água gelada dêsses aquários.

boiando ou vermes rastejando no lôdo do fundo.

Numèricamente, os crustáceos constituem a dominante forma de vida dessas regiões líquidas e negras. Camarões, lagostins e seus parentes próximos. O grupo de pequenissimas dimensões, conhecido individualmente, ocupando no mar a mesma posição dos insetos na superfície da terra. Comem, reproduzem e sabem esquivar-se, mas principalmente... são comidos.

Quase todos êles se encontram nessas águas negras por meio de um par de antenas muito longas e lembrando um par de remos. Vivem, brigam, comem-se uns aos outros, no meio de uma estranha combinação de côres, de formas e de apêndices complicados... e quase todos parecem sentir-se muito à vontade e mesmo muito felizes vendo o seu mundo de vagalumes através de um ôlho único e ciclópico. Alguns camarões são gigantescos, medindo dezoito a vinte centímetros de comprimento e com o corpo de um escarlate luminoso.

Por muitos anos acreditaram — mesmo os homens de ciência — que nos grandes fundos oceânicos vivessem ainda criaturas de estrutura muito primitiva, peixes e outros organismos, que ali tivessem encontrado "habitat" desde os mais distantes tempos geológicos, e cuja forma exterior, como o esqueleto refletisse apenas as modificações ligeiras, ditadas pelo novo ambiente. No entanto, as condições fundamentais de vida são de tal forma diversas das que reinam na superfície e proximidades, que muitos dos peixes evoluíram até chegar a constituir organismos extremamente especializados. O mais curioso, nesse campo, é que a maioria

CARACÓIS VOADORES — Parecendo flocos de neve e cristais êsses caracóis navegam a 900 m de fundo, delicados e luminosos.

O PEIXE PESCADOR — Nova espécie de Lasiognathus, que possui caniço, linha e 3 anzóis, com isca iluminada. Os dentes nascem nos lábios, que levantam, dobrando, para apanhar as prêsas.

dos peixes das grandes profundidades pertencem às mais baixas ordens, como o isospondyli e o Iniomi. E enquanto um certo número de suas características simplicidades ancestrais combinaram com as novas formas, houve ao mesmo tempo um espantoso desenvolvimento dos órgãos sensoriais, da bôca, dos dentes, dos olhos, além dos tentáculos.

Um dos mais interessantes e poderosos grupos é o dos conhecidos Stomiatoids. Literalmente, poderíamos traduzir como Peixes-Bôca, embora muitas outras espécies poderiam ter o mesmo nome, pois que em matéria de tamanho de bôca e capacidade de estômago não têm rivais. Por isso o outro nome que lhes foi dado: Peixe-Dragão, é mais apropriado, pois que é impressionante a sua semelhança com essas criaturas de mito e imaginação.

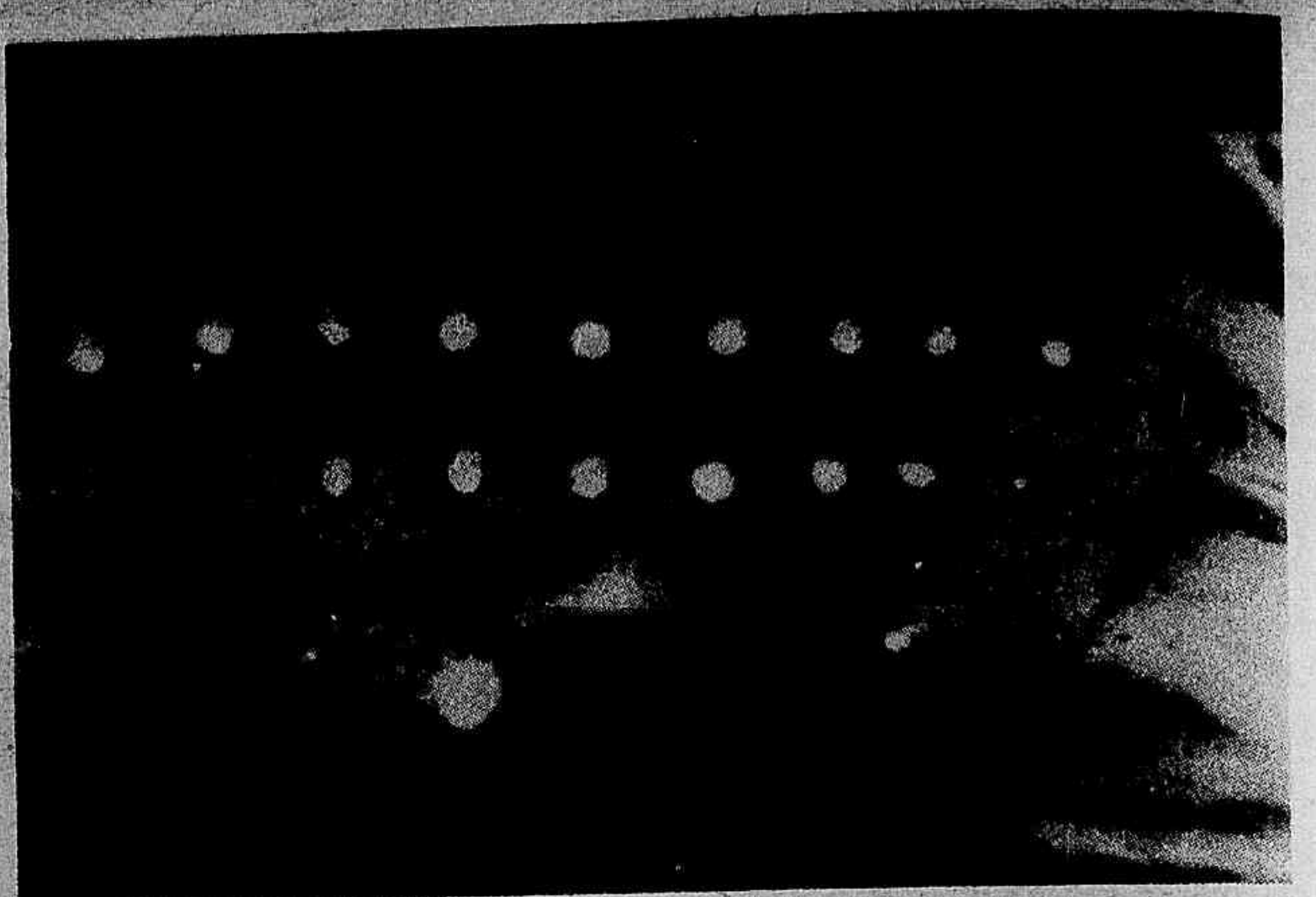
OS COMEDORES DE ESTRÊLAS — O grupo de aspecto mais "normal", com razoável distribuição de barbatanas, é chamado Astronesthes, que significa Comedores de Estrêlas, e sua razão é óbvia, pois que seu principal alimento consiste de peixes-lanternas, e, quando muitos dêstes já foram ingeridos, seus órgãos brilhantes podem ser vistos distintamente através da pele do estômago escandalosamente distendida.

Embora todos os Peixes-Dragões tenham barbelas, em algumas das quais o fluxo é luminoso, em outros há ainda um aguilhão com grande maleabilidade. Para justificar seu nome, os dentes dêsses peixes são enormes e finos como agulhas e suas natatórias dorsais se estendem quase até à extremidade do corpo, unindo à cauda, bastante reduzida. Suas luzes são amareladas, rosadas ou lavander, que êles vivem a fazer funcionar como telégrafo incansável.

O espécime típico dêsse grupo é o Peixe-Dragão, **Lamprotoxus**, com cêrca de 35 centímetros de comprimento, bons olhos, bons dentes e um sistema sensorial invejável, onde barbatanas, dentes, natatórias são como ouvidos que pressentem a proximidade da vítima ou do inimigo. É, portanto, o mais bem armado para viver no ambiente

abissal oceânico. Sua iluminação é também das melhores, sendo assim como o Rio de Janeiro daquele

Jacintina gelatinosa, uma das delicadas criaturas vivendo sob 2 t de pressão. Embora viva em completa escuridão, seu corpo é púrpura, azul e creme

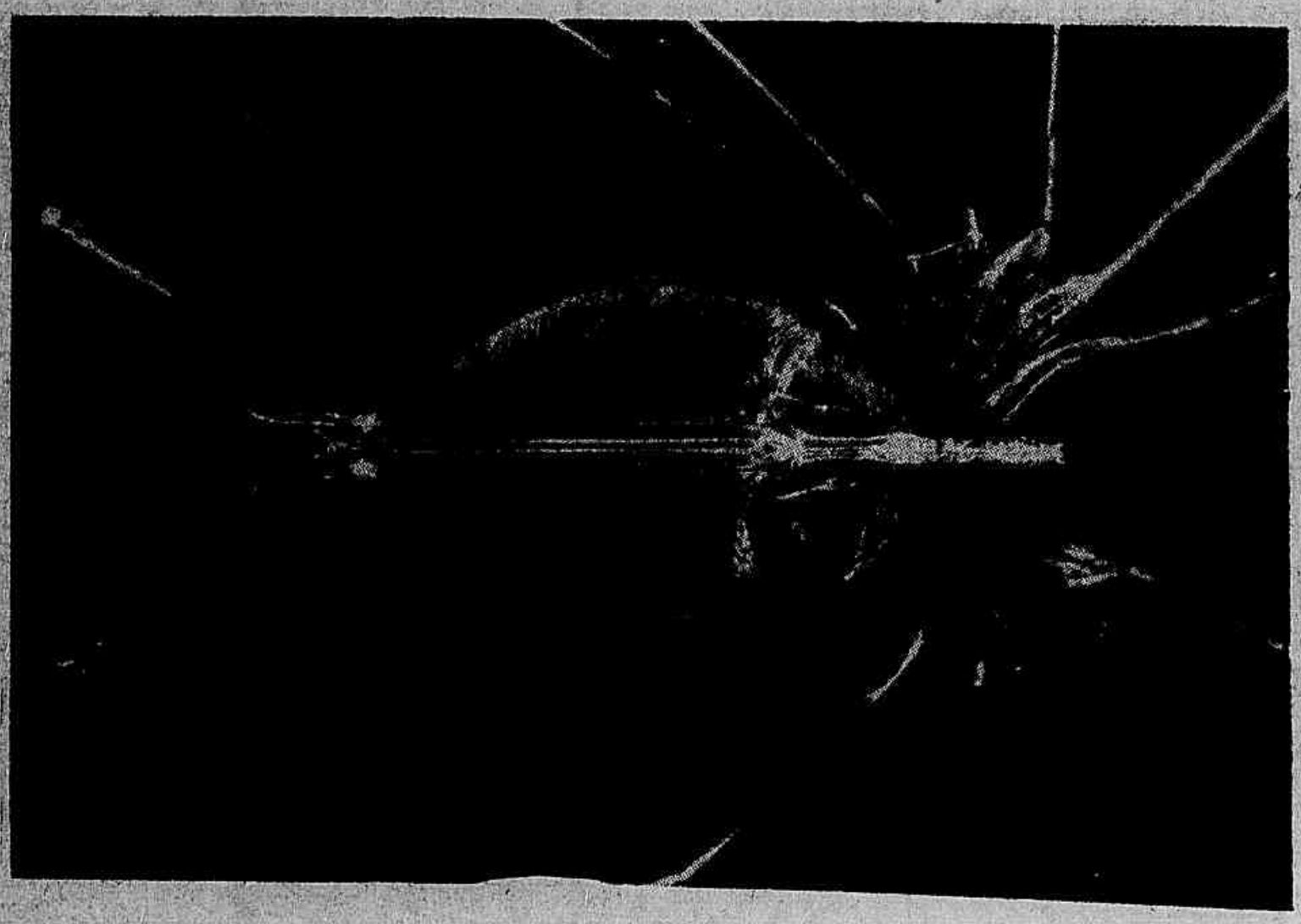


Órgãos luminisos em redor da bôca do Cychithones. Cada ponto de luz contém inúmeras lentes facetadas e convexas.

reino de trevas, pois possui nada menos de 190 lanternas espalhadas por todo o corpo. Aliás, o mais difícil, por certo, é selecionar entre as variadas espécies de peixes, crustáceos, etc., entre essas serpentes, ciclopes dragões, minotaurus, etc., qual o que mais merece ser citado e relatado com minúcias.

Todos são, realmente, estranhos, espetaculares e fascinam pela forma e a condição de vida.

Tomemos, por exemplo, o ornitorinco, com olhos como os dos caracóis, extensíveis (Stylophthalmus), que é exatamente conforme indica o nome, um peixe pequenino com o corpo quase branco e com aproximadamente 10 centímetros de comprimento, espatulado, com lanternas laterais e excelentes olhos postos na extremidade de longas hastes, duas vêzes maiores que o seu corpo. Nas larvas jovens os olhos estão pregados à cabeça; pouco a pouco os olhos se afastam do crânio e com a idade adulta estão como os dos caracóis, bem estirados na extremidade de filamentos extensíveis. Quando chegam a uma idade muito avançada, os olhos voltam a colocar-se à cabeça. Qual a razão? Ninguém pode responder.



Larva transparente de uma lagosta espinal. Fina como a fôlha de papel, transparente como o vidro... e linda como o cristal de neve.

Outro peixe curioso é o Gastrostomus, um peixe que é quase que exclusivamente bôca e estômago, ficando o resto do corpo como coisa insignificante. Atacam, porém, qualquer prêsa, não respeitando tamanho, e as engolem, in-

teirinhas! Não podemos, também, deixar de mencionar um famoso peixe-lanterna, Myctophids, parente próximo do Cychlthones. São peixes pequeninos, com esplêndidos olhos, possuindo cada espécie um particular sistema de órgãos luminosos, arranjados pela providência, segundo a conveniência de cada indivíduo e desespêro dos ictiologistas.

Vivem em bandos numerosos, mas não lhes falta alimento, pois com a forte iluminação que possuem atraem os camarões em quantidades mais que suficientes para satisfazer seu apetite.

Nunca a Natureza, sempre fantasiosa, deu mais rédeas aos seus caprichos quanto à forma, sistema, dimensões, processos vitais, etc., como nesse reino negro do fundo marinho.

Com a Linophryne arborifera, por exemplo, parece que nos aproximamos do mais extremo desenvolvimento possível em matéria de peixe ou qualquer outro animal, neste mundo. É mesmo inconcebível que alguma criatura vivente possa estar decorada ou retocada de maneira mais caricatural... e continuar a ser uma criatura e a viver. Uma tradução livre do seu nome poderia ser... Rã Pescadora Que Carrega Árvore. Porém, outro nome qualquer também serviria para êsse monstro. Certa vez foi pescado um exemplar a uma profundidade de 1.150 metros. Era arredondado e negro, com quatro ponteagudos espinhos na cabeça e uma natatória caudal branca e frágil.

Os dentes eram curvados e a bôca tão grande que nunca podia estar totalmente fechada. E, mais ainda. Estava cercada com

Os dentes de sabre na bocarra de um peixe-dragão inclinam-se quando a prêsa, subjugada, passa pela bôca. Depois ficam de novo armados e prontos, sem dúvida, para fazer outras vítimas...

múcus luminosos, que a tornavam luminas mesmo num quarto escuro.

Porém, o mais incrível de tudo era a massa de raízes, brotando do centro da mandíbula inferior, de comprimento duas vêzes maior que o corpo do animal e com a propriedade de poder retrair ou expandir em forma de tentáculos dirigidos.

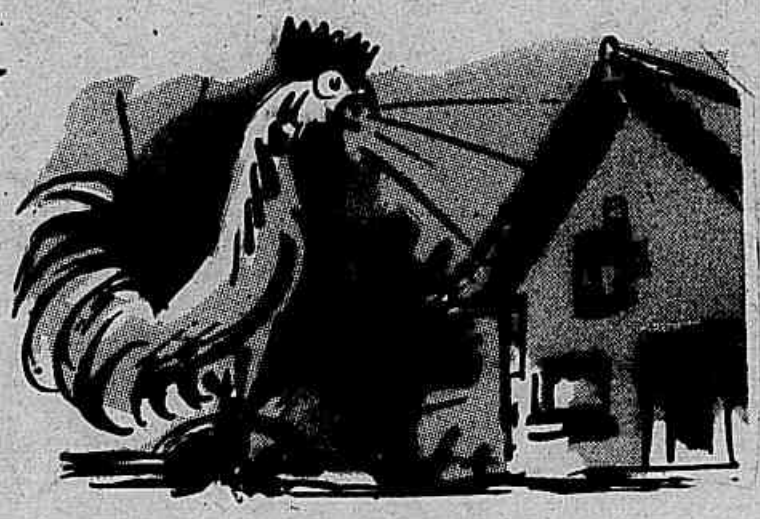
Do centro de tôda essa espantosa massa vivente, dêsse incrível aparelho de vida surgem inesperadamente dois olhos lân-

Um crustáceo "de vidro", que vive nos grandes abismos oceânicos é o Cystisoma, gigantesco camarão transparente, apanhado a aproximadamente mil e oitocentos metros de profundidade.

ESTE MUNDO LOUCO

UM jornal de New York publicou a seguinte comunicação endereçada por uma companhia financiadora em resposta a uma carta de cobrança que a mesma enviara para um dos seus redatores: "Quanto ao pedido de informações acêrca da demora no pagamento da dívida de mr. Jones, temos a comunicar-lhe, não sem constrangimento, que mr. Jones morreu. E estamos certos de que, em futuro, êste fato não acontecerá novamente!"

★

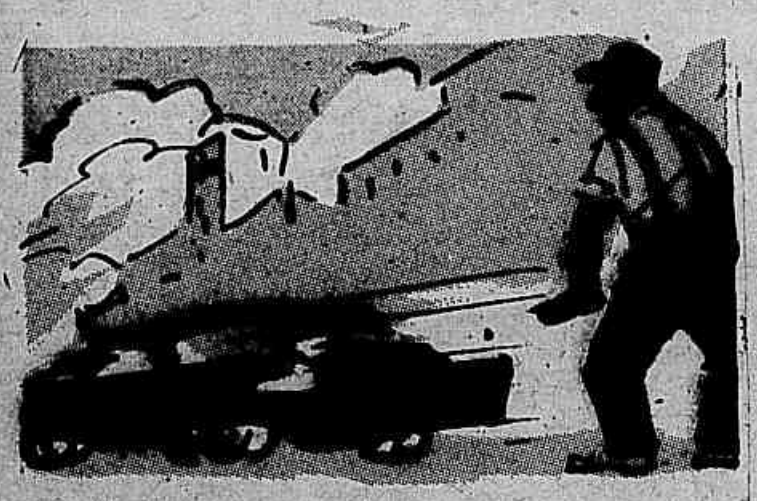


EM Hamburgo, Alemanha, um policial que foi enviado para investigar a queixa de um chefe de família local, segundo a qual o canto do galo do vizinho, durante as madrugadas, perturbava o sono seu e da sua família, voltou dizendo haver lá chegado muito tarde, pois a queixa perdera todo o sentido: "O galo estava sendo cozinhado para o jantar"!

★

EM Bruxelas, Bélgica, quando uma mulher acusou um empreiteiro de não cumprir o contrato firmado para pintar a sua casa, e o acusado, por sua vez, acusou a reclamante de pagar o seu trabalho com um tratamento para restaurar os cabelos — que não fêz nascer um só cabelo, o juiz anunciou sua decisão: "Empate"!

★



DEPOIS de ter o seu automóvel abalroado por um chofer-corre-corre e de um pedestre lhe haver apontado o número da placa do automóvel fugitivo, um médico, em Lafayette, na Louisiania, foi a uma garagem local, a fim de mandar consertar o seu veículo... e ali descobriu que o mecânico que fêz o reparo era... o mesmo chofer-corre-corre! Sem hesitar um só momento, tomou de volta a nota de 50 dólares com a qual pagara o consêrto, retirando-se com tôda a calma.

★

EM Estocolmo, Suécia, depois que uma dona de casa deixou algumas roupas perto da máquina de lavar e saiu para fazer compras, um torrador elétrico escorregou do seu lugar, na prateleira, e caiu sôbre as roupas; a queda ligou o interruptor do torrador, resultando disso um comêço de incêndio das roupas; as chamas, depois de queimar um par de calças de homem, tomaram a direção da máquina de lavar, derreteram o cano de chumbo, fizeram a água jorrar... e apagar o fogo!

guidos e azuis e tão inaceitáveis naquele monstro como um S. Francisco entre as cordas de um ringue.

E para terminar falaremos sôbre o peixe capturado no maior fundo já explorado e sôbre o qual nenhum cientista poderia sequer ter qualquer idéia sem o espécime atualmente em suas mãos.

Não é o representante de algum monstro fabuloso, a incrível e exatíssima cópia de um pescador. Tem apenas 10 centímetros de comprimento, inteiramente negro, feio de formas, com espinhas aqui e ali, indistintamente, e bem desenvolvidas natatórias. Os dentes estão colocados na orla dos lábios e êstes tão moíveis que podem virar (dobrar) para cima e, depois de capturada a prêsa, voltar à primeira posição, como a porta de um alçapão gradeado.

Do centro superior da cabeça sai uma longa cartilagem, dobrável no centro, justamente como um caniço e a linha. Na extremidade da linha há uma sólida estrutura consistindo de três fortíssimos anzóis (a forma é exata), tendo nas extremidades tentadoras "iscas" luminosas. Como se verifica, é um mundo inteiramente diverso daquele que conhecemos na superfície dos mares. Diverso e deslumbrante, que prende a atenção dos cientistas que se debruçam, maravilhados, sôbre êsses abismos oceânicos, em busca de uma fonte, sempre secreta, que os ajuda a compreender muitas leis da Natureza.

TRAGÉDIA EM NÁPOLES

No meado do século XIV, justamente dois anos depois dos inglêses e franceses terem combatido em Cressy, o sistema feudal era ainda a lei da Europa. Na antiga cidade romana de Avignon, sôbre o Rhône, uma rainha de vinte anos, formosa, Joana de Nápoles, ia ser julgada por um Papa, e pelo crime de cúmplice no assassinato de seu próprio marido, André, príncipe da Hungria. Tal é o assunto do artigo que segue e no qual se conta a trágica história desta princesa italiana. As condições estranhas em que se cometeu o crime, a diversidade de opiniões, a falta de documentos, a incerteza ou a contradição das crônicas tornam o problema insolúvel e permitem ainda formular as mais sutis análises de psicologia feminina, ao sabor da curiosidade intelectual ou da predileção afetiva dos que estudam o coração humano.

O reino napolitano era, naquele tempo, um feudo da Igreja, e os seus monarcas estavam sob a jurisdição da Santa Sé. Ao Papa, portanto, como monarca superior, Luís, rei da Hungria, irmão mais velho do príncipe assassinado André, apelou por justiça, e Clemente VI, tendo ouvido a acusação dos embaixadores húngaros, intimou a súdita real a vir, em sua presença, fazer a própria defesa.

A cena dêste extraordinário acontecimento, para o qual convergiam as atenções de tôda a Europa, dava-se na sala do consistório do grandioso palácio papal em Avignon. Avignon era um notável exemplo da confusão de jurisdições territoriais que então prevalecia na Europa: cidade francesa, com parte do território da Provença pertencente à coroa de Nápoles, e ao mesmo tempo cidade imperial, reconhecendo uma certa ingerência dos imperadores alemães, estava naquele momento ocupada pelos Papas, franceses durante aquêle século.

A rainha Joana, apesar de vir para o seu julgamento perante o suserano feudal, assinalou a sua entrada em Avignon com uma proclamação na qual expedia providências, como condêssa de Provença, sôbre a ordem interna da cidade.

Abriram-se as portas da grande sala do julgamento, e todos os olhares se voltaram ansiosos para a entrada.

Fêz-se o silêncio característico dos momentos solenes. Entre dois cardeais, avançou lentamente Joana de Nápoles, em plena florescência dos seus vinte anos, porte distinto, escultural nas formas, feições corretas de modêlo, fronte larga e altiva, sobrancelhas delicadamente arqueadas, olhos grandes e límpidos, eloqüentes na expressão de pesar e de sofrimento, rosto oval e lábios sensuais. Na cabeça uma coroa, e sôbre o vestido de carmesim trazia um manto real espêssamente bordado a cruzes douradas e flores de lis.

Caminhou na sala, ajoelhou-se três vêzes perante o Papa, a última para beijar a cruz bordada nos sapatos. O Papa Clemente ergueu-a e deu-lhe nos lábios o beijo que lhe era devido em virtude do seu grau de

soberana. Em seguida tomou o lugar que lhe era destinado e lhe competia, à direita do Papa, e descansou alguns minutos em atitude reflexiva de quem faz íntima oração ou exame de consciência. Depois um oficial da justiça pediu silêncio para Joana, por graça de Deus, rainha de Jerusalém e da Sicília, duquesa de Apulia, princesa de Capua, e condêssa de Provença, Forqualquier e Piedmont.

Antes, porém, que Joana se levante para fazer a sua defesa, vamos relatar a história do crime de que era acusada. Seu avô, Roberto, foi o usurpador que arrancou a coroa napolitana a seu irmão mais velho, sob o pretexto de que um só homem não podia convenientemente governar os dois reinos da Hungria e de Nápoles. O rei da Hungria legou os seus direitos aos seus descendentes, e o casamento de seu neto André com a neta e herdeira de Roberto, sendo combinado como meio de resgatar o êrro do passado, parecia reconciliar os contendores titulares. Isto sucedia quando André tinha apenas sete anos e Joana cinco; e o pequeno noivo foi levado para Nápoles para ser educado entre os seus futuros súditos. Infelizmente, não foi só. Alguns húngaros seguiram o príncipe na esperança de obter altas posições ou privilégios lucrativos, e o principal dentre êles foi o tutor, um tal frei Roberto, que, educando o pupilo, tratou de assegurar-se um inteiro domínio sôbre o seu espírito. Com fáceis expedientes da época, o frade conseguiu obter reputação de santidade, o que lhe deu grande influência na população de Nápoles, ao mesmo tempo que a sua feroz ambição e maneiras grosseiras o faziam detestado na côrte.

Previa-se que mal André se sentasse no trono, o reino seria governado por frei Roberto; e êle cuidadosamente insinuou no espírito de seu pupilo que a coroa lhe pertencia, não por direito de sua mulher, mas pelo próprio direito de seu avô.

Por outro lado, a educação de Joana estava talvez ainda em piores mãos. O rei Roberto, sábio, teólogo, poeta, e astrólogo, era na verdade doido. Por morte dos pais de Joana, entregou a princesa órfã aos cuidados de uma mulher de baixa condição, de grande habilidade, que a levou gradualmente a subir da modesta posição de lavadeira a de uma dama da côrte. Filipa de Catanese, assim se chamava, era tão ambiciosa como frei Roberto, porém menos digna ainda. Dizia-se que ela descera aos processos mais baixos para conquistar influência sôbre a futura rainha, entregando-a até propositadamente nos braços de um filho seu. Certo é que um dos primeiros passos de Joana, depois de subir ao trono, foi dar a êste tal filho da sua educadora o título de conde de Evoli e de lhe conferir um dos maiores cargos do reino.

Roberto, o sábio, antes de morrer, parece que reconheceu o grave êrro que cometera. Em vez de reconciliar as rivais pretensões ao trono precipitara o conflito. Em lugar de dar à sua neta um companheiro amigo, aproximara dela um rival.

As duas crianças, tão monstruosamente unidas, nunca se amaram, e agora encontravam-se frente a frente, como os reis e rainhas do xadrez, prontos a combater um contra o outro com os seus pouco escrupulosos partidários. A idéia original do velho rei tinha sido a de que André e Joana reinariam juntos; porém viu-se constrangido a abandoná-la, e chamando todos os nobres

Entre dois cardeais, avançou Joana...

do reino, fê-los jurar fidelidade sòmente a Joana. Pouco depois morreu, deixando em testamento à neta os seus domínios.

Em tôdas as cidades feudais a posição do marido de uma rainha reinante era muito mal definida. Não raro se determinava um natural conflito de proeminências; por vêzes era coroado rei, a sua efígie aparecia no cunho das moedas, e o seu nome antecedia o da rainha nos documentos oficiais. Era necessário inserir as mais rígidas estipulações no contrato do casamento, para o impedir de exercer os poderes de soberano. Nos próprios antecessores de Joana havia exemplo: Carlos de Anjou governara a Provença em lugar de sua mulher. Era um assunto que dependia muito das circunstâncias de cada caso; e quando, como no de André, o marido tinha direitos próprios e independentes dos de sua mulher, era inevitável que a luta pelo poder se deveria tornar renhida e grave.

Quais seriam os sentimentos de uma menina de quinze anos e de um rapaz de dezessete, quando, perante o corpo do rei morto, pensassem que ia ser decidida a grave questão de qual dêles havia de usar a coroa? Porque, na verdade, a coroa não pode ser partilhada: um só a pode usar. Ainda que se amassem ternamente, o fatal prêmio, pôsto entre êles, seria o suficiente para os separar. Recorde-se, porém, que André era um moço de temperamento frio, cujo prazer único se resumia na caça e outros exercícios próprios da sua idade, enquanto que Joana, com a terrível precocidade da sua idade e do seu país, já substituíra nos eleitos do seu coração o filho da governante pelo belo Beltrão de Artois, filho do camarista-mor. O primeiro sinal para a luta foi dado pelos partidários de Joana, que foi proclamada rainha, e a regência do conselho, aprovando a vontade do avô, começou de administrar o reino em seu único nome. Pouco depois, frei Roberto conquistou o poder, apoiando-se nas simpatias populares, e usurpou tanta autoridade, que todos os partidos se alegraram quando o Papa interveio, e no exercício dos seus direitos de suserano nomeou um delegado para regular o govêrno durante a menoridade da rainha.

A contenda foi transferida então para a côrte de Avignon. O partido húngaro procurou obter do Papa Clemente uma bula para a coroação conjunta de André e de Joana, o que seria equivalente, a pôr o poder real nas mãos do marido. Os napolitanos, dirigidos por numerosos príncipes de sangue real, que aspiravam à sucessão

Carlos ajoelhou aos pés do rei...

depois de Joana, opuseram-se àquele intento.

Esta negociação durou dois anos e meio, contados da data da morte de Roberto, o sábio. O rei Luís da Hungria, que de direito era o herdeiro de Nápoles, cedeu a herança em favor do irmão, e diz-se que isso se confirmou com a oferta ao Papa de 100.000 coroas de ouro, argumento poderoso em benefício de André.

Pouco antes de setembro de 1345, chegou a Nápoles a notícia de que o Papa havia dado a sua decisão a favor de André. Uma bula confirmava a coroação conjunta, e o bispo de Chartres partira de Avignon para vir realizar a cerimônia. O bispo ainda chegou à fronteira do reino, mas ali soube notícias que o fizeram retroceder.

Determinara-se que a coroação deveria realizar-se a 20 de setembro. Algumas semanas antes, princípios de agôsto, uma alegre e luzida cavalgada, com falcões e cães de caça, atravessou as ruas de Nápoles, e saiu em direção ao mosteiro de Aversa. Era a côrte de Nápoles, que se refugiava do calor sufocante das ruas da cidade na frescura e na sombra das montanhas.

De quem se compunha a cavalgada brilhante, e o que tinha sido feito dos chefes da liga contra o príncipe? Entre êstes havia o ambicioso Carlos, duque de Durazzo, primo terceiro de Joana, que, aproveitando-se da anarquia do tempo, raptara a irmã mais moça da rainha. a princesa Maria, tivera-a escondida, durante um mês e desposara-a, depois, pùblicamente, em virtude de uma dispensa, obtida do condescendente Papa por intermédio de Carlos, cardeal de Perigord, seu tio. Por fim declinara, pelo menos aparentemente, a sua oposição às pretensões de

...arrancando-lhe a língua...

André e estava vivendo nos têrmos da mais afetuosa amizade com êle. O duque de Durazzo contudo não fazia parte da cavalgada para Aversa. Por quê?

Nem tampouco lá apareceram aquêles outros primos de Joana, que tão fortemente se impressionaram com a realeza de André. A mãe dêstes, a imperatriz titular de Constantinopla, era tia de Joana e depois da infame Catanese a personagem mais influente na côrte. Contudo, também estava ausente e não fazia parte da cavalgada. Falara-se em tempo de um projeto de casamento de Joana com um dos seus filhos. O terceiro, de nome Luís, era afamado pela sua beleza, e nas maledicências da côrte, o nome dêle andava junto ao de Joana.

O conde de Evoli era da partida para Aversa assim como o cunhado, o conde de Terlizzi. Êstes tinham muito a temer da próxima cerimônia da coroação conjunta que os colocaria à mercê de frei Roberto. Outro tanto sucedia a Beltrão de Artois, cujas relações com a rainha não eram desconhecidas do implacável frade. Beltrão e o pai, o camarista-mor, também partiram para Aversa.

Notavam-se ainda dois italianos às ordens de André: Melazzo, tabelião, e Jacobuzio di Pace, camarista, ambos — dizia-se — antigos servidores do duque de Durazzo.

Durante quase um mês, êstes homens acompanharam e vigiaram, dia a dia, a sua vítima. O seu guarda, fiel e dedicado frei Roberto, estava detido em Nápoles, com os preparativos do grande acontecimento de 20 de setembro. Mas André andava, segundo a tradição, protegido por poder sobrenatural. Usava um talismã que lhe tinha sido dado pela mãe, a velha Isabel de Poland, feito talvez nas tendas dos bárbaros **lapps**, trazido para Livonia, depois para a Litunia, e agora da Hungria ao extremo sul da Europa, para tomar parte importante numa tragédia provocada pela decisão de um Papa francês.

O talismã, sem dúvida, por si não tinha importância, mas a crença que nêle depositavam os inimigos de André dava-lhe decidido valor.

Estava-se na antevéspera do dia da coroação. Na manhã seguinte a côrte voltaria para Nápoles. André e os seus companheiros ficaram a beber até tarde, para celebrar a sua última noite em Aversa. Mal poderia supor que era também a sua última noite na terra.

O príncipe deixou a mesa e retirou-se para o quarto de sua mulher. Acabara de

adormecer ao lado dela, quando pouco antes da madrugada, uma das criadas, e irmã da camarista dêle, Pace, entrou no quarto e acordou-o dizendo-lhe que um correio chegara naquele momento de Nápoles com importantes notícias de frei Roberto. André saltou da casa, vestiu-se à pressa e saiu do quarto.

A porta do quarto de dormir abria para uma ampla galeria, que corria em volta do palácio a considerável altura do chão. Um lado da galeria era formado pela própria parede do edifício, e o outro era em arcaria deitando sôbre os jardins. Ao sair do quarto de sua mulher, o príncipe se achou no meio de um grupo de homens, na companhia dos quais estivera bebendo em íntimo convívio horas antes.

O que se passou em seguida há de ser sempre assunto de conjecturas. Todavia, uma mulher dormia num quarto justamente por baixo do chão da galeria, a velha ama húngara de André, e essa mulher foi naquele momento despertada do seu sono, pelo barulho de cima, tropel de passos e gritos aflitivos. Levou tempo a perceber que êsses sons denunciavam algum acontecimento sinistro, porém, mal compreendeu que alguma tragédia extraordinária estava sucedendo, levantou-se, e estava pondo confusamente as suas roupas, alumiada pela pálida luz da madrugada que começava a entrar pela janela, quando o quarto foi repentinamente escurecido por um objeto negro que tapava. A pobre mulher correu à janela, e olhando para fora divisou as pernas de um homem estrebuchando nas agonias da morte. Era André, a quem os assassinos, tendo conseguido pendurá-lo, enforcaram com uma corda de sêda do alto da varanda.

Um cronista da época descreve a luta com particularidades. Conforme o que êle conta, o infeliz príncipe lutara contra os agressores com tão desesperada energia que a princípio se desembaraçou dêles, e ainda se arrojara com ímpeto para o quarto de sua mulher, como para se refugiar a seu lado. Mas a porta estava ferrolhada, e a rainha não deu o menor sinal de dentro.

Então o formoso Beltrão, vendo hesitar os outros conspiradores, atirou-se sôbre o príncipe com a raiva de um demônio, derrubou-o, meteu-lhe o joelho sôbre o peito, e conseguiu atar-lhe a corda em volta do pescoço. Os companheiros vieram ajudá-lo, e reunidos os esforços, arrastaram o príncipe, ainda respirando, até o parapeito do balcão, e dali o precipitaram.

...conseguiu atar-lhe a corda em volta do pescoço

Conta-se também que, quando um dos da emboscada, o conde de Terlizzi, retrocedera, estremecendo de horror, seu cunhado Evoli, chamou-o para vir ajudar a segurar na corda, dando-lhe esta significativa razão: — "Devemos ter cúmplices e não testemunhas".

Os gritos da pobre ama velha avisaram os malvados de que o crime estava descoberto. Um dêles cortou a corda, e dispersaram apressadamente. Os dois Artois, pai e filho, fugiram para o seu castelo, em Santa Agata; e dêste modo proclamaram-se criminosos. O conde de Evoli, e os seus companheiros, mais descarados ou mais astutos, voltaram para Nápoles, e continuaram a mostrar-se na côrte. E Joana? Que teria ela sentido, quando, deitada na

mesma cama, de onde o marido se levantara, ouviu os dilacerantes gritos, o tropel da luta à porta do quarto? Tinha então dezessete anos.

Parece que estêve sem fala nem movimento por algumas horas, fixos os olhos enxutos, numa expressão de terror, que tanto poderia ser remorso de criminosa como receio de igual sorte. Debalde os monges do convento vieram à porta do quarto pedir-lhe ordens sôbre o destino do corpo, que êles tinham levado para a capela. Não descerrou os lábios, e afinal, tendo-se vestido, cobriu a cara com um negro véu, entrou numa liteira fechada, e fêz-se transportar para Nápoles.

Assim foi o crime. Apesar daquelas épocas serem de violências ilegais, apesar de serem vulgares naquele país os dramas de sangue e de traições, o assassinato de uma mocidade inofensiva, na véspera da sua coroação e no limiar do quarto de dormir de sua mulher, excitou a execração universal.

Como Joana não tivesse dado indicação alguma sôbre o entêrro do marido, o duque de Durazzo tomou sôbre si êste dever. Trouxe o corpo para Nápoles, e sôbre a sepultura pediu solene e pùblicamente justiça para os assassinos. Compreende-se o seu procedimento. Se êle pudesse incriminar Joana e induzir o Papa a declarar o trono vago, sua mulher, a princesa Maria sucederia. Assim, a questão do crime de Joana, se estivesse ao cuidado do duque de Durazzo, nunca teria ficado um dos problemas insolúveis da história.

Entretanto, nenhuma providência se tomara para a prisão ou castigo dos assassinos. Os Artois continuavam a salvo na sua fortaleza. Evoli e Terlizzi apareciam igualmente nas antecâmaras da rainha Joana. A influência de frei Roberto finalizou com a morte do seu pupilo; em breve o legado papal resignou o govêrno nas mãos de Joana e deixou o reino. Joana atingiu a idade de dezoito anos, a maioridade legal de uma soberana, meses depois da morte do marido.

Por que motivo não procedeu, nem intentou investigação alguma contra os assassinos? Há uma carta dela para o rei da Hungria, escrita depois de se ter convencido de que a opinião pública lhe fazia acusações graves, em que procura justificar esta falta de procedimento.

Da leitura dessa carta, tanto se pode concluir a melancólica desculpa de uma mulher indefesa, rodeada de homens violentos, em poder dos quais se colocara por atos atribuídos melhor a fraquezas de temperamento do que à maldade de ânimo; como se pode descobrir a defesa artificiosa de uma culpada e cúmplice no assassinato do marido.

O rei da Hungria, a quem se dirigia aquela carta, era um dêstes homens severos e implacáveis, que pareciam ter nascido para serem os castigadores justiceiros dos grandes crimes. Mal soube da notícia do assassinato, publicou um manifesto dirigido ao Papa, e aos reis da Europa, pedindo vingança, mas sem de leve envolver a viúva do irmão. Mas, decorridos alguns meses sem que a viúva mostrasse a menor intenção de agir, as suspeitas calaram-lhe no ânimo. Afirma-se que o próprio duque de Durazzo lhe escrevera, confirmando ou insinuando aquelas suspeitas sôbre Joana.

Afinal, resolveu levantar uma acusação formal contra ela e apresentar a sua queixa perante o tribunal do célebre Rienzi, então no auge do seu extraordinário poder em Roma; e preparou-se para manter pelas armas o seu apêlo à justiça. Foi então que mandou a Joana aquela célebre contra-réplica, cuja insultuosa e terrível concisão a tornou famosa entre as epístolas reais:

Joana! A vossa anterior vida desordenada, o vosso apêgo ao poder real, a vossa negligência na vingança, o vosso segundo casamento e as vossas próprias desculpas, provam terdes consentido no assassinato de vosso marido.

Efetivamente, Joana casara em segundas núpcias com Luís de Taranto. Realizou-se o plano atribuído à imperatriz de Constantinopla. A opinião daquela época apontava esta como tendo sido a principal instigadora de tôda a conspiração. Contudo, quer fôsse inocente, quer culpada, Joana não podia iniciar processo de justiça sem ir bater na sua própria família.

O alvorôço que produzira na Europa o crime, os formidáveis preparativos de guerra dos húngaros, e, talvez mais do que

tudo, o desdém alardeado pelo rei da Hungria em apelar da justiça de Rienzi, em vez da sua própria, estimulou Clemente VI. Pôsto que, em rigor, êle já não tivesse direito de interferir nos negócios internos de Nápoles, despachou uma ordem em forma de bula, datada de 2 de junho de 1346, dirigida a Hugo de Baux, principal juiz do reino, ordenando-lhe a investigação do crime e o castigo dos assassinos.

O fato de ter o juiz de Baux levado a efeito, sem resistência ou embaraço, a sua comissão é de considerável importância, para avaliar a sinceridade das desculpas de Joana. As primeiras prisões começaram pelos criados Pace e Melazzo.

A prisão de Pace motivou um extraordinário incidente. Quando era levado para a prisão, um grupo de homens armados e comandados pelo conde de Terlizzi, atacaram os guardas, apoderaram-se do prisioneiro, a quem arrancaram a língua, para o inabilitar de falar perante a justiça. Foi mais um crime inútil. Melazzo, pela tortura, denunciou Evoli e Terlizzi, e ambos, com a Catanese e o resto daquela odiosa família, foram executados.

Os julgamentos foram secretos, mas as execuções se fizeram da maneira mais pública, com o fim de convencer o povo de que o govêrno nada tinha a temer do que os condenados pudessem ter intenção de denunciar. Com efeito, nenhum dêles disse a menor palavra. Passaram silenciosos pelas ruas, subiram uns ao cadafalso, outros à fogueira, e pereceram sem descerrar os lábios. Do princípio ao fim dos processos, nem uma só palavra foi pronunciada de onde se pudesse inferir conhecimento da rainha ou de qualquer dos príncipes da casa real da conspiração que assassinara o príncipe.

Luís da Hungria não ficou satisfeito; e como Rienzi declinasse de pronunciar julgamento sôbre a causa, saiu da sua terra natal à frente de um exército vingador, hasteando uma tremenda bandeira onde fôra pintado o assassinato de André. O exército continha contingentes dos numerosos estados da Alemanha; e era tão grande o respeito e simpatia que inspirava a missão do rei Luís, que os estados italianos lhe deram passagem livre pelos seus territórios, e alguns mesmo lhe ofereceram refôrço de homens.

Na fronteira do reino foi procurado por um núncio do papa, que lhe proibiu invadir o feudo da igreja. O rude e vingador rei da Hungria não fêz caso algum da proibição. Avançou encontrando pouca ou nenhuma resistência, e devastando o país à medida que se internava. Em todos os tempos tem sido esta a sorte do povo: pagar pelos desmandos e pelos crimes dos seus dirigentes; e em muitos casos, precisamente, os dirigentes são aquêles que o povo consente que sejam.

Parecia ter chegado ao duque de Durazzo o momento de obter recompensa da sua política dúbia e ardilosa, e foi encontrar-se com o invasor.

Encontrou-o em Aversa, lugar de mau agouro. O implacável rei recebeu-o e aos irmãos mais novos que o acompanharam com tôdas as mostras de amizade. Os príncipes prestaram-lhe homenagem como

(Continua no fim da revista)

O Papa pronunciou a absolvição de Joana.

LOTEAMENTO CIDADE

BEIRA-MAR

BARRA DE SÃO JOÃO

NOVAS PLANTAS DO MELHOR NEGÓCIO DO MOMENTO

CR$ 70,00 MENSAIS

2ª DIST. DO MUNICÍPIO DE CASIMIRO DE ABREU
ESTADO DO RIO DE JANEIRO
REGS. NO DEC. 58.508. Nº 1-FÔLHAS 1A4 NO CART. DO 2º OFICIO DE CASIMIRO DE ABREU

MATAS • PRAIA
CAÇA • PESCA

CORTADO PELA FORMIDAVEL RODOVIA AMARAL PEIXOTO

SITUADO NA MAIS LINDA PRAIA DO ATLÂNTICO
CAÇA — PESCA — MATAS — ESPORTES — VERANEIO, ETC.

VENDAS E INFORMAÇÕES
CONCESSIONÁRIA

C. - B. - M.
COMPANHIA BRASILEIRA DE MELHORAMENTOS

RUA ARAÚJO PÔRTO ALEGRE, 56 — sobreloja 2
Esq. Av. Graça Aranha — Tel.: 32-9933
(Esplanada do Castelo)
EXPEDIENTE: das 9 às 18 horas
SÁBADOS — DOMINGOS — das 9 às 12 horas

DORMIMOS UMA TÊRÇA PARTE DE NOSSA VIDA...

MAS TRABALHAMOS SEM CESSAR!

MILHARES de filósofos já indagaram: "Que é a vida?". E, geralmente, suas respostas divergem. Entretanto, os pessimistas e otimistas, os materialistas, os idealistas e os existencialistas possuem uma coisa em comum: consideram a vida como um conjunto que varia sòmente por sua duração. Uns morrem jovens, outros desaparecem na velhice, mas desde o nascimento até a morte, a vida é presidida por um fato bem determinado, que pode ser considerado de maneira global. Inclusive o psalmo 89 diz, patèticamente:

"Setenta anos são os dias de nossa vida; e, no máximo, noventa para os mais robustos".

Mas, o homem que tem 70 anos, passou cêrca de 25... dormindo! É evidente que viveu durante o sono, e hoje sabemos que nosso subconsciente continua trabalhando quando dormimos. De qualquer maneira, não se trabalha, nem se pensa durante êsse lapso de tempo que dura mais de um têrço de nossa existência.

Entretanto, entende-se que êsse têrço de nossa vida, que passamos dormindo, representa um têrmo médio. Há pessoas que dormem pouco; e há também as que dormem mais tempo. O célebre sábio russo Pavlov, que descobriu os "reflexos condicionados", realizou seus principais estudos observando um homem que dormia há vinte e um anos!

Além dos vinte e cinco anos em que durante os quais dorme, o homem médio, de setenta anos, descansou durante onze anos; e o seu tempo de trabalho não vai além dos doze anos. Para que o leitor não se assuste com êstes dados, repetimos que os mesmos são aplicados a um homem padrão, que só existe estatìsticamente.

Que parte de nossa vida consagramos ao prazer? O nosso homem de setenta anos, conheceu três anos de "dolce far niente" que devem ser juntados aos doze anos de repouso. Passeou durante dois anos, falou ano e meio, comeu seis anos. Mas, de um certo modo, o ato de comer constitui um prazer. Assim, chegamos às necessidades.

É realmente espantoso pensar na quantidade de tempo que empregamos em ocupações que nos são indispensáveis sem, no entanto, nos proporcionar tristeza ou alegria.

Nosso homem levou dois anos para lavar-se, enfeitar-se, pentear os cabelos, etc. E isso é porque tratamos de um **homem**! A estatística se nega prudentemente a fazer as contas dos cuidados que as mulheres dedicam ao seu embelezamento; não por mera galanteria, mas pelo fato de ser quase impossível o estabelecimento de um têrmo médio.

O homem de setenta anos passou seis anos viajando, o que equivale à metade do tempo que trabalhou.

Apenas uma pequena parte pode ser considerada para as viagens de recreio; a grande maioria delas é constituída pelos deslocamentos a que o trabalho obriga. Seria muito interessante aprofundar êste cômputo. Uma pessoa que mora a cinqüenta quilômetros do Rio de Janeiro, e durante trezentos dias do ano faz o

Por
ANNE LENOIR-PICARD

percurso de ida e volta, dentro de treze anos terá percorrido a distância que separa a Terra da Lua. Apenas com a diferença de que, se algum dia formos à Lua, não iremos num trem que pare de dez em dez

minutos; viajaremos num foguete mais rápido que o som.

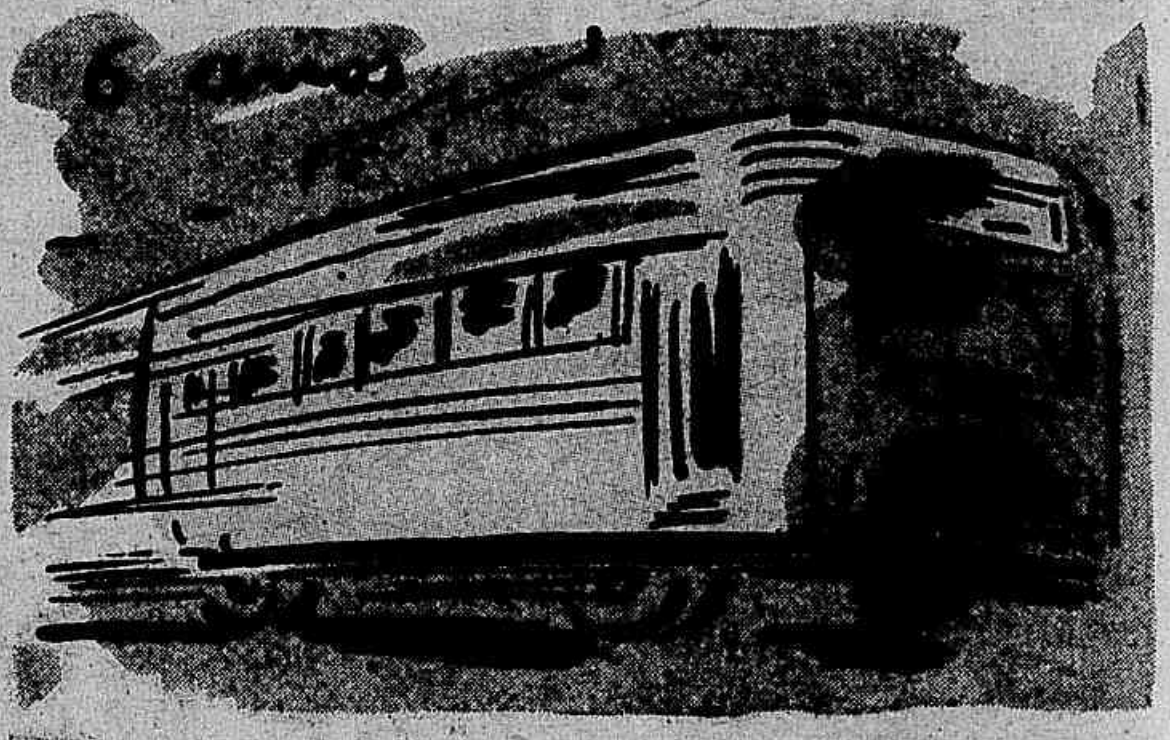
Em que consiste, pois, essa vida do espírito, que tanto interessa aos filósofos? O nosso homem padrão meditou durante dois anos e meio. E isso é tudo!

Seria igualmente falso acreditar que a nossa vida se reduz ao tempo relativamente curto em que trabalhamos, ou ao tempo, mais curto ainda, em que repousamos, nos divertimos ou meditamos, enquanto o resto de nossa vida é consumido pelo sono ou pela realização de coisas inúteis.

Trabalhamos sem cessar, mas, na maioria das vêzes não percebemos isto; nosso corpo é que realiza esta tarefa gigantesca

O sangue, por exemplo, circula sem interrupção por nossas veias, e só diminui a sua marcha ao chegar a velhice. Aos quarenta anos, o sangue leva 6,1 segundos para ir do coração às extremidades dos dedos da mão direita. Já aos setenta anos, precisa de 12,3 segundos para fazer o mesmo percurso. Na mesma situação estão os cabelos e as unhas. Um homem normal tem de 80.000 a 140.000 cabelos na cabeça, e 20.000 distribuídos pelas diversas partes do corpo. Seu crescimento varia de 0,1 a 0,3 milímetros diários, enquanto a barba cresce numa proporção de 0,38 a 0,62 milímetros por dia.

E maior esfôrço é o que realizam as crianças. Durante as três primeiras semanas de vida, uma criança não distingue a luz da obscuridade; até três meses de idade, tôdas as pessoas possuem para ela o mesmo aspecto; aos quatro meses já sabe segurar um objeto; e aos cinco é capaz de rejeitá-lo; aos seis meses, pode apanhá-lo por iniciativa própria; aos doze está apta a pronunciar algumas palavras; geralmente, uma criança anda aos quinze meses, e



corre depois de completados dois anos de idade.

A energia e a inércia são coisas que possui numa conceituação muito diferente da que lhes empresta o senso comum. O que nós chamamos trabalho não representa mais que uma pequena parcela das nossas atividades: nosso espírito trabalha enquanto descansamos e o corpo não descansa **mesmo quando estamos dormindo**. O impulso vital é independente da vontade, e o repouso não existe em contraposição ao trabalho.

As estatísticas a respeito do emprêgo do nosso tempo aumentam mais ainda o número de problemas oferecidos aos filósofos, quando êstes perguntam:

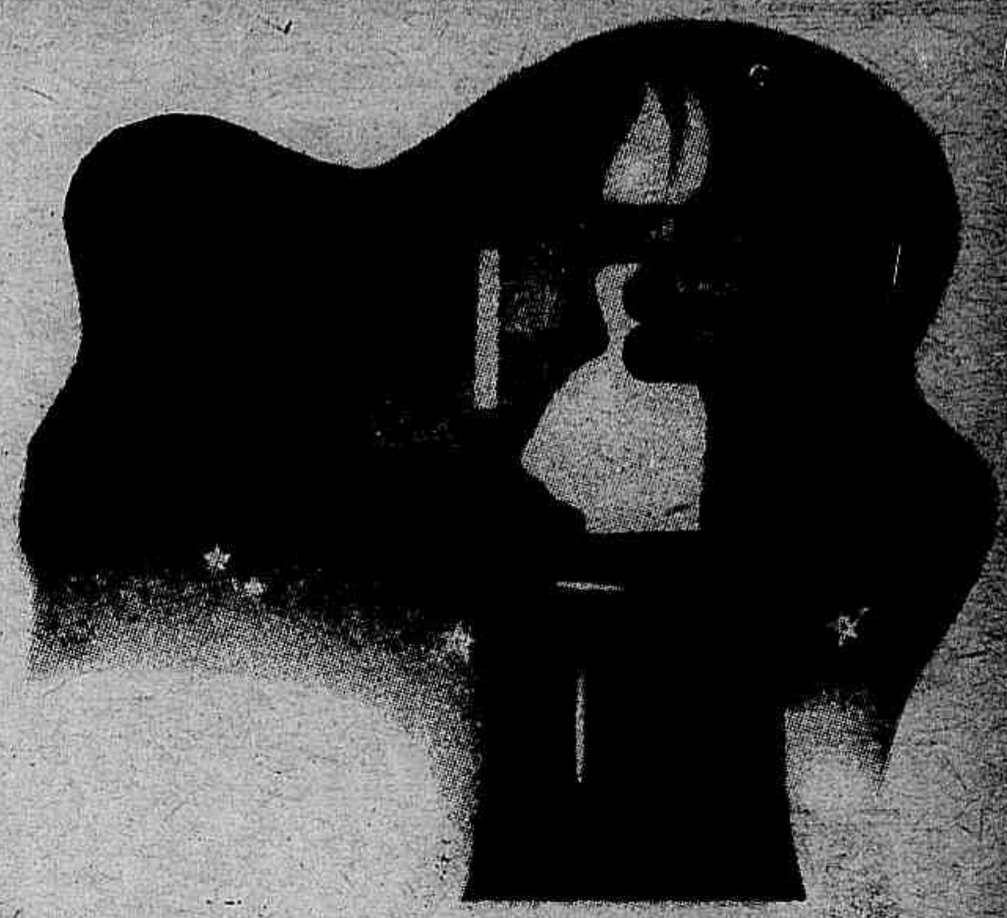
— "Que é a vida?"

É provável que esta interrogação se repita até que o gênero humano desapareça completamente da face da Terra.

VIDAS NOVELESCAS:

HOUDINI

O MAIOR MÁGICO DE TODOS OS TEMPOS — NENHUMA FECHADURA OU CADEADO RESISTIA À SUA HABILIDADE.



EHRICH Weiss nasceu sob o signo da fuga. Seu pai, o rabino Mayer Samuel Weiss, foi forçado a matar um homem em Budapeste, e teve que fugir com sua espôsa. Durante cêrca de quatro meses, marido e mulher atravessaram a metade da Europa, cruzaram o Atlântico e, finalmente, chegaram a Appleton, no Wisconsin (Estados Unidos). No dia seguinte, 4 de abril de 1874, nasceu Ehrich.

Durante tôda a sua vida, o menino seria vítima de uma verdadeira obsessão pela fuga. E transformou essa obsessão em uma ciência que o tornou famoso no mundo inteiro.

Completava nove anos de idade, quando chegou a Appleton o circo de Jack Hoeffler. Ehrich aprendera, sózinho, nos fundos da sua casa (transformada durante o dia em escola hebraica) a realizar algumas façanhas.

Era capaz de levantar agulhas do solo usando como pinças apenas as pestanas, enquanto se punha de cabeça para baixo num trapézio. E também podia equilibrar-se na corda-bamba, libertar-se, em poucos minutos, de qualquer corda que lhe fôsse atada nos pulsos, graças à fortaleza de seus dentes e a uma habilidade cultivada durante meses e meses de treinamento.

Dêsse modo, Ehrich ingressou no circo de Jack Hoeffler. Mas quando o circo partiu da cidade, o rabino impediu que o filho acompanhasse a "troupe". Mas, prometeu que o levaria a Milwaukee, dentro de algumas semanas, para ver o dr. H. S. Lynn, um inglês que estava realizando maravilhas com suas "mágicas".

Se o circo ambulante cativou Ehrich, a mágica de Lynn o enlouqueceu.

De volta à casa e durante quase um ano, o menino continuou em suas estranhas ocupações. Fazia piruetas no trapézio, estudava o segrêdo dos nós e das cordas com inesgotável paciência e tornou-se um aprendiz de serralheiro. Dentro de algum tempo, poucas eram as fechaduras que podiam resistir às suas sábias manipulações.

Houdini, o famoso "mágico" numa de suas derradeiras fotografias.

Um dia Ehrich foi chamado pelo "sheriff", que havia algemado um homem por suspeitas absolutamente infundadas.

— Seria capaz de abrir essas algemas? — perguntou. — Perdi as chaves...

No espaço de segundos, utilizando um pedaço de arame, Ehrich libertou o prisioneiro. O "sheriff" ficou atônito.

Sete filhos — seis varões e uma mulher —

sobrecarregavam a economia do rabino Weiss. Por isso, encolheu os ombros com ar filosófico, quando a espôsa, com os olhos cheios de lágrimas, mostrou-lhe o bilhete que Ehrich havia deixado, antes de fugir da casa paterna:

"Mamãe, vou para o Texas. Voltarei dentro de um ano. Beijos do teu filho, Ehrich."

Algemas que Houdini jamais quis quebrar: as do casamento.

Ehrich realizava suas provas nas fazendas que ficavam ao longo dos intermináveis caminhos por onde passava. Os camponeses o amarravam fortemente com suas cordas, e êle se soltava com crescente facilidade. E sempre punha em suas tarefas uma grande dose de amor próprio.

Certa vez o policial de um lugarejo, que presenciou algumas de suas façanhas, afirmou, com uma gargalhada:

— **Desta vez não te libertarás tão cedo!**

E, rápido, colocou-lhe as algemas. Ehrich pediu permissão para esconder-se só um instante atrás de um silo... e reapareceu livre e com as algemas no bôlso! Sempre levava consigo algumas chaves e gazuas, e as fechaduras das algemas, contrariando tôdas as suposições, são mais simples do que as das malas ou baús.

Nos difíceis anos de sua longa peregrinação, Ehrich adquiriu grande experiência da vida e conhecimento profundo da psicologia dos homens. Por essa época, os Weiss já se encontravam instalados em New York e para lá seguiu também o **aprendiz de mágico**, decidido a aperfeiçoar a sua arte.

Na grande metrópole, na biblioteca pública, leu tôdas as obras ali existentes sôbre truques, magia de salão, etc., e entre elas um velho volume escrito por um francês, Jean Eugene Robert-Houdin, "**o pai da moderna magia**", como êle próprio se chamava. A êsse nome, com o acréscimo de um "i" — **Houdini** — estaria destinado à celebridade mundial!

Sentindo-se preparado para iniciar a carreira, Houdini pediu demissão da fábrica de camisas, onde ganhava o necessário para viver. A esta altura faleceu o rabino, deixando a família com poucos recursos. Seis homens e uma mulher, a espôsa e êle próprio consumiam os pequenos ganhos, que nem sequer chegavam para saciar a fome.

Ehrich, que adorava os pais, sofreu profundamente com o falecimento de Mayer Samuel. Mas começou a ganhar algum dinheiro com as representações que fazia, acompanhado por seu irmão Theodoro. Apresentavam-se como os "Irmãos Houdini" e arrancavam mais aplausos do que dólares. Sempre procurando melhorar, Ehrich aprendeu a nadar numa piscina municipal, a mergulhar e a prender a respiração, de cada vez um pouco mais, até que se tornou inimitável nessa façanha.

Foi nessa época que encontrou uma mocinha, pela qual sentiu-se atraído: Beatrice Rahner! **Bess** era um ano mais moça do que êle; possuía beleza e encanto pessoal. Na segunda vez em que saíram juntos, esqueceram-se das horas e, notando, afinal, ser tão tarde, Bess decidiu não mais retornar ao lar paterno.

— Se eu voltar, serei castigada!

— Então, vamos casar de uma vez! — propôs Ehrich.

Uma aliança de segunda mão, comprada numa casa de penhor, uma licença municipal e duas cerimônias os uniram indissolùvelmente e acima de tudo pela fôrça de um amor que só acabaria com a morte. Receberam as bênçãos de um rabino, e depois de um sacerdote católico — Bess era católica — colocaram suas poucas roupas num velho baú, que Ehrich usava nas suas "mágicas" e partiram por êsse mundo de Deus, onde muitas vêzes passaram fome. Durante êsses primeiros tempos, Houdini recebeu também uma lição.

— Ainda que não "haija" nada nesta manga — disse êle, certa vez, num palco.

Terminado o espetáculo, o empresário o chamou à parte.

— Eh, rapaz... Não deve dizer "haija", e sim "haja". Por que não estuda a gramática?

Com a mesma tenacidade com que treinava com as cordas e nós, com as algemas e as fechaduras, Ehrich começou a estudar gramática e dentro de algum tempo já era capaz de pronunciar uma conferência sôbre o tema, em qualquer escola secundária.

Qualquer coisa lhe dizia que estava destinado à fama. E êste pressentimento o levou a dar a si mesmo o título de "Houdini, o Grande".

Aprendeu, também, nessa época (ao ver que maravilhas realizava um inválido cujos braços haviam sido amputados) a desatar nós com os dedos dos pés.

Fazendo parte do Welsh Brother's Circus, Ehrich e Bess percorreram todos os Estados Unidos. Ao chegar, num certo domingo, a uma povoação da Nova Escócia, um sheriff muito rigoroso desenterrou uma velha lei e resolveu prender tôda a companhia.

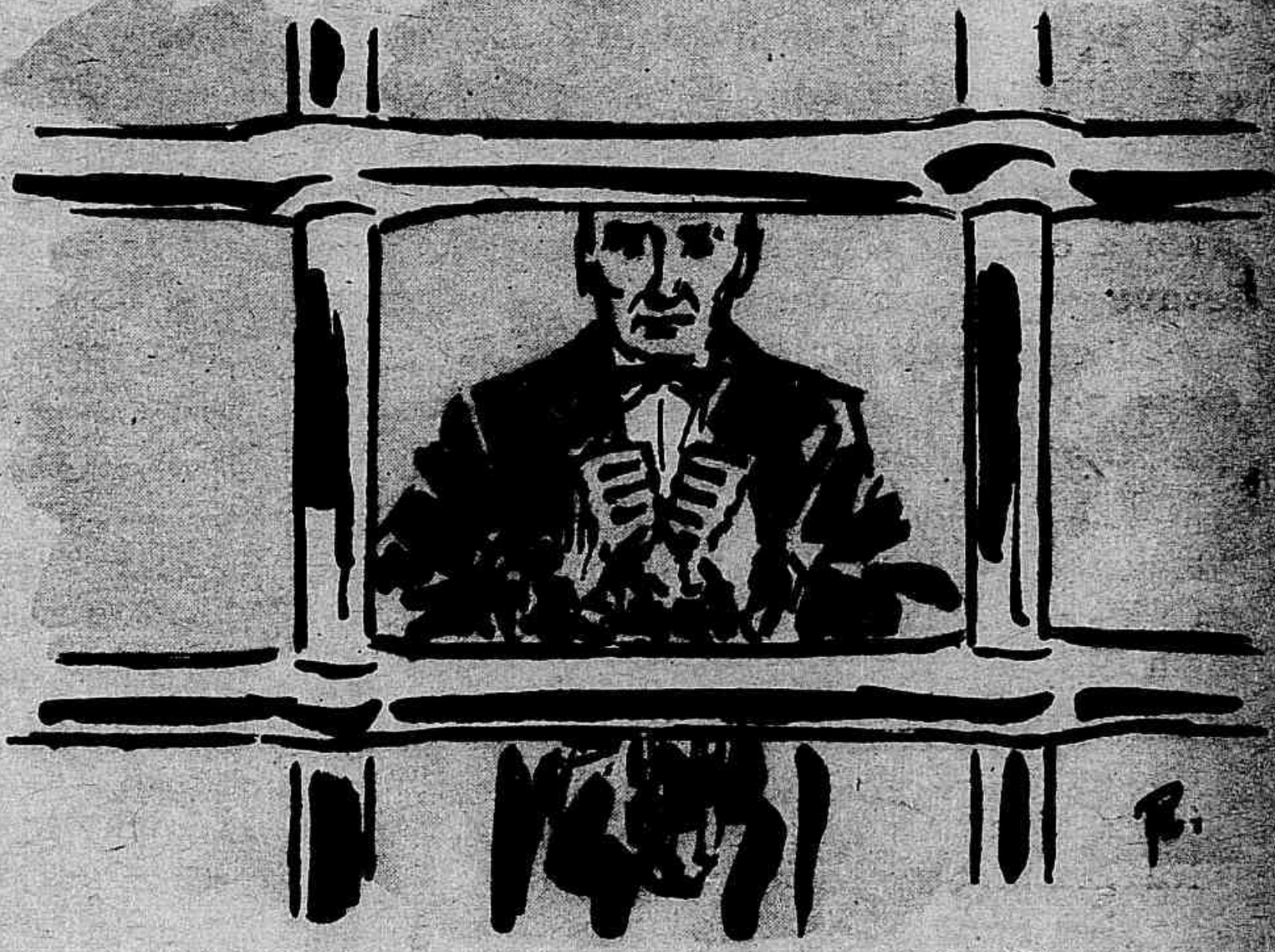
Foi então que Houdini ganhou fama, após uma representação especialíssima. De fato, abriu tôdas as portas dos xadrezes e a companhia inteira pôde fugir com armas e bagagens, naquela mesma tarde, deixando em situação ridícula a polícia local, que não compreendia como diabos tinham podido fugir mais de trinta pessoas de um lugar tão forte e seguro.

Em outra ocasião, em St. John, Houdini foi visitar um manicômio, onde viu como reduziam um louco furioso à mais completa imobilidade empregando uma "camisa-de-fôrça". Isso era um verdadeiro desafio a Houdini, que logo comprou uma dessas camisas, que são de lona forte, abotoadas nas espáduas e cujas mangas terminam num tubo sem abertura, que, por sua vez, são dotadas de correias para prender os braços, cruzados, no peito ou nas costas.

Durante vários dias Ehrich vestiu-se com uma camisa-de-fôrça, e, depois de algumas tentativas, descobriu que era possível deslocar o ombro esquerdo à vontade, o que tornava relativamente fácil livrar-se das ataduras. Depois, aprisionado pùblicamente numa camisa dêsse tipo, em dois ou três segundos ficava livre da mesma.

O "Daily Democrat", em sua edição de 2 de dezembro de 1895, foi o primeiro jornal que se ocupou de Houdini, ao noticiar a forma espetacular com que se livrava de várias algemas. Mas sòmente três anos depois, em Chicago, aprendeu a usar suas habilidades com um bom proveito publicitário. Travou amizade com alguns cronistas policiais, apresentando-se depois ao chefe de Polícia, Andy Rohan, um gigante de pele vermelha, que se gabava de matar um burro com um sôco. Por duas vêzes, Houdini visitou a prisão, acompanhado de Bess, que com seus encantos procurou distrair o desconfiado chefe.

Não se sabe se nessa oportunidade escondeu chaves e gazuas nos lugares mais apropriados; o certo é que no dia seguinte apresentou-se com jornalistas e fotógrafos e afirmou que não só podia libertar-se das algemas, mas também de qualquer xadrez. Aceito o desafio, despiu-se diante das teste-



Treinava constantemente nos xadreses, a fim de melhor conhecer os segredos das algemas e também das portas gradeadas.

munhas e um médico o examinou minuciosamente.

A seguir, tendo nos punhos dois pares de algemas, foi fechado numa cela. Suas roupas foram guardadas em outra cela vizinha, também fechada com **sete chaves,**

Na Inglaterra, assobrou a famosa Scotland Yard.

e os jornalistas foram para o gabinete do chefe, onde ficaram à espera dos acontecimentos. Exatamente sete minutos depois, Houdini surgiu no gabinete completamente vestido e murmurando:

— Não há dúvida! É uma prisão muito segura para qualquer pessoa, **menos para Houdini, o Grande!**

Isso lhe valeu uma semana de trabalho no Teatro Hopkins, de Chicago, e por êle interessou-se Martin Beck, proprietário de uma cadeia de teatros com quem firmou seu primeiro grande contrato: sessenta dólares por semana! Uma verdadeira fortuna para a época. Antes da estréia (em São Francisco da Califórnia), Houdini lançou um desafio à Polícia, que o aceitou. Prenderam-no com dez pares de algemas. Depois amarram as mesmas entre si com uma corrente e o encerraram num quarto, no qual êle nunca havia entrado.

— Deixá-lo-emos ali uma hora, para que se convença da impossibilidade de fugir — disse o chefe de Polícia aos repórteres. — Depois iremos...

Não pôde concluir a frase. Houdini estava entre êles com uma porção de ferros nas mãos, livre e sorridente.

A temporada de 1899 foi magnífica. Ehrich "Houdini" ganhou dinheiro, enviou uma quantia regular para sua mãe e aumentou extraordinàriamente o seu livro de recortes de jornais. Esperava muitos contratos vantajosos. **Mas não obteve nenhum!** Decidiu, assim, mudar de ambiente em busca da celebridade. Partiu para Londres ou, para ser mais exato, **fugiu para a Inglaterra,** livrando-se da ingratidão que encontrou em todos os empresários.

Houdini e Bess foram recebidos friamente na capital inglêsa. Mas tiveram a sorte de encontrar Harry Day, homem empreendedor e tenaz, que começava sua carreira como representante de artistas e estava decidido a triunfar. Day apresentou Houdini a Dundass Slater, gerente do grande teatro Alhambra.

— Mas êste homem só sabe lidar com algemas norte-americanas — disse Slater, com ironia. — Agora, outra coisa seria se pudesse fazer o mesmo com as algemas da Scotland Yard!

Como bom inglês, Slater tinha absoluta confiança nos processos e métodos da polícia britânica. Porém Houdini confiava mais em si mesmo.

— Vamos agora mesmo à Scotland Yard — propôs.

No quartel da Scotland Yard os três foram recebidos com tôda a cortesia pelo superintendente Melville, o que não era de estranhar. Ali até os criminosos são recebidos com polidez.

— Não podemos tomar parte em nenhum truque publicitário — disse Melville — e se alguma vez tivermos que algemá-lo, asseguro que o faremos **com tôda a realidade!**

— Não vejo inconveniente — respondeu Houdini. — Aceito qualquer espécie de algema, as melhores e as mais seguras que possam ter. Coloquem-me três pares, qua-

tro pares, correntes nos pés... o que quiserem.

— Um par é suficiente! — respondeu o superintendente, com o seu desportivo sorriso britânico.

Puxou o par de algemas que trazia no bôlso traseiro da calça e colocou-o em Houdini, que assim ficou, abraçando uma coluna que havia no pátio.

— É assim que algemamos os "yankees" barulhentos! — disse, sorridente.

E acrescentou, dirigindo-se ao seu amigo Slater, do Alhambra.

— Vamos ao meu gabinete. Voltaremos dentro de pouco tempo e veremos como se arranja êste... mágico.

— Um momento! — gritou Houdini. — Se vão ao gabinete irei também!

E exibiu na mão direita as algemas, das quais se havia libertado com a sua habitual facilidade. Descobrira com muita antecedência que as algemas inglêsas podiam ser abertas sem haver sequer necessidade de usar uma chave.

Depois disso, Houdini foi contratado, no momento, para duas semanas no Alhambra.

Na noite da estréia, um rival de Houdini, o inglês conhecido como o "Grande Cirnoc", subiu ao palco e acusou Houdini de usar algemas falsificadas por truques. Houdini deixou que o algemassem, libertou-se **em tempo recorde**, e depois colocou as algemas em Cirnoc. O público pôde contemplar os desesperados esforços do inglês, que, finalmente, reconheceu a derrota e, uma vez que foi o próprio Houdini que o libertou, apertou calorosamente a mão do norte-americano.

Londres inteira aplaudiu o novo mago. As duas semanas se prolongaram por muito mais tempo. Um coronel reformado, que servia em Madagascar arranjou um cêpo usado na ilha remota para prender escravos, e um outro indivíduo ofereceu um colar de ferro, proveniente das ilhas Célebes; e todos puderam ver Houdini, subjugado por tais instrumentos, entrar num quarto e reaparecer, logo depois, livre e sorridente!

Ninguém encontrou aparelho algum do qual Houdini não fugisse, a ponto de um jornal dizer que o norte-americano tinha pacto com o demônio.

Tendo Day programado uma "tournée" pela Alemanha, o chefe de Polícia de Dresdem quis impedir que Holdini, algemado, se lançasse de uma ponte.

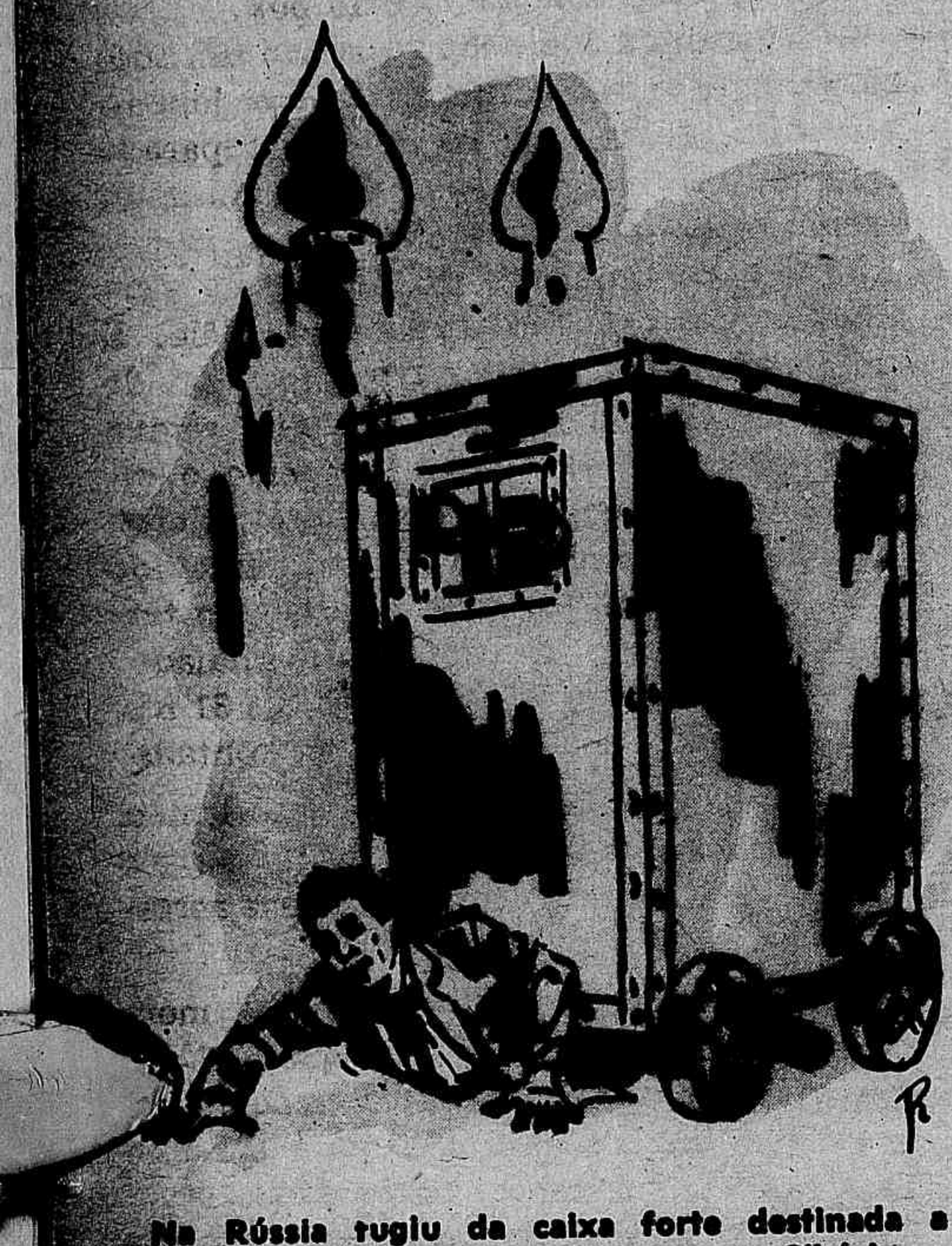
— O senhor está proibido de tentar o suicídio nesta cidade! — afirmou.

Porém Houdini conseguiu a autorização oficial, lançou-se ao rio e logo emergiu das águas inteiramente livre das algemas. A repercussão na imprensa foi enorme e Werner Graff, funcionário da polícia de Colônia afirmou publicamente que "ninguém era capaz de fazer o que fazia Houdini; mas, de fato, **tudo o que êste realizava era por meio de trapaças"**.

Houdini moveu uma ação judicial contra o policial, e, diante do juiz, Graff apareceu com umas correntes... **"para desmascarar Houdini"**. Sem se impressionar, Houdini pediu que esvaziassem a sala.

— Não quero que alguém, além dos membros dêste tribunal, conheça os meus métodos — explicou. E quem saiu desmoralizado foi o funcionário policial. Mas, apesar de tudo, Graff apelou! E ante um tribunal superior, a cena foi repetida. Houdini levou novas grilhetas, algemas e fechaduras **secretas**. Em apenas cinco minutos ficou livre

Na cidade de Dresdem, na Alemanha, lançou-se a um rio, algemado.



Na Rússia fugiu da caixa forte destinada a conduzir os prisioneiros para a Sibéria...

de tôdas elas. Graff foi condenado a pagar multa de trinta marcos, além das custas.

Em 1903, no Wintergarten de Berlim, saiu pela primeira vez a fuga de um caixão, cuja tampa fôra pregada com enormes cravos de aço. O caixão foi armado no próprio palco, em presença do público. Tôdas as precauções foram inúteis, pois Houdini fugiu esta vez e muitas mais.

Na primavera do mesmo ano, o casal Houdini partiu para a Rússia. Havia ali um instrumento que Houdini queria conhecer: "la carette", espécie de cela de ferro, transportável, empregada para levar para a Sibéria os mais perigosos presos políticos. A proeza foi cumprida na Penitenciária de São Petersburgo. O chefe da polícia tzarista vigiou cuidadosamente Houdini e Franz Kukol (ajudante de Houdini e que com o mestre permaneceu muitos anos). Em nenhum momento deixaram que Kukol se aproximasse de Houdini que, ao chegar, colou um objeto nas costas do médico encarregado de examiná-lo depois de despido. Ao vestir se novamente, recuperou o objeto, que era um pano negro no qual estavam envolvidas uma chave-mestra e uma pequena serra — e deixou-se encerrar na "carette", montada sob rodas, tôda de aço e com uma janelinha pela qual passava a mão que levava alimento aos prisioneiros

Houdini encontrou um ponto fraco no piso da prisão; conseguiu assestar a serra numa das conjunturas e, uma hora mais tarde, achava-se em liberdade. A prudente polícia russa explicou que "por meios inteiramente desconhecidos, o norte-americano lograra escapar da cela.

Houdini era, então, um dos personagens mais conhecidos em tôda a Europa. Em maio de 1904 retornou aos Estados Unidos. Os empresários não se mostraram entusiasmados. As cifras que Houdini exigia eram, por outro lado, capazes de impedir qualquer iniciativa de ordem comercial. Então, o famoso mago fingiu completa indiferença. Comprou uma casa antiga e ampla na rua 113, tal como havia prometido à sua mãe. Ali instalou seu museu de algemas e grilhões e uma pequena piscina, na qual iniciou ousadas experiências de natação subaquática. Em certa ocasião, Bess, com o cronômetro na mão e com angustiado entusiasmo, comprovou que o marido conseguira ficar submergido 4 minutos e 16 segundos! Foi assim que realizou notáveis provas, como a de 1906, quando lançou-se às águas geladas do rio Detroit, saltando da ponte de Bell Isle. Os seus auxiliares abriram um furo no gêlo e Houdini por êle mergulhou, com pés e mãos algemados. Não obstante a temperatura da água, livrou-se dos ferros no espaço de alguns segundos, porém, quando quis emergir **não encontrou o furo!** Sua cabeça bateu várias vêzes contra a superfície gelada do rio, enquanto uma corrente o afastava mais e mais do furo na capa de gêlo. Então descobriu que grandes bôlhas de ar ficavam acumuladas junto à capa de gêlo. Nadando de costas, começou a absorver pequenas quantidades de ar, o suficiente para que prolongasse a própria vida por cêrca de dez minutos. Quando, finalmente, reapareceu, encontrou os seus ajudantes e o público curiosos. Os jornalistas haviam corrido para seus jornais, a fim de relatar a sua morte. Em 1906 voltou à Inglaterra e ao retornar aos Estados Unidos, — enfim!

— foi recebido com grande entusiasmo e não houve um só empresário que vacilasse em pagar o que êle pedia. Sua primeira aparição, com tôdas as honras, ante o público americano, foi em Boston, no Teatro Colônia, onde tôdas as suas apresentações seriam uma constante apoteose.

Durante êsses anos escapou de caixões pregados com cravos de aço, de grandes cilindros de metal, soldados diante do público, de um ataúde soldado e submergido num tanque d'água com paredes de cristal, de caixas de papelão e de bôlsas de papel sem rasgá-las. Lançou-se às águas de dezenas de rios e lagos... Em 1908 incorporou à sua equipe de auxiliares o fiel Collins, uma maravilha de eficiência, com o qual aperfeiçoou novos truques e novas evasões ainda mais espetaculares.

Em julho de 1912, algemado, foi encerrado num caixão, que desceu ao fundo do rio Hudson. Antes de que o caixão atingisse dez metros de profundidade, Houdini apareceu nadando e sorridente, ao mesmo tempo que agitava o braço para a multidão delirante, que o aplaudia.

Em 1919 apareceu no cinema. "O Anno do Mistério" era como se chamava uma interminável série, na qual Houdini aparecia amarrado, transformado num salsichão humano, enquanto uma colossal locomotiva ameaçava cortá-lo em pedaços. Houdini escapava dessa e de tôdas as demais situações de perigo; porém, o cinema, com a facilidade de seus truques, não podia causar a impressão que o mago provocava na vida real. E, além disso, Houdini, extraordinário em sua arte, era um péssimo ator.

Uma das últimas façanhas de Houdini foi no dia 5 de agôsto de 1926. Um pseudo derviche, Rahmen Bey, fazia-se encerrar numa caixa de vidro cheia d'água e nela permanecia submergido durante uma hora. Afirmava êle que entrava em transe e que por isso não necessitava de ar!

Houdini também submergiu numa dessas caixas e ali ficou, sem ar, durante uma hora e meia... porque levou um cartucho de oxigênio comprimido, debaixo do braço, conseguindo assim vencer o desafio com o derviche. No dia 22 de outubro de 1926 estava palestrando em seu camarim, num teatro de New York, quando lhe apresentaram um robusto rapaz muito dado aos esportes e inteiramente fanatizado pelo box.

— É verdade que pode resistir a um sôco no estômago? — perguntou-lhe o jovem.

— Sim, desde que eu esteja preparado para neutralizar a pancada com os músculos abdominais.

Mas, nesse instante, distraído, não percebeu que o rapaz se aproximava dêle. E um terrível sôco no ventre o apanhou de surprêsa. No dia seguinte, Houdini estava adoentado, embora tivesse oferecido o espetáculo da tarde. Mas, ao anoitecer, piorou sensìvelmente. No outro dia, ao descer do trem, em Detroit, tinha febre alta. Ao terminar a primeira função caiu desmaiado. Estêve, agonizante, sete dias. No dia 31 não resistiu mais. Vivia pela fôrça de vontade.

— Não posso mais — disse êle ao irmão, que se achava junto do leito. Beijou o rosto de Bess com extrema ternura e sem acrescentar mais uma palavra, morreu.

Era a fuga final, definitiva! Antes de morrer havia combinado com Bess que se fôsse possível, transmitiria, do outro mundo, uma mensagem cifrada. Até 1943, ano em que Bess faleceu, sua espôsa não a havia recebido. Nem mesmo Houdini pôde fugir da insondável região das trevas!

Mergulhou no Hudson gelado... e quase morr

insinuante
A SAPATARIA
MAIS QUERIDA
da CIDADE
Sugere
UM PRESENTE
UTIL
AGRADAVEL
ECONOMICO
insinuante
CARIOCA, 46·48 - 7 de SETEMBRO, 199·201
DEVOLVE A IMPORTANCIA COM O MESMO SORRISO COM QUE LHE VENDE.

ÓLEO DE CEDRO

O MELHOR PARA OS MÓVEIS

(PARA A CAPITAL E O INTERIOR)

APRESENTA O RESULTADO DO TERCEIRO CONCURSO REALIZADO POR HENRIQUE BATISTA NO AUDITÓRIO DA RÁDIO VERA CRUZ NO DIA 29/9/955

O PRÓXIMO CONCURSO SERÁ REALIZADO NO DIA 29/12/955, ÀS 9,30 DA NOITE E PARA TOMAR PARTE BASTA O SEGUINTE:

1º Enviar uma carta para Av. Rio Branco, 137 — SALA 616 — RIO — CONCURSO DO ÓLEO DE CEDRO — acompanhada de 1 rótulo do ÓLEO DE CEDRO.

2º Na carta terá que constar nome e endereço de quem remete e o endereço do local em que foi comprado o ÓLEO DE CEDRO.

Cr$ 5.000,00 — D. EMÍLIA DE OLIVEIRA MELO E LÔBO, Rua Condêssa Belmonte, 67 — 100 dúzias de óleo de Cedro para quem vendeu: Depósito de Sabão, Rua Barão de Bom Retiro, 619, Rio.

Cr$ 2.000,00 — ANTÔNIO FIGUEREDO PÓVOA, Rua Sirici, 171, Marechal Hermes — 40 dúzias p/ quem vendeu: Rua Juaritê, 411 — Rocha Miranda, Rio.

Cr$ 1.000,00 — MADAME FREITAS, Rua Penedo, 106 — Penha — 20 dúzias para quem vendeu: Mercadinho Sto. Antônio, Rua Cardoso de Morais, 364, Rio.

Cr$ 500,00 — D. MARIA ARMANDA, Rua Iiandu, 216, Irajá — 10 dúzias p/ quem vendeu: Armazém São Jorge, Rua Eimã, 33, Irajá, Rio.

Cr$ 250,00 — SR. ELY TINOCO PALMESIN, Travessa São João, 77 — 5 dúzias para quem vendeu: Armazém S. Pedro, Rua Nova Azevedo, 483, São Gonçalo, Estado do Rio.

PRÊMIOS DE CR$ 50,00 PARA O CONSUMIDOR E UMA DÚZIA DE ÓLEO DE CEDRO PARA QUEM VENDEU, NUM TOTAL DE 25 PRÊMIOS E 25 DÚZIAS DE ÓLEO DE CEDRO, CONFORME SEGUE:

Thamar Levy Cohen, Rua 10 de Julho, 93 — Mercearia Esperança, Av. Epaminondas, 391, Manaus — Amazonas. Carlos Moura, Av. Afonso Pena, 808 — Aristeu Gomes, Mercado Cidade Alta — Natal — R. G. do Norte — Valdomiro Cerqueira Paes, Praça Antônio Pessoa, 45 — Armazém Brasil, Rua Vidal Negreiros, 165 — Campina Grande, Paraíba — Carmem da Conceição, Travessa Antônio Coelho, 242 — Rua S João nº 1, São Gonçalo, Estado do Rio — Paulo Stalin Montedo, Rua Goulart Andrade, 38, Realengo — Armazém do Cézar, Est. Real Sta. Cruz, 962, D. Federal — Albertina A. Costa, Rua Ibiapina, 71, Penha — Porta do Sabão, encostada no Café, Praça das Nações, Bonsucesso, Rio — Júlio Borges Vilela — Casa Marques, Guapiaçu, São Paulo — St. Gilda Aurélia, Rua 26, nº 48 — Lojas Americanas, Praça Brasil, 176 — Volta Redonda, Est. do Rio — Zilda Moraes, Rua Pedro Ernesto, 89 — O Dragão, Rio — José Teixeira Silva, Rua Visc. Rio Branco, 53, apto. 207 — Loja Americana, Carioca, 45, Rio — Julieta Moles de Oliveira, Rua Carolina Machado, 1.416, c/2, Bento Ribeiro — Comprado na Feira-livre, Rio — Menino Cláudio de Souza Lesse, rua Alte. Cândido Brasil, 308, Vila Isabel, SAPS — Rio — Osvaldo Soares, Rua Marins Loureiro, 128, Vicente Carvalho — Armazém Santo Antônio, Est. Vicente Carvalho, 596, D. F. — Maria Augusto de Oliveira — Armazém Gonçalves, Praça Major Salustiano s/n. — Idem São Paulo, Lídia Rocha de Oliveira, Rua Carolina Machado, 1.416, c/ 2, Bento Ribeiro — Armazém Estr. Gamboara, 3.913, Rio — Florisbela B. Domingues, Rua Henrique Boiteux, 102 — Rua Cachambi, 325, Méier, D. Federal — D. Therezinha B. Nascimento, Rua Domingos Mendim, 76 — Lojas Governador de Ferragens, Est. Monjolo, 5-B, Ilha do Governador, Rio — D. Isabel Moraes, Rua Mundo Novo, 434 — Armazém Chave de Ouro, Rua Marquês de Olinda, 94, Rio — Walter de Fernando — Armazém Rua das Palmeiras, 307, Guapiaçu, Est. São Paulo — Orlando Medeiros, Rua Benjamim Constant, 12 — Emprêsa Castro, Av. Pres. G. Vargas, 59, Cordeiro, Est. do Rio — Francisco C. Vieira, Rua da Constituição, 57, apto. 301 — Rua Carioca, 45, Rio — Margarida Batista de Paula, Rua Ladislau Netto, 29, c/6, Andaraí — Loja Americana, Rua Carioca, Rio — Ermenia Negreli — Casa Marques, Guapiaçu, Est. São Paulo — Dirlei Lírio, Rua Etelvina Chaves, 213 — Cutelaria do Povo, Av. Nilo Peçanha, 284, Caxias, Est. do Rio — Oswaldo Soares, Rua Marins Loureiro, 128 — Armazém Sto. Antônio de Pádua, Est. Vicente Carvalho, 596, Rio.

As cartas do interior tomam parte em absoluta igualdade de condições com as que são entregues aqui no Rio. Pedimos a tôdas as pessoas que puderem comparecer no Auditório da Rádio Vera Cruz nos dias de Concurso, às 9,30 da noite para que possam ver com os próprios olhos como é feito o nosso concurso. No próximo sorteio (29/12/55) serão distribuídos os mesmos prêmios dos concursos passados. Cada pessoa poderá remeter quantas cartas quiser.

O Concurso é feito da forma seguinte: Tôdas as cartas recebidas até à hora do concurso são colocadas no tablado onde, depois de bem embaralhadas, vão sendo tiradas, uma a uma, pelo cego Protásio Domingues Assunção, da Associação Aliança dos Cegos, Rua 24 de Maio, 47, Rio, e passadas às mãos do animador do programa que as vai abrindo, lendo-as e colocando-as sôbre a mesa de contrôle onde podem ser examinadas pelos interessados. Primeiro os prêmios de Cr$ 50,00 (25 prêmios), depois Cr$ 250,00, Cr$ 500,00, Cr$ 1.000,00, Cr$ 2.000,00 e Cr$ 5.000,00.

IMPORTANTE: Os prêmios do interior serão remetidos pelo correio. Os prêmios de Cr$ 50,00, aqui do Rio poderão ser recebidos na Av. Rio Branco, 13 — sala 616.

Os 5 prêmios maiores serão pagos no dia 6 do corrente, às 9,30 da noite, no Auditório da Rádio Vera Cruz, ficando aqui, convidadas, as pessoas premiadas.

SE VOCÊ SABE, RESPONDA LOGO!

Que é... ANEMÓFOBIA?
Que é... MORFOFOBIA?
Que é... PALINDROM?
Que é... GESTA?
Que é... NEOMENIA?
Que é... COLUSÃO?

(Ler resposta na página seguinte).

★

CURIOSIDADES HISTÓRICAS.

— O mais numeroso casamento coletivo de tôda a História foi celebrado em 324, antes de Cristo, em Susa, Pérsia, quando Alexandre Magno casou dez mil soldados do seu exército com outras tantas jovens persas.

— Um dos maiores gestos de cortesia da História se verificou durante a batalha de Fontenoy, em 1745. Quando os exércitos se encontraram frente a frente, os ingleses convidaram os franceses a disparar a primeira salva de tiros. Os franceses recusaram o oferecimento e declararam que os ingleses, sim, deviam começar a disparar os tiros de seus fuzis. Os ingleses imediatamente aceitaram e... mataram ou feriram 50 oficiais e 760 soldados, logo na primeira salva.

★

PENSAMENTOS...

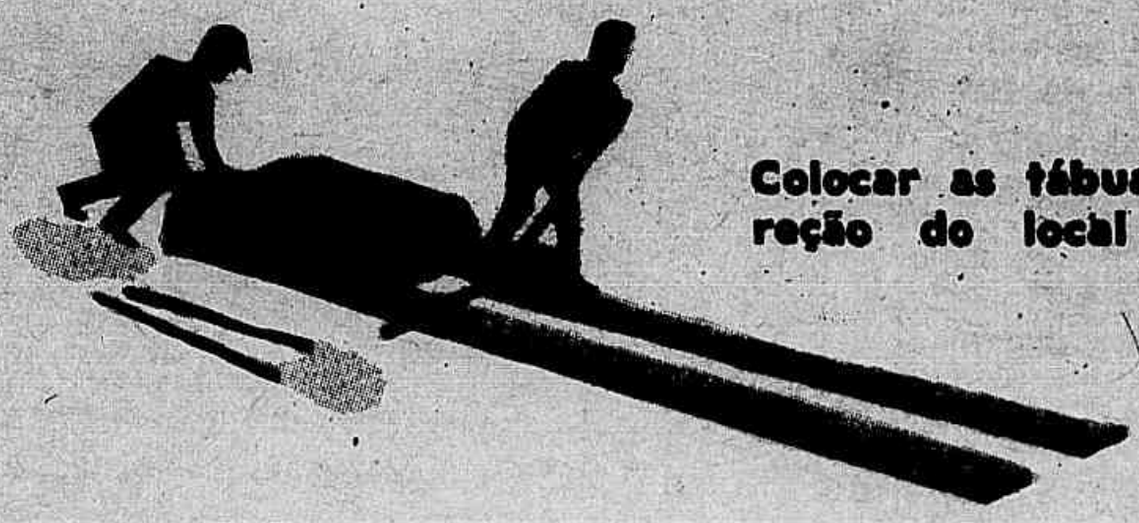
A vaidade é o amor próprio... a descoberto. A modéstia é o amor próprio que se oculta. — Fonten

— Não se pode amar sinceramente, senão aquilo que se respeita sinceramente. — Hegel

Material? Duas vigas, duas ou mais tábuas longas, quatro pedaços de cano de ferro, uma alavanca, uma corda forte, alguns calços.

Com a alavanca e os calços, colocar as tábuas sôbre a pedra. Não é preciso fazer fôrça. Alavancas e rampas chegaram para construir as pirâmides!

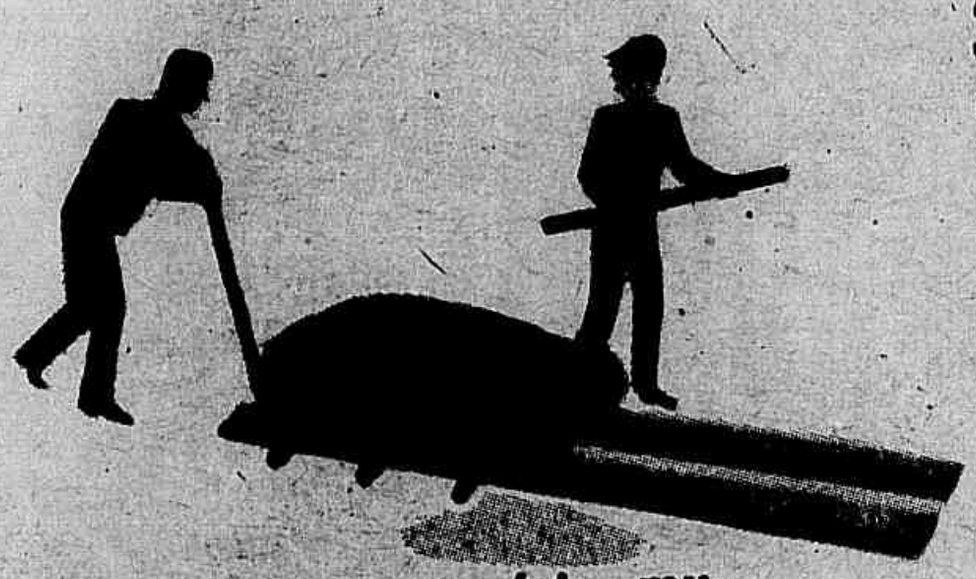
Com a alavanca e os canos ajeitar a pedra sôbre as tábuas menores na melhor posição.



Colocar as tábuas maiores na direção do local para aonde se pretende levar a pedra, usando-se os canos para arrastar sem esfôrço.

A melhor maneira de remover grandes pedras

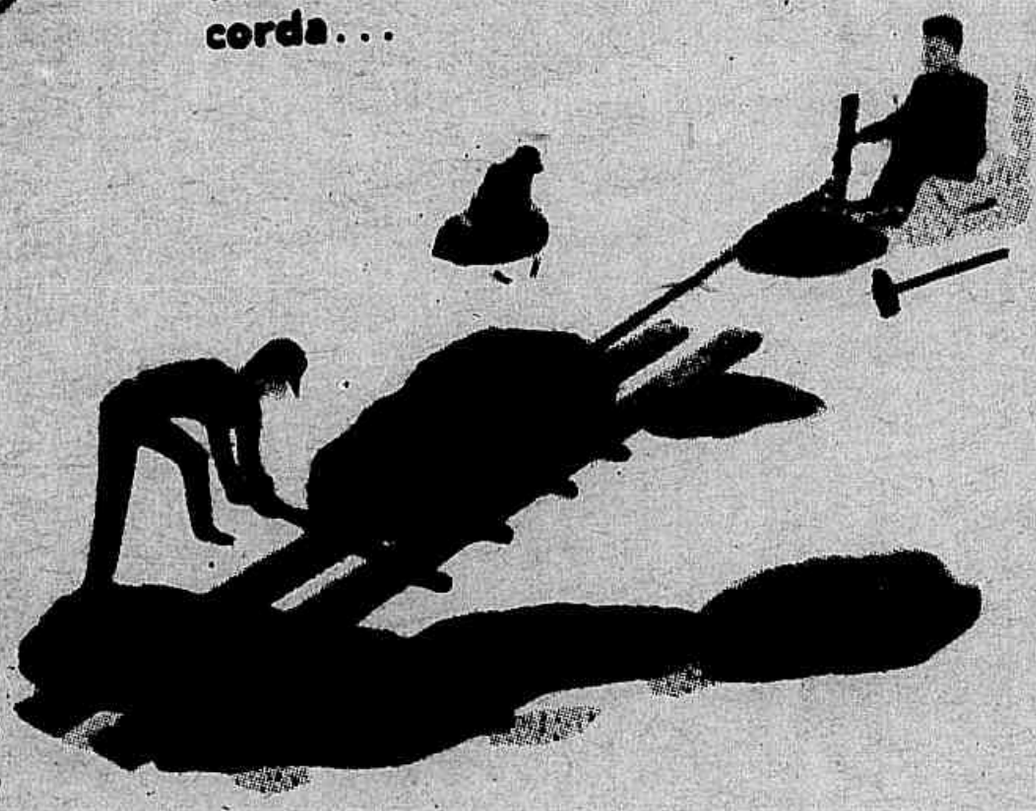
As pedras tanto podem ser obstáculos desagradáveis à construção de uma casa ou o arranjo de um jardim, como — ao contrário — constituem objeto de atenção e interêsse, servindo para dar ambiente, ornamentar e ter mesmo utilidade real. Será conveniente, às vêzes, removê-las daqui para ali... Como? Eis o que ensinamos nestas duas páginas. Olhem, leiam e vejam como é fácil.



Quando fôr necessário mudar de direção, colocar, primeiro, as novas tábuas na direção conveniente, encaixando-se as mesmas sob as extremidades das tábuas anteriores.

As tábuas menores servirão de chão para a pedra poder rolar com facilidade sôbre os canos, estando êstes sôbre as tábuas maiores.

Para descer a pedra por uma ladeira acentuada é preciso usar, primeiro, uma rocha menor, enterrada, como suporte. Depois com a alavanca enterrada e uma corda...



... que se enrolou uma vez na alavanca, deixar a rocha deslizar pouco a pouco sôbre os canos nas tábuas inclinadas, mudando-se sempre o cano de trás para a parte da frente, assim sucessivamente.

N.B. — Certas rochas, bem lavadas e de forma favorável, servem de ótimos leitos para banho de sol, enfeitando-se um relvado.

SE VOCÊ SABE, RESPONDA LOGO!

(Respostas da página anterior)

— Anemofobia é a obsessão angustiosa que o vento provoca em algumas pessoas.

— Morfofobia é o horror pelas deformidades do corpo. Principalmente, o receio de vir a padecer dos mesmos defeitos. Também se chama Dismorfofobia.

— Os antigos chamavam palindroma (ou palindromo) a frase escrita que podia ser lida da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda, sem perder sua significação ou sem mesmo alteração da ordem das letras. Exemplos: **Melão comia Pedro; Roma me tem amor.**

— Gesta é o conjunto de feitos memoráveis de algum personagem.

— Neomenia é o primeiro dia da Lua.

— Colusão é, em linguagem forense, o pacto feito por dois em prejuízo de terceiros.

★

A FORÇA MENTAL

O romancista Booth Tarkington sempre se gabava de poder suportar qualquer coisa na vida, menos uma: a cegueira. Depois, superados os sessenta anos, começou a perder a vista. Quando as trevas chegaram a impedir-lhe a visão, Tarkington disse:

"Descobri que posso suportar a perda da vista, como posso suportar qualquer outra coisa. Se perdesse mesmo todos os cinco sentidos, saberia viver na minha mente. Porque é na mente que vemos e vivemos."

NA Batávia, a mocinha euro-asiática, de pequena estatura, olhos amendoados, Banda Xelle Mc Leod esperava, um mês atrás de outro, que sua mãe voltasse de Paris. Assim continuava esperando, desde a infância, e agora já contava dezessete anos. De vez em quando chegavam cartas com a inscrição "Visto pela Censura", expressões do mais profundo amor — e de tempos em tempos uma fotografia — jamais falava de regressar a Java.

Para uma mocinha (principalmente quando nela se combinam tão perfeitamente a inteligência e a beleza), a vida com seus parentes na Batávia estava muito longe de ser agradável; especialmente sendo a mãe uma famosíssima bailarina na Europa.

Porém, em certo dia de novembro de 1917, Banda recebeu uma carta. Estava datada por sua mãe do dia 15 de outubro e nela dizia estar escrevendo... poucas horas antes de morrer. Passados alguns dias, os parentes contaram a Banda tôda a verdade: sua mãe, a famosa bailarina Mata Hari, também tinha sido o H.21, uma espiã da Alemanha. Sua última carta tinha sido escrita da prisão de Saint-Nazaire, de Paris, algumas horas antes de ser conduzida a Vincennes... e executada por um pelotão.

Dêste modo entrou em erupção, como o próximo vulcão de Semery, o pequenino mundo de Banda Zelle Mc Leod.

Desde aquêle momento a pobre criatura não tornou a mencionar jamais o nome de sua mãe nem falou de suas atividades, porém em seu fôro íntimo sentia-se filha de uma mulher que havia descido a vis intrigas e resolveu não seguir o seu exemplo e viver, dêsse modo, uma vida melhor.

Dedicou ao estudo todo o seu apreciável talento, trabalhou duramente num colégio para os filhos dos funcionários holandeses, a fim de conseguir o seu título e, armada com êle, dedicou-se também ao ensino.

Mercê de rara combinação de beleza e inteligência, que compunha sua personalidade, logo passou a fazer parte da vida social da Batávia.

Na cidade suas reuniões eram reduzidas, porém as pessoas que a elas concorriam representam a nata: diplomatas, intelectuais, jornalistas e forasteiros interessantes. Enquanto na Europa uma película relatava

A HISTORIA MAIS ESTRANHA DESTE MUNDO:

"Ela tambem foi espiã Ela também morreu diante do pelotão de fuzilamento!"

A FILHA DE MATA HARI

a vida de sua mãe e a certos homens de Estado o nome de Mata Hari fizesse estremecer com um sentimento de culpa, Banda lograva manter secreta sua verdadeira identidade entre as suas novas amizades.

Porém a sua paz não havia de durar muito. Na Europa, Hitler lançava seu desafio ao mundo, e Mussolini logo o imitava. Então veio a agressão japonêsa. Chegaram repentinamente, cruzando o mar de Java e a 31 de fevereiro derrotavam aos escassos navios de guerra aliados, que tentaram defender as dilatadas linhas da costa.

Outra vez estremecia o pequenino mundo de Banda Zelle Mc Leod. Tinha ela, então, quarenta e dois anos. Teve que recomeçar a vida novamente, agora sob a garra japonêsa, imbuídos da idéia de uma "esfera de co-prosperidade" na qual os países asiáticos poderiam ver-se livres dos homens brancos. Porém Banda logo entendeu que essa liberdade consistia em trabalhar fèrreamente para os fanáticos japonêses. O povo de Java também não tardou a compreender o mesmo. Foi então iniciado um movimento de resistência, que se organizou gradualmente, à medida que os holandeses e os britânicos se refaziam da primeira e inesperada bofetada. Num certo dia de julho de 1942, o rapaz que lhe servia de copeiro, em sua casa de Batavia, anunciou um visitante.

— Não me reconheces, Banda? — perguntou êste, em holandês.

Ela respondeu cortêsmente e êle foi diretamente ao assunto. "Quanta gente sabia que ela era filha de Mata Hari?"

— Ninguém! — respondeu Banda.

O homem disse com tôda crueza que, se isso fôsse conhecido em Batávia, não a favoreceria muito. Sua escola, por exemplo, seria fechada. E Banda sabia o que viria a seguir... Não queria colaborar com os japonêses? Era necessário compreender que êsses eram os únicos que tinham idéias justas e grandiosas sôbre a Ásia, não lhe parecia?

Banda assentiu, com um movimento de cabeça. Faria o que... era solicitado.

Porém, desde logo, entrou em contacto com a Resistência, a cujos cabeças e responsáveis informou com relação ao seu novo papel e êles concordaram em que com êle surgiam novas possibilidades.

As reuniões na residência de Banda prosseguiram; com os principais dirigentes aliados convidou também oficiais do exército, da marinha e da aviação japonêses. Banda era tôda ouvidos. Assim ouviu as

notícias sôbre todos os movimentos dos reforços japonêses, a entrada e saída de seus navios de guerra, o movimento de seus aviões, etc. E tudo foi comunicado à Resistência. Tudo passando aos britânicos, holandeses e norte-americanos. Apontava, assim, aos aliados, a melhor zona de operação para os seus bombardeiros, o mais indicado trecho de mar para a ação dos seus submarinos e onde convinha colocar

os grupos de resistência por todos os rincões do arquipélago malaio.

Pouco a pouco, os britânicos e norte-americanos foram recuperando a iniciativa da guerra. Os japonêses começavam a ser rechaçados através do Pacífico. Banda viu a Resistência entrar em ação conforme mais se aproximavam os Aliados... E Java foi, enfim, libertada.

Mas o dia V-J não trouxe uma paz duradoura. Nem nacionalistas nem comunistas queriam o retôrno dos holandeses, embora, por motivos diferentes. Banda, que já tinha quarenta e cinco anos, observava os métodos comunistas e seu ódio contra êles ia crescendo.

Em princípio de mil novecentos e quarenta e sete um amigo comum apresentou outro personagem numa de suas reuniões. Era malaio. A ainda bela e elegante Banda se sentiu imediatamente atraída por êle e começou a conversar. Seu nome era Sulamein. Enquanto Banda fazia a sua guerra na Batávia, Sulamein tinha feito a sua com o famoso Exército-Interno, 136, contra os japonêses. Agora, segundo Banda descobriu, o homem havia mudado. Confessou-lhe que era comunista e que odiava aos britânicos. Era preciso expulsá-los da Malásia! Êle mesmo tinha a sua própria guerrilha na selva, para acossá-los. Com a ajuda dos comunistas chineses expulsariam os homens brancos e a Malásia seria livre. Não era a primeira vez que Banda ouvia isso. Conhecia outros homens, igualmente bravos e inteligentes, apanhados na mesma rêde marxista.

Êste, no entanto, não devia continuar acreditando no comunismo; Banda, aos 47 anos, se enamorara. Viam-se com freqüência. E sempre discutia com êle, tratando de mostrar-lhe quão errado estava. Descreveu-lhe como ela própria tinha visto os comunistas em ação e como haviam estado a ponto de fazer fracassar a criação de uma Indonésia independente. E descobrira, por meio de suas próprias fontes de informação, que os comunistas não tinham confiança em Sulamein. Paulatinamente, as idéias dêste foram evoluindo e tanto êle quanto a sua amada Banda começaram a trabalhar contra os comunistas.

Alguns meses mais tarde, Banda foi convidada a visitar a América para tomar parte numa emissão de rádio destinada ao Extremo Oriente. Durante sua estada ali conheceu em Washington muitos oficiais, aos quais assombrou com seus conhecimentos e total compreensão dos assuntos asiáticos. Assinalou-lhes o perigo do comunismo na Ásia. Explicou-lhes as intenções dos comunistas chineses e salientou que as atividades da guerrilha na Malásia, que tanta dor de cabeça estava dando aos britânicos, na realidade formava parte de um plano muito mais vasto, para desarticular o Sudeste da Ásia. Os homens de Washington ficaram impressionados.

Banda regressou a Jakarta, como tinha sido rebatizada a Batávia. Péssimas notícias a aguardavam. Sulamein tinha morrido nas mãos dos comunistas.

Ao fim de poucos dias, Banda recebeu em sua casa de Jakarta uma visita muito importante: a de um funcionário do govêrno norte-americano. Ràpidamente esboçou o seu plano: necessitavam de um trabalho delicado e que sòmente êle era capaz de realizar. Banda, dias depois, viajava secretamente para a Coréia e de lá para a China.

Durante mais de um ano estêve agindo, enviando informações a Washington. Depois, os norte-coreanos invadiram o sul... Banda logo comunicou as intenções da República Popular Chinesa de ajudar aos norte-coreanos... e de que modo o fariam.

Porém, chegou o dia em que foi descoberta por um homem que a conhecia desde os tempos da ocupação japonêsa em Java. Então era comunista e ao terminar a guerra e tornando-se para êle muito difícil a vida, fugiu para a China. Agora decidira denunciá-la. Banda foi prêsa e interrogada. Que estava fazendo na China? Tinha a resposta preparada, mas não acreditaram em suas palavras. O delator conhecia muito bem o seu velho ódio aos comunistas. Era espiã norte-americana? Negou-se a responder. Foi levada a um tribunal popular e, após curto julgamento, condenada à morte.

Trinta e um anos depois de Mata Hari ter enfrentado a morte num recanto de pátio, em Vincennes, sua filha, Banda, era fuzilada por um pelotão de execução chinês.

Não se sabe o lugar do seu túmulo, nem mesmo a medida em que ajudou ao govêrno norte-americano.

Êste é um segrêdo que, por motivos de natural precaução, não será revelado nestes vinte e cinco anos...

★

UMA ANEDOTA DE ROSSINI

GIOVANNI Rossini, que com sua obra "A Soberana de Monza", pretendera dar uma continuação à celebérrima novela de Manzoni, dizia constantemente:

— O pobre Manzoni não me perdoa por ter feito esquecer, com minha Soberana de Monza, a sua obra Promessi Spossi...

Certo dia, visitando Manzoni, disse ao criado que lhe abriu a porta:

— Anuncie a Alexandre Manzoni que o autor de Soberana de Monza desejo vê-lo.

Poucos minutos depois, o criado voltou com esta resposta:

— O sr. Alexandre Manzoni roga ao autor da Soberana de Monza que lhe mande dizer seu nome, pois não conhece a peça nem o autor.

★

PODIAM ESPERAR...

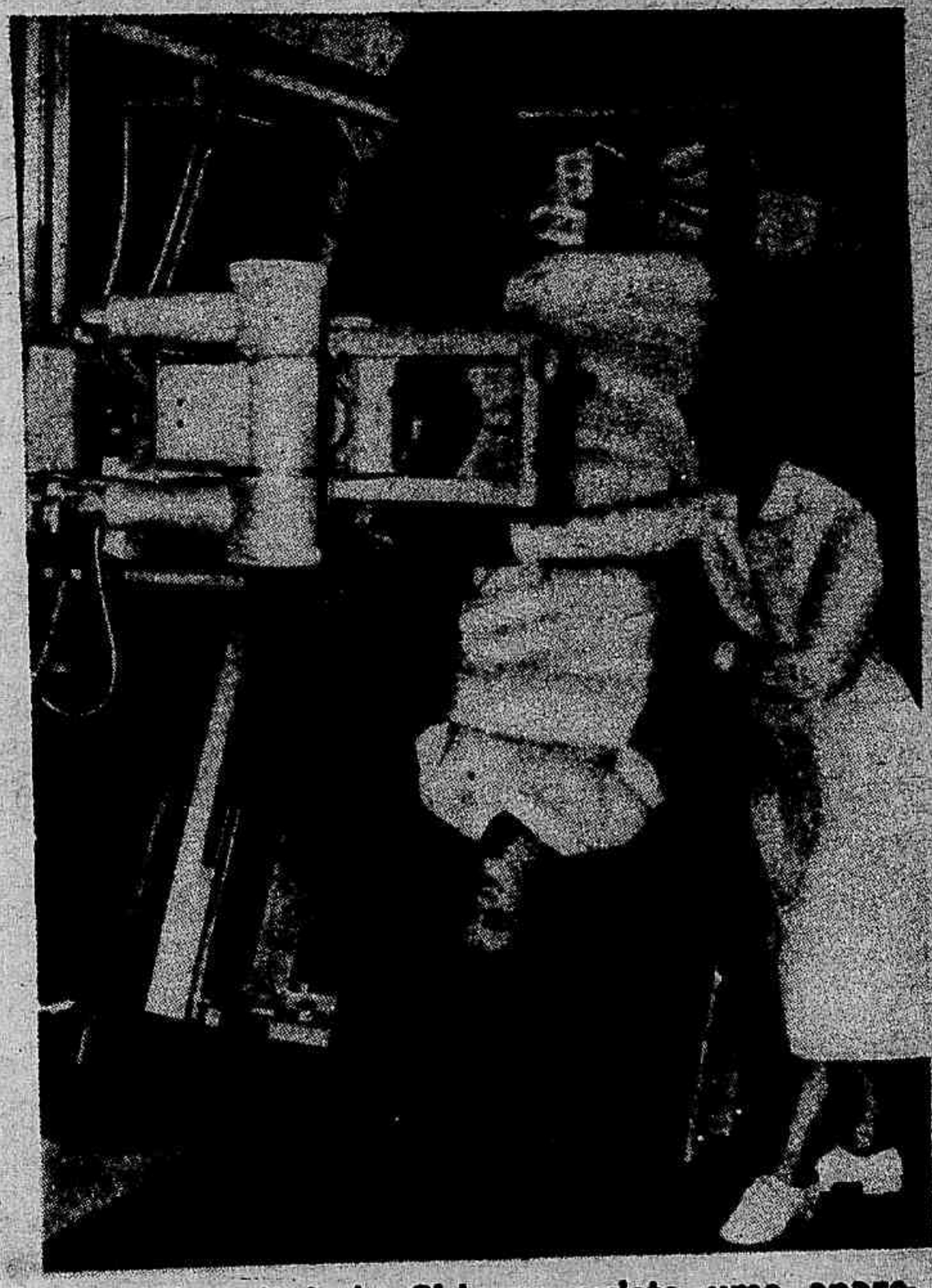
TÚLIO César ordenara que as terras de uma província do império fôssem distribuídas entre soldados. Vários senadores, que possuíam importantes latifúndios naquela zona ficaram indignados e decididos a combater aquela ordem. Entre os oposicionistas mais tenazes figurava o senador Lúcio Gellio, homem de idade avançada, que declarou impetuosamente:

— Essa distribuição não será feita enquanto eu viver!

Então, Cícero, que se encontrava na assembléia, observou com voz suave:

— Se é assim podemos esperar. Lúcio Gellio pede curto prazo para a aplicação do decreto.

RADIOGRAFIA... DE CABEÇA PARA BAIXO!



NUM hospital de Chicago existe uma aparelhagem graças à qual é possível tirar radiografia do paciente que esteja de cabeça para baixo, a fim de ser controlado os progressivos efeitos de líquido especial injetado na espinha.

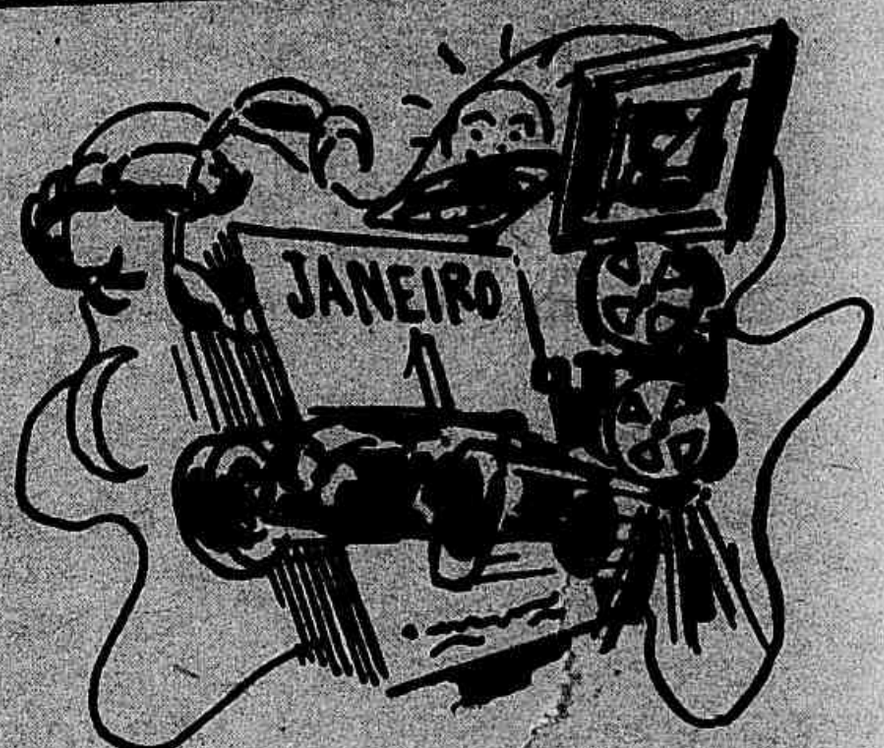
ALMANAQUE EU SEI TUDO

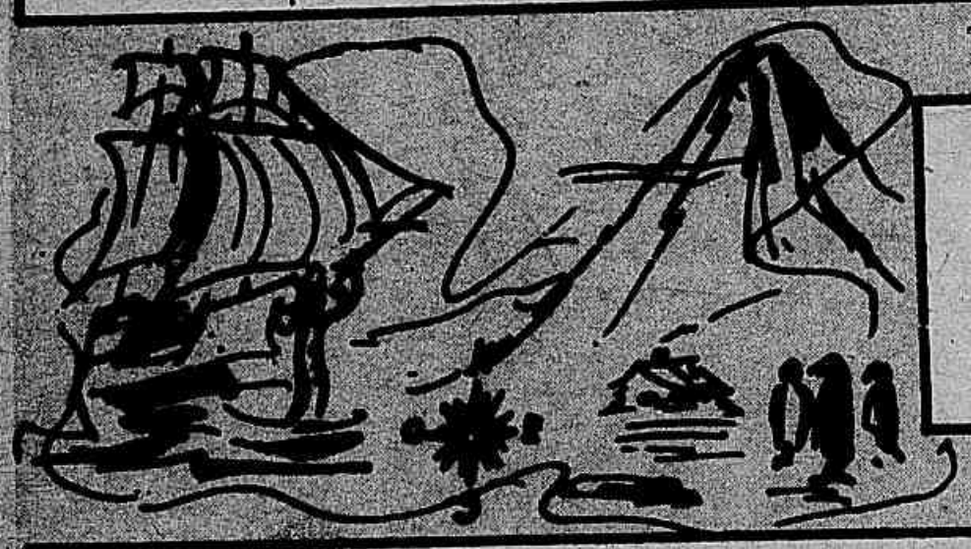
para

1956

O LIVRO MAIS ESPERADO DO ANO... PORQUE TEM TUDO QUE PODE INTERESSAR A TODOS, SEM DISTINÇÃO DE SEXO, IDADE E PROFISSÃO!

CALENDARIO PERPETUO ★ CALENDARIO PERPETUO DAS FESTAS MÓVEIS ★ CALENDARIO CATÓLICO ★ CALENDARIO PROTESTANTE ★ CALENDARIO CIVIL ★ CALENDARIO CRISTÃO ★ O ANO AERONAUTICO ★ O ANO ESPORTIVO ★ O ANO CINEMATOGRÁFICO ★ O ANO ARTISTICO ★ O ANO AUTOMOBILISTICO ★ O ANO CIENTIFICO ★ O ANO EX-LIBRISTICO ★ O ANO HOROSCÓPICO ★ O ANO AGRICOLA ★ FASES DA LUA, ENTRADA NOS SIGNOS, ECLIPSES DOS ANOS, CONCORDANCIAS COM AS DEMAIS ERAS





A MAIS COMPLETA HISTÓRIA SÔBRE O AVANÇO DO HOMEM SÔBRE A SUPERFICIE TERRESTRE.
«O FIM DO DESCONHECIDO»
RICAMENTE ILUSTRADA COM QUADROS CÉLEBRES, MAPAS E CARTAS MARITIMAS DE TODOS OS TEMPOS.

1 ROMANCE COMPLETO — 1 COMÉDIA PARA REPRESENTAR
Contos — Narrativas Históricas — Testes, Adivinhações
UMA INFINITA VARIEDADE DE ASSUNTOS PARA DISTRAIR

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — RIO

ADQUIRA QUANTO ANTES O SEU EXEMPLAR!

A MORTE COM MEIAS DE SÊDA

Romance de **ANTHONY BERKELEY** ★ *Tradução de* **RENATO DE ALENCAR**

Após "O Diário de Felix Lane", que emocionou os nossos leitores com as alternativas que sempre atormentaram o pobre Cairnes, dolorosa figura central de um drama de aspectos inéditos, damos início, com a presente edição, a outro romance policial: "A Morte com Meias de Sêda", cujo autor, Anthony Berkeley, é mestre na arte de prender o leitor desde as primeiras linhas, o que poderá ser muito bem justificado com a leitura deste primeiro capítulo.

CAPITULO I

O porteiro entregou a carta a Roger Sheringham, quando êste entrava no elevador do grande edifício inteiramente ocupado pelo grande matutino **Daily Courier.**

Com a carta na mão, deixa Roger o elevador no quarto andar e vai percorrendo um labirinto de corredores até chegar ao seu bureau. Jornalista de renome, Sheringham, ao ser contratado para colaborar em assuntos policiais, naquele jornal, exigira um gabinete a seu modo. Embora não o ocupasse mais que duas vêzes por semana, não lhe negaram isso, pois que Roger gozava da amizade de personagem influente na administração do diário. Colocando seu chapéu a um canto da sala, joga o jornal sôbre a mesa e abre a carta.

Gostava dêsses instantes bi-semanais, embora se reproduzissem regularmente já havia dez anos. A emoção de abrir cartas que lhe enviavam desconhecidos, continuava a empolgá-lo, enchendo-o de prazer. Elogios, críticas, eram matéria a que respondia com muita atenção e meticuloso cuidado. Não há escritor ou literato que não goste de tais correspondências, embora não sejam impedidos de revelar a seus amigos a maçada que experimentam com o dever que têm de responder, por polidez, a cartas desinteressantes e vãs. São assim todos os escritores... Mas deixemos isso por um instante.

É bom dizer que o número dos fãs de Roger aumentara sensìvelmente depois que passara a colaborar no **Courier**. Não foi sem certa decepção, que êle recebera do porteiro a única correspondência daquela manhã. Contudo, seu ressentimento por ver-se assim esquecido se dissipa, diante da leitura das linhas que se seguem:

"Priorado — Little Mitcham — Dorset.

Caro senhor,

Antes do mais, peço perdoar-me a liberdade ao escrever-lhe, e queira encontrar uma desculpa razoável para a urgência de minha súplica. Leio, assìduamente, seus artigos no **Courier**, e, pelo que tenho visto com outros casos, sinto que serei atendido pelo senhor. Era meu desejo ir a Londres para falar-lhe pessoalmente; mas... ai de mim! A viagem é muito dispendiosa, acima de meus fracos recursos.

Permita-me apresentar-me: sou viúvo há oito anos e tenho cinco filhas. A mais velha, Anne, assumiu os deveres de minha querida espôsa, morta quando essa filha estava com dezesseis anos; minha segunda filha, Janet, procurava ajudá-la da melhor maneira, há dez meses passados. Acho escusado esclarecer que tenho, mais ou menos, com que alimentar, vestir e educar cinco crianças dentro das possibilidades modestas de meus proventos de pastor da roça. Janet, que permita dizê-lo, sempre foi considerada como a beleza da família, decidiu, há dez meses, procurar a vida em outros lugares. Tudo fizemos para dissuadi-la dessa aventura; mas a menina a nada atendeu e nos ponderou que, deixando o lar, seria uma bôca a menos, e que, se chegasse a colocar-se lá fora, poderia mesmo mandar-nos algum auxílio financeiro, das economias de seu trabalho.

Janet partiu. Provàvelmente para Londres. Digo "provàvelmente", porque ela se

recusou, terminantemente, dar-nos qualquer endereço, asseverando que só daria notícias depois de estar firmemente colocada em sua nova vida, a fim de não ser influenciada por nós, caso não se firmasse logo, bem como para evitar a tentação de regressar. Não obstante, escrevia-nos de tempos em tempos; as cartas vinham com o carimbo de Londres, se bem que a zona pastoral variasse a cada vez. Dizia-nos que não tinha achado ainda a situação com que sonhara, mas conservava todo o seu bom-humor e coragem para a luta. Compreendi que ela não tinha deixado de encontrar trabalho, se bem que não nos dissesse a exata natureza de suas ocupações.

Recebíamos, habitualmente, uma carta por semana; mas, já lá se vão mês e meio que o Correio não nos traz uma só de suas cartas. Talvez que não haja motivo para inquietação; mas, sinceramente, estou muito preocupado. Janet é uma criaturinha muito afetuosa e sinto mêdo ao pensar que ela, voluntàriamente, não deixaria de escrever-nos. Temo ter sido vítima de algum acidente.

E aqui tem, senhor, as razões que me impeliram a escrever-lhe. Talvez que fôsse mais acertado outro caminho; mas tenho repugnância de recorrer à polícia. Além disso, se, realmente, houve acidente, o fato deveria ser conhecido de um jornal tão importante como o **Courier**. Resolvi, então, abusar de sua amabilidade, e rogar-lhe que, discretamente, procure averiguar junto aos seus colegas, o que de fato há, comunicando-me em seguida, os resultados. Com isso, evitaria recorrer às autoridades.

Se acha V.S. que não deve intervir no assunto, peço-lhe encarecidamente, que me comunique, e então me dirigirei a quem de direito. Se, porém, resolve o senhor satisfazer ao pedido de um velho pai aflito, tôdas as expressões de gratidão e reconhecimento são supérfluas.

Creia, senhor, nos meus sentimentos da mais elevada consideração.

A. S. Manners."

"P. S. — Junto a esta uma fotografia de Janet, tirada há dois anos. É a única que possuo."

— Pobre velho! Murmurou Roger ao chegar ao final da longa mensagem. De certo não sabe que, em Londres, se registram cêrca de oito mil acidentes por ano...

Roger retira o retrato do envelope.

Era uma bela foto de amador, representando quatro lindas garôtas à beira-mar. Teriam de dez a vinte anos. Sôbre uma delas estava escrita a palavra **Janet**. Roger a olha atentamente. Bonita, realmente, e reconhecível, estava êle certo disso, se acaso tivesse a chance de encontrá-la por aí.

O jornalista não hesitou mais um instante. Nem mesmo lhe veio a idéia de recusar aquêle serviço. Era Roger um homem de bom coração, e a carta do pobre Manners, o havia comovido.

Mãos à obra. Começa, imediatamente, um artigo, e leva nisso hora e meia. Ao escrever lhe vem ao espírito um plano de ação. A moça devia ainda estar em Londres e, se não mais escrevera ao pai, era porque os laços que a ligavam à província começavam a relaxar-se. Além disso, as inquietações do pastor, se bem que infundadas, deveriam também ser acalmadas. E o caso era atraente. Uma caçada animadora. E ficou certo de que não havia mesmo nenhum acidente.

Ao invés, porém, de se dirigir para Piccadilly Circus, na esperança de que Janet Manners, como todo mundo em Londres, por ali passasse mais cedo ou mais tarde, nosso herói sobe ao andar superior do edifício, e, com a foto à mão, entra na sala dos serviços fotográficos do **Daily Picture**, uma publicação cotidiana dependente do **Daily Courier**.

— Alô, Ben! — saudou Roger ao rapaz sério e de óculos, cuja ocupação diária era a de fotografar manequins que o deixavam frio, capazes de provocar-lhe uma gripe aguda. — Não haveria aí nas fotos de seu arquivo uma jovem como esta assinalada aqui, com o nome de "Janet"?

O rapaz mira a fotografia com a maior atenção. Todos os clichês do **Daily Picture** passavam por suas mãos, e sua memória era prodigiosa.

— Esta cara não me é estranha — diz êle.

— Oh! — bradou Roger, sacudido por impulsiva alegria. E com açodamento: — Vamos, rapaz, mexe com o crânio. Tenho muita precisão de saber!

— Então me ajude também, se puder. Quem é? Uma atriz, um manequim, uma dama da alta roda...

— Não tenho a menor idéia. Manequim, ou atriz, quem sabe lá!

— Por que deseja tanto identificá-la?

— Bem... isso é caso pessoal — respondeu o jornalista com discrição. — Seus parentes não têm recebido notícias dela, há já várias semanas, e temem ter sido vítima de algum acidente.

O outro moveu com a cabeça e lhe restituiu a foto.

— Míl desculpas, porém, me sinto incapaz de a localizar. Parece-me que já vi essa carinha; mas as indicações que me dá são muito vagas. Se você me desse ao menos a natureza do acidente que imaginam, a memória, talvez, me ajudasse... Entretanto, espere...

Retomou a fotografia e a examinou cuidadosamente, sob a vista inquieta e interessada de Roger.

— Ah! Achei a coisa, grita êle triunfalmente. Foi a palavra acidente que me ajudou a recordar. Que coisa esquisita é a memória, Sheringham! Nada conseguiremos se lhe apresentamos uma superfície lisa; mas, à menor aspereza...

— Quem é, então? — interrompeu Roger.

— Oh! A moça... sim. Ela tomou parte numa companhia teatral, de revistas... grandes espetáculos... Não me lembro agora o nome... "Unidos" não sei de quê... É ela, sim... exatamente... Não sabe?

— Não... De quê?

— Era uma de suas amigas? — insistiu.

— Não! Nunca a vi. Por que pergunta?

— Por quê? Porque ela se enforcou com a sua própria meia de sêda, há umas cinco ou seis semanas!

Perplexo, Roger o fita.

— Com todos os diabos!

E ambos se entreolharam em silêncio.

— Escute, meu caro, diz o fotógrafo, não posso afirmar que se trate da mesma pessoa, tanto mais que esta se chama Janet. Mas, àquele tempo, o **Daily Picture** publicou uma fotografia da artista. Você poderá ver no arquivo.

— Sim — murmurou Roger, já pensando na carta que teria de escrever ao pastor, caso se confirmassem as suspeitas.

— Segundo me lembro, houve certas particularidades neste caso; por exemplo, foi difícil identificar a jovem... Seus pais não vieram reclamar o corpo, ou qualquer coisa dêsse jeito.

— Oh!

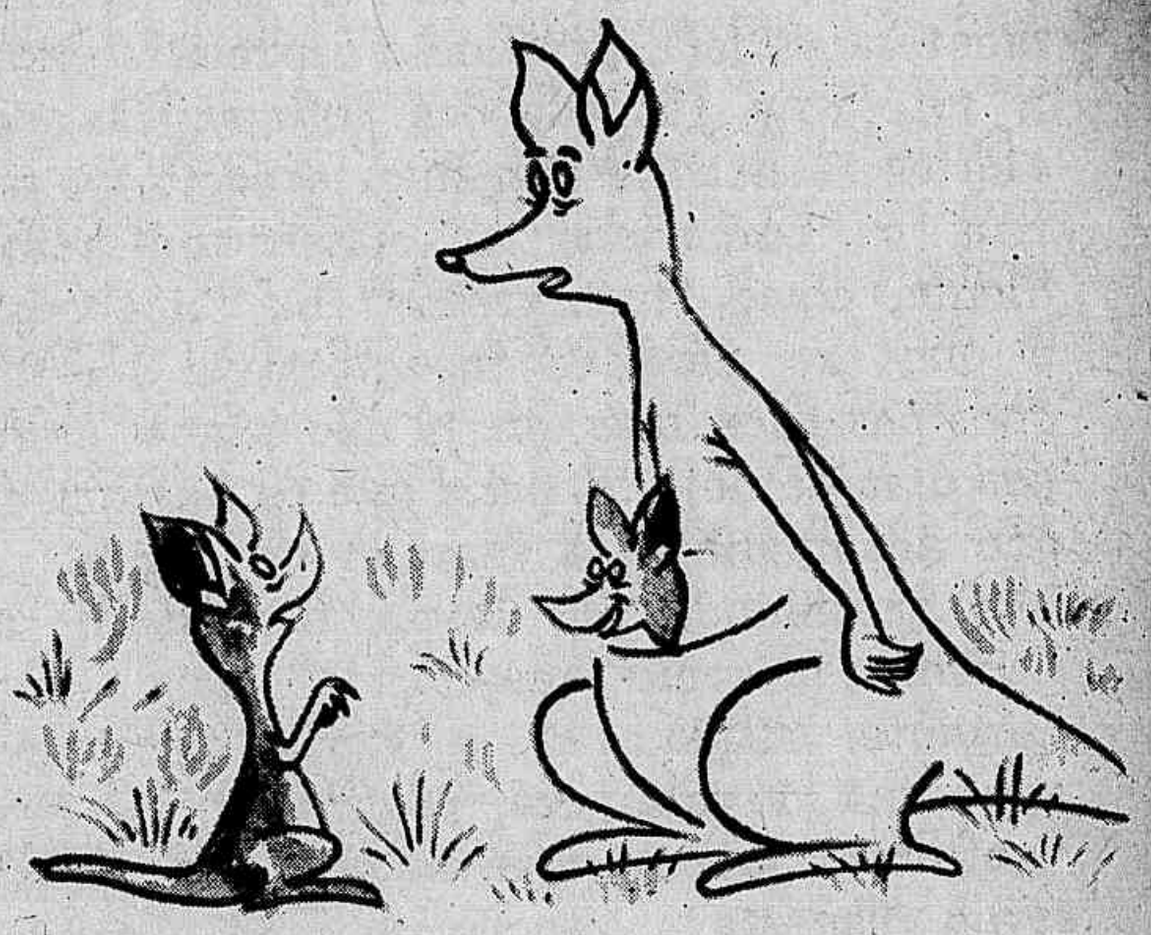
— O **Daily Picture** apenas publicou uma foto; mas penso que você encontrará no **Daily Courier** dados completos sôbre o inquérito... Mas, veja bem, posso estar enganado. É melhor você descer e examinar o arquivo.

— Sim — disse Roger um tanto temeroso. — Vou ver tudo.

CAPITULO II

Vivamente interessado e algo emocionado, Roger desceu as escadas. Pensava naquela modesta família do Dorsetshire, que sua resposta iria desolar. Mas, apesar da compaixão que sentia pelo pastor e sua prole, nosso jornalista, como a maior parte dos homens, sendo fundamentalmente egoísta, experimentava especialmente o sentimento de viva decepção. Não podia afastar do pensamento a idéia de que, quando julgava estar com o pássaro à mão, ei-lo que fugia de maneira desastrada, justamente quando lhe escreviam solicitando seu concurso. A carta do pastor manifestava a maior admiração por suas habilidades de detetive-amador, capaz de des-

★



Sua filha pode sair de casa esta tarde?

vendar os mais intricados mistérios. E era com o maior ardor que êle se lançava, ainda esta vez, à tarefa de descobrir desaparecimentos. A carta do atribulado pai lhe despertara, como em nenhum outro momento anterior, o mais decidido desejo de conseguir localizar a linda provinciana. Roger se envaidecia de seus dons; outros, porém, como o inspetor Moresby, achavam isso muito cacete. Desde o caso Vane, havia já uns nove meses, a pessoa de Moresby estimulava consideràvelmente a Roger. Durante êsse lapso de tempo não se manifestara mais nenhum caso sensacional do ponto de vista criminológico. Nenhum assassínio interessante, furto de jóias de alguma atriz, nada, nada de importante. Roger tinha pressa de retornar aos seus ofícios na guerra; entretanto, eis que êle teria de renunciar a essa missão, quando já se preparava para isso.

Diante do arquivo do jornal, começou a examinar velhos números do **Daily Picture**.

Mais ràpidamente do que imaginara, descobre o que procurava. Em um exemplar datado de cinco semanas atrás, se estampava, no rodapé da última página, uma fotografia da moça. Sôbre a mesma estas palavras como título da notícia: "Enforcada com sua própria meia de sêda". Sob o clichê algumas linhas: "Miss Unity Ransome, jovem atriz que se enforcou na têrça-feira última com uma meia de sêda em seu aposento na Sutherlan Avenue".

O jornalista-detetive examina atentamente a notícia, prestando especial atenção à foto. As reproduções fotográficas dos diários ilustrados têm mau aspecto, e, por isso, os humoristas as classificam geralmente, como "mascaradas" ou "ilegíveis", o que era verdade incontestável há dez anos passados, mas que já não é tanto assim nos dias de hoje. É pena que os humoristas não acompanhem a marcha do tempo. A foto examinada por Roger não podia ser classificada como "mascarada", pois estava bastante nítida. E o rapaz não teve nenhuma dúvida: era, realmente, da desventurada jovem, que deixara a casa paterna disposta a vencer na vida e ajudar o velho pai.

Roger consulta em seguida o número correspondente do **Courier** e ali encontra breve relato do inquérito policial realizado em tôrno da morte de Janet. Havia ela figurado no elenco de uma revista.

Certamente se tratava do seu primeiro emprêgo, obtido, talvez, por sua beleza, vivacidade e expressão da inteligência. A inexperiência fôra vencida por tôdas essas qualidades positivas. Mas nada se sabia acêrca de seu passado antes dêsse trabalho. Janet havia ocupado pequenino apartamento na Sutherlan Avenue, com uma de suas colegas de espetáculo, com quem fizera conhecimento no teatro. Esta outra moça, Moira Carruthers, chamada a depor, havia declarado que ignorava tudo o que dizia respeito a antecedentes de sua amiga Unity Ransome, uma vez que ela jamais lhe fizera qualquer confidência sôbre sua pessoa. Era como "uma ostra", terminara a artista as suas declarações, assim cognominando a enforcada.

O delegado, que chefiava o inquérito, desejava, de todo coração, prosseguir nas pesquisas, pois, segundo se sabia, não havia nenhum motivo aparente para levar aquela jovem ao suicídio. Miss Ransone, afirmou sua companheira, não pensava, de modo nenhum, em acabar com a vida, e parecia perfeitamente feliz e encantada por ter obtido êsse emprêgo em Londres. Seu salário, embora modesto, era suficiente para mantê-la e satisfazer suas necessidades. Interrogada com insistência, miss Carruthers esclarecera que sua amiga desejava ganhar mais, e o mais cedo possível; porém, como observou miss Carruthers, "Unity era o que se podia chamar uma verdadeira dama, e talvez tivesse sido criada e educada num meio muito mais elevado do que a maior parte das artistas da companhia". Mas, fôsse, como fôsse, nunca se queixara da sorte.

A polícia tentou descobrir-lhe a família; mas em vão. O delegado envidou esforços, por sua vez, sem nenhum sucesso. Para pôr ponto final no inquérito, chegaram à conclusão de que ela saíra de casa em virtude de briga entre família, desobedecendo os pais, e se uniu a uma emprêsa teatral, como seria de seu desejo. O juiz do feito, depois de estudar o processo, concluiu que ela não fôra procurada pelos pais em virtude dessa presunção. Além disso pensara-se ainda que essa jovem,

habituada a uma vida de confôrto, não pudesse evitar de ser levada a um ato de desespêro diante da realidade da vida.

Houve também quem imaginasse outra hipótese: seria Unity uma pobre órfã, sem amparo no mundo, sòzinha e sem recursos; desiludida com o trabalho que encontrara, recorresse à extrema decisão de matar-se. E naquele dia triste, naquela tarde de melancolia, cedeu ela ao desejo mórbido de acabar com a existência. Todos deploravam a vítima e procuravam um motivo razoável para seu ato de desespêro. O Tribunal veio em ajuda dos que não viam possibilidades de prosseguir naquele marchar sem êxito, opinando pelo "arquive-se", tanto mais que deixara ela esta nota lacônica: "Estou farta e vou acabar com isso". Embora sem assinatura, não foi contestada a autenticidade do bilhete. E o veredicto foi lavrado: "Morreu após uma crise de loucura".

Roger recortou o ligeiro recado e o colocou em sua carteira de notas. Em seguida, foi procurar um dos redatores com o qual costumava almoçar.

Mas nada lhe disse sôbre tudo isto, pois bem sabia que os redatores e outros jornalistas em geral, se bem que muito bonzinhos na vida privada e bons maridos, se transformam em bandidos sem fé e sem lei, quando se trata de explorar uma novidade dessa espécie. Além disso, o pobre pastor havia sofrido muito com a incerteza do destino da filha, e não seria humano que se fôsse destroçar-lhe a vida com uma dolorosa publicidade.

Sendo êle o único sabedor da identidade de Unity Ransome, voltou mais tarde à redação do **Courier**, pediu ao rapaz encarregado do arquivo fotográfico uma cópia da fotografia publicada no **Daily Picture** e tratou de escrever a mr. Manners, pedindo que procurasse verificar se naquela foto da atriz encontrada morta na Sutherland Avenue, reconhecia êle sua filha Janet.

Apanhou uma fôlha de papel e mergulhou a caneta no tinteiro.

Mas não consegue mais do que isto: "Caro senhor". Estacou, sem saber como prosseguir. Como que sua pena se recusava a continuar a escrever. Não tardou a passar a rabiscar coisas sem nexo, figuras sem expressão, inutilizando a fôlha da carta.

— Com a breca! — exclamou. — Não me sinto com coragem.

Não se sentia natural. Experimentava uma sensação de vácuo. Largou a pena para lá e acendeu o cachimbo.

— Bem, vamos lá... — monologou o nosso herói — será que estou bancando o imbecil, ou há mesmo qualquer coisa de especial neste caso? Parece-me, pois... Bem, vamos lá.

Retomou a pena e começou a escrever com firmeza, uma espécie de tema preparatório:

"Suponhamos que Janet Manners ou Unity Ransome...

1.º — Janet era uma menina afetuosa e jamais deixou de escrever a seu pai cartas encorajantes e alegres, tôdas as semanas. Tinha ela cuidado especial de não causar qualquer mágoa a seu pai ao anunciar-lhe o emprêgo teatral, julgando que tal carreira viesse provocar-lhe grande desgôsto. Era concebível que ela se suicidasse sem prepará-lo, de uma forma ou de outra, deixando-o, durante tanto tempo, sem dar-lhe qualquer notícia? A única explicação seria que houvesse agido num momento de impulso, desesperada diante de algum acontecimento imprevisto.

2.º — À primeira vista, porque se teria matado? Tinha muita chance de encontrar

★

— Acordar para quê? Todo homem tem sua mania. Esta é a minha!

trabalho. Seu principal objetivo: viver às suas próprias custas, evitando aumentar as despesas a seu pai, e, em seguida, poder mandar algum dinheiro para êle, a título de auxílio, se possível. Tinha Janet alcançado já a primeira parte de seu programa, e se encontrava na reta de realizar a segunda. Não sòmente não havia razão para matar-se, mas, ao contrário, tinha todos os motivos de procurar viver. A única explicação possível: teria sido prêsa de súbita loucura. Uma impulsão brusca provocada pelo terror a conduzira ao suicídio. Daí esta conclusão: certos detalhes do seu drama estavam por descobrir.

3.º — Sabemos que se matara porque ela mesma deixara escrito... Mas se servira de uma forma lacônica, estereotipada, estranha à sua natureza. Ora, essa jovem mostrara possuir espírito de iniciativa ao deixar sua terra natal para ir tentar a sorte na metrópole; é estranho que se não tenha exprimido por outra maneira mais original. Por que, então: "Estou farta..." De que estava ela farta, a ponto de desejar o fim? Isto mostra que não dispomos de todos os elementos do problema.

4.º — Por que não assinara o bilhete? Omissão pouco natural. Quasé sempre se assinam as mensagens dessa espécie. A única explicação possível é a de que estaria ela sob a mais tremenda tensão nervosa.

5.º — Que sabemos de Janet? Que era moça de caráter e vontade própria. As pessoas dotadas dessas qualidades geralmente não se suicidam. Além de tudo, o tipo físico que apresentava não se enquadrava de maneira alguma entre os portadores de disposições mórbidas. Sempre a mesma conclusão: muita coisa ainda estava oculta.

6.º — Janet se matara enforcada com sua própria meia de sêda. Incrível idéia! Método mais que estranho. Desnatural. Uma jovem como Janet teria escolhido outro meio de matar-se. Os homens se enforcam; mas as mulheres, não. Ora, Janet morrera enforcada. Por quê?

7.º — Roger Sheringham teria uma opinião formada? Não. E agora? É lançar-me ao trabalho de pesquisa até atingir um ponto de verdade sôbre o triste fim de tão linda moça!

Depois de escrever tudo isso, releu atentamente os itens.

— Conclusão: a primeira coisa a fazer é visitar miss Moira Carruthers. Vamos lá.

Meteu o chapéu na cabeça e saiu precipitadamente.

CAPITULO III

Ao dar ao chofer a direção da Sutherland Avenue, não tinha Roger nenhum plano pré-estabelecido. Mas estava êle na pista de um mistério, e isso lhe bastava. Em nada lhe interessavam os negócios de Janet Manners, e, se houvesse triunfado, seria pessoa absolutamente fora de suas cogitações. Procurou serenar sua consciência, como costumava fazer em circunstâncias idênticas, persuadindo-se que seu exclusivo desejo era o de reunir provas incontestes antes de escrever ao pastor, de que Unity Ransome e Janet Manners não eram mais que uma só e única pessoa. Aliás, não duvidava êle um só instante a tal respeito.

O táxi parou diante de um dêsses grandes e sonolentos edifícios da Sutherland Avenue. Em pequeno quadro à entrada leu Roger que miss Carruthers morava no quarto andar. Não havia elevador. Subiu e teve a satisfação de encontrá-la.

As pequenas artistas de teatro dessa espécie se subdividem em três grupos: as "sapecas", as "encantadoras" e as "pretensiosas". São estas últimas as mais temíveis. Roger teve a satisfação de verificar que miss Carruthers, com aquela carinha de bebê corado, cabeça adornada de cabelos louros, pertencia visìvelmente ao gênero "encantadoras", portanto, relativamente inofensiva.

Ao vê-lo, soltou um "Oh!".

A presença de um homem desconhecido como que a assustou bastante.

— Bom-dia — disse êle, com um sorriso convencional. — Desculpe se a venho incomodar; mas, podia conceder-me uns minutos, miss Carruthers?

— Oh! — repetiu ela. — É muito urgente?

— Venho de parte do **Daily Courier** — disse Roger.

— Entre — permitiu miss Carruthers.

Roger entrou em pequenina sala modestamente mobilada. Sentou-se a um divã

bastante usado, enquanto a jovem artista se acomodava graciosamente sôbre o braço de uma poltrona.

— Estou às suas ordens — suspirou ela.

— Venho falar-lhe acêrca do caso de miss Ransome — foi logo diretamente ao assunto.

— Oh! — exclamou ela, não podendo ocultar sua decepção.

— É que estou tratando de colhêr certas minúcias — explicou o jornalista, a fim de pô-la à vontade — e desejo falar-lhe... Lá no jornal não ficamos inteiramente satisfeitos.

Rogers tomou ares de importância. Os grandes olhos da pequena loura se encheram de espanto.

— Por quê?

Miss Carruthers não era uma jovem prática nas coisas do mundo.

Rogers prosseguiu:

— Tudo isto não está suficientemente claro. Em primeiro lugar, qual a causa do suicídio? Miss Ransome não devia ter nenhuma razão...

Miss Carruthers falou por dez. Roger a ouvia e teve a impressão de assistir a um dêsses relatos tão velhos como o mundo, mas que não deixava, contudo, de ter lá seu interêsse.

— Uny — disse ela ("Uny"! Roger estremeceu) — Uny não tinha razão nenhuma para cometer um ato assim tão incompreensível, justamente ao ter a felicidade de encontrar uma colocação! Era uma jovem alegre, contente da vida, todo mundo gostava dela. Lá no teatro todos concordavam em julgar que conquistaria o triunfo. E pensar que ela iria fazer uma coisa destas!

Miss Carruthers explica que não podia acreditar em seus olhos, quando, ao entrar no apartamento, à tarde, encontrou-a enforcada, o corpo pendente da bandeira da porta do quarto de dormir, a meia enrolada em volta do pescoço... Um horrível espetáculo! Impossível descrevê-lo! Causa arrepio o pensar na cena...

Apesar disso passou a descrever com detalhes o aspecto que sua amiga e colega apresentava. Os gestos teatrais da visitada não deixaram de despertar a atenção de Roger.

Miss Carruthers devia ser, sem dúvida, muito menos bôba do que parecia à primeira vista. Em lugar de gritar e sair a correr pela rua, como deveria fazer qualquer uma outra mulher, pelo menos as que Roger conhecia, teve ela o bom-senso de socorrer a amiga, desapertando-lhe o laço do pescoço. Mas, pobre dela! Já era tarde de mais.

— Muito tarde! Gemeu a artista, com os olhos cheios de lágrima. O médico me disse que, se eu chegasse um quarto de hora mais cedo, poderia tê-la salvo! Não é doloroso?

Roger concordou de todo o coração.

— Mas — disse êle — não acha curioso que ela se resolvesse a suicidar-se quando você deveria chegar de um momento para outro?

Disse-o em tom delicado, a acariciar o queixo, acrescentando:

— Esperaria ela ser salva a tempo?

Miss Carruthers sacudiu graciosamente os louros cachos.

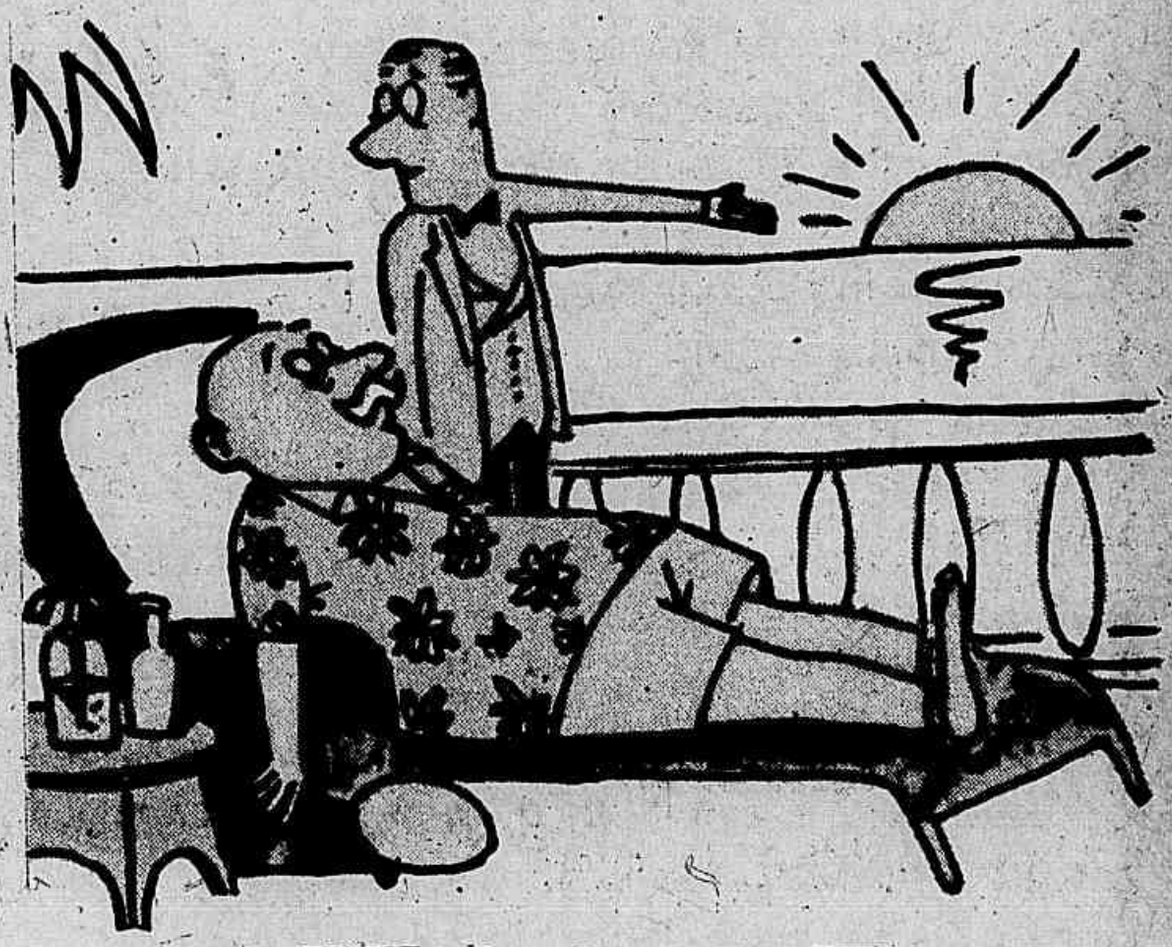
— Não. Eu lhe havia dito, ademais, que não voltaria, pois tinha que tomar chá com um amigo, e, de lá, iria diretamente ao teatro. Que não me esperasse. Quanto ao mais, sabe o senhor tanto quanto eu, mr....

— Sheringham.

(Continua no próximo número)

★

MILIONARIO



— Veja V. Excia. êste belo pôr de sol.. — Quanto custa?

CONFEITARIA COLOMBO

A COLOMBO caracteriza a vida social do Rio de Janeiro na sua expressão de fina e requintada elegância. Os seus salões de almôço, chás, lunchs, e "cocktails" acolhem diàriamente o escol da sociedade carioca para os sutís prazeres do espírito, do coração e do paladar.

LÍQUIDOS, COMESTÍVEIS FINOS E FRUTAS — FABRICANTES DAS AFAMADAS FARINHAS ALIMENTÍCIAS MARCA "COLOMBO" — ESPECIALIDADE EM DOCES, GELÉIAS, ETC. ETC.

★

MATRIZ:

RUA GONÇALVES DIAS, 32/36
ANEXO À RUA 7 DE SETEMBRO, 94/96

FILIAL:

AVENIDA N. S. COPACABANA, 890

FÁBRICA:

RUA LIVRAMENTO, 174/184
Fone: 43-6925

RIO

FRANÇA & CIA. LTDA.

OLHANDO O MUNDO HA SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM OUTUBRO DE 1955

1 — SABADO: — A França retira-se das Nações Unidas e afasta do trono de Marrocos o sultão Ben Arafa num decidido esfôrço no sentido de manter seu domínio sôbre a África do Norte. — Fontes autorizadas informam que a saída da França poderá paralisar organismos fundamentais da Organização Mundial, como o Conselho de Segurança, a Subcomissão de Desarmamento e a própria Aliança do Atlântico, onde a França desempenha, atualmente, importante papel. — O govêrno argentino deixa sem efeito o estado de guerra interna, proclamado pelo ex-presidente Perón, em 1951. — Acha-se gravemente enfêrmo o filósofo espanhol José Ortega y Gasset.

2 — DOMINGO: — Continua provocando muitos comentários nos meios diplomáticos internacionais, a retirada da França das Nações Unidas. — E enquanto o primeiro ministro francês Edgard Faure diz que o ato visou a defesa da "dignidade nacional", o ministro das Relações Exteriores afirma que a França permanecerá na O.N.U. — Finalmente, segue para o Paraguai, a bordo de um hidro-avião, o ex-presidente Perón. — Informa-se de Bonn que os três grandes ocidentais preparam um projeto de Pacto de Segurança de 15 Nações para oferecê-lo à Rússia na próxima Conferência de Chanceleres dos Quatro Grandes, em Genebra, em troca da unificação da Alemanha.

3 — SEGUNDA-FEIRA: — O primeiro ministro do Egito, Abdel Nasser, acusa duramente às potências ocidentais e afirma que o seu país viu-se obrigado a apelar para os países comunistas em busca de armas para proteger-se contra Israel. — O govêrno francês informa ao soviético que o presidente do Conselho de Ministros, Edgard Faure, e o ministro das Relações Exteriores, Antoine Pinay, decidiram suspender sua viagem a Moscou. — E na Argentina prosseguem as investigações em tôrno de negócios duvidosos realizados durante a ditadura peronista. — Enquanto as potências ocidentais comunicam à Rússia que não reconhecerão o govêrno da Alemanha Oriental.

4 — TÊRÇA-FEIRA: — O sr. Foster Dulles adverte à Russia a propósito do fornecimento de armas ao Egito pelos países comunistas, assunto que vem preocupando sobremaneira as democracias ocidentais. — O Almirante Teisaire, que foi vice-presidente da República no regime peronista, envia ao presidente Lonardi um violento libelo contra o ex-chefe do govêrno argentino, Juan Domingo Perón. — Enquanto o general La Tour assume pessoalmente o comando da repressão à rebelião em Marrocos. — Falece em Atenas o herói e primeiro ministro da Grécia,

marechal Alexandre Papagos. — O govêrno austríaco resolve restabelecer relações diplomáticas com a Espanha.

5 — QUARTA-FEIRA: — A França e a Alemanha reafirmam seus propósitos de neutralizar e "europeizar" o Sarre, com o objetivo de fazer pressão sôbre a população dêsse território para que dê sua aprovação ao estatuto aprovado nesse sentido por ocasião do plebiscito do próximo dia 23. — E a França apresenta enérgico protesto verbal à Espanha contra a participação de rebeldes armados do Marrocos Espanhol nas operações que realizam os nacionalistas árabes contra as fôrças francesas. — Enquanto isso, membros degaulistas do gabinete francês ameaçam abandonar o govêrno, em virtude da agravação da crise marroquina. — O govêrno da Nicarágua envia ao govêrno de Honduras uma nota em que propõe a fusão de ambos os países, a fim de acabar com o velho litígio pelas zonas de Morazam e Jerez.

6 — QUINTA-FEIRA: — A Argentina comunica oficialmente ao Paraguai que o ex-presidente Perón deve abandonar êsse país para que continuem tôdas as relações entre as duas Repúblicas. — Novos contingentes britânicos chegam, por via aérea, à ilha de Chipre, a fim de dar apoio às fôrças de segurança da ilha na preparação de gigantesca campanha contra o terrorismo. — E a Côrte Constitucional da Alemanha Ocidental, sediada na cidade de Karlsruhe, profere uma sentença em que diz que o território do Sarre, "ontem como hoje", faz parte do Estado Alemão. — Enquanto o Egito, desprezando a advertência das potências ocidentais, prossegue na subscrição nacional para a compra de armas.

7 — SEXTA-FEIRA: — O jornal suíço **A Tribuna de Genebra** confirma os boatos, segundo os quais teria sido comprada, em Genebra, uma mansão por conta do ex-

Casa Marques

Armarinho e Confecções

Especialista em meias, rendas, bordados, fitas e artigos para presentes.

Marques, Irmãos & Cia. Ltda.

Rua Arquias Cordeiro, 283

Telefone 29-2681

Meier

Teleg.: MARQUINHO

Rio de Janeiro

APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr$ 176.495.975,70

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Telefone 43-8966

End. Telegr. «BANCOCIO» — Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGENCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 1355 — AGÊNCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9 — AGÊNCIA S. CRISTÓVÃO: Rua S. Luiz Gonzaga, 173 — AGÊNCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367 — AGÊNCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7 — AGÊNCIA COPACABANA: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — AGÊNCIA MADUREIRA: Estrada da Portela, 44.

AGÊNCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO:
Rua Álvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

presidente Perón. — E de Bonn informa-se que acabam de chegar à fronteira da Alemanha Ocidental com a Oriental, mais 24 cidadãos alemães até então mantidos como prisioneiros de guerra na União Soviética. — O diplomata de carreira Felipe Espil, há tempos afastado do serviço por desistir de colaborar com Perón, é desginado embaixador da Argentina no Brasil. — Enquanto no Marrocos fortes contingentes de tanques e tropas de infantaria abandonam a cidade de Taza para realizar uma nova ofensiva contra os rebeldes que se tornaram muito poderosos no chamado "triângulo do Rif".

8 — SÁBADO: — Na Assembléia Nacional francesa prosseguem os debates sôbre a questão marroquina; e o "premier" Faure usa da palavra para defender o plano de pacificação para Marrocos. — Enquanto o primeiro ministro britânico, após passar em revista a situação internacional, declara que, em conseqüência de sua melhoria, serão reduzidos em 12 por cento os efetivos das fôrças militares da Inglaterra. — O Paraguai responde à nota do govêrno argentino sôbre a entrevista concedida pelo ex-presidente Perón; lamentando o fato e prometendo tomar as providências necessárias para que êle não se repita. — É asisnado o decreto nomeando o sr. Carlos Viriato Sabóia delegado permanente do Comité Intergovernamental para as Migrações Européias.

9 — DOMINGO: — O sr. Molotov falando à imprensa a respeito de sua recente carta à revista "Comunista" faz sentir que suas expressões foram deturpadas. Assevera não pensar em renúncia e que irá à Genebra, acrescentando que não se encontra às vésperas de mudança a política externa da União Soviética. — O Chanceler da Argentina, em nota ao govêrno do Paraguai, solicita a internação de Perón bem longe da fronteira argentina como um ato destinado a resguardar a harmonia entre os dois países. — Os presidentes de Costa Rica e do Equador firmam, em Guaiaquil

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição dêste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Tôdas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, êle o substituirá. Quem possuir um exemplar dêste livro tem sempre ao seu dispôr médico e farmácia

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e sólidamente encadernado ..... Cr$ 150,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SÃO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembôlso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

uma declaração conjunta, na qual proclamam sua resolução de se manterem fiéis aos princípios democráticos que guiaram a independência de ambos os países.

10 — SEGUNDA-FEIRA: — Informa-se oficialmente que o presidente Battle Berres, por se encontrar em minoria no Parlamento, resolveu renunciar irrevogàvelmente. — O secretário de Estado americano, sr. John Foster Dulles, declara que os Estados Unidos não se desarmarão "a menos que possamos estar certos de que outras nações fazem o mesmo". — O ministro do Exterior da Venezuela, sr. Aureliano Otañez, declara que a renovação do acôrdo comercial com o Brasil se realizará dentro de poucos dias.

11 — TÊRÇA-FEIRA: — O comandante supremo das fôrças aliadas na Europa, depois de falar da sua preocupação pelo desvio de contingentes militares franceses para a África, preconiza um maior poderio para as fôrças da Organização do Atlântico Norte. — O govêrno iraniano submete ao Senado a sua decisão de aderir ao Pacto Militar do Oriente-Médio, tendo em mira a integridade e a independência do país. — São oficialmente divulgados os têrmos das notas trocadas entre a Inglaterra e a Guatemala sôbre a disputa do Território de Belice. — O famoso pintor mexicano Diego de Rivera, que há várias semanas está sendo submetido a um tratamento de câncer, em Moscou, é internado em um hospital, onde será submetido a uma intervenção cirúrgica na próxima semana.

12 — QUARTA-FEIRA: — O congresso do Partido Trabalhista Britânico aprova uma moção de política externa, apresentada pelo Sindicato dos Mineiros, pedindo que o govêrno britânico tome novamente a iniciativa de conversações destinadas a reduzir a tensão internacional e chegar a um acôrdo sôbre o desarmamento, sob contrôle internacional. — Em carta tornada pública hoje, o presidente Eisenhower aceita a proposta soviética de estabelecimento de

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 800 Curso por Correspondência para Senhoras e Alfaiates

——//——

À Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sôbre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME .....

RUA ..... Nº .....

CIDADE ..... ESTADO .....

postos militares de fiscalização nos pontos-chaves dos Estados Unidos e da União Soviética, contanto que isto crie melhores condições. — E no Marocos três colunas francesas avançam em direção da fronteira com o Marrocos espanhol, a fim de cortar a retirada dos rebeldes nativos para a zona espanhola.

13 — QUINTA-FEIRA: — O govêrno do Irã promete repelir o protesto da Rússia contra a sua adesão ao Pacto Militar do Oriente Médio; e a êsse propósito o govêrno norte-americano faz enérgica advertência a Moscou. — Falece esta manhã, vítima de um ataque cardíaco, o ex-presidente da República mexicana, sr. Manuel Avila Camacho. — Noticia-se que foram calculados em cêrca de 7 milhões de dólares os bens acumulados pelo ex-presdiente Perón. — É convidado para assumir a presidência do Banco do Brasil o sr. Artur Santos. — Enquanto que na Assembléia Nacional francesa continuam acesos os debates sôbre a momentosa questão da Argélia.

14 — SEXTA-FEIRA: — Cuba e Austrália são eleitas para o Conselho de Segurança das Nações Unidas para um mandato de dois anos. Cuba recebeu 52 votos da Assembléia Geral, e a Austrália 42. Ambos êstes países tomarão parte no Conselho pela segunda vez. A Austrália ocupará o lugar da Comunidade Britânica deixado vago pela Nova Zelândia. Cuba ocupará o lugar do Brasil, num dos dois lugares da América Latina. — O presidente Dwight Eisenhower completa hoje 65 anos de idade, tendo recebido flores e presentes de tôdas as partes do mundo.

15 — SÁBADO: — Aprovado por ampla maioria no Parlamento, o govêrno francês prosseguindo na aplicação de sua política em Marrocos, dá sua concordância para a instauração de um Conselho do Trono. — E na Alemanha, três partidos políticos, inclusive dois integrantes do gabinete do chanceler Konrad Adenauer pedem ao govêrno que tome providências imediatas para a

COMO APRENDER A DANÇAR

6ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Av. da Liberdade, 120 — São Paulo. Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo

A venda nas livrarias do Rio e São Paulo

EM PORTUGAL — À venda na Livraria Clássica Editôra Praça dos Restauradores Nº 17 — LISBOA

★ AUTOMOVEIS - Mil - ACESSORIOS ★

TELEG. MEMIL 98-A RUA MEXICO 98-A RIO DE JANEIRO
FONES 22-6144 42-5563 52-1066

incorporação do Sarre à Alemanha Ocidental. — Na Formosa reacende-se a luta, com ligeiros combates entre aviões comunistas e nacionalistas chineses. — O govêrno de Buenos Aires determina a constituição de um Tribunal de Honra, de caráter militar, para julgar o ex-presidente Perón, ora asilado no Paraguai.

16 — DOMINGO: — O presidente do Conselho de Ministros da França, sr. Edgard Faure, e os membros do seu gabinete reunem-se para realizar um último esfôrço no sentido de impedir uma nova crise de govêrno, que, em sua opinião, constituiria um desastre internacional para a nação francesa. — Notícias de Madrid informam que o estado de saúde do filósofo espanhol José Ortega y Gasset, recentemente operado, teria se agravado sensìvelmente de ontem para hoje. — Os dirigentes da CGT resolvem entregar à sua família os restos mortais de Eva Perón, espôsa do ex-presidente da República, para que lhe seja dada "uma sepultura piedosa".

17 — SEGUNDA-FEIRA: — O novo Conselho do Trono de Marrocos termina sua primeira reunião sem designar a pessoa que presidirá o govêrno nacional dêsse protetorado francês. — Pela primeira vez nos dez últimos anos os "descamisados" do ex-presidente Perón compareceram hoje ao trabalho, em vez de desfilar aos milhares, pelas ruas centrais de Buenos Aires, inclusive na Praça de Maio. — O sr. Juraci Magalhães, falando no Senado, conclama o jornalista Paulo Bittencourt, diretor do "Correio da Manhã" para um encontro pelas armas, no Uruguai, a fim de dirimir uma questão que reputa de honra.

18 — TÊRÇA-FEIRA: — A Assembléia nacional da França concede novo voto de confiança ao gabinete chefiado pelo sr. Edgard Faure, após os longos debates sôbre a política governamental em relação à Argélia. — Falece em Madrid o célebre escritor e filósofo espanhol José Ortega y Gasset. — O embaixador da Colômbia no Rio de Janeiro, Carlos Arango Velez, renuncia ao cargo por considerar-se incapacitado para re-

EM S. PAULO HOSPEDE-SE
NO MODERNISSIMO
PRINCIPE Hotel
BAR RESTAURANTE
A LA CARTE
Solteiro Cr$ 280,00 — Casal 380,0(
Sem mais acréscimos
Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»

bater as críticas que o matutino brasileiro "Correio da Manhã" fêz ao govêrno colombiano por motivo do fechamento do jornal "El Tiempo" e de outras medidas restritivas à liberdade de imprensa e de reunião. — As relações franco-espanholas parecem hostis e tensas ante uma troca entre ambas as nações de comunicados oficiais a propósito das supostas responsabilidades na presente rebelião armada que está assolando o Marrocos francês.

19 — QUARTA-FEIRA: — "Nenhum membro do atual govêrno provisório da Argentina se candidatará às próximas eleições presidenciais argentinas" — disse, numa entrevista à United Press, o presidente provisório da República, general Eduardo Lonardi. — O govêrno polonês envia ao presidente do Conselho do Egito, Abdel Nasser, um convite para fazer uma visita oficial à Polônia. — E a Câmara dos Deputados do Chile aprova, por unanimidade, o acôrdo das Comissões Parlamentares para pedir ao govêrno argentino tôdas as informações sôbre a infiltração peronista no Chile. — Sua Santidade o Papa Pio XII recebe, em audiência particular, o senador Alexandre Marcondes Filho, portador de uma carta do presidente Café Filho.

20 — QUINTA-FEIRA: — Parte de Lisboa, a bordo do "Bartolomeu Dias", para a sua visita à Inglaterra, o general Craveiro Lopes, presidente de Portugal. — A Costa Rica retira a sua candidatura ao Conselho Econômico e Social da O.N.U., propiciando ao Brasil ser eleito para a vaga da Venezuela, com a totalidade dos votos do bloco latino-americano. — O Departamento de Estado dá à publicidade documentos comprovando que o general Mac Arthur, ao contrário do que se afirma, declarou-se partidário da entrada da Rússia na guerra contra o Japão. — O cientista sueco Axel Hugo Theorell é distinguido com o Prêmio Nobel de Medicina de 1955, pelos seus trabalhos de pesquisas sôbre enzimas.

21 — SEXTA-FEIRA: — O gabinete do primeiro ministro Faure decide apresentar na próxima têrça-feira um projeto de lei ante a Assembléia Nacional, pelo qual dissolve o Parlamento, a fim de se realizarem eleições parlamentares na primeira quinzena de dezembro dêste ano. — A notícia transmitida pela France Press anunciando a rejeição, pelo Congresso brasileiro, do veto presidencial à anulação do acôrdo ortográfico luso-brasileiro é reproduzida pela imprensa portuguêsa, com títulos de relêvo, mas sem comentários. — O sr. Manoel Pio Correia, embaixador do Brasil na Alemanha Ocidental, declara que esta pretende fazer grandes investimentos no Brasil, a fim de manter sua posição de destaque no mercado do nosso país.

22 — SÁBADO: — O secretário de Estado norte-americano, sr. John Foster Dulles,

ALMEIDA COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE FERRO Ltda.

Sucessora de L.B. de Almeida & Cia.
DISTRIBUIDORES DA CIA. SIDERURGICA NACIONAL — CIA. SIDERURGICA BELGO MINEIRA E OUTRAS USINAS NACIONAIS.

FUNDIÇÃO DE FERRO E OUTROS METAIS

Oficina mecânica em geral — Fogões à gás e lenha, marca «Progresso» — Prensas para ladrilhos e escritório.

Bancos para jardim — Colunas de ferro fundido para iluminação de jardins.

IMPORTADORES DE
Chapas de ferro pretas, galvanizadas e corrugadas para portas — Ferro em barras — Vergalhões — Cantoneiras — T — U — e eixos para transmissões — Tubos de ferro galvanizados, pretos, vermelhos e de aço para caldeira.

COMUNICAM A SUA NOVA REDE DE TELEFONES, A SABER:

MESA TRONCO	52-2104	SECÇÃO TÉCNICA	52-2103
SECÇÃO DE VENDAS	52-2102	CONTABILIDADE	22-1342
SECÇÃO DE VENDAS	22-0409	GERÊNCIA	22-2549
EXPEDIÇÃO	22-1584		

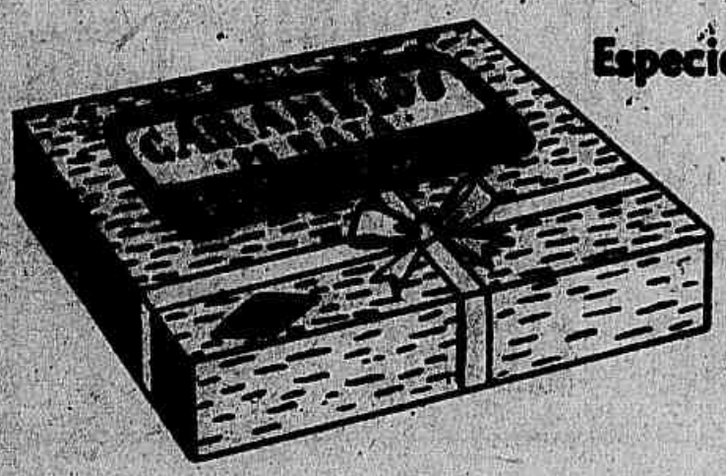
RUA DOS ARCOS, 28-42
RIO DE JANEIRO

chega a Roma, de avião, em viagem para Genebra, onde participará da Conferência dos Quatro Grandes, que se iniciará no dia 27 dêste mês. — Finalmente, a polícia argentina consegue prender John William Cooke, chefe do movimento peronista em Buenos Aires; Cooke encontrava-se foragido desde a vitória da revolução. — É recebido solenemente na Academia Francesa de Letras, o famoso poeta e diretor cinematográfico Jean Cocteau. — Enquanto na Argélia o terrorismo prossegue tão intenso quanto antes.

23 — DOMINGO: — O govêrno de Bonn apela para os aliados ocidentais no sentido de ser encontrada nova solução para o problema do Sarre, em vista da rejeição, pela população sarrense, do Estatuto de "europeização" daquela região. Noticia-se que no plebiscito realizado 423.440 sarrenses votaram contra o Estatuto e 201.975 favoràvelmente. — E em Marrocos, o "premier" Fatmi Ben Sbinam inicia conversações junto aos dirigentes políticos tendentes a organizar um govêrno de união nacional para Marrocos. — Como protesto contra o exame pela Comissão Política da questão da discriminação racial em seu país, a delegação da África do Sul abandona êsse órgão da Assembléia Geral da O.N.U.

24 — SEGUNDA-FEIRA: — Anuncia-se que o general Canrobert Pereira da Costa deixa Washington com destino ao Brasil. — Chegam ao pôrto de Lisboa as corvetas "Iguatemi" e "Piranga", construídas na Holanda para a Marinha Brasileira. — E em Paris reunem-se os chanceleres das potências ocidentais, com o fito de delinearem as diretrizes que deverão ser adotadas na Conferência de Genebra. — É lida no Senado mensagem presidencial submetendo à consideração daquele órgão legislativo a escolha do diplomata Carlos Alves de Souza Filho para embaixador do Brasil na França. — A Espanha considera quase certo o apoio de todos os países latino-americanos à sua admissão como membro da Organização das Nações Unidas.

Patrone



Especialidade em Caramelos Nata Petrópolis
e Toffees de Luxo

OVOS de PÁSCOA

FÁBRICA DE CHOCOLATES PATRONE S. A.

Bonbonière:
Aeroporto Santos Dumont
Rio

Escritório e Depósito:
Rua da Lapa, 10-12
Rio

Fábrica:
Rua Coronel Veiga. 1.349
Petrópolis

25 — TÉRÇA-FEIRA: — O govêrno chinês declara que o seu país tem o direito de exigir de Portugal a devolução de Macau. — Por outro lado, os nacionalistas marroquinos expressam o seu desagrado pelo plano francês para a pacificação de Marrocos e exigem o pronto regresso ao país do sultão Ben Yussef. — O comandante militar norte-americano no Extremo-Oriente adverte que os comunistas estão preparando, na costa em frente a Formosa, cinco bases aéreas para aviões a jato, destinadas às fôrças aéreas russas e chinesas que se encontram em preparativos para um assalto a Formosa.

26 — QUARTA-FEIRA: — Os ministros das Relações Exteriores das quatro grandes potências, reunidos em Genebra, prometem fazer renovados esforços no sentido de pôr têrmo à guerra fria e unificar a Alemanha. — E o rádio de Pequim afirma que "sem dúvida alguma, Macau é território chinês". Ao mesmo tempo os órgãos comunistas locais iniciam uma campanha nos círculos estrangeiros e chineses de Hong-Kong e Macau, o que é considerado como o comêço de uma nova política contra a colônia portuguêsa da Ásia. — Enquanto o presidente Lonardi, da Argentina, em discurso pronunciado perante à nação declara que "dez anos de irresponsabilidade e corrupção conduziram o país à mais desastrosa situação econômica da história".

27 — QUINTA-FEIRA: — Em Genebra, os chanceleres ocidentais ofereceram à Rússia garantias contra uma futura agressão alemã, solicitando, em troca, a aceitação do plano de unificação da Alemanha. — E de Buenos Aires anuncia-se que a CGT ameaça decretar a greve geral dentro de 48 horas se não forem afastados os dirigentes sindicais impostos pela fôrça. — Tropas sírias são expulsas da fronteira de Israel, após ligeiros choques com fôrças dêsse país. — É nomeado embaixador do Uruguai no Brasil o diplomata Juan Antonio Vieira. — Halldor K. Laxness, escritor islandês, inimigo declarado do ocidente e que já ganhou o Prêmio Stalin, é agraciado com o Prêmio Nobel da Literatura por suas novelas em que glorifica o homem sem importância.

28 — SEXTA-FEIRA: — Os soviéticos rejeitam um plano de paz dos ocidentais que oferecia à Rússia um amplo "Tratado de Segurança", contra a agressão, em troca da unificação da Alemanha no próximo ano. — Enquanto isso, a União Soviética tenta provocar debates na ONU sôbre o desarmamento, sem esperar os resultados da discussão do problema pelos ministros do Exterior dos Quatro Grandes, ora reunidos em Genebra. — Nada menos de quarenta e quatro pessoas ficam feridas nos choques ocorridos em Atenas entre a polícia e os estudantes, que saíram à rua em manifestação favorável à reincorporação de Chipre à Grécia.

29 — SÁBADO: — Os ministros de Exterior dos Quatro Grandes reunem-se na mais longa sessão que já realizaram, tentando fechar a grande brecha em seus planos rivais para assegurar uma paz duradoura na Europa. — Ocorrem choques esporádicos entre fôrças egípcias e israelenses ao longo dos 320 km de fronteira entre os dois países. — Enquanto na inquieta faixa de Gaza os egípcios abrem fogo de morteiro contra um pôsto de Israel em Nirim.

30 — DOMINGO: — O "Financial Times", de Londres, teve considerações em tôrno do plano de reforma cambial do Brasil, criticando o retardamento de sua aplicação. — E a princesa Margaret, numa comunicação pública, declara que não se casará com o coronel Townsend, a fim de não contrariar os princípios cristãos da igraje e cumprir o seu dever para com a comunidade.

31 — SEGUNDA-FEIRA: — Os ministros Pinay, Mac Millan e Foster Dulles tecem considerações em tôrno do desenvolvimento dos contactos Leste-Oeste, ficalizando, entre outras coisas, as restrições às trocas de pessoas, bens e idéias. — O chanceler Molotov, por sua vez, falou sôbre o problema da Alemanha e a segurança européia. — Enquanto o secretário de Estado norte-americano chega à Espanha, a fim de abordar com o govêrno de Franco problemas sôbre a situação na África do Norte e a disputa entre Israel e o Egito. — E de Buenos Aires informa-se que um tribunal de honra composto de cinco generais, resolveu que Perón não poderá mais usar o título de general do exército argentino.

UM PRESENTE DE NATAL

(Continuação da página 7)

em boa situação, muito boa mesmo... É veterinário e ganha algum dinheiro, não muito mas o suficiente, e, logo que estiver mais forte, escreverá! Pediu-me para vir saudá-los calorosamente, e à senhora Olson, particularmente...

O sr. Pierson desviou o olhar do apanhador, no qual estivera fixo, e notou a expressão feliz, quase exultante do velho pai; o rosto iluminado e profundamente emocionado da irmã...

Depois levantou-se e murmurou consigo mesmo: "Deus me perdoe pelo que vou fazer agora". Introduziu a mão no bôlso e dêle retirou a caixinha com o relógio de ouro. Colocando-a sôbre a mesa, disse com palavras precipitadas:

— Aqui está um presente de Natal, que Georges mandou... É para a irmã; para a srta. Olson, de quem tem muitas saudades...

O velho apanhara a caixa e levantara-lhe a tampa, com mãos trêmulas.

O sr. Pierson percebeu que êle chorava, então, sem ousar dirigir um olhar para a moça, que mal podia conter as lágrimas, aproximou-se lentamente da porta.

— Oh, mas o senhor não vai partir, agora! — disse o velho. — Desculpe o egoísmo de um velho pai emocionado. Ah! Meu filho! Meu bom filho! Sr. Pierson; é preciso que concorde em ficar conosco esta noite! Maria... Desce e vai comprar...

— Sinto muito, meu caro senhor, mas é absolutamente impossível! Devo partir dentro de uma ou duas horas; esperam-me fora da cidade e não posso demorar... Certamente! Direi a Georges que os vi, que êle escreva e... obrigado, obrigado. Oh! Não quero mais champanha... Muito obrigado, srta. Olson...

Os dois o acompanharam e o sr. Olson o ajudou a vestir o sobretudo.

— Faço questão! — disse êle, alegremente. — Quão bom rapaz é Georges! Oh, Maria! Quando a mamãe despertar que surprêsa vai ter! Mas é uma pena que o senhor não possa demorar um pouco mais...

Um ruído, quase imperceptível, vindo do quarto da doente, chamou a atenção de Maria, que correu ao encontro da mãe, após colocar a caixa do relógio sôbre a mesa.

O sr. Olson apertou as mãos do visitante, manifestando com vivacidade o seu reconhecimento. Finalmente, Pierson estava novamente na rua; mas sentia a cabeça girar e prometeu a si mesmo que, quando de volta aos Estados Unidos, escreveria. Mas não para desenganar aquela gente! Por que agiria assim? Não havia necessidade. Era preferível enviar uma pequena quantia, coisa que, de certo, os tornaria muito felizes.

Uma sensação estranha o dominava. Estava contente, mas ao mesmo tempo enternecido e angustiado. E chegou mesmo a ter vontade de chorar. Mas, em vez disso, começou a assobiar, o que serviu para dissipar o seu confuso estado d'alma.

★

GOLEADA RECORDE!

O time argentino do "Concórdia", associação esportiva de Buenos Aires, bateu o recorde mundial de "goals", assinalados em uma só partida, colocando a bola no fundo da rêde do adversário, o "Sarmiento", no correr de uma partida do campeonato, nada menos de setenta e uma vêzes!

Essa singular "goleada" foi motivada pelo fato dos jogadores do "Sarmiento", descontentes com a direção que o árbitro dava à partida, terem decidido não empenhar-se mais, deixando que os contendores manobrassem à vontade no campo, sem tentar obstar-lhes a passagem.

★

TURISTAS NORTE-AMERICANOS

UMA senhora norte-americana chega à Palestina e procura uma agência turística para conhecer os lugares pitorescos a visitar. Entre outras coisas vem a saber, de um dos empregados, que estrada recentemente construída permite viajar diretamente de Dan a Beersheba.

— Esplêndido! — grita a norte-americana. — Ignorava que Dan e Beersheba fôssem duas cidades! Pensava que fôssem duas pessoas... como Sodoma e Gomorra, por exemplo.

★

O homem verdadeiramente humilde deve ser como a terra, que tanto está debaixo dos pés do rei como dos pés do mendigo. (Provérbio persa.)

QUEBRA-CABEÇAS

DR. LAVRUD
DIRETOR

DR. LAVRUDINHO
SECRETÁRIO

ANO XXXIX — N.º 7 — DEZEMBRO — 1955
DICIONARIOS ADOTADOS — GUSTAVO BARROSO — PEQUENO BRASILEIRO — 9.ª EDIÇÃO — DICIONARIO DE NOMES PROPRIOS — DE LIDACI — MONOSSILABOS DE JAPYASSU E DE ZYTHO — PROVÉRBIOS ORIGINAIS DO DR. LAVRUD E PROVÉRBIOS DE LAMENZA

SENDO ESTA SEÇAO DE DIFUSAO DO CHARADISMO, NÃO PUBLICA TRABALHOS DIFICEIS

QUARTO TORNEIO

Outubro-Novembro-Dezembro

ENIGMAS

— 111 —

Se o Levi anda de bonde
Só no estribo, é muita falta
De prudência. E quando salta,
Quebra o corpo. sabem onde?
R. Kurban, T.B. (São Paulo)

— 112 —

Mágicas flores colhi,
Um dia, de madrugada,
E com gêlo entreteci
Linda coroa encantada.
Onde?
Bastão de Baco (P. Alegre)

— 113 —

No andar do prélio prometo,
com as luzes da leitura,
Ter o espírito facêto
E não fazer má figura.
Gil Vírio (Andradina)

— 114 —

Da velha no cabeção
Vi que um bicho se escondia
E inquieto se mexia
Numa grande agitação.
Dr. Barreto Cardoso

— 115 —

Quando ronca no campo de batalha
O ribombar do fogo de metralha,
Nem a sôco na cara, o capitão
Arrança da trincheira o pelotão.
Onde está?
Tonnew (Cascadura)

CHARADAS SINCOPADAS

116 — Três (duas) — Cédula de dinheiro falsa ninguém aceita.
Dr. Zinho (S. Paulo)

117 — Três (duas) — Assistindo um desafio entre cantadores do meu sertão, fiquei maravilhado com o estro poético espontâneo e exuberante, daquela gente boa e simples.
Conselheiro (R.G. Norte)

118 — Três (duas) — Com dinheiro tudo fica de colher...
Champollion (Pôrto Alegre)

119 — Três (duas) — Só cresce erva rústica nas margens da charneca.
Dr. Legnar (Urupês, S. Paulo)

120 — Três (duas) — Este jôgo de cartas, conhecido por estenderete, promete não jogar.
Debrito, GCN (Recife)

121 — Três (duas) — Sujeito simplório é o mesmo que tolo.
Florentino (João Pessoa)

122 — Três (duas) — A costureira, de vez em quando, se embriaga.
Gil Vírio (Andradina)

123 — Três (duas) — Houve pequena demora no preparo da lâmina metálica com que se dá impulso ou resistência a qualquer peça.
Iris (T. Otoni)

124 — Três (duas) — O advogado exagera na acusação e não consegue a condenação do réu.
Oarcim

125 — Três (duas) — Um rapaz atilado é sempre querido.
P. Del Debbio (S. Paulo)

BÉL-HORMON
A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. . . . . .
NOME. . . . . .
RUA. . . . . Nº. . . . .
CIDADE. . . . . .
ESTADO. . . . . .

Preço para todo o Brasil: Cr$ 75,00

126 — Três (duas):
O indivíduo menos sério,
Que a todo tempo aparece,
Merecia o eremitério,
Por não dizer cemitério,
Pois causa, mata, aborrece.

R. Kurban, T.B. (S. Paulo)

---

127 — Três (duas) — Mulher pouco carinhosa enfada o homem.

Tonnew (Cascadura)

---

128 — Três (duas) — Na condição de réu jamais encontrará o homem íntegro.

Alô Tropina, CEC (Rio)

★

LOGOGRIFO

— 129 —

Quem difama a honra alheia — 4-1-7-3-4-5-6-4
E tumultua a paz do lar — 3-4-3-6-2-4
Deve ir para a cadeia, — 3-4-5-4
E boa surra apanhar.

Treme ao ver o linguarudo — 4-1-4-5-2
E logo procuro coberta.
De sua bôca sai tudo,
Bôca rôta, sempre aberta.

Dr. Legnar (Urupês)

— 130 —

Quando maior ia a pândega, — 1-9-2-5-12
Foi ferido no abdome,
O pobre e coitado "homem" — 11-7-2-3-8
Ali na rua da Alfândega.

Por pouco seria "salvo" — 12-1-9-4-10
Da morte por agressão,
Quem em vida sempre alvo
Foi de grande distinção. — 6-3-4-7-10

Dorme agora a noite escura,
Longe das humanas dores...
Sempre a sua sepultura
É coroada de flores!

Alô Tropina, CEC (Rio)

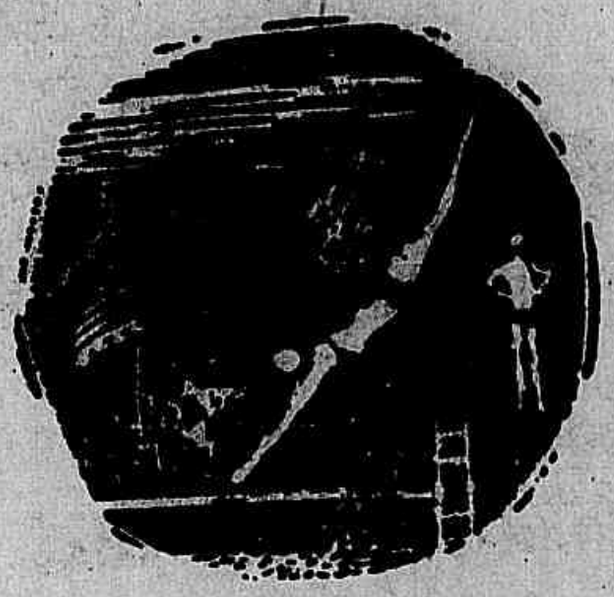
★

CHARADAS NOVISSIMAS

131 — Uma-uma-uma — Por fim, com doença não brinco.

Dr. Zinho (S. Paulo)

Termas de
LINDOIA
Serra Negra.



Pelas suas famosas águas radioativas, clima ameno e paisagens deslumbrantes, Lindoia e Serra Negra são ideais para passeio ou tratamento. O Expresso Brasileiro liga São Paulo áquelas cidades com seus modernissimos onibus em diversos horários diários, cobrindo o agradável percurso em pouco mais de 3 horas.

Escalas em:
Jaguariuna - Pedreira Arcadas e Amparo

★

Departamentos de guarda-bagagens

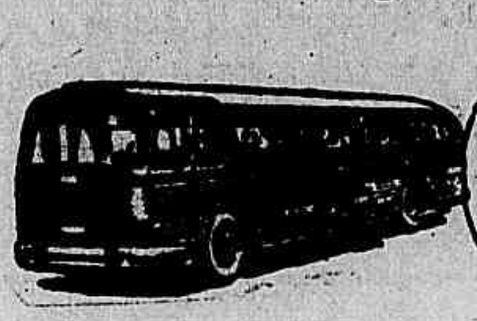
★

AGENCIAS DE EMBARQUE E INFORMAÇÕES

SÃO PAULO
Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

LINDOIA
Rua Duque de Caxias, 541

SERRA NEGRA
Praça João Zelante, 12 - Fone 43



132 — Duas-uma — O lêgro que me pregou o inimigo deu-me grande prejuízo.

Beatriz Cardoso, C.E.P.

---

133 — Duas-duas — Dá sinais de alegria pelo seu fraco organismo, o delator quando delata alguém.

Coringa (Rio)

---

134 — Uma-uma — Quando o pescador desce sôbre a terra, tem em vista sua rêde de pescar.

Debrito, G.C.N. (Recife)

---

135 — Uma-duas-uma — Sem me importar com a chamada de convidados, fiz questão de tomar "posse" do cargo na intimidade.

Florentino (João Pessoa)

---

136 — Duas-três — O gatuno, depois que roubou o calçado, disse que fiscal disfarçado é coisa desprezível.

Néo Rosas (Caruaru)

---

137 — Três-duas — Quando o rato cai na ratoeira, mesmo que roa a tampa, não consegue, com êsse subterfúgio, fugir às manhas do homem.

Mavicaro (Recife)

---

138 — Três-uma — Por que você acusa sem compaixão um inocente?

Ismênia (Recife)

---

139 — Duas-uma-duas — O valentão disse sem rebuços que nem a fuzilaria intimidou o comerciante que vende fumo de péssima qualidade, que arde a custo.

Alô Tropina, CEC (Rio)

140 — Três-uma — Tipo interessante, dá bordoadas na mulher só porque ela acha tudo barato quando está alegre.

Garcim

---

141 — Três-uma — Quem tem talento aqui, no Rio, para viver não precisa de artimanha.

Segon (Rio)

---

142 — Duas-duas — É de uma serenidade que enerva, mas não zombe do pobre homem, pois êle sofre com tranqüilidade doentia.

Eva Dio (Rio)

143 — Duas-uma — Deixe a bebida, porque neste estado você mente sempre.

Paulistinha (Rio)

★

CHARADAS ANTIGAS

— 144 —

Para um sujeito vadio, — 1
Nada vale a repreensão; — 2
Entretanto, quem tem brio,
Evita o menor sermão.

Dêsse modo, sem trapaça,
Leva tudo de vencida,
E por certo não fracassa
Na encruzilhada da vida.

Gil Vírio (Andradina)

— 145 —

A gente só deita a mão — 2
Na pequenina fatia
De gôzo ou satisfação
Que, afinal, nos chega um [dia, — 1
Quando a sorte que varia,
Nos aponta a ocasião.

J. D. Mingo, DSP (Botucatu)

— 146 —

O deus dos pastôres quis — 1
Com o diabo fazer pacto, — 4
Mas em o inferno caiu
Por sua falta de tato.

Violeta, GCN (Recife)

★

CHARADAS CASAIS

147 — Cinco — Não tolero pessoa excessiva no luxo e nem tão pouco indivíduo prolixo.

Cysneirense Júnior

---

148 — Três — Numa situação complicada, tudo é difícil.

Cysneirense

---

149 — Quatro — Pintura preparada com cêra derretida, só pode servir para o que fôr relativo a pintura sôbre cêra.

Coringa (Rio)

---

150 — Três — Um começo de altercação, sempre é pretexto de briga.

Conselheiro (R.G. do Norte)

151 — Duas — Houve um bocado de pancada naquele sururu.

Champollion (Pôrto Alegre)

---

152 — Duas — Olha o perco comendo jerumba na gamela dêsse!

Fiote (Cuiabá)

---

153 — Duas — O coração do indivíduo importuno só palpita quando está dilatado.

Gilberto Rosas (Caruaru)

---

154 — Duas — Para ter fama de bravo, jogou-me um seixo liso.

Gilvanete Rosas (Caruaru)

---

155 — Três — Todo indivíduo avaro é sonso.

H. França (Recife)

---

156 — Três — Por que não encobre o seu fingimento?

Iris (T. Otoni)

---

158 — Quatro — O tecido arrendado e fino de algodão era da côr de romã.

José Coelho Vieira (Maceió)

---

159 — Duas — Vibro as cordas em suave melodia...

KTQZ (S. Paulo)

---

160 — Três — Em geral uma pessoa indolente não passa de um relapso.

Mavicaro (Recife)

---

161 — Três:
Para obter tecido antigo
Ando a pé um dia inteiro,
Embora gaste o calçado
E também muito dinheiro.

Violeta, GCN (Recife)

---

162 — Três — Só pandego com grupo de rapazes de minha idade.

Mavicaro (Recife)

---

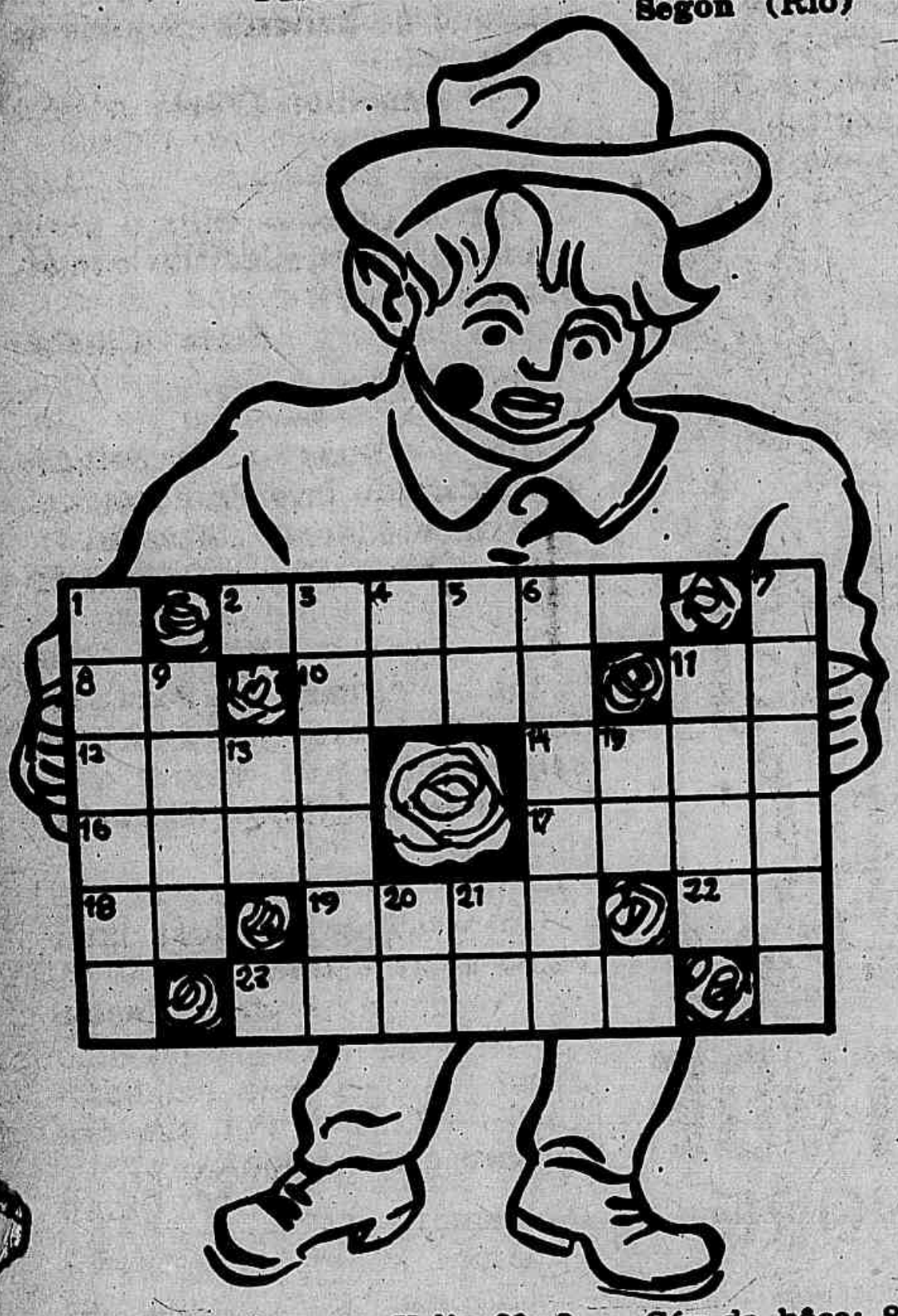
163 — Duas — Sempre se avista a falha num trabalho mal feito.

Rafinha (Pôrto Alegre)

PALAVRAS-CRUZADAS

PROBLEMA N.º 5

Segon (Rio)



Horizontais: 1 — Valia 80; 2 — Céu da bôca; 8 Aura; 10 — Abaixe; 11 — Foi a preceptora de Baco; 12 — Maneira; 14 — Erva doce; 16 — Pouco espêsso; 17 — Banheira; 18 — Elemento formador de substantivos com idéia diminuitiva; 19 — Mastigar; 22 — Abrev. de adicione; 23 — Boi bravo (pl.).

Verticais: 1 — Relativo aos pais; 3 — Incolor; 4 — Primeira corda dos rabecões; 6 — Lugar onde se realiza algum acontecimento memorável; 7 — Escancha; 9 — Que existe de fato; 11 — Coisa muito vantajosa; 13 — Suf. desig. de aumento; 15 — Nem; 20 — Onde; 21 — Aliás.

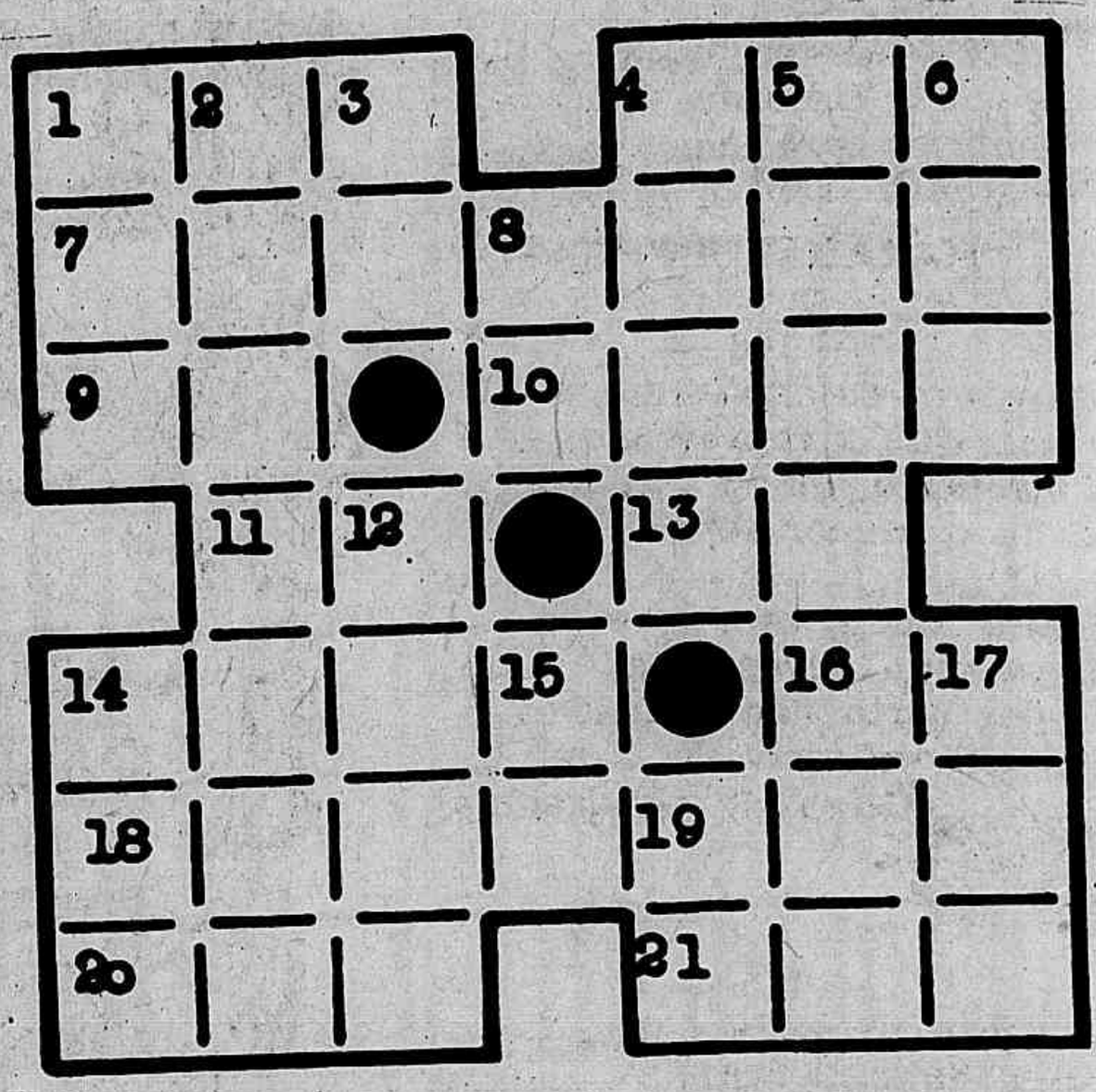
★

ENIGMA PITORESCO — 164

K. Linho (Rio)

PROBLEMA N.º 6

Trica — G.E.C. (Rio)

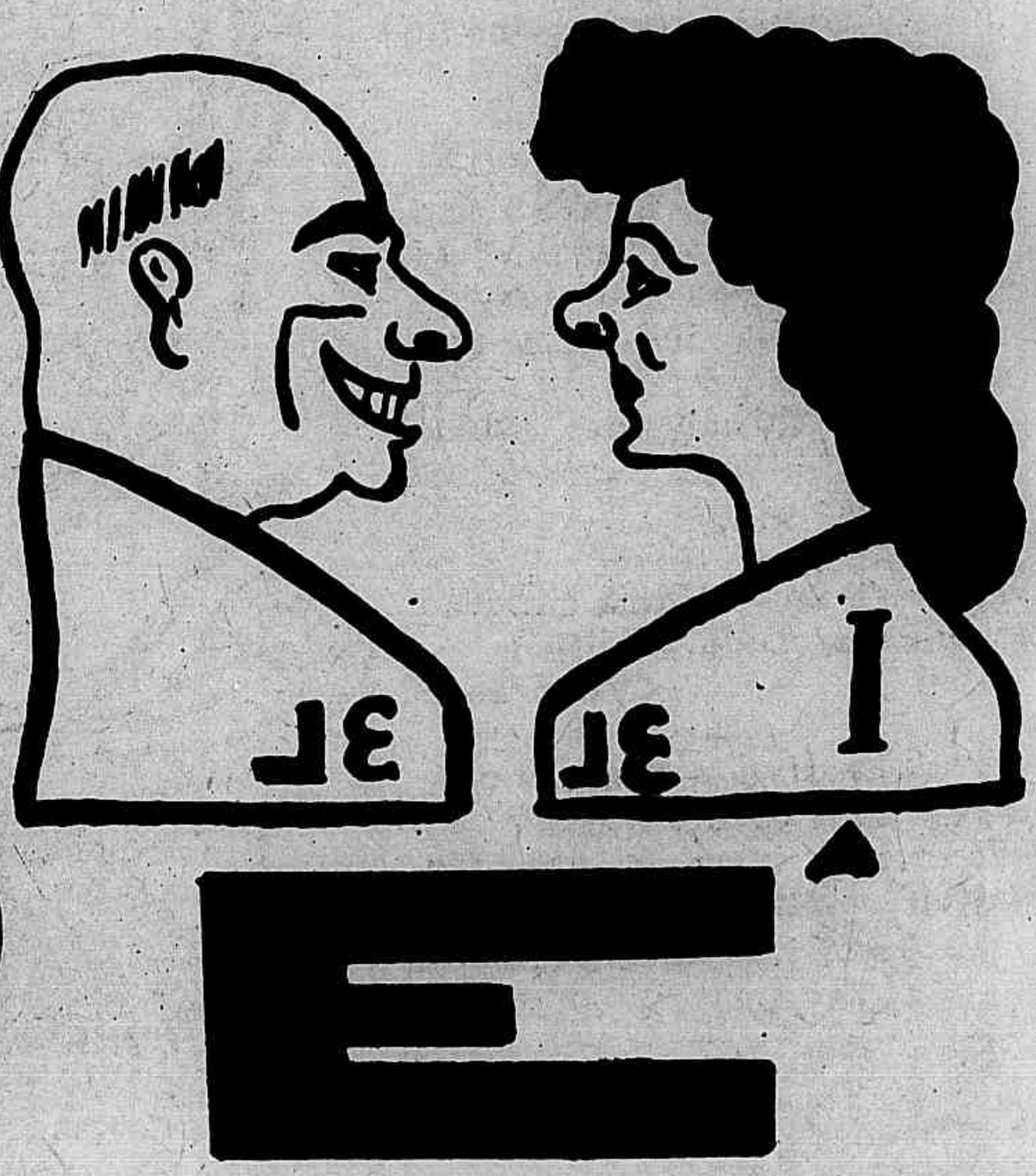


Horizontais: 1 — Casa; 4 — Oceano; 7 — Reproduzida; 9 — Isolado; 10 — Fileiras; 11 — Sol dos egípcios; 13 — Pref. à roda de; 14 — Direção; 16 — Atmosfera; 18 — Separado; 20 — Abismo; 21 — Tempêro.

Verticais: 1 — Lírio; 2 — Carinhosa; 3 — Acha graça; 4 — Saco de couro para viagem; 5 — Semelhante a damas; 6 — Título abissínio; 8 — Símbolo do tântalo; 12 — Aquêle que representa; 14 — Víscera dupla; 15 — Outra coisa; 17 — Lista; 19 — Carta de jogar.

★

ENIGMA FIGURADO — 165



P. Del Debbio — CEP (São Paulo)

ALMANAQUE MENSAGEIRO DA FÉ

De Salvador, Bahia, para 1956

Como sempre vem recheado de boa literatura cristã e a sempre apreciada seção de Charadas sob a direção do nosso velho colaborador **Datrindo**.

★

"APRENDER A BRINCAR"

O nosso confrade **Diro Nino** (Dr. Irondino de Aguilar) acaba de publicar, em Lisboa, interessante livro em versos ensinando de modo muito ameno como se deve escrever.

★

VISITAS

Tivemos o prazer de receber a visita dos seguintes confrades:

Anchieta (Cel. José Anchieta Tôrres, de S. Paulo), **K. Kurban** (Dr. Raif Kurban, de São Paulo), **Nel-Son, Ronega, Trica, Coringa**, desta capital, **Jófer, J.A.P., Hem, Campelo**, de Santos Dumont.

★

FALECIMENTOS

Faleceu no dia 20 de outubro a senhora d. Maria Edith Vieira de Souza, espôsa do nosso velho amigo e assíduo colaborador **De Souza** (Nelson Jorge de Souza).

O diretor desta seção estêve presente ao enterramento.

Lidaci (General Leandro José da Costa Júnior) — Faleceu no dia 1.º de novembro no Hospital Central do Exército, o nosso veterano colaborador **Lidaci**. Era presidente do Centro Enigmístico Carioca, sendo um dos seus fundadores. **Lidaci** tinha um amigo em cada confrade, cativando a todos com a sua competência e fina educação.

Ao seu enterramento compareceu grande número de famílias, colegas do Exército e os seguintes confrades: Atenas, Ronega, Ernesto Auvray, Farmacentino, Nel-Son, Edpim, Sylvio Alves, Ueniri, Lutércio, Mickey Mouse, Cecê, Yonix, Paraná.

Na mesma data faleceu no Retiro dos Artistas o sr. José Carlos dos Santos, pai do nosso colaborador **Coringa** (Onofre Santos), a quem apresentamos os nossos pêsames.

★

CORRESPONDÊNCIA

Cartas recebidas até 5 de novembro:

Erbrandino (Canavieiras) — Foi inscrito com tôdas as honras do estilo; nós também somos daquele tempo e a nossa idade regula.

Ivan Baldi (S. Paulo) — Inscrito para todos os efeitos.

Violeta (Recife) — Gratos pela colaboração.

Rei de Prata (Curitiba) — O **Brasil Enigmista** está no seu sétimo número. Escreva para a redação à rua Honório, 1441 — casa 11, pedindo um exemplar como propaganda. Devido o alto custo do papel o seu preço é de dez cruzeiros.

K. Linho (Rio) — Bravos pela estréia. Filho de peixe...

Dr. Kean; R. Kurban (São Paulo) — Agradecemos a bela colaboração.

Violeta, Ismênia, Mavicaro — Gratos pela atenção ao nosso apêlo.

Genésio Rosas (Caruaru - Pe.) — Escrevemos pelo correio.

Eurico II (Bauru) — O filho do nosso saudoso Eurico foi registrado com o máximo prazer. Gratos pela colaboração.

Dr. Zinho (São Paulo) — Recebemos e agradecemos.

Racsom (Campina Grande) — Inscrito para todos os efeitos.

★

PRAZO

Para as soluções de cada mês: Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Maranguape, 15, e endereçada ao diretor desta seção.

DR. LAVRUD

★

ESCOCÊS

UM antigo aviador escocês, da RAF, natural de Edimburgo, encontrando-se em férias na Itália, penetrou numa pequenina loja de consertos em relógios, em Nápoles, a fim de pedir notícias e tentar recuperar o relógio que, quando prestava serviço naquele país, ali deixara para consertar... em 1944, isto é: há uns 11 anos!

Academia de Acordeon
MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli

RUA SENADOR DANTAS, Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

MARAVILHAS DA CIÊNCIA

A MORTE DO ABSOLUTO

(Continuação da página 25)

certa forma a conciliação entre o sistema planetário de Ptolomeu e o sistema planetário de Copernico. Discutem sutilmente qual o valor científico de afirmar que a Terra gira em volta do Sol, ou que o nosso planêta aparece fixo e envôlto pelo movimento das estrêlas, ou ainda que a Terra gravita e as estrêlas, aparentemente fixas, se encontram em repouso. Tudo isso vem de que a consciência constitui um fenômeno de sensibilidade relativa, não que os fenômenos percebidos devam ser interpretados sistemáticamente como relativos. O espírito não sabe discernir o movimento independente da percepção, despojado do ponto de referência e exterior ao conhecimento humano.

Êsse vício do pensamento traduz a necessidade em que se encontra a inteligência como expôs Henri Bergson, de "estudar a realidade parte por parte, impotente como é em formar uma concepção sintética e analítica do todo". Os einsteinianos proclamam sempre que não determinamos cientìficamente o movimento absoluto nem sabemos se o fenômeno que se manifesta simultâneo para o observador em repouso e sucessivo para o físico em movimento, possa ser independente da observação relativo ou absoluto.

Os filósofos clássicos esmagados pela teoria relativista de Einstein começam a impugnar com Harald Hoffding, que "o problema de saber se verdadeiramente a física pode descobrir situações onde o que é simultâneo para um observador, é sucessivo para outro, deve ser decidido entre os próprios físicos". O defeito de certos cientistas dimana da incorrigível adaptação dos fenômenos à natureza do homem.

Embora o Universo não exista para quem morre, continua a subsistir fora de nós, a projetar-se objetivamente, sem se preocupar se a inteligência pode fixar o movimento absoluto da vida universal. Os metafísicos acusam os einsteinianos de tentar reduzir o espírito a uma forma subalterna da ciência e recusam a intuição, que várias vêzes contesta e supera os sistemas científicos. Delacre refletiu ser o mais belo dia de uma teoria, aquêle onde desaparece e cede lugar a uma outra melhor. Albert Einstein enriqueceu a vida intelectual da humanidade com a sua teoria revolucionária, que baniu o conhecimento absoluto. Faz da matemática o sortilégio do século XX, hipnotiza a inteligência com a magia dos tempos relativos e despoja a sabedoria do seu equilíbrio filosófico. Ficamos na dúvida se o espírito humano deve guiar a ciência, ou se a ciência deve orientar o espírito humano.

O MARAVILHOSO TEÓRICO DO INFINITO

O matemático que baniu o absoluto da filosofia morre no ano em que se comemora o cinqüentenário da Teoria da Relatividade, sob a universal admiração de todos os sábios. Contribuiu mais do que qualquer outro pensador do século XX para revolucionar a ciência clássica, herdada dos newtonianos e dos laplacianos. Os físicos antigos lutavam para fundir as hipóteses da matéria e da energia, os astrônomos ansiavam em harmonizar as leis sôbre a inércia e a gravitação, os matemáticos desejavam unificar a concepção do tempo e do espaço.

Insuperáveis obstáculos se opunham a uma síntese dêsses problemas, que impediam a visão completa do mundo sideral. Experiências dos físicos Albert Abraham Michelson e E. W. Morley no fim do século XIX, provaram que o movimento da Terra não produz nenhum efeito sôbre a velocidade da luz e que o éter não existe como pensavam os filósofos clássicos. Essa verdade abalou a concepção hereditária do Universo e trouxe a convicção de que a dialética não pode resolver por si própria a questão do infinito sideral. A essa descoberta aliou-se o fato de que os fenômenos elétricos, óticos, físicos e da gravitação dependiam de princípios diferentes e faltava uma teoria geral, em cujo conjunto se fundissem tôdas as causas e todos os efeitos. Durante meio século, Albert Einstein executou milhares de cálculos numa infatigabilidade, que só a mais alta e a mais pura fé na ciência pode inspirar. Desde os vinte anos, êsse genial teórico do infinito meditou

e concluiu para legar à humanidade a maior síntese matemática do Cosmos. A filosofia einsteiniana trabalhou pela descoberta da unidade física do Universo, a unidade entre o electromagnetismo e a gravitação, a harmonia entre a vida do átomo e a evolução sideral das galáxias. Descobriu só pelo cálculo, que a gravitação atua sôbre as ondas luminosas, que as estrêlas e o Sol desviam a trajetória retilínea da luz na vizinhança do campo magnético dos astros.

A Teoria da Relatividade revolucionou ainda os antigos sistemas cosmológicos pela concepção do espaço-tempo da curvatura do espaço na vizinhança dos astros e explicou o distúrbio na órbita de Mercúrio, inexplicável pela mecânica newtoniana e laplaciana.

Descobriu Einstein que os planêtas descrevem órbitas elíticas em razão do campo de gravitação do Sol produzir a curvatura espacial. A sua luminosa inspiração científica evoca instantâneamente outras figuras simbólicas e eternas da filosofia, da matemática, da física e da astronomia, como Pitágoras e Hiparco, Thales de Mileto e Aristóteles, Demócrito e Heráclito, Ptolomeu e Copernico, Galileu e Kepler, Newton e Laplace, cujos sistemas tentaram dominar a essência das leis universais.

Como tôdas as inspirações geniais, não pretendeu arquitetar teoremas obscuros e insolúveis, mas quis simplificar numa lei única e cósmica, tôda a complexidade do tempo e do espaço, da matéria e da energia, do átomo e das galáxias.

Seu nome perdurará enquanto viver uma inteligência humana na face da Terra, olhando a beleza da Via-Láctea gravitando no Infinito.

★ ★

NÚMEROS FABULOSOS DE HOJE!

DE acôrdo com recente estudo, uma mulher, durante um dia em que sai para fazer compras, caminha cêrca de 8 milhas e meia. E em seus passeios, realizados nos dias santos e feriados, pode cobrir uma distância de 11 milhas!

MAIS de oito milhões de raios elétricos caem sôbre a terra no curto espaço de um dia!

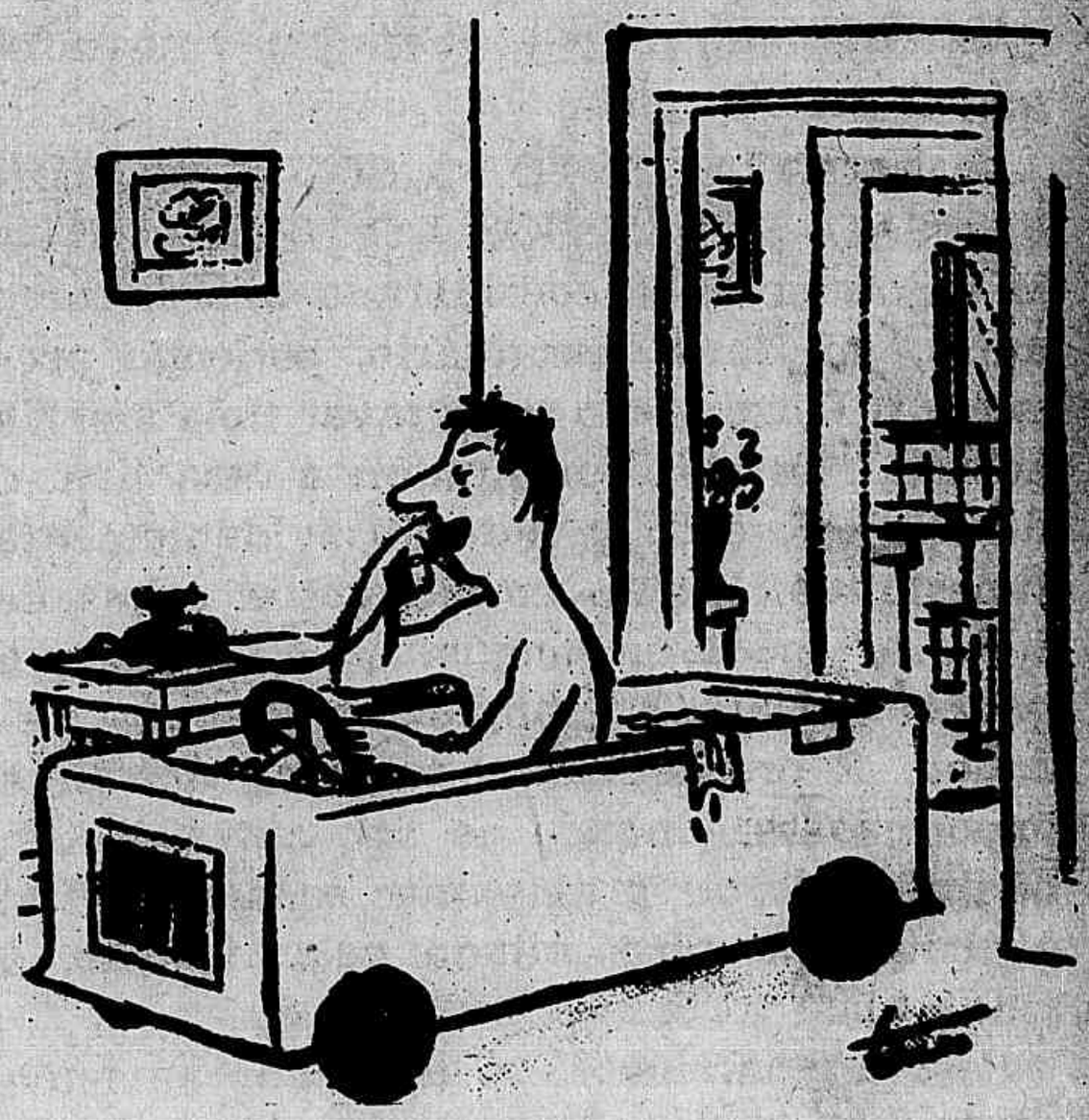
UMA gôta d'água, pesando cêrca de 1/81 de grama, contém, aproximadamente, seis sextilhões de átomos. É o que revelam os últimos cálculos. Seis sextilhões, representa, ocasionalmente, cêrca de 10 vêzes e meia a distância em metros que nos separa da estrêla polar!

A dor de dentes, de acôrdo com a "Organização Mundial de Saúde", é um dos males que mais freqüentemente afetam a humanidade. Mais de 90 por cento dos homens sofrem perturbações de natureza dentária; durante o ano passado, a despesa total com tratamento odontológico, só nos Estados Unidos, atingiu a fabulosa quantia de 1.600.000.000 de dólares!

O potencial elétrico, público e privado, gerado em todo o mundo atingiu um novo recorde, perfazendo uma capacidade total de 100.000.000 de kilowatts. Sòmente os Estados Unidos produzem 41,7 por cento de tôda a eletricidade gerada no globo terrestre. Isto representa uma produção quatro vêzes maior do que a da União Soviética!

ATESTADOS do progresso cultural norte-americano: cêrca de 11.000 livros diferentes são publicados anualmente pelas editôras dos Estados Unidos. Nos últimos 25 anos, o número de museus aumentou de 600 para 2.500. Nada menos de 60.000.000 de dólares são gastos por ano na compra de discos de autores clássicos. E há três vêzes mais concêrtos sinfônicos nos teatros e auditórios dos EE.UU. que no resto do mundo!

★



LEIA ÊSTE ARTIGO... ANTES DE ENTRAR N'ÁGUA

(Continuação da página 34)

uma urticária violenta. Em outros indivíduos, será suficiente beber, um dia qualquer, uma bebida muito fria ou ingerir um pedaço de gêlo, para logo cair em síncope e, estando numa piscina, num rio ou no mar, afogar-se: isto porque tornaram-se, sùbitamente, alérgicos a tal alimento ou ao frio.

As alergias tomam lugar cada vez mais importante na medicina; curiosamente, desenvolvem-se em marcha paralela com a do progresso. Calcula-se que mais de 20% da população dos países civilizados sofre de alergia sob formas de uma diversidade pràticamente infinita (alergia a alimentos, a medicamentos, a perfumes, a tinturas, até mesmo a emoções, etc.).

O mecanismo exato da alergia, bastante complexo, está sendo atualmente estudado por especialistas. Os "predispostos" aos afogamentos brutais pela alergia ao frio seriam, principalmente, os insuficientes tiroidianos, os alcoólicos e os insuficientes hepáticos. Suspeita-se que a alergia seja provocada por uma reação anormal do fígado, que libertaria repentinamente no sangue, em dose violenta, uma misteriosa substância chamada "histamina". De qualquer maneira, a chave do problema reside no diencéfalo: trata-se de uma região do sistema nervoso central, chamada "hipotalamus", que é responsável pelas perturbações circulatórias e endocrinianas nos afogados por alergia.

O ESGOTAMENTO, O SOL E A INDIGESTÃO: 3 INIMIGOS DO NADADOR — O esgotamento é considerado agora, como antes, um fator secundário, podendo provocar o afogamento ou agravar uma alergia ao frio. Os médicos juntam a essa lista o desconhecimento da natação, evidentemente funesto, os choques emocionais e, acima de tudo, o mêdo, a angústia, o susto, que podem paralisar completamente um nadador. É preciso saber, também, que uma exposição prolongada ao sol, antes de um banho, pode ter gravíssimas conseqüências; o choque térmico, criado pela imersão, é ainda mais forte.

Resta, finalmente, a digestão, havendo ainda dúvida sôbre se pode ou não provocar os afogamentos. A maioria dos médicos reconhece que seu perigo tem sido muito exagerado; mas a dúvida persiste. Banhando-se em período digestivo, o nadador aumenta o seu desequilíbrio respiratório; êsse fenômeno, somado a outros pode tornar-se o "último empurrão" em favor do afogamento. Estas últimas deduções sôbre os perigos insuspeitados da água fria, podem ser resumidos atualmente em duas séries de cuidados:

1.º — **Cuidados curativos:** um afogado fica "azul" (cianosado) se a água penetrou nas vias respiratórias. Será "branco", se caiu em síncope sem que a água chegasse a invadir os pulmões. O tratamento essencial para reanimar um afogado, quer seja "azul" ou "branco", continua sendo a respiração artificial. Na França, o método oficial é o de Schaffer. Mas, segundo voto recente, do Congresso Médico de Alger, será brevemente destronado pelo método de Nielsen, que proporciona ventilação pulmonar melhor. Existe também uma série de aparelhos variados, que permitem melhorar a respiração artificial, como um aparelho de pronto socorro, que permite insuflar ar mecânicamente nos pulmões do afogado, enquanto um cinturão comprime ritmicamente a caixa toráxica. Finalmente, quando é possível, as probabilidades de reanimar o doente aumentam... aquecendo-se a vítima, por exemplo, imergindo-o num banho quente a 54-50º.

Um novo tratamento, preconizado pelo coronel-médico, francês, Lartigue, consiste em sangrar abundantemente o afogado46 cortando uma veia do braço com um bisturi e deixando correr 400 a 500 gramas de sangue. Isto porque os pulmões do afogado estão entulhados com uma verdadeira "barragem" de líquido: sangue, no caso do coração haver sofrido um recuo; água, quando a vítima tragou água pelos brônquios. Nessas condições, a corrente circulatória não tem mais fôrças para oxigenar os pulmões. Uma punção violenta de sangue, feita ràpidamente, dá resultados notáveis, desde que associada à respiração artificial.

Segundo o dr. Lartigue, há mesmo grandes analogias entre a eletrocução e o afo-

gamento, pôsto que a água fria, como a corrente elétrica, provocam a síncope. Essa a razão porque o médico-chefe da citada Escola de Antibes criou, para designar os afogamentos, um têrmo novo, o de "hidrocução". A sangria parece ser o tratamento do futuro para os "hidrocutados"; espera-se, mesmo, que o Congresso de Alger tenha convencido o govêrno francês a promover uma legislação autorizando os mestres-salvadores qualificados (mas não médicos) a praticar a sangria nos afogados.

2.º — **Cuidados preventivos:** 1.º — O banhista deve evitar afastar-se da margem e ficar só, caso não seja muito bom nadador ou se o seu treinamento seja insuficiente.

2.º — Os banhos frios são formalmente contra-indicados, se o indivíduo é cardíaco, enfisematoso ou atacado de uma enfermidade das vias respiratórias.

3.º — São proibidos, também, aos indivíduos alérgicos ao frio, notadamente aos insuficientes tiroidianos e aos hepáticos.

4.º — Banhar-se com a maior prudência, quando se pressente um dos 8 sinais de alarma, já enumerados, anunciando a alergia.

5.º — Se se tem frio, antes de entrar na água, é necessário aquecer o corpo por meio de exercícios; mas não devem expor-se muito tempo ao sol, antes do banho.

6.º — Evitar as entradas e saídas sucessivas da água, que arriscam gastar as possibilidades de adaptação e de reação ao frio.

7.º — Não beber gelados pouco antes ou depois do banho.

8.º — A menos que seja excelente nadador e bem treinado (o que é raro), evitar banhar-se durante a digestão (nas três horas seguintes à refeição).

9.º — Um banho frio a 18º nunca deve exceder de 20 minutos. Além dêsse tempo, a adaptação do organismo ao frio pode cessar bruscamente.

10.º — Para o alérgico, a repetição dos banhos frios só pode aumentar a intolerância. Tentar "dessensibilizar-se", consultando um médico que prescreverá estimulantes da função vaso-motora, tais como o simpatol, a privina, a antistina, a piribenzamina.

★

Acerte no coração de quem você ama

A SOMBRA DO ARCO-ÍRIS é como um espelho mágico onde a juventude sonhadora do mundo se mira embevecida, admirada de como ali estão refletidos, com fidelidade espantosa, todos os seus anseios, as suas angústias, a fé, a esperança, a renúncia, o amor, enfim. Suas páginas estão impreganadas dos mais altos sentimentos da alma humana, constituindo, ao mesmo tempo, um romance e uma antologia, pois nesse livro sem par na literatura mundial estão misturados, espontâneamente, à própria prosa musical de Malba Tahan, os mais belos versos de milhares de poetas de todos os tempos.

A SOMBRA DO ARCO-ÍRIS é o livro do coração, a mais bela e discreta mensagem da criatura enamorada que busca expansão, reciprocidade e compreensão generosa. É um livro puro, elevado, cheio de beleza criadora e ensinamentos morais através dos episódios arrebatadores que se sucedem no decurso da história maravilhosa.

Você não poderia oferecer à sua amada (ou ao seu amado) lembrança mais delicada nem prova mais eloqüente de espiritualidade do que êste livro que, em última análise, é a história do seu próprio amor.

Em tôdas as livrarias, edição ilustrada, 3 volumes, a Cr$ 50,00 cada um. Não sendo encontrada na sua livraria peça diretamente aos editôres, pelo Reembôlso Postal.

CONQUISTA

Av. 28 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro

AGORA JÁ FIZERAM O PRIMEIRO AVIÃO ATÔMICO

(Continuação da página 48)

que uma barreira por mais espêssa que seja não detém jamais a totalidade dos raios nocivos.

A ação das radiações de fraco comprimento de onda (raios X ou raios gama) sôbre o organismo é muito diferente da ação dos raios luminosos, por exemplo. Os efeitos são cumulativos. Doses administradas a intervalos muito afastados se acumulam como se o organismo continuasse indefinidamente marcado pelas primeiras. Os biologistas calculam em 35 roentgens (1) a dose total que o organismo humano pode receber sem perigo, no correr da sua existência, além daquelas às quais fica normalmente submetido na natureza.

Os dois autores do projeto do avião calcularam que a radiação recebida na cabine do aparelho não será para desprezar, variando segundo o regime do motor. Será, pois, necessário contabilizar as doses recebidas pelo aviador e proibi-lo de tornar a voar, quando a dose absorvida tornar-se perigosa. Assim, por exemplo, com a velocidade reduzida de 800 km/h, a radiação será de 0,3 R por hora; com a velocidade máxima de 1.250 km/h, atingirá a 1 R por hora.

Nessas condições, as equipagens serão instruídas em 165 h. de vôo de treinamento com velocidade reduzida (ou sejam: 25 R absorvidos); realizariam, a seguir, uma única missão, de uma duração de 10 horas, com a velocidade máxima (10 R absorvidos). Após o que não teriam mais o direito de pilotar ou sequer voar com um avião atômico.

Dessa forma, aquela frase do oficial da RAF que dizia que os aviadores atômicos só voltariam a pousar para reclamar seus direitos de aposentadoria (querendo significar que o avião voaria quanto tempo fôsse necessário) tem a sua razão de ser, embora em sentido diverso.

Na Inglaterra, o laboratório de Harwell proporcionou a duas poderosas firmas aeronáuticas informações que lhes permitem estudar o mesmo problema. Entretanto, tais estudos são efetuados de maneira privada.

DENTRO DE CINCO ANOS — Não parece que a construção do primeiro avião atômico seja um projeto desmedido, embora os cálculos revelem que a realização do motor atômico venha a custar entre 60 a 70 milhões de dólares, a do reator nuclear e do seu revestimento protetor cêrca de 25 milhões de dólares e, finalmente, a da célula do avião entre 15 a 50 milhões de dólares.

E se os mais pessimistas pensam que o avião atômico não será construído antes de quinze anos, os engenheiros mais entusiastas juram que o mesmo estará pronto dentro de cinco anos.

E até hoje, em matéria de pesquisas atômicas, os mais otimistas têm levado a melhor.

★

— Puxa! Isto é formidável! Até parece que aquela velha horrorosa está bem aqui juntinho de nós!

★

As doenças chegam por um caminho largo como estrada e se vão por caminho estreito como fundo de agulha (Prov. valáquio).

(1) O Roentegen (R) é uma unidade que permite prever por medidas físicas (condutibilidade de um volume de ar irradiado) os efeitos biológicos das "doses" de raios X.

NEBLINAS DA HISTÓRIA

TRAGÉDIA EM NÁPOLES

(Continuação da pág. 71)

rei de Jerusalém e da Sicília, porque assim eram considerados oficialmente os reis de Nápoles. Fizeram convívio juntos e passaram a noite na cidade. Na manhã seguinte, todos estavam montados e prontos a seguir para Nápoles, quando o rei Luís, voltando-se repentinamente para o duque, que estava a cavalo a seu lado, lhe disse: — "Mostrai-me o lugar onde meu irmão foi morto."

Carlos tremeu enquanto respondia:

— Não procure tal lugar. De resto, eu não estava cá.

O rei insistiu. Apearam-se, entraram no mosteiro e dirigiram-se à galeria, onde o crime fôra cometido. Tão depressa ali chegaram, a atitude do rei tornou-se sombria.

— Vós — disse êle, com acrimônia, ao trêmulo duque — vós sois um traidor. Intrigasteis em Avignon contra a coroação de André. Casasteis com a princesa Maria, vossa prima, para poderdes herdar a coroa por morte de André e de Joana. E, contudo, estava escrito nos desígnios que tinheis de morrer no próprio sítio onde fizésteis morrer meu irmão.

Carlos ajoelhou aos pés do rei húngaro, protestando a sua inocência.

— Como vos podeis desculpar? — exclamou o rei. E apresentou, afirma-se, ao duque uma carta, selada com o próprio sêlo dêle, incitando os Artois ao assassinato.

Imediatamente, a um sinal de seu amo, os húngaros da guarda caíram sôbre o duque ajoelhado, e apunhalaram-no, depois do que o rei mandou que deitassem o corpo da balaustrada abaixo, precisamente no sítio de onde caíra o príncipe André. Consumado êste ato de vingança, se não de justiça, o exército húngaro avançou sôbre Nápoles. A êsse tempo, Joana já tinha fugido. Quer fôsse a traição de Durazzo que a tivesse amedrontado, quer fôsse por má vontade de seus súditos, que recusaram ajudá-la, não opôs a menor resistência, nem empregou o mínimo esfôrço em defender o reino. Logo que reconheceu ser inevitável a guerra, reuniu alguns nobres e deputados das principais cidades, e formalmente os dispensou do seu voto de fidelidade. Joana continuou anunciando a sua saída do reino, para "ir manifestar a sua inocência ao Vigário de Deus, na terra, assim como era sabido do Deus do Céu". Com estas solenes palavras, embarcou acompanhada sòmente do marido para as terras de Provença. Deixou seu filho menor, Carobert, nascido poucos meses depois da morte de André, entregue ao cuidado do rei Luís, o qual mandou o sobrinho para a Hungria, juntamente com outros príncipes que lhe caíram às mãos. Na Provença, residência hereditária de sua família, Joana encontrou dedicados amigos. A sua jornada para Avignon foi uma procissão triunfal. O povo rodeou-a para sua defesa pessoal de guardas que ela recompensou, segundo se diz, vendendo os seus domínios ao rei de França. Referimos-nos já à recepção que lhe fêz Clemente VI, e continuamos a narração interrompida no momento em que Joana ia apresentar a sua defesa. Em frases entrecortadas pelos soluços e pelas lágrimas que brotavam dos seus lindos olhos, descreveu o seu amor pelo defunto marido, o desgôsto e o terror que lhe causou a sua trágica morte. Apontou, com a habilidade de um advogado experimentado, a ausência de qualquer testemunha contra ela, uma só que fôsse; defendeu-se da demora em entregar os assassinos à punição, e concluiu pedindo justiça para que o Papa e o Sacro Colégio proclamassem ao mundo a sua inocência e lhe restituíssem o reino de que fôra espoliada.

É fácil de calcular o efeito de semelhante apêlo, saído dos lábios de uma das mais encantadoras mulheres de seu tempo, e sendo ainda essa formosa mulher uma rainha perseguida. A numerosa assistência, movida de comoção, irrompeu em aplausos, e foi tão grande o entusiasmo em seu favor que os embaixadores húngaros não se atreveram a replicar, e sentiram-se felizes por sair da assembléia sãos e salvos.

O Papa pronunciou solenemente a absolvição de Joana, e naquela mesma tarde era proclamada a sua inocência por um decreto formal que a declarava acima de tôda a suspeita de crime.

Depois de alguns anos de guerra, durante os quais doenças infecciosas largamente concorreram para enfraquecer as fôrças

húngaras, Joana readquiriu o reino, pagando 300.000 florins ao rei da Hungria como indenização das despesas de guerra.

Mas, embora tivesse desistido de anexar à Hungria o reino de Nápoles, o irmão de André não abandonou os seus intuitos reservados de vingança. Anos se passaram, Joana perdeu o seu segundo marido, pouco depois um terceiro, e por fim casou pela quarta vez. Um novo papa, Urbano VI, expediu de Roma uma bula contra ela, por outros motivos que não se relacionavam com os do passado, e Luís da Hungria viu que chegara o momento oportuno. Levantou um exército contra ela, na pessoa de seu primo Carlos de Durazzo, sobrinho do duque apunhalado, a quem mandou, apesar de Joana ter designado para herdeiro do reino, combater a sua benfeitora. Joana foi feita prisioneira, levada para o fatal mosteiro de Aversa, e ali foi estrangulada no mesmo sítio onde fôra assassinado seu primeiro marido André.

Os contemporâneos do caso viram neste trágico desfecho a mão da justiça divina, lavrando sentença ao cabo de trinta anos. Todavia, existiam ainda aquêles que, como o Papa, haviam declarado caluniosa e falsa a acusação de Joana. Esta é a opinião expressa por Petrarca, o insigne poeta; mas Petrarca tinha sido amigo do avô de Joana de Nápoles, e gozara do cargo de capelão honorário desta. Bocácio, outro poeta célebre, segue a mesma opinião; mas também se tinha aquecido ao sol da côrte, e êle era homem cujas convicções poderiam ser abaladas pela beleza e mocidade da acusada.

Estas objeções, porém, não se podem aplicar ao célebre jurisconsulto Baldio de Perugia, cuja opinião era ouvida para decidir da legalidade da eleição de um Papa, e a quem se recorria como árbitro de infalibilidade. Baldio expressa a sua crença na inocência de Joana; mas poder-se-ia dizer que os homens estão sempre inclinados a julgar sòmente por provas jurídicas e nenhuma havia contra Joana.

O Papa Clemente, justificando a absolvição de Joana, sustentou que havia sòmente **suspeita** contra ela, e que nenhum dos culpados a declarou cúmplice. No seu decreto de absolvição, tinha-a declarado **acima** de suspeita. Contudo aparece dito mesmo na história mais favorável a Joana que na comissão dada a Hugo de Baux de proceder contra os assassinos ia envolvida uma nota secreta, na qual o Papa proibia estritamente a de Baux, por motivos de razão de estado, que no decurso da devassa transparecesse alguma coisa envolvendo a rainha ou os príncipes de sangue. A existência desta nota reduziria a investigação de Baux a um simples manejo político. A opinião pública reclamava vítimas; ter-se-lhe-iam dado os atores insignificantes e populares do drama. Os grandes ficaram protegidos. Diz-se que fôra até combinado que, antes dos condenados se dirigirem para a execução pública se lhes prendesse as línguas com anzóis, para os privar da possibilidade de fazer qualquer revelação perigosa, atrocidade semelhante à que fizeram a Pace. Perante estas circunstâncias nenhum valor teria a absolvição de Avignon. Pouco tempo depois dêste julgamento, soube-se que Joana vendera ao Papa os seus direitos sôbre a cidade de Avignon por 40.000 coroas. O verdadeiro preço teria sido a bula que lhe restituía o reino de Nápoles. Entra-se no campo das transações que não elucidam o problema: tanto podem ser benevolência como habilidade gananciosa. Que Evoli, Terlizzi e Artois foram criminosos, não há dúvida, tanto com a aprovação de Joana como sem ela. Mas se não houve tal aprovação, como explicar o extraordinário desleixo em os chamar a juízo. É pouco acreditável que uma rainha, cujo marido foi bàrbaramente assassinado, quase à sua vista, por um troço de malvados, nunca tivesse levantado um dedo para os chamar a contas, a não ser que lhes aprovasse o procedimento. Na sua carta de desculpa ao rei de Hungria, apresenta duas razões, que mùtuamente se destroem. Ignorava quem eram os criminosos, e julgava-se inibida de proceder por causa da situação dêles.

É provável que a idéia do crime não nascesse no espírito de Joana. Podia mesmo tê-la aceitado com relutância. Mas homens na posição dos Terlizzis e dos Evolis, não conspiravam para assassinar um grande príncipe, sem um proveito imediato.

Dois dêsses homens tinham sido amantes de Joana, o que a habituara a traições.

Por isso quem meditar na complexa psicologia humana há de encontrar sempre dúvidas em resolver o problema. Êste drama histórico ficará sempre misterioso.

Teria sido o terror egoísta, o mêdo covarde, a aflição aguda que cerrou os lábios de Joana naquela madrugada fatal do crime, e lhe roubou o movimento e ação; ou teria sido a deliberação propositada, a perversidade satisfeita que a aconchegou na cama, quente ainda do corpo do marido que se levantou para receber a morte à traição?

★ ★

CONSELHOS DE UMA QUITUTEIRA

GRACIELA ELIZALDE, da "Globe Press"

UM dos gêneros alimentícios que tem recebido menos consideração é a batata. Em muitas casas a batata é cozida e preparada sem muito cuidado. E isso acontece particularmente no que diz respeito ao puré.

Creio que a maior parte das donas de casa presentes se surpreendeu tanto quanto eu própria quando miss Garvey, do Instituto de Economia Doméstica da G.E., escolheu para sua demonstração aquêle prato tão corriqueiro.

E, no entanto, tenho certeza de que tôdas concordaram comigo que a demonstração valeu muito a pena. Saí de lá convencida que deveria ter o máximo cuidado ao preparar um puré de batata de acôrdo com a seguinte receita:

1 quilo de batatas (cêrca de [illegible] batatas de tamanho médio);
½ xícara de leite;
¼ de xícara de manteiga;
Sal;
Pimenta.

Descascam-se e cortam-se as batatas em quatro partes. Cozinham-se as mesmas numa pequena quantidade de água salgada, numa caçarola de tamanho médio.

Escorra-se bem a água. Em seguida, bate-se a batata na caçarola, em fogo brando, colocando-se a batedeira em pequena velocidade, durante cêrca de um minuto.

Junta-se o leite quente e a manteiga. Tempera-se à vontade. Bata-se de novo a pequena velocidade, até que a massa fique esponjosa, raspando-se, de vez em quando, o fundo e os lados da caçarola com uma espátula de borracha, durante três minutos.

Não resta a menor dúvida que seriam necessários muitos minutos mais para se conseguir a mesma consistência macia e agradável dêsse puré de batata feito com a batedeira.

★

O jornalista Alfred Garvey revelou que Clark Gable tem 61 anos e não 54, como geralmente se divulga. O ator, realmente, tem 10 anos menos que a sua primeira espôsa, Josephine Dillon, a qual conta atualmente 71 anos.

A Dillon, que conduziu Gable para a fama internacional, vive agora graças ao que ganha dando lições de declamação.

Em 1923, quando conheceu o ator, a Dillon era uma competíssima professôra de arte dramática.

Um dia o telefone de sua residência ficou desarranjado e a companhia lhe enviou um rapaz alto, bonitão, um tanto rústico, mas ambicioso, Clark Gable, que não escondeu seu grande desejo de entrar para a cinematografia.

A Dillon o aceitou como aluno-grátis... e no ano seguinte uniam-se em matrimônio.

★ ★

— Sou capaz de jurar que tínhamos um disco da "berceuse" de Brahms, mas não consigo encontrá-lo.

EU SEI TUDO

N.º 463 — Ano XXXIX N.º 7 — Dezembro — 1955

CORRESPONDÊNCIA

Sociedade Brasileira de Orquidófilos (D. Federal) — Gratos pelo convite.

★

Gerson Batista Soares (D. Federal) — A respeito dêsse medicamento, conforme já temos respondido a muitos de nossos leitores, ainda não se encontra a venda entre nós, tendo chegado apenas a "literatura" para os médicos.

★

Carlos Manoel Bolivar (Londrina, Paraná) — Não pretendemos editar em volume, nem fazer nova publicação da obra em nossas páginas. Dificilmente poderá encontrar todos os números. A relação dos que possuímos, já lhe foi enviada pelo correio, conforme seu pedido anterior.

★

Manoel Maria Ramos Filho (Niterói, Estado do Rio) — Não conhecemos nenhum instituto médico com êsse nome. Já tratamos dêsse assunto em dois artigos, com ilustrações e depoimentos dos técnicos.

SUMARIO:

Um presente de natal (conto) 3
Nadei no inferno (episódio real) 8
Uma noite na Judéia (novela) 13
A morte do absoluto. A unidade do tempo e do espaço, do átomo e das galáxias 20
A hora de sono 29
A assombrosa velocidade da luz 27
Fã dos filmes de mocinho 29
Leia êste artigo, antes de entrar n'água! (Os afogamentos não são devidos à congestão, mas a uma sensibilidade particular à água fria) 30
O mistério das esferas vermelhas (romance, continuação) ..... 35 a 42
Agora já fizeram o primeiro avião atômico 43
O moderno Svengali (episódio real) 49
Tudo se explica 51
Estranhas formas de vida: os peixes das grandes profundidades oceânicas 53
Êste mundo louco 64
As neblinas da história (Tragédia em Nápoles) 65
Dormimos uma têrça parte de nossa vida... Mas trabalhamos sem cessar! 73
Vidas novelescas: Houdini, o maior mágico de todos os tempos 75
Como remover pedras ..... 84 a 85
A filha de Mata Hari (episódio real) 87
A morte com meias de sêda (romance, primeiro capítulo) ..... 91 a 98
Memento EU SEI TUDO — Olhando o mundo há 60 dias. Outubro de 1955) 99
Charadas — Quebra-cabeças 109

A CAPA A festa da paz, da alegria e do largo sorriso das crianças. Eis o Natal, outra vez! E com a vida agitada que é a nossa, a festa parece que chega mais depressa, na corrida vertiginosa dos dias de cada ano. Que êste Natal seja realmente um Natal de paz para todo o mundo e principalmente para a nossa terra.